



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**“Sou médico e cidadão brasileiro”**

Cartas, teuto-brasileiros e a triangulação diplomática no Brasil em 1942

GIOVANA ZAMBONI ROSSI

Florianópolis - SC

2022

Giovana Zamboni Rossi

**“Sou médico e cidadão brasileiro”**

Cartas, teuto-brasileiros e a triangulação diplomática no Brasil em 1942

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em História  
Orientador: Prof. Fabio Morales, Dr.  
Coorientador: Prof. João Klug, Dr.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rossi, Giovana Zamboni  
"Sou médico e cidadão brasileiro" : Cartas, teuto  
brasileiros e a triangulação diplomática no Brasil em 1942  
/ Giovana Zamboni Rossi ; orientador, Fabio Morales,  
coorientador, João Klug, 2022.  
218 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa  
de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. História. 2. Estado Novo. 3. Teuto-brasileiros. 4.  
Neutralidade. 5. Cartas. I. Morales, Fabio . II. Klug,  
João. III. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em História. IV. Título.

Giovana Zamboni Rossi

“**Sou médico e cidadão brasileiro**”: Cartas, teuto-brasileiros e a triangulação diplomática no Brasil em 1942

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Glaucia Cristina Candian Fraccaro, Dra.  
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Viviane Trindade Borges, Dra.  
Instituição Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof. Marcos Nestor Stein, Dr.  
Instituição Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em História Global.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof. Fabio Morales, Dr.  
Orientador

---

Prof. João Klug, Dr.  
Coorientador

Florianópolis, 2022.

## AGRADECIMENTOS

Bom, difícil.

Difícil escrever essa página depois de mais de cento e setenta. Aqui sei bem que tenho total liberdade de usar minha própria linguagem, não preciso usar formalismos, nem autores, nem teorias, nem ter papas na língua. Não foi fácil, né? A década de vinte do século vinte um não está sendo fácil (e por acaso alguma década na história pode ser declarada descomplicada?). É o presidente, o aquecimento global, um vírus microscópico, a inflação, o isolamento, a fragilidade da vida e a velocidade do tempo que me deu uma voadora assustadora nesses últimos três anos. Três anos, quase quatro. Meses com bloqueio na escrita, autossabotagem, medo, dois anos que permaneci em casa; mas tudo isso foi com vocês. Vivemos tudo isso juntos. Essa dissertação chegou ao fim e está sendo impressa por vocês. Pela paciência, pelas comidas, pelo jardim, pelas ranhuras nas paredes dessa casa, por ter me ensinado a ler, escrever, por sempre dizer “escreva, Giovica”, e pelos meses de pausa. Por vocês que me permitiram reclamar e identificar que o problema certamente é bem maior do que insegurança, que é no mundo que vive a fragilidade da estrutura. Pensei (mas não pensei muito) antes de escrever esses agradecimentos. Pensei “o que será que vão pensar?”. Eu vou pensar que terminei. Terminei junto com vocês, com o abraço mais terno desde que nasci. Bem... ainda restam algumas páginas para escrever, alguns erros para corrigir. Mas esse texto é mesmo unicamente para nós três! Lembro, agora olhando nessa janela em outro lugar no mundo, quando deitei na pedra quente no jardim e vi vocês dois olhando pela janela pequena da cozinha. Lembro que fiquei com vergonha, mas também dentro de mim me veio uma lembrança de sempre ter vocês ali, alguns passos atrás, me cuidando com esse sorrisinho lateral nos olhos enquanto me veem criar os meus mundos particulares. É exatamente por esse olhar que agradeço hoje.

Tem muita gente que deveria estar aqui, nessa página (Antônio Alves, meus irmãos, Felipe Forest -seus ouvidos aumentaram mais de dois centímetros ao longo desses anos, vocês sabem que serei para sempre grata). Mas dessa vez o espaço será nosso!

C. A. A. Z e E. G. G. R. se eu pudesse colocaria uma carta naquele pequeno baú de madeira em cima do guarda-roupa dizendo que eu também quero mudar o mundo com vocês.

Teamo

com o sol da manhã invadindo a sala,

Giovana Rossi

Inumeráveis são as narrativas do mundo. É de início uma variedade prodigiosa de gêneros, eles próprios distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para o homem confiar-lhe a sua narrativa: a narrativa pode ter como suporte a linguagem articulada, oral ou escrita, a imagem, fixa ou móvel, o gesto e a mistura ordenada de todas essas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomina, no quadro pintado (pense-se na *Santa Úrsula* de Carpaccio), nos vitrais, no cinema, nas histórias em quadrinhos, nas notícias de jornais, na conversa. Além disso, sob essas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades;

A Aventura Semiológica - BARTHES, Roland. 1985. p.10

## RESUMO

O presente trabalho analisa um conjunto de cartas de Godofredo Guilherme Lutz Luce, médico residente no noroeste de Santa Catarina, encaminhadas aos representantes diplomáticos da Espanha no Brasil em 1942. O conteúdo central das cartas: teuto-brasileiros e cidadãos alemães no Brasil presidido por Getúlio Vargas. O médico encaminha ao cônsul e vice-cônsul espanhóis pedidos de pensão, de auxílio financeiro, solicitações de documentos e de auxílio referente as prisões de teuto-brasileiros. Ainda denuncia a postura policial e apresenta seu posicionamento político frente ao Estado Novo brasileiro. Tudo isso em missivas que deixam transparecer de forma clara três dimensões: o contexto da segunda guerra mundial e a neutralidade brasileira e espanhola; as novas políticas do governo Vargas frente os imigrantes/descendentes de imigrantes e a tensão na mudança da compreensão do conceito de "cidadão brasileiro"; o papel social da figura médica e o peso do sobrenome de Godofredo G. L. Luce para a construção dessa rede "glocalizada". A escala global, nacional e local se entrelaçam nas folhas das cartas desse sujeito, que se propõem mediador, mas acaba por tornar-se parte das histórias que denunciava, sendo ele também preso em 1942 até 1944. Esta documentação, até então inédita, encontrada em 2018 no Arquivo General de la Admnistracion em Madrid, possibilita uma série de indagações sobre a triangulação diplomática entre Alemanha, Espanha e Brasil, após a entrada do país na Segunda Guerra Mundial e o que de fato era ser um "brasileiro real" nesse momento. Com o auxílio da metodologia da história Global buscou-se perceber a diacronia presente nestas cartas, bem como a fragilidade da construção de memória e pertencimento dentro do Estado Nação. Este que não pode ser desvinculado do posicionamento e articulação no campo das relações internacionais, muito menos do cotidiano dos indivíduos, sejam eles vistos como cidadãos ou como "outros". Assim, entre diplomacia, políticas públicas, identidade e cotidiano percebe-se que as distâncias entre as escalas não são, de maneira alguma, distantes. E que toda escala, qual seja sua grandeza, é construída por sujeitos e suas redes.

Palavras-chave: Estado novo; Teuto-brasileiro; Neutralidade; Cidadania; Segunda Guerra Mundial.

## ABSTRACT

This master's thesis analyzes a set of letters written by Godofredo Guilherme Lutz Luce, a doctor residing in Northwest Santa Catarina, sent to the Spanish diplomatic representatives in Brazil in 1942. The main content of the letters is about the situation of German-Brazilians and German citizens in Brazil under the presidency of Getúlio Vargas. The doctor sends the Spanish consul and vice-consul requests for pensions, financial assistance, requests for documents and assistance regarding the arrests of German-Brazilians. He also denounces the police attitude and presents his political position towards the Brazilian Estado Novo. All this in letters that clearly show three dimensions: the context of World War II and the Brazilian and Spanish neutrality; the new policies of the Vargas government in relation to immigrants/immigrant descendants and the tension in changing the understanding of the concept of "Brazilian citizen"; the social role of the medical figure and the weight of Godofredo G. L. Luce's surname in the construction of this "glocalized" network. The global, national and local scale intertwine in the sheets of the letters of this subject, who proposes to mediate, but ends up becoming part of the stories he denounces, being also arrested in 1942 until 1944. This previously unpublished documentation, found in 2018 in the *Archivo General de la Admnistracion* in Madrid, enables a series of inquiries about the diplomatic triangulation between Germany, Spain, and Brazil after the country's entry into World War II and what it meant in fact to be a "real Brazilian" at that moment. With the aid of the Global History methodology we sought to understand the diachrony present in these letters, as well as the fragility of the construction of memory and belonging within the Nation State. The latter cannot be detached from the positioning and articulation in the field of international relations, much less from the daily lives of individuals, whether they are seen as citizens or as "others". Thus, between diplomacy, public policies, identity, and daily life we realize that the distances between the scales are not at all distant. And that every scale, whatever its magnitude, is constructed by subjects and their networks.

Keywords: Estado Novo; German-Brazilian; Neutrality; Citizenship; World War II.

## FIGURAS

|   |     |
|---|-----|
| Figura 1: O dia de ontem no Rio: Submarinos e papel de jornais (jornal da Capital “A gazeta” do dia 25 de junho de 1942) .....          | 53  |
| Figura 2 Recorte do Jornal “O Radical”. 18 de junho de 1942:“Afinal de contas que Neutralidade é essa?” .....                           | 58  |
| Figura 3 -Pedido do Cônsul para envio de documentos em alemão sem auxílio de terceiros .....  | 65  |
| Figura 4 - Carta de Johanne Borchers, assinada por Godofredo G. L. L., em 30 de junho de 1942 .....                                     | 75  |
| Figura 5 -Nota do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda no Jornal Correio do Povo de Jaraguá do Sul. ....                      | 78  |
| Figura 6 - Capa do Jornal Correio do Povo e Jaraguá do Sul, dia 2 de abril de 1938  | 84  |
| Figura 7 - Revista vida policial,1943 .....   | 94  |
| Figura 8 - “Os astros da 5º coluna” – reportagem da Revista Policial, nov. 1942. .  | 102 |
| Figura 9 - É proibido falar em público alemão, italiano e japonês, jornal Correio do Povo – 31 de janeiro de 1942 .....                 | 107 |
| Figura 10 - Histórico de vida Carlos Zenke .....  | 112 |
| Figura 11 - “Um campo de concentração modelo” – Reportagem Revista do Globo, abril, 1942.....   | 114 |
| Figura 12 - Propaganda dos serviços médicos de Godofredo Guilherme Lutz Luce no jornal Correio do Povo. ....                            | 127 |
| Figura 13 - Helena Lutz Luce e Godofredo G. L. L. ....  | 130 |
| Figura 14 -Família Lutz no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ca. 1916. ....  | 132 |
| Figura 15 -Família Lutz no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ca. 1916. Foto nítida .....   | 133 |
| Figura 16 - Godofredo G. L. L. com 32 anos. Recorte da Autora .....   | 133 |
| Figura 17 - Diploma de bacharel da Kaiser-Wilhelms-Universität, emitido em 20 de março de 1879, de conclusão dos cursos iniciados ..... | 139 |
| Figura 18 - Publicação de Adolpho Lutz, 1919 .....  | 142 |
| Figura 19 - Vista da Rua Epitácio Pessoa – Início da década de 40 .....   | 166 |

## ANEXOS

|  |     |
|--|-----|
| Anexo 1 - Jornal Vida Policial - Novembro de 1942.....   | 187 |
| Anexo 2 - Jornal Correio do Povo, Jaraguá do Sul, Sábado, 24 de janeiro de 1942  | 188 |
| Anexo 3 -Jornal Correio do Povo, Jaraguá do Sul, Sábado, 31 de janeiro de 1942.  | 188 |
| Anexo 4 - Imigração para o Brasil, por nacionalidade.....  | 191 |
| Anexo 5 - Gráfico da tabela de imigração para o Brasil, por nacionalidade .....  | 191 |
| Anexo 6 - Imigração para o Brasil, por nacionalidade, como percentagem do total  | 192 |
| Anexo 7 - Jornal Correio do Povo, sábado, 10 de janeiro de 1942.....   | 193 |
| Anexo 8 - Carta de Godofredo G. L. L. à seu tio Adolph Lutz, em 3 de março de 1929                                       |     |
| – Original em língua alemã .....   | 193 |
| Anexo 9 - Carta de Godofredo G. L. L. à seu tio Adolph Lutz, em 3 de março de 1929                                       |     |
| – Tradução minha.....  | 195 |
| Anexo 10 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites                                       |     |
| – 25 de abril de 1942 .....  | 197 |
| Anexo 11 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites                                       |     |
| – 9 de maio de 1942 .....  | 198 |
| Anexo 12 - Tradução da carta de Herm. Purnnhagen feita por Godofredo Lutz Luce –<br>recebida em 14 de maio de 1942 ..... | 199 |
| Anexo 13 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites                                       |     |
| – 14 de maio de 1942 .....   | 200 |
| Anexo 14 - Carta de Godofredo Lutz ao Cônsul espanhol Federico Gabaldón– 29 de<br>abril 1942.....                        | 200 |
| Anexo 15 - Envelope carimbado Dr. Godofredo Lutz, 29 de abril de 1942 .....  | 202 |
| Anexo 16 - Envelope - Feliciano Veiga Vieites, 28 de abril de 1942.....  | 202 |
| Anexo 17 - Envelope Cônsul Espanhol F. Gabaldón.....   | 202 |
| Anexo 18 - Tradução de carta de H. Purnnhagen feita por Godofredo Lutz .....   | 202 |
| Anexo 19 - Tradução de Carta de Mathäus Weh, feita por Gofofredo guilherne Lutz<br>Luce em 4 de abril de 1942 .....      | 203 |
| Anexo 20 -Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites  |     |
| – 24 de maio 1942 .....  | 204 |
| Anexo 21 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites                                       |     |
| – 7 de junho 1942 .....  | 205 |
| Anexo 22 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites                                       |     |
| – 02 de junho 1942 .....   | 206 |

|  |     |
|--|-----|
| Anexo 23 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites |     |
| – 26 de junho 1942 .....   | 207 |
| Anexo 24 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites |     |
| – 30 de junho 1942 .....   | 208 |
| Anexo 25 - Carta de Carlos Busch ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites   |     |
| – 2 de julho de 1942 .....   | 209 |
| Anexo 26 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites |     |
| – 20 de agosto de 1942 .....   | 210 |
| Anexo 27 - Carta Thehla Schütze– 21 de julho de 1942.....                          | 213 |
| Anexo 28 - Carta Johanne Borchers ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites  |     |
| – 24 de julho de 1942 .....  | 213 |
| Anexo 29 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites |     |
| – 20 de agosto de 1942 .....   | 214 |
| Anexo 30 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites |     |
| – 4 de agosto de 1942 .....  | 215 |
| Anexo 31 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites |     |
| – 6 de agosto de 1942 .....  | 216 |
| Anexo 32 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites |     |
| – 21 de agosto de 1942 .....   | 218 |

|   |            |
|---|------------|
| <b><u>INTRODUÇÃO</u></b> .....  | <b>13</b>  |
| <b><u>1 “AFINAL DE CONTAS, QUE NEUTRALIDADE É ESSA?”</u></b> .....                                      | <b>29</b>  |
| 1.1 “POIS QUEM ANDA AOS PORCOS TUDO LHE CHEIRA” .....   | 32         |
| 1.2 DIPLOMACIA BRASILEIRA ENTRE, ALEMANHA, ESPANHA E EUA .....  | 42         |
| 1.3 “ASSIGNO-ME COMO GRANDE ADMIRADOR DA ESPANHA E DO CONSULADO DA MESMA (...)” .....                   | 63         |
| <b><u>2 “VENHO A CONSELHO DO DR. GODOFREDO LUCE CONTAR O MEU CASO”: O MUNDO DO ALÉM CARTA</u></b> ..... | <b>73</b>  |
| 2.1 OS BRASILEIROS E OS “OUTROS” .....  | 74         |
| 2.2. REVIRAR O COTIDIANO: OS SUJEITOS REPENTINAMENTE APÁTRIDAS, SÃO NÃO-CIDADÃOS? .....                 | 93         |
| <b><u>3 “SOU MÉDICO E CIDADÃO BRASILEIRO”</u></b> .....   | <b>122</b> |
| 3.1 A VIDA SOCIAL DAS CARTAS DO MÉDICO .....  | 125        |
| 3.1.1 O PESO DO SOBRENOME, NA PROFISSÃO E NA SAÚDE PÚBLICA EM 1930 .....                                | 136        |
| 3.1.2 PANORAMA DOS SUJEITOS NAS CARTAS .....  | 155        |
| <b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b> .....  | <b>168</b> |
| <b><u>REFERÊNCIAS</u></b> .....   | <b>174</b> |
| <b><u>ANEXOS</u></b> .....  | <b>187</b> |

## INTRODUÇÃO

Era um almoço de domingo e eu visitava meus avós em minha cidade natal. Não sei muito bem como surgiu o assunto, mas falei a respeito de uma documentação que eu estava catalogando em um projeto do Instituto Carl Hoepcke em conjunto com a UNISINOS, o professor João Klug e o professor Manoel Teixeira e o *Consejo Superior de Investigaciones Científica* da Espanha. Durante cerca de um ano fiquei envolvida em fazer a catalogação de algumas centenas de documentos inéditos encontrados no arquivo *General de la Administración* em Madrid. Expliquei que se tratavam de documentos de diversas naturezas a respeito dos imigrantes e descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina durante a Segunda Guerra Mundial. Meu avô prontamente começou a falar que também, como filho de imigrantes italianos, sofreu na escola por ser visto como um “quinta-coluna”, que seus pais não podiam mais falar italiano e que as coisas haviam mudado muito durante a guerra. Mas minha avó retrucava dizendo que as coisas não eram ruins naquele tempo, “Getúlio era um bom presidente”, dizia ela. Chegou a me mostrar uma carta dourada “do próprio Getúlio”, como prova da atenção que tinha com os cidadãos brasileiros. Entre fogo cruzado, almoçamos. E aquela mistura de saudade e desgosto correram em minha cabeça como pulgas velozes. Permaneci mais alguns meses no projeto de catalogação, até encontrar um conjunto de cartas de um médico parteiro, brasileiro, residente em Jaraguá do Sul. Godofredo Guilherme Lutz Luce reuniu todas as pulgas que se aninhavam nas minhas ideias e me chamou para uma conversa de gênero híbrido e de tom distinto do restante da documentação – que, diga-se de passagem, eram aproximadamente 4 mil páginas digitalizadas.

As cartas enviadas ao Cônsul e vice-Cônsul espanhol contêm diferentes tipos de pedidos solicitados pelos súbditos alemães residentes no Brasil. Desde pedidos de pensão, auxílios com medicamentos, pagamento de aluguéis, até requisição de certidão de nascimento, casamento, óbito. Pedidos emergenciais referentes a pessoas presas, descrições da situação dos presídios, informações sobre os documentos dos antigos consulados alemães. Pedidos em sua maioria requisitados por mulheres, mães, viúvas ou solteiras. As cartas, naquele processo mecânico de catalogar pareceram complicadas demais. Qual era aquele olhar que lancei àquelas missivas que não tive ao analisar a documentação? Quantas dimensões distintas se apresentavam em uma só folha de papel! A pergunta de Geneviève Haroche-Bouzinac girava em torno dos selos, das censuras, dos contornos discursivos da narrativa singular de Godofredo

Guilherme Lutz Luce: “O que se lê nessas cartas que não se pode ler em outro lugar?”<sup>1</sup> Então, despertado o desejo da investigação, inicia-se a busca dos suportes de pesquisa. Acontece que é extensa a bibliografia sobre o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial<sup>2</sup>. São exaustivas as pilhas de trabalhos, livros, dissertações e teses em relação aos imigrantes alemães no Brasil, principalmente no sul do país. Detalhes do cotidiano<sup>3</sup>, das repressões<sup>4</sup>, da língua<sup>5</sup>, da relação com o Estado Novo<sup>6</sup>, da história da imigração<sup>7</sup>. A relação com a natureza e a agricultura<sup>8</sup>, a estrutura das cidades<sup>9</sup>, a questão religiosa<sup>10</sup>. O problema da etnicidade, nacionalidade,

---

<sup>1</sup> HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas Epistolares**; Tradução Ligia Fonseca Ferreira. Edusp – São Paulo, 2016. p. 13

<sup>2</sup> BETHEL, Leslie. **Latin America between the Second World War and the Cold War, 1944-48**. Cambridge University Press, 1992; tradução para o português, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996; MOURA, Gerson. **A revolução de 1930 e a política exterior Brasileira: ruptura ou continuidade?** in: CPDOC, A revolução de 30: seminário internacional. Brasília: Editora UnB, 1983; GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo**. São Paulo: Editora Símbolo, 1977; RINKE, Stefan. German Minorities in Latin America during the First World War. In: **Immigration and National Identities in Latin America**. Gainesville: University Press of Florida, 2014.

<sup>3</sup> BLUME, Sandro. **Morte e morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul: recortes dos cotidianos**. Dissertação (Mestrado em História). UNISINOS: São Leopoldo, 2010.

<sup>4</sup> PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

<sup>5</sup> CAMPOS, C. M. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil**. Campinas, SP: [s.n.], 1998.; GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero, 1990.; BUENO, Alexandre Marcelo. Língua, imigração e identidade nacional: análise de um discurso a respeito da imigração no Brasil da Era Vargas. **Estudos Semióticos**. [on-line] disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/69531/72113>. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 2, São Paulo, dezembro de 2013, p. 35–43. Acesso em “27/07/2020”.

<sup>6</sup> IANNI, Octávio. **A Idéia de Brasil Moderno**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1996; LESSER, Jeffrey Howard; ZIMBRES, Patrícia. **A invenção da Brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

<sup>7</sup> BARBOSA, Márcia Fagundes. **Imagens nacionais e relações de poder nas narrativas da imigração alemã em Santa Catarina**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92719>, 2009; KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro, Florianópolis**: Papa-Livro, 1994.; BRAUN, Felipe Kuhn. **História da imigração alemã no sul do Brasil**. Felipe Kuhn Braun, 2010.; SCHRÖDER, Ferdinand. **A imigração alemã para o sul do Brasil até 1859**. São Leopoldo / Porto Alegre : Editora da UNISINOS/EDIPUCRS, 2003.; WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas: imigração alemã, Rio Grande do Sul, século XIX**. São Leopoldo: Oikos Editora, 2015.; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio. **História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã. São Leopoldo: Oikos**, 2005.

<sup>8</sup> SEYFERTH, Giralda. **Imigração, colonização e estrutura agrária: Significados da terra**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004, p. 69-150.; PIMENTA, Luís Fugazzola; PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. A Formação das cidades e das paisagens da imigração em Santa Catarina: memória e preservação. **XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Belo Horizonte**, 2011.; GERHARDT, Marcos. História ambiental, colonização e genealogia. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 14, n. 1, p. 124-140, 2014.; SANTOS, Manoel Pereira Rego Teixeira dos. O Imigrante e a floresta: transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do Vale do Itajaí-SC. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

<sup>9</sup> WITT, Marcos Antônio; BLUME, Wellington Augusto. Organização social e mobilidade espacial: estudo sobre imigrantes alemães e descendentes no Brasil e Argentina. **Ágora**, v. 16, n. 1, p. 97-111, 2014.;

<sup>10</sup> KLUG, João et al. A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina: A ação da igreja luterana através das escolas (1871-1938). Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 1996. 2016.;

identidade.<sup>11</sup> Imensos são os caminhos possíveis para tantas questões. E ao passo que sigo com a pesquisa me questiono o porquê então estou investigando tal contexto? Qual o sentido em buscar respostas que aparentemente já foram respondidas? E quanto mais adentro minhas questões, mais o horizonte se preenche de novas brechas nas entrelinhas da história, novos caminhos e métodos para serem explorados. Todas as vezes que abro a documentação analisada mais grita a letra cursiva de Godofredo G. L. Luce que a realidade nunca é integralmente cognoscível, mais se entusiasma as vozes das memórias que meus avôs mobilizaram na mesa da cozinha.

Já na graduação me interessei pela importância de narrativas na criação de espaços e visões de mundo. Questionando as narrativas pictóricas e literárias alemãs do século XIX, refleti a elaboração de determinada identidade ideal para os cidadãos alemães, ao utilizar a paisagem, o meio físico e o cenário cultural como sustentáculo de um projeto nacional. Mas não só no mundo acadêmico, as narrativas sempre me transportam para um campo imenso de abstração e reflexão. Se aqui busco uma narrativa específica para descortinar uma história, certamente não se constitui isoladamente, a par do meu cotidiano e da minha trajetória.

Enquanto historiadora, a busca por manter-me fiel à investigação científica certamente é uma baliza substancial. Mas, de maneira alguma é uma investigação neutra, isolada. As perguntas que elaboro, as narrativas que investigo, os caminhos que escolho espelham o meu entorno. Os anos de 2020 e 2021 indubitavelmente dificultaram e modificaram a potência da pesquisa. As narrativas, o movimento contínuo estabelecido entre as cartas e as outras agências, os processos de elaborar uma imagem de um “outro” e de um eu-nacional, e as disputas estabelecidas *na e pela* linguagem dentro dessa documentação foram analisadas durante um cenário de isolamento frente à pandemia, de um desmantelamento das instituições públicas brasileiras e em decorrência do contexto, o enervar-se de minha saúde mental. Não seria coerente isolar, esconder, mascarar minha narrativa do contexto do qual escrevo. Este trabalho teria sido outro se escrito dentro das paredes da Universidade Federal, com acesso livre à Biblioteca, com a troca de ideias com os colegas nos corredores e a possibilidade de uma orientação presencial. Também, os contatos com o Arquivo da cidade de Jaraguá, a busca por jornais nos acervos estaduais, a busca no Acervo Adolpho Lutz da Fiocruz, ocorreram de maneira *online* e sem a possibilidade de pesquisa nos arquivos que não estão digitalizados,

---

<sup>11</sup> SEYFERTH, Giralda. **A idéia de cultura teuto-Brasileira literatura, identidade e os significados da etnicidade.** Horizontes antropológicos, v. 10, n. 22, p. 149-197, 2004.; JÚNIOR, Silva et al. **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história.** Editora da ULBRA, 1994.; DE SANTANA, Nara Maria Carlos. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. **Dimensões: Revista de História da Ufes**, n. 25, p. 235-248, 2010.

limitando os caminhos da pesquisa. Ainda, todo o momento de isolamento reduziu minhas possibilidades de aprofundar os conceitos e elaborar melhor a dissertação. Muitas perguntas permaneceram no ar, muita bibliografia poderia ter sido utilizada, e nesse estado de suspensão da vida fez-se o possível. De qualquer forma, mesmo com falta de fôlego, o corpo documental desta pesquisa é relativamente grande.

Objeto de troca e objeto de escrita, as cartas são documentos nômades, migrantes, que carregam em si marcas dos diferentes espaços que transitam. Documento expressivo que “dissimula tanto quanto revela”<sup>12</sup>, assim devem ser analisados em conjunto com outras fontes. Por isso, serão analisados documentos “oficiais”, relatórios, recortes de jornais e de revistas.

Para desenvolver a análise das cartas, intenta-se analisar os usos da retórica e da linguagem em três escalas: a Global, a Nacional e a Local. A escolha em separar os capítulos, quase que de maneira cartográfica, em escalas, entende-se como necessária visto que os discursos se transformam dependendo da dimensão exigida. No livro “Jogos de escalas” Jacques Revel com base em Blaise Pascal afirma que “uma cidade, um campo, de longe são uma cidade e um campo, mas à medida que nos aproximamos, são casas, árvores, telhas, folhas, capins, formigas, pernas de formigas, até o infinito. Tudo isso está envolto no nome campo”.<sup>13</sup> Tudo para dar textura, aspecto, cheiro, gostos, vozes e sons a esse campo longínquo se visto de maneira panorâmica. É certo que em uma única carta todas estas texturas estão ali, presentes. E quando ausentes, deixam nos silêncios vozes tão marcantes quanto as que se fazem presentes. Em seu âmbito global e local, as cartas agem como diplomatas. No pessoal, apresenta toda uma relação, uma dinâmica entre o narrador, os solicitantes e o receptor. Fica evidente que os gêneros discursivos carregam o fardo de uma extrema heterogeneidade. Réplicas do cotidiano, relatos, documentos oficiais, manifestações publicísticas, as literaturas ficcionais ou científicas, as cartas (que por si só refletem vários gêneros), etc., um universo de manifestações da linguagem que conferem ao estudo dos discursos uma tarefa complexa e longa.

No entanto, entendemos que todos os gêneros revelam em suas entrelinhas, ou de maneira explícita, uma relação mútua, uma confluência de influências que as tornam reais. Nesta documentação há diferentes gêneros de discurso, mas são colocadas em polpas de celulose secas e prensadas até obterem a gramatura de uma folha de papel circundadas pelo mesmo período histórico. Documentos que compõem um mesmo cenário político, um mesmo processo histórico, e apresentam esse jogo de luz e sombra sobre a linguagem e as visões de mundo, a

---

<sup>12</sup> HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas Epistolares**; Tradução Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016. p. 25.

<sup>13</sup> Apud. Bernard Lepetit. Sobre a escala na história. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 508.

ideologia e quem as vocaliza e a materializa em forma de rastros. Operam quase que sorrateiras, para mostrar aos historiadores a concretude de suas formas na vida cotidiana, na atividade humana. Como afirma Bakhtin desconhecer a natureza do enunciado e os gêneros do discurso “(...) redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida”, pois é justamente através dos “enunciados concretos que a vida entra na língua.”<sup>14</sup>. Para tanto, todo enunciado carrega em si reflexos de individualidade daquele que escreve ou narra, mesmo que este apareça enquanto um epifenômeno. Além de estar sempre direcionada para alguém, mesmo que seja para o eu interior. Essa participação do sujeito na linguagem, o estilo individual de narrar, falar, escrever contém camadas da relação entre os participantes da comunicação, o lugar que ocupa, e entre o mundo em que vive e observa.

Assim, essas narrativas desterritorializadas<sup>15</sup> apresentam facetas de uma história entrecruzada por um governo totalitário alemão, um programa de nacionalização brasileiro, a ditadura franquista, e uma guerra mundial. Escritas em 1942, após a ruptura definitiva do Estado Novo com os países do Eixo, revelam um processo oscilante de reterritorialização nos discursos mobilizados. Almejam-se brasileiros “reais”, mas orgulham-se de serem estrangeiros, distintos. Para tanto, a análise sustenta-se não apenas sob o crivo de uma só escala, mas na conjuração entre macro e microestruturas, a estrutura e os eventos, as contingências das vidas de indivíduos, que em suas ações buscam transformar a sua realidade. Apesar de a grande maioria das cartas terem sido escritas em 1942 (apenas uma carta é de 1944) a análise busca nos anos que antecedem e que sucedem essa comunicação, para melhor compreender as três dimensões.

Todas as cartas de Godofredo G. L. Luce ao consulado espanhol são de 1942, menos uma. Durante um ano e meio a narrativa de Godofredo G. L. Luce desaparece da documentação do *Archivo General de la Administración*, em Madrid. Apenas em 26 de março de 1944 uma carta é enviada ao Cônsul da Espanha em Porto Alegre, Frederico Gabaldón y Navarro. O motivo da ausência: foi preso no presídio público de Joinville. O sujeito observa, intermedia, narra e participa do processo de entrecruzar escalas.

Mas, porque essa documentação foi salva e não outras? Porque a comunicação com Godofredo Guilherme Lutz Luce e não outro médico que certamente também mantinha comunicação com outros médicos? Para entender isso é necessário pensarmos um pouco no

---

<sup>14</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 16-17.

<sup>15</sup> Aqui penso o conceito de desterritorializar e reterritorializar a partir de GUATTARI, Félix; ROLNIK, S., *Micropolítica. Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986, p. 323 E ainda DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 224.

arquivo, nas táticas do general Franco de não eliminar documentos e na trajetória do documento até aqui.

Ao fazer isso, é fato que ocorrerá uma grande quebra narrativa por diversas vezes nesse trabalho, e isso pode parecer em um primeiro momento, um disparate; uma bagatela narrativa. Muito mais importante seria manter a história nos indivíduos e no Estado, centrar a discussão nas coisas de “grande importância”. Acontece que muito de importante desenrola-se quando uma funcionária de um arquivo qualquer recebe caixas e mais caixas de arquivos para serem catalogados e organizados. Imaginemos por um momento a sobrevivência de um arquivo espanhol que após se despedir do mundo devido às chamas de um fogo em 1939, volta a abrir suas portas, com outro nome, com outro sistema de arquivos, em outro local - apenas em 1972. O *Archivo General Central del Reino* retorna após 33 anos sob o título de *Archivo General de la Administración*, de caráter intermediário no novo sistema de organização arquivística. Situado em Madrid, perambulou por uma Espanha conturbada, foi aprovado pela avaliação do Arquivo Central do Ministério, que poderia tê-lo eliminado, e até agora espera avaliação para saber se vai ou não ser encaminhado de maneira definitiva para o Arquivo Histórico Nacional. Por todas as mãos que passou certamente recebeu também diferentes olhares, que o permitiam falar ou o silenciavam dependendo em qual pilha de arquivos os colocavam. A arquivística, nada tem de bagatela. As coisas “grandes” e “importantes” passam pelas mudanças institucionais e políticas, mas, dentre objetos, rugas nas peles que contam experiências, pedras no caminho ou a falta delas, se deitam também página por página, vis a vis, nos arquivos.

O pesquisador Thiago Henrique Bragato Barros argumenta que o arquivo é em parte fruto “da gama político-ideológica própria do período de desenvolvimento das liberdades individuais e do direito de acesso dos cidadãos aos documentos públicos”<sup>16</sup> e por isso são essenciais para a regulamentação e legitimação de identidades e memórias, para além do registro da atuação do poder vigente. Citando Brothman, escreve que os arquivos auxiliam na construção de sentidos, gerando identidades que coexistem no mundo.<sup>17</sup>

A Segunda Guerra Mundial modificou, também, internacionalmente a arquivística. Mudanças teóricas e práticas que passam pelas novas organizações dos estados, principalmente na década de 1950. No caso da Espanha, a diplomacia ou os preceitos diplomáticos, têm um

---

<sup>16</sup> BARROS, Thiago Henrique B.. Arquivística espanhola, canadense e brasileira: elementos históricos e conceituais. In: **Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do Discurso**: inflexões histórico-conceituais. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 99.

<sup>17</sup> Ver: BROTHMAN, Brien. Declining Derrida: integrity, tensegrity, and the preservation of archives from deconstruction. *Archivaria*, v. 48, p. 64-88, 1999.

peso substancial na conservação dos arquivos desde 1840.<sup>18</sup> Isso não se modifica no período da Guerra, ao contrário se intensifica. Desde o golpe de estado de Francisco Franco até a constituição de 1978, a Espanha vivia um cerceamento das liberdades individuais, freando a existência, também, dos arquivos. Por isso que entre 1939 e 1977, a administração de arquivos “esteve vinculada ao Ministério de Educação e Ciência por meio de uma única Dirección Central Geral de Arquivos e Bibliotecas.”<sup>19</sup> O que mais chama atenção é que apesar de o “sistema” arquivístico espanhol ser pautado no controle e na centralidade, havia também uma política de não eliminar a documentação. Até hoje existe uma grande quantidade de documentos sem catalogação fruto desse período. A partir da década de 80, tanto com a redemocratização quanto com a inserção de novas disciplinas voltadas ao saber arquivístico, ocorreram grandes mudanças nesse sistema.

A documentação desse trabalho chegou na Espanha como uma espécie de relatório sobre a repercussão das ações espanholas durante a Guerra. Fica evidente nos recortes de jornais que a embaixada mesmo fazia e selecionava, mostrando a clara preocupação em relação ao que se noticiava sobre as ações também dúbias dos espanhóis. O trajeto até nós não é claro. O certo é que de Santa Catarina foi ao Rio de Janeiro, e partiu para a Espanha até ser encontrado em Madrid e retornado para a cidade de Florianópolis.

Um longo giro no percurso da documentação para que chegasse até mim, quase oitenta anos após ser produzido. Lembro bem do convite dos professores João Klug e Manoel P. R. T. dos Santos para compor a equipe de um projeto denominado “História Repatriada”, em 2018. Naquele momento cursava o último semestre da graduação em História. O tema do projeto pouco tinha a ver com meus interesses, mas aquele fetiche de pesquisadora juvenil frente ao caráter inédito dessa documentação foi convincente o suficiente para que o fascínio pelas fontes transformasse o total desconhecimento no assunto o motivo central de interesse no projeto. Após longos meses em contato com a documentação, percebi diversas narrativas pessoais que podem ser perquiridas por recortes de jornais, cartas pessoais, correspondências entre consulados, delegados e diplomatas. Narrativas, conectadas a um cotidiano de pequenas cidades do sul do Brasil, mas também diretamente amarradas a uma trama mundial. Há os territórios,

---

<sup>18</sup> Interessante perceber que desde 1850 a “Escuela Superior de Diplomática substituiu a cátedra de Paleografia e responde por todo o desenvolvimento teórico e prático da Arquivística na Espanha até o ano de 1990, quando suas cadeiras são integradas à Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Central de Madrid” BARROS, Thiago Henrique B.. Arquivística espanhola, canadense e brasileira: elementos históricos e conceituais. In: **Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do Discurso: inflexões histórico-conceituais**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 108.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 112. apud. HEREDIA, Antonia Herrera. El debate sobre la gestión documental. **Métodos de información**, v. 5, n. 22, 1998, p. 177-8.

as memórias e identidades sendo reconfiguradas, reescritas e reapropriadas por três diferentes espaços e por certo, muitos diferentes enquadramentos de tempo.

Além dos professores citados, aos quais tenho um convívio de amizade, o projeto teve a participação do instituto Carl Hoepcke, *Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC* - agência do Estado espanhol, em Madrid, que fornece incentivo à investigação científica e tecnológica.) e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS – São Leopoldo - RS). Iniciado em 2017, foi a Prof.<sup>a</sup> Dr. Elda Evangelina González Martínéz, vinculada ao *CSIC* quem teve o primeiro contato, o primeiro olhar cuidadoso frente a documentação, entrando em contato com as instituições citadas.

Para que retornassem ao Brasil, o acervo documental foi digitalizado pelo Prof. Dr. Manoel P. R. Teixeira. Ele percorreu cerca de 40 caixas de arquivo, selecionou mais de 4.000 páginas de documentos de diferentes naturezas, dentre as 30.000 analisadas. Indicou cuidadoso que frente a impossibilidade tanto de tempo quanto financeira, ainda há vastas e densas pilhas de documentos que poderiam alimentar ainda mais nossas pesquisas. Armazenados em 13 discos ópticos, a documentação selecionada chegou às mãos da equipe<sup>20</sup> de estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina necessitando ser catalogada e analisada.

Desde maio de 2018 trabalhamos na produção de uma exposição, que esteve em circulação no estado de Santa Catarina, além de uma catalogação sistematizada dos documentos para o Instituto Carl Hoepcke. Ambos os processos visam tornar público fragmentos de uma história até então pouco falada ou até mesmo desconhecida, não somente para os pesquisadores, mas também ao público entusiasta e afeiçoado ao tema. Com aproximadamente 5 mil documentos, o acervo possibilita reconhecer diferentes esferas da vivência destes imigrantes alemães e japoneses durante a Segunda Guerra Mundial. Quer seja mediante a documentação “oficial”, contendo informações diplomáticas do relacionamento entre Brasil, Espanha e Alemanha, levantamentos financeiros e listas de detentos alemães, quer seja por intermédio de cartas pessoais, que nos possibilitam investigar as escritas de si destes indivíduos ou os discursos jornalísticos que circulavam no cotidiano dos mesmos.

Ao passo que vou investigando, e me perco em detalhes, mais caminhos são elaborados, permitindo a historiadora perceber a transcendência das fronteiras da identidade, da cultura e do material<sup>21</sup>. Fronteiras que carregam dentro de si diversas territorialidades passadas, que contam histórias para além do lugar onde habitam. Estudar estas territorialidades, os

---

<sup>20</sup>Giovana Zamboni Rossi, Fabiana Carla Guarez, Eduardo Kirchhof, Natália Pflieger e Aline Gabriela Klauck.

<sup>21</sup> Ver mais em BERG, M. **Global History**: approaches and new directions. The New World History: A Field Guide for Teachers and Researchers. Oakland, Califórnia: UC press, 2016. p.11 e 12.

enraizamentos e as consequentes rupturas de discursos em diferentes escalas e com diferentes suportes, para que a nossa visão sobre os acontecimentos não seja reduzida pela aproximação ou distanciamento do objeto. Para isso será utilizada a metodologia da história global<sup>22</sup>, e o campo história da imigração.

O conceito de conectividade da história global é muito importante para a elaboração desse trabalho, pois coloca a história não em uma linha onde espaços e tempos não se relacionam, mas enquanto elemento móvel, dinâmico, sincrônico e conectado. Como bem exposto por James Belich, John Darwin e Chris Wickham:

A história global deve estar centralmente preocupada com a história da mobilidade - o movimento através do espaço de pessoas, bens e *idéias*. De fato, pode-se argumentar que um dos *insights* mais convincentes que a história global tem a oferecer é insistir que a investigação sistemática das formas de mobilidade é uma parte indispensável da investigação histórica em todos os lugares e períodos. Se *l'histoire immobile* foi o chamado às armas de uma grande escola da história, para os historiadores globais, o inverso deve ser verdadeiro: a história é o movimento.<sup>23</sup>

E não seria o movimento exatamente a palavra-chave para o estudo da imigração? Histórias que migram no espaço, transportam-se por inúmeras situações a outros territórios, construindo formas de pensar e de agir. Por vezes, uma família inteira emigra, migra e imigra. Movem-se e transportam em suas bagagens tempos que ficam no imaginário daqueles que permanecem longe. Para Regina Weber há a possibilidade de separar o estudo destas histórias que migraram em três categorias básicas de análise: as antigas, contemporâneas e de descendências; tendo para cada uma delas métodos diferentes de análise. Ainda há as diferenças sociais, econômicas ou pessoais que mobilizam os sujeitos históricos a modificarem suas fronteiras. Sendo assim, “quanto ao contexto histórico e fontes de pesquisa há diferença entre essas três alternativas; entretanto, em termos de teorizações e interpretações é possível haver

---

<sup>22</sup> BELICH, James et al. (Ed.). **The prospect of global history**. Oxford University Press, 2016; BERG, Maxine. Global History: approaches and new directions. In: **The New World History: A Field Guide for Teachers and Researchers**, v. 23, p. 484, 2016.; BRESCIANO, Juan Andrés. La História global como campo emergente. **Revista Confluências Culturais**, v. 4, n. 2, p. 100-113, 2015.; CONRAD, Sebastian; ECKERT, Andreas; FREITAG, Ulrike (Ed.). **Globalgeschichte: Theorien, Ansätze, Themen**. Campus Verlag, 2007.; KUNZE, Rolf-Ulrich. **Global History und Weltgeschichte: Quellen, Zusammenhänge, Perspektiven**. Kohlhammer Verlag, 2017.; MAZLISH, Bruce. Comparing global history to world history. **The journal of interdisciplinary history**, v. 28, n. 3, p. 385-395, 1998.; ROMÁN, José Antonio Sánchez. Doing Global History: reflections, doubts and commitments. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 30, n. 60, p. 241-252, 2017.; CONRAD, Sebastian. **What is global history?** Princeton University Press, 2016.

<sup>23</sup> “global history must be centrally concerned with the history of mobility—the movement across space of people, goods, and ideas. Indeed, it might well be argued that one of the most compelling insights that global history has to offer is to insist that the systematic investigation of the forms of mobility is an indispensable part of historical inquiry in every place and period. If *l'histoire immobile* was the call to arms of one great school of history, for global historians the reverse must hold true: history is movement”. Tradução minha. Em: FOOTE, Nicola; GOEBEL, Micheal (eds.). **Immigration and national identity in Latin America, 1870–1930**. University Press of Florida, 2014. , p.15.

análises que as perpassem”<sup>24</sup>, por uma análise interdisciplinar vinculada a uma variedade de fontes e de metodologias.

O movimento, não pertence apenas aos sujeitos da história, mas também pertence às coisas, aos objetos. As cartas e documentos são objetos que percorrem longas distâncias, passam por diversas mãos até chegar ao seu local de destino. Estas, são marcadas conforme adentram diferentes fronteiras territoriais. Uma reportagem, documentada junto às cartas, do jornal *Vida Policial*, do mês de novembro de 1942, analisa um selo francês e um alemão. A manchete chama-se: “*Mesmo no selo, cada uma das duas nações é representada tal como ela se vê, tal como ela se sente.*”<sup>25</sup>. A reportagem, cercada por um artigo sobre o “Ontem e Hoje” na Alemanha, finalizada com a frase: “E a história não falhará, ela novamente será derrotada... os alemães que esperem...”, nos possibilita analisar, que por ser um jornal de circulação onde haviam muitos imigrantes alemães, mobiliza reflexões não somente nos modos de se ver o outro, mas também na construção de um ver e sentir a si mesmo, elaborando narrativas que circulavam nestes meios sociais, interferindo no convívio entre brasileiros, imigrantes e descendentes alemães, buscando mobilizar determinadas paixões ancoradas na etnicidade<sup>26</sup>. As cartas de Godofredo G. L. Luce, apresentam conexões diretas com as experiências e diferentes espaços presentes na vida de muitos indivíduos residentes no nordeste de Santa Catarina. Busco, como explica Regina Weber, perceber “novas perspectivas do funcionamento concreto das redes relacionais”<sup>27</sup>, mediadas por Godofredo G. L. Luce.

O emaranhado de contextos, indivíduos e questões, ou seja, as especificidades das missivas de Godofredo G. L. Luce nos permitem adentrar outros caminhos. Assim, é na complexidade de interações sociais que se forma nas cartas desse sujeito, que ao analisarmos as narrativas em um trânsito contínuo entre escalas e tempos, faz a pesquisadora buscar sempre novas perguntas nos atores heterogêneos que se encontram enredados pela história contada. Perguntas que se enrolam em muitas outras questões e detalhes e parecem nunca encontrar um ponto de chegada. Unir o contexto de guerra no Governo Vargas; a nova ordem política brasileira – interna e externa; as questões de identidade e de cotidiano de indivíduos de outras

---

<sup>24</sup> WEBER, Regina, Estudos sobre imigrantes e fontes orais: identidade e diversidade, **História Oral**, v. 16, n. 1, p. 5–22, 2013, p. 6.

<sup>25</sup> Documento número 54-14696-155, presente no acervo digital do Insitut Carl Hoepcke, ou no *Archivo General de la Administración*, em Madrid. Nos anexos, Imagem 3.

<sup>26</sup> Ver mais sobre selos e objetos em movimento no tempo e espaço em: WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

<sup>27</sup> WEBER, Regina. *Op. Cit.* p. 10.

nacionalidades às relações privadas de Godofredo Luce, longe de ser uma análise estrutural fixa, estática, apresenta-se como uma rede de curtíssima duração.

Como essa rede se estabelece? Quem a constitui ou melhor para quem as missivas são direcionadas? Como se costura essa rede, e como ela perpassa várias escalas? A carta transita diretamente entre as escalas propostas neste trabalho, demonstrando uma série de laços de conexão interpessoais, que modificam o cotidiano, também institucionalmente. Assim, como afirma Ferreira, Fragoso e Gouvea, “para que se considere que a miríade de relações interpessoais que os indivíduos detinham configurava uma rede, há que determinar a sua operacionalidade em contexto de ação.”<sup>28</sup> Operacionalidade demonstrada no trecho de carta a seguir: “Hontem, domingo de tarde, mais duas senhoras me **pediram de escrever** ao seu Vice-consulado, que tanto se recomenda **pelas acções rápidas e acertadas em favor dos súbditos alemães perseguidos e oprimidos.**”<sup>29</sup> Revela o motivo central da rede, sem necessitar entrar nos pormenores da relação estabelecida.

Ou como no próximo trecho da carta do de Godofredo G. L. Luce para o Vice-Cônsul da Espanha em Florianópolis, fica evidente, como afirmam Fragoso e Gouvea, que podemos chamar estas relações de rede, “(...) posto que suas conexões não se restringiam a meros relacionamentos. Ambicionavam alcançar determinados fins que dependiam de recursos disponíveis quase sempre fora de seu alcance.”<sup>30</sup> Escreve Godofredo: “**Peco** o grande favor ao distinto **amigo**”. De toda maneira poderia ser uma forma corriqueira e polida de iniciar uma carta, apelando às emoções da cordialidade para atingir um determinado fim. No entanto, o autor apela a outras relações para dar suporte ao peso de seu pedido: “que, como agora sei, **também é conhecido do meu amigo** Angelo Pastore em São Paulo”<sup>31</sup>.

Como argumenta Latour, para chamarmos uma conexão, relação de ator-rede é necessário que sejam trajetórias particulares que formam possíveis interpretações, narrativas, proposições em conjunto, enquanto ator-rede em configurações contextuais únicas, onde cabe ao pesquisador perseguir as ações desses atores.<sup>32</sup>

De maneira que, por exemplo, nas passagens a seguir é possível inferir uma constância na comunicação, denúncia de um contexto mais amplo e um retorno de resultados.

---

<sup>28</sup> FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. **Na Trama das Redes. Política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

<sup>29</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-083-86, 1942.

<sup>30</sup> FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. *Op. Cit.*, 2010.

<sup>31</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-083-86, 1942.

<sup>32</sup> LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Local de publicação. Edufba, 2012.

- 1 Escrevo esta carta de agradecimento na casa do Dr. Luce, que me pede de **comunicar** ao senhor, que recebeu o Vosso **telegrama de hontem** das 14 horas 45 minutos as 17 ½ horas mandando logo avisar as duas senhoras dos **2 prezos hoje para ser postos em liberdade**: a Vossa **carta anunciada no telegrama ainda não chegou**.<sup>33</sup>
- 2 Peço ao amigo **mais** este favor, **depois de ter pedido tantos outros**, de se interessar para o caso de snr. E. Joesting, que tem família e é **perseguido** pelo delegado Nathanael Cidade (...) Não seria possível ajudar ao snr. E. Joesting evitando a necessidade d'uma pensão, incumbindo-lo com o cargo d'um secretario d'um correspondente consular espanhol em qualquer lugar d'este estado, porque elle prefere naturalmente trabalhar ao estar desocupado.- **Elle fala português e allemão**, dactylografa, sabe conduzir autos e tem a carteira internacional de automobilista etc., **mas não fala o espanhol**, compreendo a língua castelhana pelos seus conhecimentos da língua lusa.<sup>34</sup>

O conceito de ator-rede apesar de partir de estudos sociológicos, acrescenta diversas análises históricas, auxiliando na compreensão de relações sociais. Por isto, o esforço ao longo dos capítulos de buscar sempre retornar a um contexto extenso (poderíamos falar em uma análise contextual que apesar de linear seja topológica?) sem perder os indivíduos, sujeitos que transitam entre as múltiplas escalas. A teoria de ator-rede, como argumenta Amantino-de-Andrade,

(...) procura compreender analiticamente a complexidade das relações no processo de ordenação, a partir de uma linguagem focada em pessoas, textos, tecnologias e objetos. Isso permite inter-relacionar o relacional com o estrutural, superando os *gaps* entre micro e macro, agência e estrutura, de maneira que não ponha o poder à distância e não desconsidera o seu imbricamento com o social e o econômico.<sup>35</sup>

Aí reside, entre outras coisas, a importância em deixar extremamente marcado a qual contexto essas redes fazem parte, ou foram possíveis. É preciso questionar o porquê da embaixada espanhola, e do papel assumido como intermediária. Quando Godofredo Lutz Luce solicita para que o cônsul mande lembranças a detentos alemães aos quais escreveu sobre, e continuou auxiliando e finaliza sua frase com “tão amável Consulado da cavalheiresca Espanha”, algo escapa o social, mas também ultrapassa a estrutura.

Peço mais, se houver ocasião, de **me recomendar aos prezos** Mattheus Weh e Carlos Zenke dizendo, que **eu mando lembranças** dos seus e da minha família pelo tão **amável Consulado da cavalheiresca Espanha**, da qual **continuo** cada vez maior **admirador e amigo!**<sup>36</sup>

<sup>33</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Johanne Borchers. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-089, 1942.

<sup>34</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-093, 1942.

<sup>35</sup> AMANTINO-DE-ANDRADE, Jackeline. Actor-network theory (ANT): uma tradução para compreender o relacional e o estrutural nas redes interorganizacionais?. **Cadernos Ebape. BR**, v. 2, 2004, p. 8

<sup>36</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-083-86, 1942.

Nas palavras de Amantino-de-Andrade isto é possível perceber com maior clareza dentro dos estudos de rede, também, porque,

(...) a compreensão de que as relações não são apenas definidas pelas estruturas - nem tampouco se constituem em simples interações, mas são produzidas por meio de ordenações móveis de força - pode contribuir para analisar os imbricamentos em que o social dinamiza o econômico pela disputa e conformação de práticas, e não apenas pela formatação de comportamentos<sup>37</sup>

#### A conceituação de ator-rede

(...) permite compreender como elementos são capazes de curvar o espaço em torno de si, fazendo os outros dependentes e traduzindo suas vontades numa linguagem particular que faz mudanças no conjunto de elementos e conceitos habitualmente usados para descrever o mundo social e natural.<sup>38</sup>

Dessa maneira, a dissertação está estruturada em três capítulos, apresentando as três dimensões comentadas anteriormente: a Global, a Nacional e a Local.

No primeiro capítulo analisamos a categoria global. A análise circula em um jogo pendular estabelecido entre o governo brasileiro em sua posição na Guerra, principalmente ao que concerne ao conceito de neutralidade. A documentação transita entre consulados após a ruptura das relações diplomáticas com a Alemanha, documentos oficiais trocados entre o Cônsul e vice-Cônsul da Espanha com instituições brasileiras e jornais relatados nas cartas de Godofredo G. L. Luce. Dentre muitas possibilidades de aprofundamento, busco neste capítulo entender essa ponte, estabelecida por Godofredo G. L. Luce com o posicionamento dos três países na Guerra. Porque a embaixada espanhola guarda essa documentação? Porque a Espanha assume a diplomacia alemã? Porque o Brasil fica neutro até 1942? Quais as alianças e contradições na diplomacia de 1942? E a neutralidade espanhola como modifica as suas relações com o Brasil? Perguntas fundamentais para mapear as dimensões dessa triangulação diplomática efetivadas no cotidiano dos migrantes alemães. Afinal, quem estava mediando os pedidos de cidadania, documentação em geral ou de expatriação com o Governo brasileiro e Alemão, era o Estado da Espanha. Se em um primeiro momento parece distante demais para um médico residente em Jaraguá do Sul, no final dos três capítulos se torna fundamental entender como às três escalas se encaixam e modificam o cotidiano do lugar. Este capítulo observa de longe as teias e as redes que esse sujeito, Godofredo G. L. Luce teceu em torno de si, envolvendo a comunidade imigrante de matriz germânica e as suas reivindicações de cidadania, conectando os governos espanhol, brasileiro e alemão.

O segundo capítulo explora a exterioridade nacional das cartas do Godofredo Luce, com o ponto de partida na indagação: Os sujeitos repentinamente apátridas, são não-cidadãos?

---

<sup>37</sup> AMANTINO-DE-ANDRADE, Jackeline. *Op. Cit.* 2004, p. 10.

<sup>38</sup> CALLON e LATOUR, 1981. Apud: AMANTINO-DE-ANDRADE, Jackeline. *Op. Cit.*, 2004, p. 10.

Que direitos eles possuem frente ao Estado e à sociedade brasileira? Como a construção de um ideal identitário para o cidadão brasileiro, desde o início da Primeira República, mas principalmente durante o Estado Novo divide os cidadãos entre os “reais” e os “outros”? Este capítulo é sobre esse mundo do além carta, que instiga múltiplas narrativas, controversas, mas conjuntas, que modificaram o cotidiano de milhares de imigrantes na primeira metade do século XX. Visando compreender as mudanças nas políticas públicas brasileiras frente aos alemães no período da Segunda Guerra Mundial, busco compreender as questões nacionais, adentrando no processo de construção desse “outro”, que se difere em gênero e grau do esperado “verdadeiro cidadão brasileiro”. Quem são esses imigrantes e descendentes, quais os discursos produzidos pelo Governo de Getúlio Vargas no Estado Novo sobre os mesmos e quais as implicações dessas estereotípias<sup>39</sup> narrativas nas atividades práticas da vida em sociedade. Como no capítulo anterior, aqui pensaremos as contradições no Estado Novo e o seu projeto nacionalizador. Como afirma Wayne H. Bowen “O Estado Novo apresenta facetas variadas. Não acredito que devamos ter um olhar frio sobre ele, mas trata-se de buscar entender, com a objetividade possível, que diabo é esse regime que gera essencialmente uma série de males e, ao mesmo tempo, tem facetas de progresso.”<sup>40</sup>

Por fim, no terceiro capítulo, busco compreender as especificidades da carta em sua dimensão local. Entender como um letrado que elabora uma narrativa, em um país majoritariamente de analfabetos na primeira metade do século XX, é também pensar no indivíduo que escreve, nos limites da interpretação, e as possíveis identidades mobilizadas. Como no capítulo anterior, aqui, discursos sobre os solicitantes das cartas, ou seja, os teuto-brasileiros e os ditos súditos alemães. Há uma imposição de certa visão de mundo, uma diferenciação no tom ao abordar as relações entre governos e ressalta a posição social que ocupava. Então quem era o sujeito que as escrevia? Qual sua relação com os solicitantes? E como a rede receptora se estabelece? Todas, denunciadas pela linguagem quase epistolar desse médico parteiro que se estabelece mediador, mas também um peso visível na sua posição social. Porque as cartas de Godofredo Lutz Luce e não outras? Essas cartas transitam diretamente entre as escalas propostas neste trabalho. Deste modo, ao direcionar as perguntas também ao receptor, ocorre, como afirma Mary Pratt a retirada da “comunidade (e a identidade, seu corolário) do

---

<sup>39</sup> A ideia de estereotípias, que trabalharemos nos próximos capítulos é desenvolvida por Homi Bhaba no livro “O local da Cultura”, onde o autor entende que o estudo dos estereótipos e como estes são produzidos e reproduzidos são tão importantes para a análise dos objetos, quanto os próprios objetos em si. Em: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 130.

<sup>40</sup> BOWEN, Wayne H. **Spain during World War II**. University of Missouri Press, Columbia, 1968, p. 20.

centro para examinar a maneira como os laços sociais vão se fazendo nas entrelinhas de diferença, de hierarquia e de pressupostos conflituosos ou não compartilhados”.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> PRATT, Mary. **A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco.** Travessia Revista de Literatura, n. 38, jan/jun 1999.

Inventarios

1942

Esqueto 1/2  
Sheep

## 1 “Afinal de contas, que neutralidade é essa?”<sup>42</sup>

Seria muito fora da curva começar a primeira frase da minha dissertação sobre a quarta década do século XX registrando a polissemia do termo neutralidade? que já no século VIII a utilização do termo Embaixador consistia na função de determinado sujeito em entregar comunicados de guerra, mensagens de príncipe para príncipe, sugerir paz, levar de um lado para outro, possibilidades de acordos.<sup>43</sup>

Seria interessante, entretanto, iniciar este texto passando por todas as nuances dos conceitos da ciência das relações praticadas entre os Estados, até chegar ao tão recente conceito de diplomacia, explicar em detalhes e as variantes entre o direito diplomático e o direito consular, investigar com afinco os representantes dos Estados. Nos demoraríamos em demasia, ainda mais por estarmos refletindo sobre um período de mudanças e de enaltecimento acalorado do Estado-nação, onde as definições do direito internacional estavam ganhando novas formas. O que interessa registrar, é que apesar de diferentes procedimentos e atividades que desenvolvem, tanto a proteção consular quanto a proteção diplomática beneficiam os nacionais do Estado que os envia.<sup>44</sup> Também de determinada forma, naquele momento da história, o Embaixador consistia na função de entregar comunicados, mensagens, sugerir tomadas de decisão, apontar soluções imediatas aos súditos do Estado. Já de caráter público, a função de um representante consular tem, ainda hoje, um aspecto duplo de defender os interesses dos cidadãos de um dado país que estejam a viver em outro, como também defender os interesses gerais do Estado. Determinado pelo Direito Convencional Internacional e da doutrina internacional, o conceito estipulado em 1920, afirma que o agente internacional de um Estado é “nomeado para exercer funções de natureza jurídico-pública (notariado e registo), comercial, económica e social, e para, nestes domínios, representar o Estado que o nomeia no território de outro Estado com o expresse consentimento deste.”<sup>45</sup>

Apenas em 1952, com as tensões da Guerra Fria, foi formalizado a codificação do direito internacional consular, para além dos privilégios, prerrogativas diplomáticas existentes desde o início do século XIX, estabelecendo um caráter universal e uniforme para todos os Estados.<sup>46</sup>

---

<sup>42</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Recorte do Jornal “O Radical”. 18 de junho de 1942. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 51-16485-025.

<sup>43</sup>RANGEL, Vicente Marotta. A embaixada permanente e as origens da diplomacia. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, v. 83, p. 87-95, 1988.

<sup>44</sup> Ver mais em: MARTINS, Margarida D’Oliveria. **Direito Diplomático e Consular**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2011.

<sup>45</sup> BRITO, Wladimir. **Noções de Direito Consular**, Coimbra, Coimbra Editora, 2004, p. 52.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 52.

Seria muito fora da curva, mas não é. Neste capítulo, analiso recortes de jornais e cartas, presentes em um fundo documental muito maior encontrado em Madrid, no arquivo *General de la Administración*. Os recortes, todos feitos por cônsules e enviados ao Embaixador espanhol no Rio de Janeiro, mapeavam a opinião pública, tanto sobre a posição espanhola quanto sobre o Terceiro Reich. Os recortes eram encaminhados semanalmente, junto de repasses financeiros e relatórios sobre os antigos arquivos alemães, os súditos alemães e o acirramento durante o governo Vargas, principalmente com a instalação do Estado Novo. Aparentemente incongruente ao leitor desavisado deve surgir a pergunta: “Porque a Espanha recolhia tantos documentos sobre a situação alemã?”. Em 1942 a Espanha assume as casas consulares alemãs no Brasil, após o rompimento das relações diplomáticas. Este capítulo centra-se precisamente nessa relação diplomática entre o Brasil, Alemanha e Espanha na Segunda Guerra Mundial.<sup>47</sup>

Os representantes diplomáticos são centrais para compreender as gradações entre as escalas. Mas outro personagem dessa história, à primeira vista desconectado de todo contexto, é muito importante para analisarmos este conflito. Junto dos recortes de jornais, encontrei uma série de cartas encaminhadas por um médico de Jaraguá do Sul, Santa Catarina, pedindo auxílio dos representantes diplomáticos e consulares ao caso de alguns teuto-brasileiros residentes na região norte/nordeste de Santa Catarina. As missivas de Godofredo Guilherme Lutz Luce — ainda que não diretamente — percorrem o sul do Brasil, a Madrid e Berlim e agem como fios condutores de três escalas que se intersectam e modificam, cada uma à sua maneira, o seu entorno. Uma rede se estabelece entre às três escalas (nacional, local e global), e os sujeitos nas narrativas vão se modificando ao longo das descrições, dependendo da escala exigida.

Assim, no corpus documental existe um canal direto de comunicação entre a Embaixada e os consulados, remetendo ao nível amplo do contexto de 1942. Antes de compreender as dimensões local e nacional, busco neste primeiro capítulo compreender o amplo quadro em que estes indivíduos estavam inseridos. E nesse ínterim entender a relação do escritor e do conteúdo da carta com o destinatário — embaixadores e diplomatas espanhóis — além da sua influência sobre o enunciado, a conclusibilidade<sup>48</sup> específica das narrativas de Godofredo G. L. L., que interfere muito no seu posicionamento frente a Espanha “neutra” de Franco.

---

<sup>47</sup> Deixo registrado que devido ao curto tempo e ao período pandêmico desta uma dissertação de mestrado não pude verificar as reverberações do tema nas correspondências diplomáticas constantes do conjunto de pastas da embaixada brasileira em Madrid, no AHI, o que certamente seria muito interessante e profícuo.

<sup>48</sup> “A conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições.” BAKHTIN, Mikhail. *Op. Cit.*, p.35.

O título, “Afinal de contas, que neutralidade é essa?”, denuncia a questão central do capítulo. Título de uma matéria do jornal “O Radical” de 18 de junho de 1942, recolhida pelo Cônsul espanhol no Brasil, para encaminhar à Madri, em linhas gerais apresenta a disputa narrativa que acontecia nesse momento. A criação de uma nova definição de cidadania, o posicionamento da mídia brasileira refletindo o longo período de neutralidade, tanto brasileiro quanto espanhol, e a forte influência estadunidense na mídia brasileira se mesclam em poucas linhas de uma folha de jornal. O interesse do cônsul espanhol em recolher este tipo de matéria, e o trabalho arquivístico de guardá-los junto do conjunto de cartas, conecta a disputa da opinião pública frente ao conflito geopolítico com o cotidiano de um médico em Jaraguá do Sul.<sup>49</sup> Se por um lado o jornal é exagerado ao alegar um suposto auxílio aos submarinos do eixo pelos navios espanhóis em alto mar (algo que a engenharia náutica naquele momento não permitia). Por outro, escancara uma relação dúbia com o governo brasileiro, que aceita algumas interferências exageradas, visto que acabara de fixar o fim de sua neutralidade.

A partir desta manchete, para entender o jogo complicado entre Estados Nacionais em um período de fascismos e disputas de mercado, o ponto 1.1 inicia com um breve giro de contexto da década de 30 e 40, direcionado a entender a posição de neutralidade brasileira e espanhola nesse início de guerra. Busca, sobretudo, discutir as razões dos Estados ao tomarem posições dentro de um amplo espectro político, entrelaçado pelas nuances econômicas. Além de apresentar as relações brasileiras com os Estados Unidos e Alemanha. No ponto 1.2, ao aproximar as lentes de análise à relação do Brasil com a Espanha e a proteção exercida pela Espanha aos interesses alemães no Brasil a partir de 1942, é possível entender as cartas de Godofredo G. L. Luce dentro de seu âmbito doméstico — este fundamental ao estudo da política externa brasileira no período. Como afirma Cintra:

torna-se necessário delimitar o estudo da política externa no âmbito de um contexto maior, ou seja, uma determinada política externa não pode ser analisada apenas em função do conjunto de ações e burocracias formalmente envolvidas por ela. Seu estudo deve considerar não apenas a capacidade de intervenção e influência das partes envolvidas de forma direta e indireta, mas também o conjunto de interesses destas mesmas partes e que podem ser resultantes de barganhas cruzadas, ocorridas no âmbito doméstico.<sup>50</sup>

Este âmbito doméstico será destrinchado em três escalas ao longo deste trabalho. Neste primeiro momento, na escala Global ao incluir em sua agenda decisões econômicas, relações diplomáticas e de proximidade ideológica entre os presidentes dos três países aqui em destaque. Estes eventos do âmbito global acontecem em uma escala macro e depois, como veremos ao

---

<sup>49</sup> Importante pontuar que guardar estes recortes e cartas é bastante comum em Consulados.

<sup>50</sup> CINTRA, Rodrigo. **O processo de tomada de decisões em política externa: a importância dos lobbies**. São Paulo: Cedec, maio 2005, p.15.

longo dos capítulos, são interpretados pelos indivíduos em suas ações e impelem suas agências no trânsito de comunicação. A escolha por pensar esta escala dá-se, para além da importância do contexto, por ser um elemento que explora as cartas e os jornais como veículos de comunicação que transformam e ampliam a relação dos indivíduos com o espaço e com a escala macro, num momento que exacerba uma maior tensão sobre os questionamentos de suas posições políticas e seu pertencimento.

Da mesma forma que, ao compreendermos as cartas como veículo de comunicação é possível acompanhar, como afirma Revel, “o fio de um destino particular — de um homem, de um grupo de homens — e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais se inscreve”<sup>51</sup>. Evento que só será possível ao transitarmos entre as escalas da história buscando a pluralidade e as contradições internas e externas que carregam. Como insiste Revel, “variar o objetivo não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama” e desse modo, a importância de mudar as escalas de representação. Assim ao refletir sobre a cartografia, transitar entre escalas, nas palavras do autor, “não significa apenas representar uma realidade constante em tamanho maior ou menor, e sim em transformar o conteúdo da representação (ou seja, daquilo que é representável)”<sup>52</sup>. O micro e as agências, portanto, servem para atentarmos para os trânsitos de indivíduos em estruturas, que desse modo, são lentamente transformadas. A escala macro e o global ganham em densidade e nuances quando as qualificamos em sua maleabilidade, quando passamos, na variação de escalas, a atentar para essa possibilidade de transformação da presença e agência de indivíduos em suas conexões, caminhos e fluxos em espaços mais amplos, globais. Assim, nesse deflagrar de tensões na década de 1940, e tendo em mente os fios que os sujeitos tecem em torno de questões prementes de mundos distintos, mas conectados, as cartas remetidas nos dão algum acesso a esse espectro global e de como vivenciaram e se posicionaram.

### 1.1 “Pois quem anda aos porcos tudo lhe cheira”

“Peço desculpa, que me esqueci de apresentar minhas **sinceras felicitações** para o dia **18 de julho** ao senhor, que tão **dignamente** representa a **cavalheiresca Espanha**,”<sup>53</sup> eu li em uma carta enquanto catalogava pastas cheias de documentos digitalizados em meados de 2018.

---

<sup>51</sup> REVEL, Jacques (org.) **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 21.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>53</sup> Todos os grifos feitos nos recortes de cartas e jornais foram feitos pela autora.

A carta em questão foi escrita em 20 de agosto de 1942, por um médico parteiro residente em Jaraguá do Sul, em Santa Catarina. Enviada de Jaraguá do Sul, caneta-tinteiro preta, redigida à mão, endereçada para Feliciano Veiga Vieites, então Vice-Cônsul de Espanha em Florianópolis, na Rua Vítor Meireles n. 18.

Entre uma quantidade impressionante de documentos, me chamou atenção a forma com que esse indivíduo se direcionava aos representantes consulares em nome dos “súbditos alemães” residentes naquela cidade do noroeste de Santa Catarina. Uma frase que encerra a carta<sup>54</sup> ao agradecer e pedir outros favores aos representantes de uma “cavalheiresca Espanha”, remetia àquela arcaica dos militares e da igreja católica. A mesma que prevaleceu às forças do embate da Guerra Civil Espanhola (1937 – 1939) celebrada em 18 de julho, aniversário do Golpe militar do general Francisco Paulino Hermenegildo Teódulo Franco y Bahamonde Salgado Pardo, e deseja afastar qualquer miragem da Espanha cosmopolita, moderna e industrial que se ansiava construir.<sup>55</sup> Continua o remetente com sua intenção de aclamar este país: “que **sempre estimei** muito, mas ainda mais pelo seu **eminente chefe actual general Franco** e pelos seus chefiados com os seus **feitos heróicos** do Abrazar, Teruel etc., que lembram aos do passado como de Zaragoza e tantos outros!”<sup>56</sup> Cita logo o período do pior inverno espanhol desde 1917, ao mencionar a batalha de Teruel como um feito histórico. Batalha crucial para a vitória dos nacionalistas do “generalíssimo”<sup>57</sup> Franco, também a batalha mais sangrenta, abrindo os caminhos rumo à Catalunha esgotando quaisquer recursos do Exército Republicano. “Muito cordeaes saudações”, se despede.

O autor da carta traz à nossa atenção a volatilidade dos anos que antecedem a Segunda Guerra Mundial. E expõe que a relação triangular<sup>58</sup> tão falada entre o Brasil e Alemanha; Brasil e os Estados Unidos, tem um ponto de encontro e de inflexão nas tensões que resultam na

---

<sup>54</sup> A carta na íntegra está no anexo 27. Todas as cartas estão completas nos anexos.

<sup>55</sup> Sobre o Franquismo como anti-modernização Josep Buades, ao citar Ortega y Gasset afirma que “o país avançava perigosamente para um precipício. Como na famosa pintura de Goya, as duas Espanhas antagônicas estavam a ponto de debaterem-se até a morte. A disparidade regional do desenvolvimento econômico e social durante o século XIX e as primeiras décadas do XX produziu uma Espanha de duas velocidades, com um norte urbano e industrializado e um sul agrário. A idade contemporânea foi um permanente conflito entre as estruturas tradicionais e uma modernização parcial e incompleta.” BUADES, Josep. **Os Espanhóis**. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 171. Ver mais em: BEEVOR, Antony. **The Battle for Spain: The Spanish Civil War, 1936-1939**. London: Weidenfeld & Nicolson, 2006.

<sup>56</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-092, 1942.

<sup>57</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-092, 1942.

<sup>58</sup> Triângulo, pois percebi que em muitos livros sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra utiliza esta imagem pendular, quase como um metrônomo marcando o compasso da diplomacia brasileira entre os polos norte americanos e alemães. Alguns autores como Gerson Moura e Roberto Gambini utilizam a imagem do triângulo para descrever essa relação, que não se apresenta apenas nos âmbitos econômicos.

Guerra Civil Espanhola, em sequência dos fatos que invocavam dubiamente uma neutralidade no conflito mundial. Isso implica em mudanças no sistema internacional, substanciais no caso da conduta interna e externa brasileira no conflito.<sup>59</sup>

A polarização em solo brasileiro ao longo das décadas de 30 e 40 não é nenhuma novidade no campo da historiografia<sup>60</sup>. As visões maniqueístas viviam na administração da República e repercutiam o complexo jogo de forças ideológicas que rondavam o mundo. A lista é imensa, e o conflito Ibérico não conta nem um terço dos conflitos e efervescência das múltiplas novas constituições ao redor do globo. Havia a Itália fascista de Mussolini (1922 – 1943) e os discursos de desforra na Abissínia (Segunda Guerra Ítalo — Etíope), o sindicalismo nacional, anticomunismo, nacionalismo, antiliberalismo e uma densa e inflexível onda de propagandas do Estado, que aconteciam também em Portugal, com a instalação do Estado Novo Salazarista, em 1928.<sup>61</sup> No ano seguinte houve a quebra da bolsa de Nova York em 1929. No Oriente, a invasão da Manchúria em 1931, caminhava progressivamente em direção a um regime militarista, profascismo após a revolução Meiji do governo japonês e a consequente conquista de territórios, como a península coreana, ao que em julho de 1937 se tornaram em investidas contra outras áreas da China, ou o início da Segunda Guerra Sino-japonesa. Na América do Sul, durante os primeiros anos da década de 1930, a região do Chaco se viu encharcada de sangue frente à disputa do Paraguai e Bolívia.

Na Europa, com uma crise generalizada com preponderante domínio do espectro ideológico apontando a extrema-direita, as potências observaram sentadas e/ou com entusiasmo a ascensão de Hitler em 1933,<sup>62</sup> e aos diversos golpes de Estado latino americanos; frente a disputa entre o socialismo soviético e o corporativismo fascista, observamos a entrada histórica

---

<sup>59</sup> SOUZA, João Gabriel Fraga de Toledo e. **O jogo duplo espanhol: a política externa brasileira no contexto da guerra civil espanhola (1936 – 1939)** Marília: editora, 2017, p.15.

<sup>60</sup> Alguns exemplos são: HIRST, Mônica E. S. “O Processo de Alinhamento nas Relações Brasil-Estados Unidos, 1942 – 1945”. **Dissertação de mestrado**, IUPERJ, Rio de Janeiro, 1982; HILTON, Stanley E. “Brazilian diplomacy and the Washington-Rio de Janeiro ‘axis’ during the World War II era”, **Hispanic American Historical Review**, v. 59, May 1979; WOOD, Bryce. **The Making of the Good Neighbor Policy**. New York, Columbia University Press, 1961.; SILVA, Golbery do C. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.; GAMBINI, Roberto. **O Duplo Jogo de Getúlio Vargas**. São Paulo, Símbolo, 1977; CARVALHO, Carlos Delgado De. **História diplomática do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1998; OLIVEIRA, Lucia Lippi.(et. all) **Estado Novo: Ideologia e Poder**. Rio De Janeiro: Zahar, 1982.

<sup>61</sup> Sublinhe-se a tomada do poder e a instituição de uma ditadura liderada por Carmona em 1926 e que em 1928, devido à crise financeira interna, Carmona nomeou Salazar como Ministro das Finanças. Posteriormente, em 1932 Salazar tornou-se Primeiro Ministro. No entanto, o Estado Novo foi criado a partir da constituição de 1933.

<sup>62</sup> Sobre o nazismo como barreira ao comunismo ver em: RIBEIRO, Mariana Cardoso. Direito e autoritarismo, a expulsão de comunistas no Estado Novo (1937-1945). **Prisma Jurídico**, v. 7, n. 1, p. 163-184, 2008; JÚNIOR, Moacir Pereira Alencar. Conservadorismo Católico na Era Vargas (1930-1945): liberais, integralistas e comunistas segundo Plínio Corrêa de Oliveira. **Revista Sem Aspas**, v. 7, n. 1, p. 68-89, 2018; entre outros.

da URSS na Liga das Nações<sup>63</sup> em 1934 e a conseqüente retirada da Alemanha, da Itália e do Japão. Em 1937 foi instalado o “Estado Novo” brasileiro, comandado por Getúlio Vargas. Depois da organização de um governo provisório que colocou fim à Primeira República, e de preparar uma Constituinte entre 1933 e 1934, Vargas institui em 1937 o “Estado Novo”, com forte tendência nacionalista, autoritária e uma tentativa de reinvenção da identidade nacional. Na Espanha deflagra-se uma seqüência de crises, política e social, durante toda a década de trinta após a queda da ditadura de Primo de Rivera. Na seqüência, a abdicação do rei em 1931 e a instalação de um novo regime republicano com bases parlamentares e partidárias. Tantas alterações na estrutura de poder mundial apontavam já em 1929, as tendências fascistas emergentes. E, claro, como toda efervescência, se torna impossível traçar de uma única vez todas as bolhas deste contexto borbilhante. O fato é que, como bem demonstra o caso da Espanha (e a diplomacia brasileira também) e ao que aqui mais nos interessa: a neutralidade se torna uma estratégia muito mais lucrativa.

Em todos os cantos se observa o uso da palavra “neutralidade” para denominar aqueles que não se posicionaram abertamente sobre suas predileções durante a Guerra. Quanto mais se lê sobre decisões estatais, quanto mais se observam as diplomacias, mais evidente fica que o uso dessa palavra não abrange os significados presentes nos dicionários: imparcial, objetiva. Neutralidade é a condição daqueles que permanecem neutros frente aos microfones e nas manchetes de jornais. E não pelas redes que correm debaixo dos panos: nas mãos molhadas de dinheiro, nas ambições que se tornam autoritárias, se cheias de poder. É da neutralidade britânica e francesa frente às invasões nazistas ao leste europeu, da neutralidade da Liga das Nações frente à guerra ítalo-Abissínia, que estamos falando. Nos referimos a essa muito bem conhecida, e ainda em voga nas decisões do mundo de hoje. Essa neutralidade garante a exatidão da afirmação que mencionamos anteriormente: “quem anda aos porcos tudo lhe cheira.” Apesar de tudo que circunda a palavra “neutralidade” parecer uma ironia, está conforme as regras gerais do Direito de guerra, o direito de todo Estado em proclamar sua neutralidade.

---

<sup>63</sup> Criada em 1919 na conferência de Paz de Paris, a Liga das Nações entra em vigor em 1920 junto do Tratado de Versalhes. Dividida entre assentos temporários e permanentes, o novo órgão internacional que visava diminuir as rivalidades entre países, tornou-se como reflete Seitenfús e Rodrigues “(...) antes de mais nada uma aliança, inclusive militar, entre os vencedores, com o objetivo de impor uma situação aos vencidos. Nota-se, então, a dicotomia entre o princípio da construção de um novo sistema internacional e a prática da excludência – oriunda da visão conservadora do acordo.” A política externa brasileira ao longo dos anos 20 e 30 será em parte definida pela corrida para garantir um assento permanente na Liga. Ver mais em: RODRIGUES, José Honório; SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **Uma história diplomática do Brasil, 1531-1945**. Editora Record, 1995, p. 287.

A polissemia do conceito de “neutralidade” utilizado no parágrafo anterior considera que, seja nos trabalhos de política externa, seja nas noções de história, o Estado advoga para si a observação de distância ou de afastamento das questões políticas e éticas. Segundo Olga Kempinska, apesar de manterem a aparência de um simples estado neutro, é a necessidade de escolha entre dois campos de tensão onde as acepções históricas de “neutralidade” se desenvolveram e se desenvolvem, seja nas esferas da política externa ou interna.<sup>64</sup> O conceito sempre remete à existência de um conflito, mas a tomada de posição neutra nunca significa “nenhum dos dois” opostos, e, nesse sentido, um impasse teórico. Nas palavras de Kempinska “a questão da neutralidade frequentemente aparece como um impasse ou como um estado teoricamente desejável e, no entanto, impossível de ser atingido na prática.”<sup>65</sup> Sob esse ponto de vista, ser neutro não significa ser imparcial.

Para Schweitzer e Steiger, o significado de “neutralidade” em meio aos dois conflitos mundiais toma notas mais graves, e o que era de certa forma aceito anteriormente, é visto de forma muito mais crítica. Os autores afirmam que “A fortuna da neutralidade no século XX foi a mais instável. As duas guerras mostraram que a neutralidade não pode esperar nenhuma salvaguarda”<sup>66</sup>. Kempinska vai além, quando afirma que a neutralidade “encontra, nessa época, uma avaliação univocamente negativa. No decurso das duas grandes guerras, enfatiza-se com frequência a dimensão coletiva da segurança e, por causa disso, as tentativas de não tomar parte num conflito são vistas como, na realidade, um apoio ao inimigo.”<sup>67</sup>

A crítica ao conceito de neutralidade, portanto, pauta-se no questionamento da legitimidade ética e jurídica de manter-se neutro frente a um conflito de tamanha magnitude. Olga Kempinska utiliza a crítica barthesiana, que parte da noção de *iusta causa*<sup>68</sup>, de que no discurso da história ocidental tudo é estabelecido através do conflito. Ou seja, “toda tentativa de neutralidade, de evitar a escolha, resulta, nesse contexto, como fundamentalmente negativa e acaba sendo sempre um fracasso, pois no paradigma rígido não se pode não escolher e a não-

---

<sup>64</sup> KEMPINSKA, Olga Guerizoli, O conceito de neutralidade no discurso da história: entre os “Geschichtliche Grundbegriffe” e o “Le Neutre” de Roland Barthes, **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 2, n. 2, p. 210–219, 2009, p. 211.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 212.

<sup>66</sup> SCHWEITZER, Michael, STEIGER, Heinhard. “Neutralität”. In BRUNNER, Otto, CONZE, Werner, KOSELLECK, Reinhart. **Geschichtliche Grundbegriffe: Historisches Lexikon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland**. Stuttgart: Klett-Cotta, 1978, p. 331.

<sup>67</sup> KEMPINSKA, Olga. *Op. Cit.*, p. 215.

<sup>68</sup> A doutrina de *Iusta Causa*, que reaparece no Medievo, principalmente no período das cruzadas, tem como premissa a expressão: “quem não está comigo está contra mim”, ou “Uma *iusta causa* aparecia quando a guerra representava uma reação a uma injustiça. Consequentemente, não somente era proibido apoiar de qualquer maneira o lado injusto, mas também o fato de não tomar parte nesse conflito era considerado como uma infração às obrigações. In: SCHWEITZER e STEIGER. *Op. Cit.*, p. 319-320” *Ibidem.*, p. 214.

escolha também é uma escolha.”<sup>69</sup>. Segundo Barthes só existe a neutralidade, quando antes de uma ideia conectada ao conflito, se associe a um “espaço projetivo”, deslocando a neutralidade de uma confusão comum entre o conceito de tolerância. Nesse sentido, não é possível existir neutralidade, se o Estado neutro parte de dentro do conflito, como em um cabo de forças, apoiando-se estrategicamente mais para um lado do que para o outro. Para prosseguirmos com a análise, à vista disso, vê-se a necessidade de entender a neutralidade de um Estado na dimensão ética do discurso, elaborado inteiramente no conflito.

O estatuto do direito da neutralidade desenvolve-se profundamente desde 1856, resultado da Declaração de Paris sobre a guerra marítima<sup>70</sup>. Em 18 de outubro de 1907, foram compilados na Conferência de paz de Haia, na Holanda, pela primeira vez os direitos e deveres dos Estados que adotam a neutralidade. Desde então, diferentes regras dos direitos dos neutros foram admitidas: a Neutralidade diferencial e neutralidade integral clássica. As obrigações do Estado neutro num regime tradicional de neutralidade integral implicam na imparcialidade e abstenção. No entanto, o “desconhecimento desta dupla obrigação expõe-no a reações por parte do beligerante lesado, mas a aceitação por um Estado neutro das funções da potência protetora (v. supra, n° 581) não é contrária ao estatuto da neutralidade”<sup>71</sup>. Entender isso, se torna muito importante para pensarmos as matérias de jornais que serão expostas a seguir, visto que na neutralidade integral, apesar de conservar o direito de comerciar livremente com os beligerantes, o Estado neutro fica proibido de entregar ou comercializar produtos que configurem reforço à potência militar ou sustentar de alguma maneira o conflito. Todo produto neste sentido seria considerado contrabando de guerra, e caso haja envolvimento diplomático, este seria considerado *persona non-grata*.<sup>72</sup> Já a neutralidade diferencial, consagrada indiretamente na Convenção de Genebra de 1949 (portanto depois dos eventos aqui interpelados e narrados), engloba situações intermediárias, decorrentes da Segunda Guerra Mundial, entre a guerra e a neutralidade. O Estado estaria em estado de não-beligerância, e não de neutralidade. O conceito parte do pressuposto de intervenção no conflito sem participação direta, podendo o

---

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 215.

<sup>70</sup> No entanto, sobretudo nas duas convenções de Haia de 1907, onde houve a primeira declaração de estrita neutralidade de vários estados sobre a guerra russo-japonesa (1904 – 1905).

<sup>71</sup> NGUYEN, Quoc Dinh; DAILLIER, Patrick; PELLET, Alain. **Direito internacional público: formação do direito, sujeitos, relações diplomáticas e consulares, responsabilidade, resolução de conflitos, manutenção da paz, espaços internacionais, relações económicas, ambiente**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p.1004.

<sup>72</sup> Segundo o direito internacional, “Na prática, alguns Estados têm, contudo, uma concepção singularmente extensa da função de informação dos seus agentes diplomáticos. Se um Estado acreditador adquirir a convicção de que um diplomata estrangeiro se entrega a atividades ilícitas de informação ou espionagem, pode declará-lo *persona non grata* e ordenar-lhe que abandone o seu território”. Ver em: *Ibidem* p. 824-859.

Estado não-beligerante escolher um campo ideológico, sem sair totalmente da zona de neutralidade.<sup>73</sup>

Para investigar os posicionamentos estatais e entender os caminhos das cartas de Godofredo G. L. Luce é fundamental entender o contexto mais abrangente do momento e em que passo estavam as relações diplomáticas brasileiras com a Espanha e a Alemanha, não só durante o ano de 1942, mas também os anos que precederam a ruptura das relações diplomáticas com a Alemanha. Para além das mudanças políticas internas, que serão trabalhadas no capítulo 2, o momento é de intensas transformações no campo das relações internacionais. Como consequência imediata da guerra e frente aos problemas políticos e econômicos, o governo brasileiro era pressionado a ter uma posição clara frente ao Eixo.<sup>74</sup> O país dependia substancialmente do setor de exportação, sendo esse um dos motivos pelo qual buscou manter um certo equilíbrio pragmático entre às duas grandes potências adversárias, Estados Unidos e Alemanha, adotando estrategicamente uma posição de neutralidade com relação à guerra até meados de 1942. Isso explica, por exemplo, porque até o início de 1940, apesar de estar em plena decadência, manteve o comércio com a Alemanha seguindo as regras do sistema de compensação.<sup>75</sup> É certo que dar tamanha importância a este sobrevoos ao contexto global corre-se certo risco de cair em uma história um pouco ingênua de uma história política cronológica, episódica de eventos dos Estados, como se estivesse montando um quebra-cabeça de “fatos” sobrepostos no tempo. No entanto, pensar uma certa narrativa dos acontecimentos políticos, suas nuances e complexidades num quadro um pouco mais geral forma um efeito de conjunto ou conjuntura, necessários para observarmos os pontos de pouso; no caso deste trabalho a rede estabelecida entre um médico parteiro de Jaraguá do Sul, o contexto brasileiro frente a imigração e as casas consulares espanholas.

A “neutralidade” espanhola durante a Primeira Guerra Mundial garantiu uma posição importante na Europa na década de 1920. Com grande crescimento de produtos alimentícios e da indústria, o país começa a alimentar a entente anglo-francesa, aumentando exponencialmente suas características de exportação. Os lucros resultantes desse processo sustentaram o sucesso

---

<sup>73</sup> *Ibidem*, p.1005-1006.

<sup>74</sup> Ver mais em: ABREU, Marcelo de Paiva. **Brazil and the world economy, 1930-1945: aspects of foreign economic policies and international economic relations under Vargas**. Cambridge, s. ed., 1977. 301 p. Tese (Doutorado em Filosofia) Univ. of Cambridge, 1977.; DE MELO, Alvaro Artur Guedes. **O Pan-Americanismo no Estado Novo: mídia e relações internacionais**. 2005. Dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências humanas, Programa de Pós-graduação em História, Orlando de Barros (dir.), Rio de Janeiro, UERJ.

<sup>75</sup> Após a crise de 1929 a Alemanha adotou o comércio de compensação, ou seja, trocas de mercadorias sem a necessidade de mediação da moeda forte. Ver em: SOARES, Frederico Lamago de Teixeira. Análise econômica da parceria Brasil-Alemanha no contexto das relações entre o Mercosul e a União Européia. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 43, p. 87-107, 2000.

dos projetos do governo de Primo Rivera (de 15 de setembro de 1923 a 28 de janeiro de 1930). A classe operária, no entanto, pressionava cada vez mais o patronato e a monarquia. A Crise de 1929 trouxe de volta a crise governamental, uma sucessão de fracassos nos planejamentos dos monarquistas levou o rei Afonso XIII ao exílio e o Partido Republicano espanhol ao poder, instaurando a II República espanhola. Em 1931 ocorreram reformas estruturais na Espanha, a partir de uma constituição secular de centro-esquerda. Essa Espanha dos republicanos pouco tinha a ver com a Espanha saudosista à monarquia, católica apostólica romana, tradicionalista. Poderíamos seguir com mais adjetivos: ruralista, militarista, nacionalista. Em 1933, novas eleições. 1935, crise governamental pautada em um esquema de corrupção. A dualidade das coalizões, *front* popular e *front* nacional, levou o país às eleições mais disputadas até aquele momento. Mais uma vitória da República. Algo que vimos em muitas partes do globo, é a mistura de uma classe tradicionalista intolerante e militarizada nunca aceitar de bom grado: é a derrota. O golpe veio em julho de 1936 e terminou três anos depois, em abril de 1939. Falangistas, carlistas, monarquistas afonsinos, e os demais partidos de direita adentravam o país, unidos às forças militares. Dividida entre a zona republicana, legalista, com a população civil armada e a zona nacionalista, militar com exército e apoio internacional, a Espanha fora transformada em um grande laboratório político e militar.<sup>76</sup>

Aqui é que entra o 18 de julho mencionado na carta de Godofredo G. L. Luce. Qual o interesse do autor ao aclamar um golpe militar, que atacou, por exemplo, o País Basco, onde os nacionalistas de Franco foram auxiliados por contingentes dos exércitos nazistas? Um rastro do auxílio militar italiano e alemão no Marrocos espanhol, Granada, as Galícias, Córdoba e Sevilha, podia ainda listar Aragão, Leão e as Ilhas Canárias, Velha Castela, as Ilhas Baleares, os Pirineus. Marchavam à Madri. Mensagem nada velada. Nem uma linha de dissimulação.<sup>77</sup> Pela maneira como se coloca em sua escrita, o interlocutor sabia a quem se dirigia e compartilhava das mesmas opiniões políticas. Apoio ao golpe e à ditadura do “Generalíssimo” Franco.

---

<sup>76</sup> Explicar o movimento político espanhol no período anterior à Segunda Guerra Mundial é importantíssimo para entender a posição de insistente “neutralidade” no cenário global. Como afirma Bowen: “Spain during the WWII was not a fascist state, but instead an authoritarian, nationalist, and catholic dictatorship under the personal command of its dictator, Generalíssimo Francisco Franco. However, the only legal political party in Spain, The Falange Española tradicionalista y de los J.O.W.J was a fascist party, inspired by the example of its murdered founder, José Antonio Primo de Rivera.” BOWEN, Wayne H. **Spain during World War II**. University of Missouri Press, Columbia, 1968, p. 5.

<sup>77</sup> “Peço desculpa, que me esqueci de apresentar minhas sinceras felicitações para o dia 18 de julho ao senhor, que tão dignamente representa a cavalheiresca Espanha, que sempre estimei muito, mas ainda mais pelo seu eminente chefe actual general Franco e pelos seus chefiados com os seus feitos heróicos do Abrazar, Teruel etc, que lembram aos do passado como de Zaragoza e tantos outros!” Em: Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-092, 1942.

O apoio das forças fascistas estrangeiras<sup>78</sup>, e as tropas estrangeiras “voluntárias” (por exemplo, as forças marroquinas – “cipaios espanhóis”) foram cruciais para a derrota dos republicanos espanhóis, sustentando a afirmação de que esta não foi uma guerra espanhola, mas sim europeia. Não foram só as intervenções que trouxeram o estampido — com o fornecimento de milhares de soldados italianos por Mussolini, e o apoio da Legião Condor (o comboio aéreo e do exército fornecido pelo Terceiro Reich) — como foi também o importante papel do forte silêncio da Grã-Bretanha e da França, que como afirma Simon Schama, escondiam a impotência “atrás de uma máscara de neutralidade”<sup>79</sup>.

Poderíamos usar inúmeras interrogações ao especularmos os desfechos, se os ditos neutros utilizassem mais pausas de semibreves ao invés de fusas<sup>80</sup>. Mas muito barulho foi produzido nesses entremeios e se torna ilógico questionarmos o “e se”. O certo é que, como afirmou o editorialista da revista *L’Histoire*, “Os fantasmas da Espanha também são fantasmas europeus”<sup>81</sup>.

Esta política de não intervenção dos países europeus, refletiu consideravelmente na relação dos países da América Latina sobre o conflito. No caso do Itamaraty, procurou aprofundar a relação comercial bilateral hispano-brasileira logo no início da década de 30. Mas mesmo o pragmatismo flexível do governo brasileiro, jogando seus dados ao redor do globo, não poderia aceitar um tema tão assustador para as oligarquias brasileiras como o da reforma agrária, pauta levantada pelo Partido Republicano. Já assombrado pelas vozes tenentistas que ainda percorriam as ruas, quando os republicanos espanhóis levantam uma das maiores campanhas para a libertação de Prestes<sup>82</sup>, essa relação não se sustenta. Eram os traços característicos daquele clima polarizado do cenário global: essa luta quase esquizofrênica contra os elementos comunistas e socialistas, ou qualquer esquerda organizada. A partir de

---

<sup>78</sup> “(...) as múltiplas solidariedades do lado da República espanhola não devem fazer esquecer que os combatentes estrangeiros foram bem mais numerosos no campo franquista: soldados indígenas marroquinos integrados nas tropas coloniais do Tercio, 19.000 alemães e 73.000 italianos, 10.000 portugueses enviados por Salazar. E mesmo 700 irlandeses voluntários, comandados pelo general ultra católico O’Duffy, líder do fascismo irlandês” Em: YUSTA, Mercedes. Une guerre européenne. *L’Histoire*, n. 9, p. 52-53, 2016, p.53.

<sup>79</sup> SCHAMA, Simon. **O poder da Arte**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Ver principalmente o capítulo 5: Picasso, a arte moderna se torna política.

<sup>80</sup> Fusa e semibreve, são símbolos, figuras rítmicas que demarcam o tempo das notas musicais em uma partitura. Uma semibreve tem a duração de quatro tempos, ao passo que uma fusa tem a duração de 1/8. Assim seria possível tocarmos 32 fusas em uma única semibreve.

<sup>81</sup> **L’HISTOIRE**, Editorial. “Pourquoi la République a perdu”. 2016, p.3 disponível em: . Acesso em: 27.04.2021. <https://www.lhistoire.fr/editorial/pourquoi-la-r%C3%A9publique-perdu>. Acesso em: 27.04.2021.

<sup>82</sup> Ver mais em: BUADES, Josep M. **A guerra civil espanhola**. Editora Contexto, 2013. Também: SOUZA, I. I. de. A diplomacia brasileira e a Guerra Civil Espanhola. **Revista Hades**, /S. l./, v. 1, n. 1, p. 1–14, 2017. DOI: 10.34024/hades.2017.v1.7955. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hades/article/view/7955>. Acesso em: 13 outubro, 2021.

então — e analisaremos melhor no capítulo 2 — o governo de Getúlio Vargas elabora dentro de suas novas instituições uma campanha sistemática de repressão.

Inserido nesse contexto, o autor das cartas, Godofredo Guilherme Lutz Luce, circulava no nordeste catarinense como médico geral e parteiro. Em 1942<sup>83</sup> inicia a rotina de escrever cartas direcionadas à embaixada espanhola. Ele requisitava auxílio das casas consulares espanholas aos teuto-brasileiros, que estavam desamparados após o rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, além de “denunciar”<sup>84</sup> o uso da força policial brasileira.

Em 9 de maio de 1942, Godofredo escreve ao Vice-Cônsul espanhol, que para “Os effectos,” que pôde constatar, “foram que na hora da entrega da referida carta registrada, precisamente às 10 horas,” já dando suspeitas ao leitor sobre a existência posterior deste canal de comunicação, antes mesmo dos fatos aqui registrados. Nesta carta, descreve a situação de teuto-brasileiros que vinha acompanhando já há um mês. Mätheus Weh, Friedrich Purnhagen e Joachim Ernst Joesting haviam sido presos, alguns dias antes, em suas casas. Nessa passagem da carta, Godofredo relata que “começou com uma grande pressa a **demolição da vergonhosa cadeia pública** de Jaraguá, situada no cemitério público do lugar de maneira que “beber água de defuncto” aqui é estar prezo n’esta cadeia,”. A demolição da cadeia pública de Jaraguá<sup>85</sup> “que agora, como soube deve ser reconstruída no mesmo lugar **para esperar a visita do senhor Embaixador Fernando Cuesta**”, o então embaixador espanhol no Brasil, que pela primeira vez realizou uma longa viagem do Rio de Janeiro a Jaraguá do Sul, para realizar a sua primeira visita aos detentos teuto-brasileiros, sendo essa uma função dos vice-cônsules.

Visita, como hipótese, acredita-se ter acontecido visto que em passagem de carta encaminhada em 21 de agosto de 1942, Godofredo G. L. Luce afirma ter encontrado o Cônsul por duas vezes:

De posse desd’o dia 15 do m.c. de Vossa estimada carta datada 14.8.42, espero em primeiro lugar, que a forte “gripe” no decurso ‘esta semana melhorou muito **de maneira que o amigo, que gostei muito de ver e fallar 2 vezes em pessoa,** já será capaz de se dedicar aos afazeres consulares, que são tão complicados, como vejo todos os dias.<sup>86</sup>

---

<sup>83</sup> Até onde a documentação me permitiu averiguar.

<sup>84</sup> Escrevo entre aspas por que não me vale saber se as denúncias feitas por Godofredo G. L. Luce são de fato reais, exageradas ou falsas. O que busco analisar são as narrativas incongruentes das diversas fontes e da análise do contexto, assim como as conexões que ele consegue estabelecer através de suas redes.

<sup>85</sup> Assunto será investigado melhor no capítulo 3.

<sup>86</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fondo 12, n. 54-14685-095/96, 1942.

## 1.2 Diplomacia brasileira entre, Alemanha, Espanha e EUA

Desde a Primeira Guerra Mundial o Itamaraty vinha adotando uma nova postura universalista na nova conjuntura internacional. Objetivava-se principalmente um espaço na Liga das Nações. Desejo, logo fracassado, ao votar pelo veto da entrada da Alemanha na Liga. Isolado, sem o apoio dos países latino-americanos, afastado definitivamente do novo centro de poder das relações internacionais — ao agir contra uma resolução do Tratado de Versalhes — o país, no final da década de 20 aprofunda suas relações hemisféricas, já mostrando seu caráter de dependência com o governo estadunidense. Logo em 1929, fica evidente a frágil economia brasileira com a brutal desvalorização da moeda nacional e as crises na política interna, muito em decorrência da quebra da bolsa de valores. É no governo provisório de 1930, junto às reformas administrativas, que a legitimidade internacional brasileira começou a mudar. Buscavam-se relações comerciais, esforços bilaterais do Itamaraty e uma nova visão multilateralista do comércio exterior brasileiro. Em 1933 o PIB brasileiro voltou a apresentar números positivos. No ano seguinte, o governo provisório, por eleições indiretas, consolidou-se formalmente. O governo brasileiro, como afirma Rubens Ricupero

Se não no rigor totalitário e na organização unipartidária das massas, (...) se exibia no caráter antidemocrático e na brutalidade repressiva afinidades evidentes com os regimes similares que se espalhavam pelo mundo sob a forma do fascismo puro ou de variantes, como o salazarismo (do qual copiou o nome, “Estado Novo”), o franquismo, o corporativismo<sup>87</sup>

Getúlio Vargas, logo no início de seu governo, já deixou transparecer um dualismo perigoso ao nomear como chanceler José Carlos de Macedo Soares (no ano seguinte passou ao M. Pimentel Brandão) e como ministro das relações exteriores Oswaldo Aranha. Soares e Brandão, admiradores dos novos governos italianos e alemães, não demoraram muito para entrar para o sistema de escambo moderno de Schaacht, ministro das finanças alemão. Sistema conhecido como “comércio de compensação”, assegurava um incremento no comércio exterior do país com exportadores de matérias-primas e o abastecimento de produtos manufaturados. As negociações ocorriam sem moeda de ouro, eram realizadas por marcos de compensação (marcos Aski<sup>88</sup>), de maneira equilibrada e diretamente com o Banco Central alemão. Desde 1935 o Brasil substituiu a Argentina como maior parceiro comercial da Alemanha na América Latina.<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> RICUPERO, Rubens. **A diplomacia na construção do Brasil: 1750 – 2016**. Versal Editores, 2017, p. 352

<sup>88</sup> ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado**. Edições Loyola, 2002, p. 50.

<sup>89</sup> Ver mais em: RINKE, Stefan. Alemanha e Brasil, 1870-1945: uma relação entre espaços. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 21, n. 1, p. 299-316, 2014.

Por outro lado, Oswaldo Aranha aprofundava as relações brasileiras com Roosevelt, dando início a política de boa vizinhança a partir de Washington.<sup>90</sup> No caso dos EUA reinava o livre-comércio com uso de moeda e ouro<sup>91</sup>, transformando a então política comercial protecionista estadunidense através da assinatura em 1934 dos Acordos Comerciais Recíprocos indo ao encontro do desejo brasileiro de uma maior liberalização dos comércios bilaterais<sup>92</sup>. Igualmente como no caso alemão ainda em 1935 o Brasil assinou um tratado comercial quando ambos os países se comprometem a serem “a nação-mais-favorecida em suas relações comerciais recíprocas”<sup>93</sup>. Com uma política comercial claramente ambígua, o silêncio das autoridades brasileiras recaiu sobre a relação comercial com a Alemanha. Não se admitia publicamente que por baixo dos panos, em termos informais, o comércio compensado com o Reich era tão ou quão importante para o desenvolvimento industrial brasileiro, quanto o comércio com os Estados Unidos.<sup>94</sup>

É importante mencionar que o cenário econômico mundial passava por grandes modificações, muito pela grande depressão do início da década de 30, mas principalmente pelos desejos autárquicos que as grandes potências mundiais como a Rússia, Alemanha e os Estados Unidos pareciam almejar. O Reino Unido e a França nesse cenário de falência do livre-comércio e de projeção de um mercado externo em ascensão mantinham-se centradas na órbita imperial, assegurando as negociações de importação de seus protetorados e colônias.

As relações com a Alemanha nazista, eram ao Brasil extremamente benéfico. Segundo Vagner Camilo Alves, a Alemanha era naquele momento o principal consumidor de algodão, fumo, borracha, couro e peles, além de ser o segundo maior consumidor do café brasileiro.<sup>95</sup> Além disso, a instalação do Estado Novo em 1937 foi celebrada pelos regimes ditatoriais

---

<sup>90</sup> Apenas a título de observação, a Política de Boa vizinhança teve o seu início ainda no governo do republicano Herber Hoover. O que ocorreu de fato é que ela ganha corpo e uma nova reconfiguração durante as administrações de Roosevelt.

<sup>91</sup> “Percebemos assim que, assim como fizera no contexto da crise ítalo-abissínia, o governo brasileiro resistiu às pressões da opinião pública mundial afim de consolidar objetivos próprios de sua política externa, agindo de forma pragmática e concisa no que acreditava ser a defesa intransigente dos interesses nacionais brasileiros. Esta resiliência da política externa brasileira seria testada a partir do final de julho de 1936, quando uma porção das forças armadas espanholas organizou um golpe de estado contra o governo recentemente eleito, dando início a Guerra Civil Espanhola e a uma das maiores crises diplomáticas da primeira metade do século XX”. SOUZA, João Gabriel Fraga de Toledo e. *Op. Cit.*, p.42.

<sup>92</sup> “Em 1934 o Congresso aprovará a Lei de Acordos Comerciais Recíprocos, facultando ao Poder Executivo a negociação de tratados comerciais bilaterais, onde se buscava a liberalização do comércio através da minoração de barreiras alfandegárias em bases bilaterais.” ALVES, Vagner Camilo. *Op. Cit.*, 2002, p. 51.

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 57.

<sup>94</sup> Ver mais em: RAHMEIER, Andrea Helena Petry. **Relações diplomáticas e militares entre a Alemanha e o Brasil: da proximidade ao rompimento (1937-1942)**. Tese (Doutorado) -- Faculdade de Filosofia e Ciências de Humanas do Programa Pós-Graduação PUCRS, 2009.

<sup>95</sup> ALVES, Vagner Camilo. *Op. Cit.*, 2002, p. 66.

européus como “uma mostra de que a democracia liberal estava em irremediável decadência, e de que o futuro político-institucional pertencia aos chamados regimes fortes”<sup>96</sup>.

Como afirma Andrea Helena Petry Rahmeier, com uma política interna indefinida uma documentação diplomática onde carece de clareza, pelo menos até 1937, “impediu projeções futuras sobre a política externa a ser adotada”<sup>97</sup>.

No entanto, já no final de 1940, os Estados Unidos iniciam uma grande campanha<sup>98</sup> não só econômica, como política e cultural em toda América Latina, e um dos principais alvos não poderia deixar de ser o Brasil. De 1938 ao final de 1941 o governo brasileiro mantém sua posição de neutralidade em relação à Guerra, e apesar da grande queda comercial com a Alemanha, busca garantir o mantimento do equilíbrio pragmático entre as grandes potências.<sup>99</sup>

Nas palavras de Rubens Ricupero, o então denominado “pragmatismo condescendente” do governo brasileiro frente a seus parceiros comerciais durante

(...) os anos de Vargas sempre fascinaram os estudiosos, que rivalizaram na invenção de fórmulas de impacto para captar a essência da política externa brasileira desse tempo: jogo duplo, diplomacia pendular, equidistância pragmática. Com exagero maior ou menor, o que tais expressões se esforçam em detectar não é tanto uma real possibilidade de opção político-estratégica pelo nazismo alemão e sim o oportunismo de explorar as chances de ganhos econômicos e comerciais enquanto foi isso exequível, isto é, até o envolvimento dos Estados Unidos na guerra.<sup>100</sup>

Com a forte pressão estadunidense em toda a América Latina, os grandes investimentos em armamento, os milhões de dólar investidos em siderúrgicas<sup>101</sup> e o bloqueio continental, o Brasil decide romper as relações diplomáticas com as potências do Eixo. Isso ocorreu na Terceira Reunião de Consultas, no Palácio Tiradentes, em 28 de janeiro de 1942, em conjunto com outros países da América Latina: Peru, Equador, Paraguai, Bolívia e Uruguai.

O plano conhecido como “cartel de Roosevelt” teve sucesso a partir da conferência de Havana em 1940, com a implantação da Política da Boa Vizinhança. Como afirma Gambini, “apoiavam-se num esquema econômico que visava o estabelecimento de um sistema continental pan-americano para anular o projetado sistema pangermânico”<sup>102</sup>, eliminando o

---

<sup>96</sup> *Ibidem*, p. 63.

<sup>97</sup> RAHMEIER, Andrea Helena Petry. *Op. Cit.*, 2009, p. 95.

<sup>98</sup> Ver mais em: TOTA, A. P. **Imperialismo Sedutor** - A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

<sup>99</sup> MOURA, Gerson. **Relações exteriores do Brasil 1939 – 1945. Mudanças na Relação Brasil os Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Munag: Brasília, 2012, p.59.

<sup>100</sup> RICUPERO, Rubens. *Op. Cit.*, p. 351.

<sup>101</sup> *Ibidem*, p. 353.

<sup>102</sup> GAMBINI, Roberto. *Op. Cit.* 1977, p.43.

quase monopólio de exportações alemão. O objetivo só foi atingido no final de 1941 pelos Estados Unidos quando já contavam com um bloco consistente de poder,<sup>103</sup> agrupando praticamente todo o hemisfério ocidental.<sup>104</sup>

Outro ponto que deve ser mencionado é a proposta estadunidense de definições espaciais em respeito aos navios dos países neutros, que saíram vitoriosos com apoio brasileiro, já em 1939, na 1ª reunião de consultas, no Panamá. Ficou definida uma faixa de neutralidade hemisférica que abrangia toda a costa atlântica, incluindo o Cabo Horn, até a fronteira entre EUA e Canadá, totalizando cerca de 300 milhas (ca. 483 km) náuticas.<sup>105</sup> Favorável aos britânicos e aos norte-americanos, essa medida só modificou os números de importação e exportação entre essas potências e os países hemisféricos. Os resultados não surpreendem dada a imensa magnitude dos espaços marítimos limítrofes às margens do continente: era impossível aos países latino-americanos realizar uma patrulha, resultando uma implementação quase nula em termos militares. Neste período, as ações dos submarinos alemães se limitavam às intermediações próximas à Islândia (leste do meridiano 15) e Marrocos espanhol (norte do paralelo transversal ao Tanger)<sup>106</sup>. No segundo semestre de 1941, os EUA e a Marinha de Guerra alemã se envolveram abertamente em combates navais, principalmente no pacífico, como também em toda a área de patrulha norte-americana. A ordem do presidente Roosevelt era disparar a partir do contato visual com embarcações militares alemãs e italianas. (Vale ressaltar que nesse momento já havia ocorrido o ataque da Marinha Imperial japonesa à base norte-americana Pearl Harbour no Havaí.) Iniciou-se a guerra submarina total contra os aliados.<sup>107</sup>

É neste momento, também, que o governo brasileiro cede à insistência estadunidense liberando as bases aéreas americanas no Nordeste brasileiro, fruto de sua posição geopolítica estratégica. Para além da localização, os ventos facilitavam muito as navegações e os voos para

---

<sup>103</sup> Interessante pensar e recentemente descoberta uma vasta documentação sobre o Plano Rubber, que reforça a afirmação do Nordeste como posição geopolítica estratégica para os EUA e o temor norte-americano de que o Brasil entre para guerra com o Eixo.

<sup>104</sup> Com exceção do Chile e da Argentina. Ver mais em: NOCERA, Raffaele. Ruptura con el eje y alineamiento con Estados Unidos: Chile durante la Segunda Guerra Mundial. **Historia (Santiago)**, v. 38, n. 2, p. 397-444, 2005; RAPOPORT, Mario. Argentina y la Segunda Guerra Mundial mitos y realidades. **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**, v. 6, n. 1, 1995; Pereira Ferrer, Jorge Luiz; Zhebit, Alexander; Teixeira da Silva, Francisco Carlos Sobre as políticas externas da Argentina, do Brasil e do Chile com relação à Alemanha, aos Estados Unidos e à Itália entre a Conferência de Lima e a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1938-1942) *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 16, núm. 2, mayo-agosto, 2012, p. 547-569.

<sup>105</sup> “Excluíam-se desta os espaços marítimos circundantes às colônias de países europeus que não estivessem sob a reclamação de qualquer país americano” ALVES, Vagner Camilo. *Op. Cit.* 2002, p.84.

<sup>106</sup> *Ibidem*, p.88.

<sup>107</sup> *Ibidem*, p.125.

a Europa. As bases no Nordeste brasileiro iriam servir como um grande local de passagem de aviões e materiais de guerra que deveriam ser entregues à Inglaterra e à URSS, na África, Europa e Extremo Oriente.

Ambas as partes, Alemanha e EUA, tratavam a neutralidade brasileira como “conflito europeu vigente”; “conflito em potencial”<sup>108</sup>. No entanto, até 1941, o governo brasileiro conseguiu levar este “jogo duplo”, gerenciando acordos silenciosos com ambos os lados, sem nenhum pronunciamento oficial sobre o tema. Até 1940, o próprio Getúlio Vargas mantinha contato pessoal com as duas administrações.

Por exemplo, em meados de 1940, o Governo de Getúlio Vargas recebe uma série de propostas tanto do lado alemão quanto dos norte-americanos. Principalmente sobre a construção de siderúrgicas. Apesar da forte pressão dos EUA sobre os acordos com o Brasil, o embaixador alemão Kurt Prüfer<sup>109</sup> é recebido pelo próprio presidente do Brasil para tratar das propostas econômicas. Jefferson Caffery, embaixador norte-americano no Rio de Janeiro prontamente ao saber dos encontros, encaminha ao Secretário do Estado:

Se os alemães fornecerem os armamentos e financiarem a siderurgia, ou se eles fizerem apenas um dos dois, seria inútil para nós alimentar qualquer esperança de que poderemos manter nossa presente posição no Brasil. É igualmente inútil falar sobre nossos planos econômicos ou financeiros em grande ou pequena escala se não resolvermos esses dois assuntos... Chegou o tempo em que devemos decidir se manter o Brasil fora da órbita alemã justifica que se corra estes riscos, e se eles são de fato riscos<sup>110</sup>

É na conferência de Havana que acordos internacionais são assumidos por praticamente todos os países da América Latina, com exceção do Chile e da Argentina<sup>111</sup> que mantêm sua neutralidade. Reavaliados e com maior afinco, assumidos publicamente (Peru, Equador, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Brasil) e, na conferência do Rio de Janeiro, em 28 de janeiro de 1942. O principal dos acordos assumidos era o rompimento com as potências do Eixo. Relevante mencionar que o México, Colômbia e Venezuela declararam guerra aos países

---

<sup>108</sup> MOURA, Gerson. *Op. Cit.*, p. 58.

<sup>109</sup> “O embaixador alemão do Brasil no Rio Janeiro, Curt Max Prüfer, foi nomeado em junho de 1939 em substituição a Karl Ritter, que fora declarado *persona non grata* no tempo do Estado Novo. Em janeiro de 1942, o Brasil rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo — Alemanha, Itália e Japão —, e Prüfer foi obrigado a deixar o posto, retornando a seu país.” CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **A Guerra do Atlântico na costa do Brasil: rastros, restos e aura dos u-boats no litoral de Sergipe e da Bahia (1942-1945)**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2017, p. 2.

<sup>110</sup> GAMBINI, Roberto. *Op. Cit.*, 1977, p.133-134.

<sup>111</sup> Os motivos para o mantimento da neutralidade são substancialmente distintos entre os dois países. Se a Argentina tinha fortes indícios de apoio às ideologias dos países do eixo, o Chile liderava uma forte campanha anti-americana regida por uma república presidencialista. O Chile só declarará guerra contra o Eixo em 1943. A Argentina permanecerá neutra até o fim da guerra.

do Eixo antes da conferência do Rio de Janeiro. A Costa Rica declarou guerra ainda em 1941, antes mesmo dos EUA.

Como afirma Gerson Moura “O ano de 1942 foi crucial para a política externa brasileira. Em oito meses ela passou de uma política de declarações retóricas de solidariedade para uma firme aliança com os Estados Unidos.”<sup>112</sup> Em maio deste ano, o ministro da fazenda Souza Costa assinava acordos militares e econômicos em Washington, liberando a entrada de bases militares americanas no nordeste do Brasil.

A “Guerra do Atlântico” ganha muita força a partir desse momento, muito pela mudança na estratégia de guerra alemã após a derrota na *Blitzkrieg*. Com as baixas alemãs na guerra<sup>113</sup>, a Alemanha visava o ataque à marinha mercante dos aliados visando bloquear a comunicação e abastecimento da URSS vindo do Atlântico, e a arma para tal feito eram os submarinos. Alves afirma que em junho de 1942, “Hitler comentava que a guerra submarina era o segundo mais importante objetivo militar alemão, superado somente pela ofensiva de verão que o exército estava para lançar no setor sul do *front* oriental.”<sup>114</sup> Não é à toa que em maio a Marinha Mercante Brasileira já havia perdido 6 embarcações que navegavam no Atlântico Norte. Sem a exatidão do número de submarinos que atuaram na costa brasileira durante o ano de 1942, nos interessa os ataques do U-507 entre 15 a 20 de agosto, onde 6 navios e uma barcaça<sup>115</sup> foram afundados em uma espécie de *Blitzkrieg* naval no litoral da Bahia e Sergipe. A neutralidade brasileira, com as horas contadas, acabou em definitivo em 31 de agosto de 1942, quando o governo brasileiro assinou o reconhecimento do estado de beligerância com a Alemanha e a Itália, acordado em 22 de agosto de 1942.<sup>116</sup> Foi preciso 9 dias para o documento oficial ser assinado.

O envolvimento do Brasil na guerra deu-se de todas as maneiras. Inclusive com o envio de cerca de 25 mil soldados da Força Expedicionária brasileira (FEB) para as campanhas na Itália e 400 soldados de apoio da Força Aérea Brasileira (FAB), e perifericamente, apesar de gerar grande poder de barganha essa posição temporária de vantagem, tornou o conflito economicamente positivo para o país.

Após tomada a decisão, Getúlio Vargas faz um discurso pouco esclarecedor, como quem se esquivava das decisões ou como quem apenas acata ordens, disse: “protestastes com

---

<sup>112</sup> MOURA, Gerson. *Op. Cit.*, p. 81.

<sup>113</sup> Principalmente nos combates na Rússia e na França.

<sup>114</sup> ALVES, Vagner Camilo. *Op. Cit.*, 2002, p.161.

<sup>115</sup> Os seis navios mencionados eram Baependi, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba, Arará, Jacira e Hammaren.” CRUZ, Luiz Antônio Pinto. *Op. Cit.*, p. 3.

<sup>116</sup> *Ibidem*.

indignação, solicitastes por todas as formas de expressar a vontade popular que o governo declarasse guerra aos agressores, e assim foi feito”<sup>117</sup>. Plínio Pitaluga e Luiz Antônio Pinto Cruz entendem que foi preciso o Brasil perder embarcações, vidas humanas e principalmente conseqüências no comércio exterior para assumir uma posição minimamente coerente, que modificasse sua conduta com os países do Eixo. Além disso, Cruz argumenta que a humilhação e o sentimento de inferioridade<sup>118</sup> advindas das várias baixas ao longo do ano de 1942, fizeram com que o governo brasileiro tomasse partido na Guerra, incentivando pela primeira vez a imprensa nacional a iniciar um longo processo de propaganda antinazista. Acalorando ainda mais as manifestações populares que já ocorriam, pedindo a declaração oficial de guerra contra os países do Eixo e se expressavam entre outras formas a uma perseguição contra os estrangeiros em território nacional.

O que tudo isso tem a ver com a relação brasileira com o estado espanhol, já que muitos outros países neutros auxiliaram de alguma maneira o avanço alemão (como é o caso da Argentina, Suécia e Portugal)? Vargas, apesar de demonstrar sua clara disposição em manter sua governabilidade com caráter ditatorial, manteve suas decisões diplomáticas dúbias até agosto de 1942. O governo de Franco não escondia sua inclinação pró-Eixo. Seja pela “dívida” adquirida durante a Guerra Civil Espanhola, seja porque sua inclinação era notoriamente ideológica. O que se escondia atrás da máscara neutra da Espanha nunca foi um mistério, mas é em 1942 que começa a ser questionada ferozmente pela imprensa brasileira, muito por interferência da propaganda estadunidense.

Principalmente após a circulação de boatos de que navios espanhóis estavam abastecendo submarinos alemães em junho de 1942. Refiro-me a um recorte do jornal “A nação”<sup>119</sup> do dia 17 de junho<sup>120</sup>, encaminhada pelo Consulado da Espanha em Porto Alegre para o Embaixador da Espanha no Rio de Janeiro. Notícia que circulava por todos os jornais do Brasil, era um comentário da Interamericana, redigido em Washington. Junto a esses recortes

---

<sup>117</sup> Discurso de Getúlio Vargas proferido em 1942. Trecho citado em ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado**. Edições Loyola, 2002, p.175.

<sup>118</sup> “Ser humilhado no sentido de ser atacado em sua inferioridade, ferido em seu orgulho, desvalorizado diante de seus cidadãos e perante outras nações. Nestas circunstâncias, esclarece Pierre Ansart, o humilhado se vê e se sente diminuído, espoliado de sua autonomia, na impossibilidade de elaborar uma resposta, atingido em seu orgulho e identidade, dilacerado entre a imagem que faz de si e a imagem desvalorizada ou difamante que os outros lhe infligem” CRUZ, Luiz Antônio Pinto. *Op. Cit.*, 2017, p. 4.

<sup>119</sup> O jornal “A nação” foi fundado em Blumenau em 1943 e permaneceu ativo até 1980. De grande circulação, o jornal noticiava principalmente acontecimentos de âmbito global e esportivos. A documentação pode ser encontrada online, no site da Hemeroteca Digital Catarinense. Vale ressaltar que na Hemeroteca há muitos documentos com o mesmo caráter destes, no entanto, selecionei apenas alguns com referência às datas mencionadas e de publicação.

<sup>120</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Recorte do Jornal “A nação”. 17 de junho de 1942. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 51-16485-058

de jornais, muito comuns nesse arquivo, o Cônsul sempre encaminhava um documento informando os motivos dos recortes de jornais enviados. Encaminhado de forma duplicada, o assunto do auxílio aos submarinos alemães informava conter “el mismo assunto de que tratava el oficio de este Consulado General, número 192, de fecha 19 del mês em curso”.

A linguagem clara com que o jornal apresenta Espanha e Portugal como ditaduras que contribuíram expressivamente para a expansão alemã na Europa, “sobretudo, pela derrota que ajudaram a infligir à República Espanhola”, argumenta a importância estratégica das possessões ultramarinas desses dois países “consideradas como posições de primeira ordem nas vias de comunicação atlânticas e mediterrâneas, das quais depende nada menos que o triunfo das Nações Unidas.” Diretamente de Washington, o tom do discurso vai ao encontro do interesse americano (que em novembro de 1942 se tornaria uma conquista inglesa e americana) em Marrocos e Argélia.

É claro que ao analisarmos estes recortes de jornais feitos pelo Cônsul espanhol, que fundamentam este capítulo, é necessário um cuidado do historiador em perceber os vários discursos que rondam estas fontes. É justamente a escolha de utilizar essas fontes de jornais que amplia, sustenta e leva a pesquisa para a dimensão global. O discurso do jornal, os destaques do cônsul, comentários nos ofícios circulares e o contexto inserido nos permitem navegar entre o debate antagônico do período. Sem perder do horizonte que antes de virar recorte de jornal, a matéria passou por uma série de pessoas com uma pluralidade de pensamentos quase inacessível. E integrava uma composição específica de uma folha de jornal, com um conjunto de conteúdo específico que não são pertinentes para os objetivos desta pesquisa.<sup>121</sup>

Os recortes que trouxe neste capítulo rondam as questões da neutralidade da Espanha. Questionam a neutralidade dos governos ditatoriais do Hemisfério Ocidental, quase sempre com deboche e escárnio, corroborando com os acordos diplomáticos recém-assinados pelo governo brasileiro. Como no exemplo abaixo:

chegam a invocar os alemães as similitudes das invasões napoleônicas, esquecendo que, com isso, só podem estimular os sentimentos patrióticos dos dois povos do Extremo Ocidente da Europa, **já hoje mais ou menos “protegidos” pela Nova Ordem Nazista**, e fazer crescer neles, ainda mais, as **simpatias pelos ingleses** que, no limiar do século passado, os ajudaram a **escorraçar o estrangeiro do seu território invadido**.<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup> Ver mais em: DARNTON, Robert. Jornalismo: Toda a notícia que couber, a gente pública. In: **O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>122</sup> Recorte do Jornal “A nação”. 17 de junho de 1942. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 51-16485-058.

Assim como na carta de Godofredo L. mencionada anteriormente, é apresentada a ideia de progresso histórico, buscando nos episódios passados comparações pouco plausíveis para denunciar as novas políticas brasileiras frente aos estrangeiros.

Ao final da reportagem a discussão do “e se” afunilam ainda mais a afirmação de que não seria possível uma neutralidade nessa guerra. Como nas perguntas a seguir: manteriam “a sua neutralidade ou pré-beligerância” caso sua metrópole peninsular fosse invadida? “Mas, nesse caso, **qual seria a atitude das Democracias?**”; “e sob a direção de uns governos que, admitindo mesmo que não tivessem a menor simpatia pelo ideário de Berlim, estariam sempre, absolutamente divorciados dos objetivos políticos expressamente consignados na Carta do Atlântico<sup>123</sup>?”. “Porque bem pode suceder que os **“protetores”** se antecipem aos libertadores...”

A menção à carta do Atlântico parece evidenciar essa virada da neutralidade para um alinhamento após a adesão de muitos países, como, por exemplo, o movimento fundador da Carta do Atlântico por parte de Portugal, assinado em 26 de agosto de 1941. Como se o posicionamento aparecesse apenas quando o conflito se aproxima, ou gera certo isolamento no quadro internacional. Não por escolha particular de Salazar, no caso de Portugal, mas por um posicionamento estratégico geopolítico e dentro da conjuntura particular que o território português se envolvia.

Segundo Nuno Teixeira, a assinatura da Carta do Atlântico significou a aceitação internacional de Portugal, e, “Depois do impacto difícil do pós-guerra, eram as próprias democracias ocidentais que legitimavam, assim, o regime de Salazar”, e ainda, garantia o posicionamento mais claro no quadro ibérico.<sup>124</sup> O redator parece se utilizar muito desse conflito entre Portugal e Espanha para marcar a posição sarcástica dos “protetores”, entre aspas, ressaltando a hipótese de que a tomada de posição de países neutros ocorreria apenas no limiar de serem alvos.

A reaproximação diplomática brasileira com a Espanha, aconteceu mais abertamente logo após a vitória nacionalista, já em 1939. Em 10 de abril de 1939, o embaixador brasileiro apresentou suas credenciais ao ministro de Assuntos Exteriores, e como argumenta Ismara Izepe de Souza “teceu elogios ao *Caudillo*, muitos dos quais ultrapassavam a dimensão política

---

<sup>123</sup> Ver mais sobre a Carta do Atlântico em: ALBUQUERQUE, Celso. Carta do Atlântico e Declaração das Nações Unidas. **Legado Político do Ocidente. O Homem e o Estado, Estratégia**, v. 8, p. 216-218. 1995.

<sup>124</sup> TEIXEIRA, Nuno Severiano, Da neutralidade ao alinhamento: Portugal na fundação do pacto do Atlântico, **Análise Social**, v. 28, n. 120, p. 55–80, 1993, p. 80.

(...) alcançava o âmbito pessoal”<sup>125</sup>. Neste mesmo ano Getúlio Vargas felicita Franco em uma carta<sup>126</sup> com tom cordial chamando-o de “grande e bom amigo”<sup>127</sup>. Abelardo Roças nomeado por Getúlio Vargas a ser o novo Ministro brasileiro na Espanha entrega suas credenciais diretamente à Francisco Franco. Em entrevista ao jornal ABC<sup>128</sup> — publicado na primeira página de um dos principais jornais espanhóis — Abelardo Roças “salientou as semelhanças entre o regime político brasileiro e as “potências totalitárias” da Europa, tecendo elogios pessoais ao Caudillo”<sup>129</sup>.

Neste período, muito se fez em busca de reatar o comércio hispano-brasileiro. Mas neste trabalho o que é mais interessante mencionar são os relatórios enviados pelos representantes diplomáticos brasileiros que se tornam quase que exclusivamente sobre os embates internos da Espanha frente à inserção no contexto da Guerra Mundial.<sup>130</sup> Mantinha, conforme Ismara Izepe de Souza, proximidade com um dos principais articuladores da política pró-germânica da Espanha, Serrano Suñer, observável tanto nos relatórios enviados ao Itamaraty quanto nas principais biografias do próprio Francisco Franco.

Os laços de cordialidade entre os dois países só aumentaram quando a dubiedade ou a falta de posição de ambos frente à Segunda Guerra Mundial perdurou. Lorenzo Delgado Gomez - Escalonilla, discorre sobre a política exterior no governo franquista e conclui ser um dos objetivos ou elementos centrais da Falange Espanhola se fazer presente com tanto afinco nos países americanos, irradiando propaganda, e discursos de Hispanidade durante e posteriormente aos anos de guerra civil, o Brasil não seria diferente.<sup>131</sup> O que veio a se transformar em 1940 – 1941, como afirma Ismara Izepe de Souza, “um projeto de supranacionalidade hispânica”.<sup>132</sup> E para ter o alcance almejado contou com o auxílio direto do Itamaraty e da Embaixada do Brasil na Espanha, pelo menos até 1941 quando a política nacional varguista, se aproximou dos

---

<sup>125</sup> SOUZA, Ismara Izepe de. **Caminhos que se cruzam: relações históricas entre Brasil e Espanha (1936 – 1960)**. 2009, p.121.

<sup>126</sup> Carta (cópia) de Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha para Francisco Franco. Palácio da Presidência. Rio de Janeiro, 17 out. 1939. Lata 998, março 16237. AHI/RJ.

<sup>127</sup> SOUZA, Ismara Izepe de. *Op. Cit.*, 2009, p. 123.

<sup>128</sup> Ofício n. 81 de Abelardo Roças, embaixador do Brasil na Espanha para Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores do Brasil. Madri, 04 abr. 1940. Missões diplomáticas Brasileiras. Ofícios recebidos de Madri. (1940 a março de 1941). AHI/RJ.

<sup>129</sup> SOUZA, Ismara Izepe de. *Op. Cit.*, 2009, p. 125.

<sup>130</sup> Ismara Izepe de Souza examinou os relatórios do embaixador Abelardo Roças, onde declarava seu ceticismo sobre a vitória alemã na guerra. Afirma que “Roças, provavelmente mantinha contato com as lideranças nazistas, pois afirmou em relatório que, graças à gentileza dos alemães presentes na zona de ocupação, conseguia transladar-se quase que diariamente (...)” pela fronteira. Em: *Ibidem*, p. 128.

<sup>131</sup> GÓMEZ-ESCALONILLA, Lorenzo Delgado. **Império de papel**. Acción cultural y política exterior durante El primer franquismo. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992, p. 125-132.

<sup>132</sup> SOUZA, Ismara Izepe de. *Op. Cit.*, 2009, p. 135.

princípios falangistas ao potencializar seus projetos identitários nacionais, proibindo as propagandas espanholas em solo brasileiro.

A ruptura do Brasil com os países do eixo no dia 28 de janeiro de 1942,<sup>133</sup> como vimos anteriormente, certamente abalou essa relação de total cordialidade dos anos precedentes entre o Brasil e Espanha. Mas as raízes dessa relação diplomática estavam bem seguras e apesar de sofrer grandes abalos, permaneceram fortes em seus bastidores. Assim, ao menos nos documentos e pronunciamentos oficiais houve uma maior preocupação e cautela do Ministério das Relações Exteriores com as possíveis (e prováveis) ações (principalmente propaganda e espionagem) em apoio do nazismo da Embaixada espanhola no Brasil. Isto é importante para ressaltarmos o que virá no capítulo seguinte. Principalmente porque amplia a dimensão das metamorfoses da política interna brasileira, já que os integralistas foram longamente tolerados e até estimulados quando foi o caso até meados de 1935, na perseguição aos comunistas, anarquistas e na tentativa de desmobilização do operariado por essa via. Os integralistas possuíam alguns elementos em comum com o autoritarismo e corporativismo do Vargas, assim como, as falanges espanholas.

O estabelecimento e a ruptura das relações diplomáticas são o último recurso praticado pelo Estado creditante, ou seja, o país que recebe os representantes diplomáticos, sobre o Estado acreditante, àquele que envia seus representantes e estabelece casas consulares e embaixadas no país estrangeiro. Último, pois, em caso de guerra entre os dois Estados o fim das relações diplomáticas é automático. No entanto, a ruptura das relações diplomáticas não necessariamente acarreta a ruptura das relações consulares; também “Em caso de ruptura, o Estado ex-acreditante confia a proteção dos seus interesses no Estado ex-acreditador à missão diplomática de um Terceiro Estado.”<sup>134</sup> Como visto no tópico anterior, a Espanha apesar de manter-se neutra durante todo o conflito, não fez questão de esconder suas inclinações positivas frente ao avanço dos países do Eixo. A bibliografia sobre o tema é quase que unânime ao afirmar que até 1943 a Espanha deliberadamente permitiu a instalação de bases militares nazistas no seu território, facilitou o comércio e agiu como intermediária das atividades e propagandas nazistas na América Latina. O embaixador espanhol Raimundo Fernandez Cuesta, por exemplo, que vimos defender a Espanha contra as acusações de espionagem e fornecimento de combustível para os submarinos alemães, nomeado já em 1939 e transferido para a Embaixada da Itália em 1942, era um líder falangista em cargo de destaque, e como comenta Ismara Izepe de Souza, a forte

---

<sup>133</sup> Os documentos oficiais foram assinados no dia 28 de janeiro, no entanto os pronunciamentos oficiais sobre a decisão aconteceram já no dia 22 de janeiro de 1942.

<sup>134</sup> NGUYEN, Quoc Dinh; DAILLIER, Patrick; PELLET, Alain. *Op. Cit.*, 2003, p. 413-430.

hipótese de que “esse diplomata pretendia, com a anuência do ditador espanhol, promover atividades em prol do Eixo.”<sup>135</sup>

Outro exemplo de recorte de jornal (figura 1), encaminhado pelo Consulado Geral da Espanha em São Paulo à embaixada da Espanha do Brasil no Rio de Janeiro no dia 27 de junho de 1942, pelo cônsul geral Álvaro Seminário, demonstra a importância dada a essa natureza de fonte dentro desse grande jogo diplomático. Buscando a todo custo reforçar legitimamente a imagem de um Estado intermediário, fixando-se nessa conceituação de “neutralidade”. Entregue dia 29 de junho de 1942 contém em duplicata, um recorte do jornal da Capital “A gazeta” do dia 25 de junho de 1942. Com o título “O dia de ontem no Rio: Submarinos e papel de jornais” relatava a renúncia do presidente Ortiz, da Argentina, “um dos amigos maiores e mais sinceros que o Brasil tinha, além do Prata.” Enfocando o torpedeamento de navios argentinos por submarinos alemães.

**Figura 1: O dia de ontem no Rio: Submarinos e papel de jornais (jornal da Capital “A gazeta” do dia 25 de junho de 1942)**

---

<sup>135</sup> SOUZA, Ismara Izepe de. *Op. Cit.* 2009, p. 138.

# A GAZETA

88 — S. PAULO

Diretor: CASPER LIBERO

FONES 4-413

Telegramas: GAZETA

São Paulo — Quinta-feira, 25 de Junho de 1942

Caixa Post

## O dia de ontem, no Rio

### Submarinos e papel de jornais

RIO, 25 (Dep. GAZETA) — O dia carioca de ontem foi essencialmente argentino... As "manchetes" dos jornais e os comentários da rua quasi exclusivamente tratavam da nova situação criada à Republica irmã que vem de sofrer outra violenta afronta dos piratas do Reich. Desta feita não é possível ter duvidas ou estabelecer tendenciosas e bem calculadas confusões em torno do torpedeamento. Os alemães do submarino fizeram questão de se mostrar à flor da agua e de reter, por alguns minutos, o comandante do navio afundado.

E junto com a noticia do assalto chega outra menos dramatica, mas não menos acabruhadora — a da renuncia definitiva do grande presidente Ortiz, um dos amigos maiores e mais sinceros que o Brasil tinha, além do Prata.

— o —  
E por falar em submarinos... a Embaixada da Espanha mandou aos jornais uma segunda nota desmentindo a informação de que os barcos da falange estariam abastecendo os submarinos do "eixo". Não são dos mais consistentes os argumentos apresentados. Todo o petroleo que a Espanha recebe vai da America e todas as remessas são pela America controladas, desde o seu embarque, à sua aplicação. Este é um fato que não pode pôr-se em duvida. Mas ha um pequeno detalhe de suma importancia. A Espanha mantém regularissimas, constantes e não fiscalizadas comunicações ferroviarias com a França ocupada e, consequentemente, com a Alemanha. A assencia que os submarinos usam, sintetica, é de um tipo especial que a propria Espanha não conseguiria refinar em suas refinarias pobres. Ora, si é difficilimo, com todo o rigor dos "navy-certs", impedir contrabandos de um porto para outro, pode-se afirmar que é impossivel evita-los entre um porto e o alto-mar.

— o —  
O governo está cuidando, com o maior interesse, da questão do papel para a imprensa. Ao que se sabe, foram assentadas medidas que resolverão parte do problema, já angustioso, especialmente para os jornais paulistas, onde a falta de bobinas é bem mais acentuada do que no Rio de Janeiro. O prof. Candido Mota Filho mantem, desde ontem, constantes entendimentos com as autoridades superiores da Republica e julga ter encontrado formulas imediatas que aliviem o rigor de uma crise que não é possível dominar, inteiramente, sem que os mares estejam livres dos corsarios do "eixo". É impossivel, infelizmente, encontrar a solução que a França adotou ha anos — a da padronização de formatos, mas por outros caminhos se chegará ao fim desejado e necessario.

**Fonte:** Correspondência remetida a las autoridades. Recorte do Jornal da Capital "A Gazeta". 27 de junho de 1942. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 51-16485-004.

Em lápis azul-petróleo, o parágrafo central da notícia foi destacado. Justamente o parágrafo que menciona uma segunda nota da Embaixada da Espanha “desmentindo a informação de que os barcos da falange estariam abastecendo os submarinos do “eixo”.” A passagem afirma que “(...) não são dos mais convincentes os argumentos apresentados”. Os argumentos do redator para deslegitimar as alegações da Embaixada espanhola devia-se, para além da “falsa” neutralidade, a carestia de Petróleo: “Todo o petróleo que a Espanha recebe vai da América e todas as remessas são pela América controladas, desde o seu embarque, à sua aplicação.” Informa também que os submarinos eram abastecidos por uma “assencia”<sup>136</sup> sintética, a qual a Espanha não conseguiria refinar em suas refinarias. Acontece que a grande maioria, senão sua totalidade, dos submarinos alemães que atuavam no Atlântico Sul eram do tipo IXA, VII ou IX, U-boats de grande porte, por isso mais lentos, que poderiam patrulhar o Atlântico de maneira ininterrupta, tendo maior capacidade de tripulantes e carregamento de armamento. Utilizavam uma tecnologia da Primeira Guerra Mundial, sendo necessário um abastecimento constante por outro submarino (tipo XIV) que os acompanhava — as conhecidas *Milchkühe* ou “vacas-leiteiras” — carregando 439 toneladas de combustível, alimentos e armas.<sup>137</sup> Sendo impossível um navio cargueiro (seja ele espanhol ou não) abastecer um submarino em alto-mar.

A especulação perpassa também “um pequeno detalhe de suma importância”, relatando a relação da Espanha com a França de Vichy<sup>138</sup>: “A Espanha mantém regularíssimas, constantes e não fiscalizadas comunicações ferroviárias com a França ocupada e, conseqüentemente com a Alemanha.” A justificativa: neutralidade. Nos jornais a palavra não era mais vista com bons olhos. Ao passo que demarcavam o jogo (nem um pouco mascarado da Espanha) também apresentam argumentos, que se não estivéssemos a par da arquitetura dos submarinos, se tornariam plausíveis: “Ora, si é difícilimo, com todo o rigor dos “navy-certs”<sup>139</sup>, impedir contrabandos de um porto para outro, pode-se afirmar que é impossível evitá-los entre um porto e o alto-mar.”

A última parte do recorte vai em outra direção, que se sustenta aos argumentos anteriores por se encontrar alinhada com a situação de um alto-mar em guerra. Relata uma

---

<sup>136</sup> Aqui acredito que o autor se referia a essência sintética. Entendo como um erro de digitação.

<sup>137</sup> Ver mais em: SILVA, Bruno Moreira da. Uma análise tecnológica dos u-boats. Em: **Através do periscópio: uma abordagem arqueológica da guerra submarina em águas brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial**. Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.

<sup>138</sup> Ver mais em: PAXTON, Robert. O. **Vichy France: Old Guard and New Order 1940–1944**, New York, Columbia University Press, 2001.

<sup>139</sup> Navy-certs: [navy certificates] certificados navais.

preocupação à situação da empresa, que sofre com a falta de bobinas de papel, o que impediria a impressão das próximas edições do jornal. O redator aparenta ver como única solução recorrer às autoridades superiores da República para encontrar uma resolução para “uma crise que não é possível dominar, inteiramente, sem que os mares estejam livres dos corsários do “Eixo”.

Para cada recorte de jornal selecionado pelos representantes consulares espanhóis, encontram-se notas remetendo aos recortes. Explicações, acareações, reclamações encaminhadas à Embaixada espanhola no Rio de Janeiro acompanham as reportagens selecionadas de várias regiões do Brasil. Em resposta à reportagem do jornal “A Gazeta”, sobre os submarinos o Embaixador Espanhol, em nota circular número 131, em 23 de junho de 1942<sup>140</sup>, afirma tratar-se de reportagens de “Algunos diários sensacionalistas, especialmente en Norteamérica”, que afirmam coisas “tan caluminosa como imposible de sostener”, referindo-se ao abastecimento de submarinos do eixo por embarcações espanholas. O Embaixador afirma que os navios cargueiros espanhóis utilizam óleo combustível, enquanto os submarinos alemães utilizam “gás oil”, um tipo de óleo combustível destilado do petróleo - “que reúnen determinadas condiciones e características nada corrientes”. As embarcações movidas a petróleo não teriam, então, condições de transportar as quantidades necessárias de combustível para fornecer aos submarinos alemães. Além das características estruturais, já explicitadas, o embaixador menciona a forte vigilância do Governo de Washington: “seria por lo tanto imposible subtraer la menor cantidad a esa escrupulosa y constante vigilancia”, pontuando a incongruência da acusação visto que “Los productos petrolíferos que utiliza España son importados en su totalidad de América”<sup>141</sup>

Encerra sua nota, defendendo a posição de neutralidade espanhola no conflito. Os jornais, em sua maioria, usam sempre um tom questionador, duvidando muito dessa neutralidade, entendido mais como conveniência para a Espanha. Apesar de o Brasil ter declarado oficialmente o fim de sua neutralidade havia poucos meses, pouca coisa mudou na postura real do Estado brasileiro. Ainda assim, a mídia brasileira criticava ferozmente a neutralidade espanhola, sob a acusação do perigo totalitário, sempre conclamando as atividades brasileiras na guerra como heroica e nacionalista. Como afirma Roberto Gambini,

(...) o uso político do “perigo totalitário” pode adquirir matizes diferentes. Enquanto o “perigo comunista” foi criado pelo próprio Vargas para justificar a necessidade de uma ditadura, o “perigo nazista” só passou a ser denunciado no momento em que, tendo o regime sido levado a optar por novas alianças, já não

---

<sup>140</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Recorte do Jornal “A nação”. 17 de junho de 1942. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 51-16485-034 – 035, 1942.

<sup>141</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Nota circular, Rio de Janeiro, número 131, em 23 de junho de 1942. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 51-16485-034, 1942.

era mais possível nem conveniente dissimular uma penetração que já vinha acontecendo por bastante tempo.<sup>142</sup>

Para demonstrar que essa neutralidade passa por muitas esferas e não se restringe a Espanha, a neutralidade brasileira também circulava o desejo de um Estado corporativista que engatinhava rumo a discursos cada vez mais ultranacionalistas.

Para Gentile, no próprio debate historiográfico em torno do caso brasileiro, há um grande impasse entre as teses que defendem a legislação brasileira como “uma cópia *tout court* da Carta do trabalho italiana, como é o caso de Arion Romita, em seu “, O fascismo no direito do trabalho brasileiro. Influência da Carta del lavoro sobre a legislação brasileira”, de 2001, e aqueles que tendem a dissociar-se do documento italiano para apoiar à tese da originalidade e da novidade das leis sociais e trabalhistas varguistas, como Magda Biavaschi, em suas reflexões no seu “O direito do trabalho no Brasil 1930-1942. A construção do sujeito de direitos trabalhistas”, de 2007..”<sup>143</sup> Fábio Gentile argumenta ainda que até mesmo a historiografia mais crítica não consegue se desprender dessa polarização: “uma vez que reconhece a matriz fascista das leis sociais durante a Era Vargas, sem reconstruir as causas e as trajetórias do processo de assimilação dum modelo pensado de forma compatível para um Estado que aspirava claramente ao totalitarismo .” Como, argumenta o autor, são os casos de Angela de Castro Gomes, em “A invenção do trabalhismo”; Angela Araújo, com a organização do seu “Do corporativismo ao neoliberalismo” e Francisco Carlos Martinho e António Costa Pinto, em “O corporativismo em português: Estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo”.<sup>144</sup>

Como é possível perceber a partir do Levante Comunista de 1935 a criação de uma narratividade em torno dos “inimigos internos” da nação. O levante serviu como uma maneira de relativizar a constituição de 1934 e inserir o argumento da necessidade de uma “salvação pública”, a luta anticomunismo que repercutiu ao longo de toda a década de 30<sup>145</sup>. Tal argumento, trouxe condições ideais para o golpe de 1937, e a partir de então, todos aqueles que não representavam o espírito da identidade nacional almejada pelo projeto nacionalista do regime de Getúlio Vargas compôs a lista de inimigos da nação, isso inclui imigrantes e

---

<sup>142</sup> GAMBINI, Roberto. *Op. Cit.* 1977, p.69.

<sup>143</sup> GENTILE, Fabio, O corporativismo fascista: um modelo para o Brasil nacionaldesenvolvimentista de Getúlio Vargas, *in: Memórias del Congreso Internacional “La Modernidad en cuestión: confluencias y divergencias entre América Latina y Europa, siglos XIX y XX*, [s.l.: s.n.], 2016, p. 2.

<sup>144</sup> *Ibidem*.

<sup>145</sup> Sobre os eventos decorridos em 1935 em Natal e uma análise dos processos dos indiciados, principalmente os oficiais e os trabalhadores sindicalizados ver principalmente COSTA, Homero. **A Insurreição Comunista de 1935**. Natal: Edufrn, 2015.

opositores do governo. Tudo isso faz sentido em um período onde as democracias liberais ao redor do mundo passam por uma grande crise, como comentado no tópico anterior.

O discurso, as mudanças na legislação, os novos inimigos internos e a posição cada vez mais corporativista aparecem aqui como uma maneira de enfatizar que o Estado Novo passava também pela mesma dinâmica da qual a mídia brasileira tanto denunciava em relação à neutralidade espanhola.

Outro exemplo muito interessante é o recorte do jornal “O Radical”, Rio de Janeiro, de 18 de junho de 1942. Este jornal, como afirma o verbete temático do CPDOC, foi lançado em junho de 1932, e trazia no cabeçalho o subtítulo “A voz da Revolução”, definindo-se como um órgão destinado a defender e propagar os princípios da Revolução de 1930, segundo a concepção dos “tenentes”, no seio da classe trabalhadora<sup>146</sup>.

Colado em um papel timbrado do jornal Lux Jornal Rio-São Paulo, cuja propaganda já anuncia os assuntos que eram tratados nas edições: “Quer conhecer todas as deliberações dos Governos Federal, estaduais e Municipais que interessam ao seu ramo de negócio? Seja assinante do Lux-Jornal”. Promove em uma manchete (nem um pouco amistosa), o tema que nomeia esse capítulo: “Afinal de contas, que neutralidade é essa? A atitude da Espanha em relação aos países americanos (...)”.

**Figura 2 Recorte do Jornal “O Radical”. 18 de junho de 1942: “Afinal de contas que Neutralidade é essa?”**

---

<sup>146</sup> CPDOC — Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Acessado em: 11/03/2022 às 18:43. Em: (fgv.br)<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematicos/radical-o>

# AFINAL DE CONTAS que neutralidade é essa?

**A atitude da Espanha em relação aos países americanos — Abastecendo submarinos do Eixo em águas do Atlântico, os navios de bandeira espanhola não podem ser supridos de óleo em nossos portos**

Já sabemos, por muito tempo, enganados pelas fórmulas convencionais e os prejuízos que elas nos causaram se revelam suficientemente na situação que, de momento, se nos depara.

Desde o início do conflito internacional e bem antes dele, os diplomatas do Eixo, à sombra das inutilidades, conspiravam contra o Brasil e organizavam, às nossas vistas, em ação semi-aparente, o financiamento de conspirações contra o Eixo e as instituições.

A campanha de desnacionalização no sul do país, o integralismo, a ação política de propaganda direta ou indireta do Eixo, a espionagem — tudo era controlado, financiado e dirigido pelas representações diplomáticas dos países do Eixo, que abrigavam entre seus funcionários, até membros da Polícia Secreta Alemã — a Gestapo — para o exercício da coação nos casos em que o dinheiro não surtisse efeito ou para violências contra



Sr. Fernandes Cuesta, embaixador da Espanha no Brasil

inimigos dos regimes a que serviam. (Continua na 4ª pág.)

Em todo o período em que essa trama se organizava as providências das autoridades brasileiras se vierem adiadas pela circunstância de nossa posição neutral, vantajosamente aproveitada a seu favor pelos inimigos internos.

Depois de rompidas as relações diplomáticas a que pudemos, pela divulgação de diligências que prosseguem, tomar o pulso da participação efetiva das embaixadas da Alemanha, do Japão e da Itália no tecer de conjuras de que localizamos aos poucos alguns setores de atividade.

A circunstância portanto de um governo estrangeiro não se ter manifestado em oposição à nossa conduta política, a circunstância em suma de continuar mantendo conosco, relações diplomáticas não nos impede de tomarmos as precauções devidas — anotando as atitudes, uma a uma, e formando a seu respeito o juízo que beneficiará a nossa orientação.

Efetivamente na altura atual dos acontecimentos, quando estão em jogo os destinos dos povos livres atacados pelas forças da tirania e da opressão que se conjugam no propósito criminoso de domínio universal, a neutralidade se vai tornando uma posição cada vez mais difícil de ser compreendida. Admitindo-se, contudo, que ela exista, não há de ser pela sua simples adoção formal que um governo mereça a confiança indiscutível de todos os demais. As tendências dos que ainda não se definiram são suficientemente conhecidas e são elas que devem estar sempre presentes ao nosso espírito quando formos levados à consideração de ocorrências a respeito das quais não possamos deixar de manifestar a nossa estranheza.

Entre elas se arrola por certa — as que vêm relatadas nos jornais com referência ao abastecimento de submarinos do Eixo em alto mar. Sabemos porque a perda de mais de centena de vidas e de dez navios não ensinaram com si fidelidade que a guerra do Eixo contra o Brasil se exerce sobretudo, nesta campanha submarina a que toda e

## neutralidade é essa?

qualquer ajuda para se prestar a essas unidades do Eixo importam em cumplicidade aos ataques a nossas unidades mercantes.

Tem-se divulgado, no entanto, — e sem desmentido, desmentido aliás que já poderia ter sido formulado e pelo qual esperamos sem resultado, que navios espanhóis vêm cedendo óleo a esses submarinos eixistas e que — parece inacreditável — vem depois abastecer-se em nossos próprios portos.

Não há dúvida alguma que raramente se terá assistido a um ato tão desleal quanto esse atingindo, por certo, ao próprio escarneo.

A imprensa noticiou ainda que o comandante de um desses navios que ora se encontra atracado no Cais do Porto, recomendara aos seus tripulantes que ao se referirem a cessão de combustível verificada em alto mar, fizessem compreender aos brasileiros que eles, espanhóis tinham sido obrigados a tomar essa atitude, por imposição do submarino eixista.

A emenda parece mais do que róta, se considerarmos que como país neutro e a sofrer um dos seus navios uma imposição dessa ordem, a Espanha já teria protestado contra a violência se bem que todo mundo saiba o vazio de um protesto feito pelo sr. Serrano Sunner, contra Roma ou Berlim.

Não foi o que aconteceu e o povo brasileiro continua, pois na convicção, que tudo leva a crer seja verdadeira, de que os navios espanhóis estão efetivamente servindo como auxiliares das agressões sofridas pela nossa Marinha.

Tanto mais fácil será acreditarlo quanto é público o conhecimento das forças que levam o governo Franco a se transformar, efetivamente, em governo espanhol.

O embaixador da Espanha no Rio de Janeiro tem, por conseguinte, a explicar, senão em resposta a uma interpelação oficial, pelo menos como satisfação pública, esses fatos que nos fazem considerar cada vez mais a neutralidade da Espanha como uma atitude de condescendência para não usar termo mais forte em relação às forças agressoras do nosso continente.

A manchete também menciona o abastecimento dos submarinos do Eixo, mas o que mais chama atenção são duas passagens é uma assertiva sobre o posicionamento dos diplomatas desse Bloco Eixo: “Desde o início do conflito internacional e bem antes dele, os diplomatas do Eixo, à sombra das imunidades, conspiravam contra o Brasil e organizavam às nossas vistas, em ação semi-aparente, o financiamento de conspirações contra o regime e as instituições.” E a outra passagem infere sobre a presença de espionagem no sul do país alinhada com a presença integralista: “A campanha de desnacionalização no sul do país, o integralismo, a ação política de propaganda direta ou indireta do Eixo, a espionagem — tudo era controlado, financiado e dirigido pelas representações diplomáticas dos países do Eixo.”

O argumento de espionagem e contraespionagem, de fato, existiu. Principalmente em respeito ao monitoramento dos navios aliados na costa brasileira e a atividade militar norte-americana no nordeste brasileiro. O trabalho de Stanley E. Hilton “Suástica Sobre o Brasil”<sup>147</sup> de 1977, estuda detalhadamente o serviço secreto alemão em solo brasileiro, principalmente por rádios transmissores que vinha recebendo grandes investimentos do III *Reich* desde 1930. Segundo Diogo da Silva Ramos, o investimento para construção de pontos de transmissão na América do Sul “(...) e melhoria dos postos existentes no Brasil (que devido a sua posição geográfica serviria como um receptor das informações e transmissor das mesmas para Berlim) foi uma das principais metas do *Abwehr*”<sup>148</sup> desde o final dos anos 1930.”<sup>149</sup> Ainda segundo Diogo Ramos houve uma intensa “atividade em espionagem, contraespionagem, propaganda, sabotagem e colaboracionismo (que) se formou no Brasil fomentado por ex-integralistas que, frustrados pelas últimas contendas com o governo Vargas e a ilegalidade da AIB,” acabaram por apoiar às atividades ilegais ao Reich<sup>150</sup>.

A presença de integralistas<sup>151</sup>, abertamente apoiadores dos ideários do Eixo existiu em todo Brasil, e crescia em número e nível de organização desde o final da década de 20. Colaboração não apenas de elementos de origem germânica no Brasil, como de um grande número de brasileiros integralistas. Segundo Francisco Carlos Teixeira não é possível afirmar que houve uma imposição externa do fascismo no Brasil, mas disputas internas, subserviência

---

<sup>147</sup> HILTON, Stanley E. **Suástica sobre o Brasil: a história da espionagem alemã no Brasil, 1939-1944.** Civilização brasileira, 1977.

<sup>148</sup> *Abwehr* é o nome dado ao serviço militar de informações do III Reich Alemão. Em tradução literal significa Defesa.

<sup>149</sup> RAMOS, Diego da Silva. Raimundo Padilha: O Espião de Ontem é o Espionado Hoje. Anais XXIX Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2017 p.4. Acessado em 12/03/2022 às 17:48. Em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-1/1548953101\\_9167338e56c7ec99b76ea0f1932c4fce.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-1/1548953101_9167338e56c7ec99b76ea0f1932c4fce.pdf)

<sup>150</sup> *Ibidem*, p. 7.

<sup>151</sup> Ver mais em: GERTZ, Rene Ernaini, **O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo**, [s.l.]: Mercado Aberto, 1987.

ideológica, postos de poder político tornaram possível a colaboração de grupos brasileiros aos regimes fascistas.<sup>152</sup>

Segundo Diogo Ramos no ano de 1942 houve um desmantelamento da célula integralista que cooperava com os nazistas, muito porque “as ações conjuntas entre a inteligência americana e os órgãos de polícia brasileiros estavam cada vez mais ativos nas interceptações dos contatos entre elementos germânicos e brasileiros com o *Abwehr*.”<sup>153</sup> Apesar disso, Carla Brandalise estima que nos dados oficiais a Ação Integralista Brasileira (AIB) contabiliza 320 inscritos em 1934 apenas em um dos subnúcleos no Rio Grande do Sul.<sup>154</sup>

O jornalismo, ou pelo menos os jornais citados neste capítulo, como o "Radical", alimentavam, portanto, uma vigilância em relação à persistência e existência de grupos organizados no país contrários ao Estado Novo. É certo que o grupo integralista estava enfraquecido, e não encontrava nenhuma tolerância, como ocorrera nos começos da década de 30, quando dos embates com os movimentos de trabalhadores, sindicalistas e comunistas. No pós-1937, pelo contrário, a ideologia do governo Vargas fez questão de demarcar uma forte fronteira entre a sua ideologia e a dos integralistas<sup>155</sup>. Também havia se aproveitado dos embates entre os integralistas e a ANL, a Aliança Nacional de Libertação, criada por Prestes, para fortalecer o argumento da necessidade da instituição do Estado Novo ante as ameaças criadas pela suposta instabilidade pela existência dos dois grupos<sup>156</sup>. O jornal o *Radical*, portanto, dobrava a aposta na retórica da necessidade de perseguição dos inimigos internos, que embora na década de 1940, os mencionados aqui estivessem na ilegalidade, sobreviviam, aliados a outros, e sorrateiramente, na ótica do jornal, tramavam nas sombras ante a inércia e os movimentos erráticos do governo central. Portanto, para o jornal, chegara a hora de identificá-los e puni-los.

A rasura em formato de X, lápis azul feita pelo representante consular, destaca e intensifica essa disputa frente a palavra “neutralidade”: “Em todo o período em que essa trama se organizou as providências das autoridades brasileiras se viram adiadas pela circunstância de nossa **posição neutral, vantajosamente aproveitada a seu favor pelos inimigos internos.**”.

---

<sup>152</sup> TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos, Os fascismos, **REIS FILHO, Daniel Aarão. O Século XX-O Tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira**, p. 109–164, 2000, p. 114.

<sup>153</sup> RAMOS, Raimundo Padilha, *Op. Cit.* p. 13.

<sup>154</sup> BRANDALISE, Carla, Camisas-verdes: o integralismo no Sul do Brasil, **Acervo**, v. 10, n. 2, p. 17–36, 1997, p. 23.

<sup>155</sup> PANDOLFI, Dulce (org.). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Edirora FGV, 1999.

<sup>156</sup> PRESTES, Anita Leocádio. Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional de Libertação: os caminhos da luta antifascista no Brasil. 1934-35. São Paulo: Brasiliense, 2008. Também para saber mais sobre o Plano Cohen. ver em : <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo/PlanoCohen>

A circunstância, portanto, de um governo estrangeiro não se ter manifestado em **oposição à nossa conduta política** a circunstância em suma de continuar mantendo conosco, relações diplomáticas não nos impede de tomarmos as **precauções** devidas – anotando as atitudes, uma a uma, e **formando a seu respeito o juízo** que beneficie a nossa orientação.

A crítica da matéria pauta-se acima de tudo na suposição de abastecimento de submarinos. No entanto, argumenta em torno de uma série de contextos, como a questão da espionagem, da presença dos integralistas, e argumento dos inimigos internos. Tudo para acusar que o lugar de neutralidade da Espanha é uma estratégia diplomática para interferir no país. Arrebatam esse pensamento quando afirmam que, “a neutralidade se vai tornando uma posição cada vez mais difícil de ser compreendida.”:

Efetivamente na altura atual dos acontecimentos, quando estão em jogo os destinos dos povos livres, atacados pelas forças da tirania e da opressão que se conjugaram no propósito criminoso de domínio universal, **a neutralidade se vai tornando uma posição cada vez mais difícil de ser compreendida**. Admitindo-se, contudo, que ela exista, não há de ser pela sua **simples adoção formal** que um **governo mereça a confiança** indiscutível de todo os demais

Alega que os brasileiros não compraram os pronunciamentos oficiais da Embaixada espanhola, da nota comentada anteriormente, de que não estavam fornecendo combustível a embarcações do Eixo. E que “tanto mais fácil será acreditá-lo quanto é público o conhecimento das forças que levam o governo Franco a se transformar efetivamente, em governo espanhol.” Mais uma denúncia do redator ao golpe de Franco na Espanha, e o auxílio econômico que recebeu da Alemanha para que este fosse possível.

No último parágrafo, enfatiza a necessidade de uma explicação pública do embaixador da Espanha, afirmando que as respostas oficiais não satisfizeram a sociedade brasileira:

**O embaixador da Espanha no Rio de Janeiro tem**, por conseguinte, a explicar, senão em resposta a uma interpelação oficial, **pelo menos como satisfação pública**, esses fatos que nos fazem considerar cada vez mais a **neutralidade da Espanha** como uma **atitude de condescendência**, para não usar termo mais forte em relação às **forças agressoras** do nosso continente.

O debate sobre o abastecimento de submarino traz para a análise dois pontos importantes para entender a dinâmica das relações internacionais do momento. Uma é a cientificidade e a capacidade de abastecimento, uma história da técnica e da tecnologia — a explicação, justificativa. A outra é a história das crenças, dos boatos, dos silêncios e das dúvidas que pairam durante a guerra. Os dois lados da narrativa entram no tabuleiro amplo dos estados se movendo durante a guerra. Para muitos indivíduos, leitores do jornal, sem conhecer exatamente a técnica de abastecimento aquilo era uma evidência de uma infração dos espanhóis à neutralidade. Essa desconfiança moveu os sujeitos históricos para algo central neste tópico: ideia de neutralidade e a ideia da suspeição dos espanhóis.

Como Marc Bloch propõe no “Apologia da história”, existe uma história social dos boatos que nos ajuda a pensar a importância da criação de enredos inventados no meio da guerra, não só para entendermos os movimentos, mas principalmente para compreender como os boatos moviam os sujeitos durante a guerra<sup>157</sup>. No caso desta reportagem há sérias acusações que exigem “respostas”, explicações, “satisfação pública”, com informações técnicas dos espanhóis, baseado em boatos.

Os indivíduos ou meios de comunicação formadores de opinião, como nestes casos os jornais, mobilizaram um amplo debate sobre a emergente política externa e relações internacionais brasileiras. Como demonstrei, muitas vezes por suspeições conduziram à consenso, apoio ou rejeição dos pronunciamentos, atitudes e tomadas de decisão. Na ampla divulgação as micro ações por vezes individuais dos atores (como é o caso muitas vezes da repercussão de pronunciamentos do Embaixador espanhol) acarretam macro resultados, como, por exemplo, o apoio popular.

Assim, como afirma Sebastian Conrad, as conexões que o estudo da História Global nos leva ou nos permitem são, por vezes, mais imaginadas do que reais.<sup>158</sup> Ou seja, é preciso investigar aquilo que não está aparente numa visão macro, para entendermos o que acontece entre os sujeitos que compõem ou dirigem as tomadas de decisão.

### **1.3 “Assigno-me como grande admirador da Espanha e do Consulado da mesma (...)”<sup>159</sup>**

Dada as afinidades ideológicas entre o Brasil e Alemanha, e a declarada neutralidade, a intercessão com os cidadãos alemães e japoneses foi representada pela Espanha. Os súditos do Eixo<sup>160</sup> receberam da nova “potência protetora” a proteção jurídica de seus interesses e bens frente ao Estado brasileiro. A diplomacia portuguesa, com características similares às da Espanha, foi confiada a conduzir a representação diplomática do país ex-acreditante na Alemanha. Como observaremos na documentação, a representação da Embaixada da Espanha foi abrangente e intensa, cobrindo esferas que não seriam necessariamente encargos de uma Embaixada.

---

<sup>157</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

<sup>158</sup> CONRAD, Sebastian. **What is global history?** Princeton University Press, 2016, p.122.

<sup>159</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-72, 1942.

<sup>160</sup> Termo frequentemente utilizado nas definições do direito internacional para se referir aos nacionais de um Estado protegidos diplomaticamente por este. Na documentação utilizada neste trabalho é largamente utilizado, tanto nos documentos oficiais quanto nas cartas de Godofredo G. L. L..

Pautada no vínculo da nacionalidade, vínculo de registro ou inadmissibilidade frente a uma reclamação internacional de um apátrida, a proteção diplomática é, segundo Nguyes, Daillier e Pellet “o endosso por um Estado da reclamação de um particular lesado por um fato internacionalmente ilícito de um outro Estado ou organização internacional”<sup>161</sup>. Não podendo exercer esta função senão em prol de seus nacionais ou solicitado para representá-lo como terceiro Estado (sendo este o caso da Espanha). Os representantes e postos consulares apesar de deterem privilégios e imunidades (como a inviolabilidade pessoal e jurisdicional) estão revestidos pelo caráter puramente administrativo, sendo vetada a função de representação política.

Entre as responsabilidades de um terceiro Estado consta principalmente a de cuidar da propriedade do país, dos arquivos das antigas casas consulares e do interesse dos súbditos. Na documentação estudada há diversas correspondências que tratam do traslado de arquivos, livros, móveis, entre outras coisas das antigas propriedades alemãs no Brasil. Mencionam o pagamento de aluguel, gerenciam a transferência dos funcionários e de pendências financeiras. A maioria da documentação, no entanto, relata pedidos, problemas e relatórios dos alemães e teuto-brasileiros. Desde pensões, auxílios e pagamentos até envio e recebimento de mensagens de familiares e amigos que residiam na Alemanha. As cartas de Godofredo G. L. Luce encontram-se dentro dessa documentação, majoritariamente se referindo a prisões e pedidos de pensão.

Godofredo G. L. Luce também efetua requisições de visitas, e isso chama muita atenção dada a solicitude e receptividade que o remetente encontra junto ao Cônsul e vice-cônsul espanhóis. Como na carta a seguir, onde questiona se “não seria possível o senhor chegar aqui e **visitar os presos em Jaraguá do Sul**, como o senhor **Embaixador Fernando Cuesta também visitou os detentos na Ilha das Flores**, como mesmo li hontem n’um **jornal** (“Noticia” de Joinville, 24.4.42)?”<sup>162</sup> Posteriormente, o médico faz uma crítica à reforma e demolição da cadeia após a confirmação da visita do embaixador.<sup>163</sup>

---

<sup>161</sup> NGUYEN, Quoc Dinh; DAILLIER, Patrick; PELLET, Alain. *Op. Cit.*, 2003, p. 413-430.

<sup>162</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Godofredo Guilherme Lutz Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-052/53, 1942.

<sup>163</sup> “esta demolição e reconstrução às pressas é **pelo princípio antigo “para inglês vêr”**, como do tempo, quando a Inglaterra começou a reprimir o trafego negreiro no Brasil imperial por todos os meios; **agora esta providencia é “para o espanhol vêr”**, o qual facto documenta um **progresso histórico**.” Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-054 / 54-14685-055, 1942

Em outra passagem, Godofredo G. L. Luce apresenta o que aparenta ser o início de sua relação como intermediário da comunicação entre os representantes diplomáticos e os teuto-brasileiros.

Em tempo!

Muitas pessoas, que souberam da passagem do tão interessado amigo na proteção dos interesses teutos e nipônicos pela cavaleiresca Espanha, me pediram o endereço certo da repartição da Cruz Vermelha Brasileira em São Paulo, que se encarrega da transmissão de notícias familiares aos paizes de relações cortadas com o Brasil (Allemanha, Hungria, Itália, etc). Respondi sempre, que eu estou ainda esperando de receber o endereço certo pelo senhor Vice-Cônsul de Espanha em Florianópolis<sup>164</sup>

No estudo de autor-rede, segundo Amantino-de-Andrade, torna-se necessário compreender as redes em constante movimento, “reconhecendo que a realidade social e, conseqüentemente, organizacional é por si só dinamizada pelas relações de que é constituída.”<sup>165</sup> A rede entre os teuto-brasileiros, Godofredo L. Luce e os representantes consulares pode ser compreendida enquanto alianças estratégicas, e, portanto, com uma permanência e estabilidade parcial. Assim, mesmo que estejamos falando a todo tempo em uma rede, de maneira alguma ela é garantida, fixa. É ao contrário, uma rede muito vulnerável e de curta duração. A comunicação entre Godofredo e os cônsules durou oito meses com intensidade ao longo do ano de 1942.

Há preocupação, como relatada no ofício a seguir, de envolvimento em demasia de outros indivíduos sem registro nos consulados na comunicação entre os teuto-brasileiros e imigrantes com a diplomacia espanhola, denúncia a instabilidade dessa rede. Como alega o Cônsul espanhol de Porto Alegre, Federico Gabaldón em carta encaminhada em outubro de 1942, solicitando para o vice-cônsul espanhol em Florianópolis encaminhar os documentos e pedidos diretamente para o Consulado, preferencialmente em língua alemã, sem recorrer a auxílio de “terceiros” e “estranhos”. Outros ofícios com o mesmo tom, intensificam um pedido que aparentemente já havia sido feito outras vezes, ou seja, para que todos enviassem os textos em alemão, mesmo, sem traduções. A discussão permeia, também, na narrativa dos espanhóis, a sua já vista política ambígua na América do Sul.

### **Figura 3 -Pedido do Cônsul para envio de documentos em alemão sem auxílio de terceiros**

---

<sup>164</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-093, 1942.

<sup>165</sup> AMANTINO-DE-ANDRADE, Jackeline. Actor-network theory (ANT): uma tradução para compreender o relacional e o estrutural nas redes interorganizacionais?. **Cadernos Ebape. BR**, v. 2, 2004, p.9

Porto Alegre, 3 de octubre de 1942

Núm. 89-

Muy Señor mio:

Le acuso recibo de su oficio nº 105 y de las cartas que le acompañaban, que han sido remitidas a la Embajada para el curso correspondiente. Se comunicó directamente a la interesada el curso dado a su petición.

No hay inconveniente alguno, y hasta es preferible - de no tratarse de documentos que exijan su intervención inmediata - que remita a este Consulado los documentos que reciba en idioma alemán, sin necesidad de requerir el auxilio de personas extrañas al servicio.

Dios guarde a V. S. muchos años.

El Cónsul

Federico Gabaldón

Señor Encargado del Viceconsulado de España en  
F l o r i a n o p o l i s

**Fonte:** correspondência remetida a las autoridades. Carta Cónsul espanhol em Porto Alegre, Federico Gabaldón, número 89, em 3 de outubro de 1942. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-12851-00037-364

Este ofício em específico foi encaminhado no dia 3 de outubro de 1942, o que podemos supor se tratar de questões diretamente relacionadas com a censura e a interceptação de comunicação do governo brasileiro. Também, faz-nos questionar se a relação, a rede estabelecida partia dos dois lados do intercuro, podemos pensar na hipótese de que apesar de ser bem recepcionado e recebido, nos bastidores a coisa parecia ser um pouco diferente. É verdade, no entanto, na documentação que tenho disponível, que a comunicação entre Godofredo L. e os vice-consulados encerra-se em agosto de 1942, porque ele mesmo foi ao cárcere. O autor vinha registrando em suas missivas, que muito estava sendo censurado. Cartas e telegramas com evidência ou suspeita de muitas cartas interceptadas. O médico afirma que as correspondências não estavam chegando ao seu destino, nos dois lados da comunicação. Como nos trechos a seguir:

- 1 Peço desculpas, que somente hoje venho acusar de ter recebido suas atenciosas cartas do dia 17.6.42 e do dia 23.6.42 no dia 25.6.42, para as quaes agradeço muitíssimo penhorado; elles **chegaram em meu poder não censuradas, o que não se deu com a carta por via aérea do senhor cônsul da Espanha em Porto Alegre, J.Gabaldón**, que foi censurada pelos carimbos de “Blumenau, 19.6.42” e de “Jaraguá 25.6.42” em Florianópolis, com a **perda de tempo de 5 dias ao menos**, ao qual perda de tempo prejudicou o destinatário J.E. Joesting bastante<sup>166</sup>
- 2 É tudo isto, porque uma carta do Consulado da Espanha em Porto Alegre, que era **urgentíssima e por isto mesmo enviada por via aérea foi interceptada e farejada**, sendo o seu conteúdo, com mesmo vi, absolutamente **insuspeito!** - - - - -  
--<sup>167</sup>
- 3 No dia 30 de abril D. Helena Frerich Zenke, com 34 annos de idade, órfã de pae e mae, súbdita allemã, casada há 9 annos com Carlos Zenke, **teuto-brasileiro, isto é cidadão brasileiro**, escreveu uma carta ao Viceconsulado da Espanha em Florianópolis, a qual **carta infelizmente não mandou registrada de maneira que muito provável não chegou no seu destino**<sup>168</sup>

Se, “os bens móveis, os arquivos e documentos da missão assim como os seus meios de transporte são também protegidos pela inviolabilidade. Por consequência não podem ser objeto de qualquer requisição, apreensão ou medida de execução”<sup>169</sup> Então como o Estado brasileiro interceptava as comunicações das casas Consulares da Espanha, bem como os arquivos dos antigos consulados alemães? Aqui reside uma outra contradição. A violação era interdita nas

---

<sup>166</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-078, 1942.

<sup>167</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-078, 1942.

<sup>168</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Godofredo Guilherme Lutz Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-054/55, 1942.

<sup>169</sup> NGUYEN, Quoc Dinh; DAILLIER, Patrick; PELLET, Alain. *Op. Cit.*, 2003, p. 350.

leis internacionais, mas é possível perceber aspectos de uma desconfiança, apesar de haver, entre brasileiros e espanhóis, raízes fortes e muitas afinidades.

O nível da globalidade, a abordagem macro analítica do capítulo de maneira alguma se pretende como oposição ao nível pessoal do terceiro capítulo que beira a uma abordagem micro analítica. A conexão dos níveis se dá principalmente pela influência de um sobre o outro, sem se excluírem. A tentativa de inquirir quais as lógicas macroestruturais do período relacionando aos atores individuais, que em uma análise mais aproximada são individualizados<sup>170</sup>, ampliam as possibilidades de compreender o conceito de ator-rede estabelecido pela documentação analisada e que forma um determinado tipo de conexão entre os níveis. Porque sem hierarquia das escalas os sujeitos agiam e reagiam com o que tinham diante de si, dessa situação macro, mas as modificavam até a situação virar outra.

Muito útil para a análise da História Global, que visa de certa maneira estirar as fronteiras de análise, seja através do tempo, espaço ou narrativas. É por isso que ao longo de todo o texto repete-se a afirmação de que é possível através dessa documentação perceber os movimentos de alternância das fases diplomáticas desde o início da ditadura varguista em 1937. Assim, já introduzindo o segundo capítulo, concordo com Marcel Merle ao afirmar que,

Mesmo admitindo que o Estado continua sendo o ator principal das relações internacionais, ainda resta indagar o que o qualitativo abstrato de Estado encobre. Ver-se-á que os atos realizados pelos governantes e imputados ao Estado são o produto de uma combinação de influências onde estão entremeadas as forças de toda natureza que agem no interior de cada coletividade estatal e as forças que pesam, do exterior, sobre cada entidade nacional.<sup>171</sup>

Godofredo G. L. Luce elenca um certo grupo pelo qual intermeia uma relação, que considera injusta, num espectro bem mais amplo de injustiças e do autoritarismo varguista. Ao mesmo tempo que conecta fios a partir das demandas diplomáticas impostas naquele momento deixa transparecer elementos de suas afinidades ideológicas, mesmo que ocultadas pelo signo da justiça que afirma buscar empreender.

Na tênue linha que se apresentava em relação à ideia de neutralidade e no curto espaço que se apresentava como campo de ação dos indivíduos, Godofredo assinalava a si mesmo como “**grande admirador da Espanha** e do Consulado da mesma em Florianópolis e como seu muito agradecido e obrigado”<sup>172</sup>

---

<sup>170</sup> GRIBAUD, Maurizio. Escala, pertinência, configuração. In: Jacques Revel. *Op. Cit.*, 1998, p. 122.

<sup>171</sup> MERLE, Marcel. **Sociologia das relações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981, p.26.

<sup>172</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-72, 1942.

O ano de 1942 trouxe ao Brasil e ao mundo muitas metamorfoses, acomodações e mudanças intensas no cenário internacional. A guerra, que já havia iniciado em 39, com as violentas investidas alemãs na Polônia, é construída muito antes disso. A década de 30 mostrou passo a passo a construção vagarosa das mudanças políticas e da dinâmica internacional em se posicionar pragmaticamente. Segundo Gerson Moura, a ênfase, no caso brasileiro, recai sob o ano de 1942. Foi o ano de definição, assinatura de contratos e tomadas de posições sólidas quanto à guerra. Em janeiro a decisão pública de rompimento com o Eixo, em fevereiro, março e maio os grandes acordos econômicos e militares com os Estados Unidos, maio e agosto a cobeligerância costeira contra o Eixo, em agosto a Alemanha e Itália recebiam do Brasil a declaração oficial de guerra. O futuro da diplomacia do Brasil nos próximos três anos estava diretamente conectado com as decisões de 1942.<sup>173</sup>

Por isso a escolha de no tópico 1.1, explicar o tabuleiro de xadrez e a importância do cuidado em cada movimento antes da guerra numa escala macro, o movimento dos estados nacionais e o conceito de neutralidade como uma estratégia de sobrevivência dentro desse tabuleiro. No tópico 1.2 objetivou-se uma complementaridade para a ideia do “quem anda aos porcos tudo lhe cheira”, no jogo da política externa no período de guerra. A ideia de suspeição, estado intermediário das relações no âmbito global, mas também, adentrar aos espaços para a escala menor, e principalmente a escala nacional.

No próximo capítulo, analisaremos esta rede com o Estado nação, o plano político interno brasileiro, principalmente a nova dinâmica identitária e de cidadania exigida pelo Estado Novo e no que isso implicou no cotidiano desses indivíduos. Como muito bem colocam Schwartzman, Bomeny e Costa

O perigo não era só a guerra. O rompimento de relações com o Eixo completaria o ciclo que levou o país, do namoro explícito com as experiências fascistas europeias, a um realinhamento não só estratégico e militar, mas também político e ideológico. Esta mudança deveria ser feita, no entanto, sem substituir as pessoas que detinham o poder e que haviam criado toda a sua máquina administrativa. Era necessário, pois, que as próprias pessoas se transformassem e se adaptassem aos novos tempos.<sup>174</sup>

Nisso, as cartas de Godofredo G. L. Luce sempre inclinado a incriminar as atitudes do governo frente aos imigrantes alemães, exalta com muita frequência a sua interpretação dos “Inocentes” e “Injustiçados”, como na carta a seguir datada de 29 de abril de 1942:

---

<sup>173</sup> MOURA, Gerson. O Brasil na Segunda Guerra Mundial: 1942 – 1945. Em: ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon; SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva; DE CASTRO, Sergio Henrique Nabuco. **Sessenta anos de política externa brasileira (1930-1990)**. Editora Lumen Juris, 2006. p. 119.

<sup>174</sup> SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet e COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 271.

(...) Comunico tudo isto ao senhor Consul, porque conto, que **na sua qualidade consular deve ter conhecimento do que se passa na sua jurisdição no Estado de Santa Catarina com os súbditos alemães**, que como no caso por mim contado, não precisam ser tratados, como **criminosos dos maiores crimes nem devem ser tratados**, por que se trata em fim de gente, que **podem prestar fiança**, se de facto commetteram contra a ordem e segurança pública outra coisa ao lugar de **ser somente súbditos alemães**. (grifos da autora)<sup>175</sup>

De um lado, o autor das cartas apresenta sua perspectiva sobre esta “gente, que pode prestar fiança”, de outro abrange um contexto muito maior, da desconfiança na totalidade do próprio governo varguista em relação a um “outro”, a um determinado “outro” e um novo “eu-nacional” que se institucionaliza nesse momento. Junto a isso, uma sociedade corporativista almejada por Vargas ao longo de toda a década de 30 e 40, a sua ideia de nação, e o paradoxo de pensar os teuto-brasileiros e imigrantes como o “outro”, dado a diacronia da construção da nacionalidade no Brasil, das décadas anteriores.

---

<sup>175</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-059, 1942.



Detenidos  
alemanes  
1942 (Notas)

Saquete 1/2  
Papel nº 2

## 2 “Venho a conselho do Dr. Godofredo Luce contar o meu caso”: O mundo do além carta

É notória a relação que se buscou construir entre a identidade brasileira com as correntes migratórias e imigratórias. Identidade que já no século XIX o Estado nacional brasileiro buscava construir por uma negação; a negação das populações indígenas ameríndias, africanas e mestiças, em prol de uma identidade europeia fosse ela portuguesa<sup>176</sup>, fosse ela advinda do processo de “embranquecimento” com o incentivo de migrantes italianos, alemães, poloneses, suíços, dentre outros. Entretanto, o período aqui analisado é uma das décadas com o menor índice de ingresso de estrangeiros em território brasileiro da história do Brasil no século XX. O fechamento das rotas marítimas com o advento da Segunda Guerra Mundial (como visto no capítulo anterior), as mudanças no projeto político e as narrativas sobre “o brasileiro ideal”<sup>177</sup> ressignificam as presenças de imigrantes.

Entre 1937 a 1942, o projeto Estado novista é efetivado através de largas reformas administrativas. Os instrumentos de controle e as novas instituições possibilitaram, dentre outras coisas, a centralização administrativa e o domínio dos discursos populares. A grande interferência estatal nos meios de comunicação, através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), e as mudanças na Constituição, seja em relação aos imigrantes, na compreensão de cidadania, ou a criação do Dops (Departamento de Ordem Política Social) como meio coercitivo, mudam o cotidiano da população brasileira<sup>178</sup>.

Neste capítulo busco desenvolver uma discussão das cartas como fragmentos de diferentes narrativas. Em busca de traçar, como bem afirma Goebel Foote, que dentro do contexto da América Latina, ao fazer parte de um “circuito migratório transatlântico integrado e interligado se reforça o argumento de que a migração e a formação da nação em todo o continente americano devem ser vistas como processos emaranhados e inseparáveis.”<sup>179</sup>

---

<sup>176</sup> MARTIUS, Karl P. F. Von. Como se deve escrever a História do Brasil. **RIHGB**. Rio de Janeiro, IHGB. T. 06, p. 381-406. Ver também REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

<sup>177</sup> Ver mais em: TORMIN, Matheus Matos. Aspectos metodológicos da obra de Max Weber: potenciais e limites do tipo-ideal enquanto ferramenta metodológica. **Revista Florestan**, n. 7, p. 183-195, 2019.

<sup>178</sup> LÜDTKE, Alf. **The History of Everyday Life: Reconstructing Historical experiences and ways of Life**. Princeton: Princeton University Press, 1995. Ver também: CORDEIRO, Janaína Martins; MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Por uma História do cotidiano dos regimes autoritários no século XX. **Estudos Ibero-americanos**. Porto Alegre. V. 43. N.2. p. 242-248 – maio-ago, 2017.

<sup>179</sup> “the ways in which Latin America formed part of an integrated and interlocking transatlantic migratory circuit, and reinforces the argument that migration and nation formation throughout the Americas as a whole should be viewed as entangled and inseparable processes.” FOOTE, Goebel (eds.). **Immigration and National Identities in Latin America**. The University Press of Florida, 2014. p. 282.

Na medida em que é possível identificar as mudanças na noção de cidadania, a nova contradição entre branqueamento (multicultural) e abasileiramento (uni cultural), percebemos o quanto esta questão abarca muitas categorias (identidade, etnicidade, nacionalidade e nacionalismo, pertencimento, entre outras) e são fortes indicativos de mudanças profundas na relação entre política e cotidiano. Também, neste capítulo percebemos como o posicionamento brasileiro sobre a Guerra e os pontos de encontro com os movimentos totalitários se encontram no projeto nacionalizador. A escala nacional apresentada reflete diretamente na vida dos imigrantes, e também, na recepção, censura e dinâmica entre o médico Godofredo G. L. Luce e os representantes diplomáticos espanhóis. Ou seja, apresenta as categorias necessárias para adentrarmos a dimensão local no próximo capítulo.

## 2.1 Os brasileiros e os “outros”

“Venho a conselho do Dr. Godofredo Luce contar o meu caso, que se refere ao meu registro como estrangeira, registro exigido de todos os moradores estrangeiros no Brasil, que tem a idade de mais de 18 anos, há 3 anos, isso e desde o começo da guerra atual.”<sup>180</sup> Com o carimbo e assinatura de Godofredo G. L. Luce a carta de Johanne Borchers escrita em 30 de junho de 1942, mobiliza pelo menos quatro categorias dependentes entre si: identidade nacional, cidadania, alteridade, imigração. Categorias essenciais para entender o Brasil diante dos novos significados que eram construídos durante o período do Estado Novo, mas que já vinham sendo desenhados durante toda a década de 1930<sup>181</sup>. Tais projetos buscavam atribuir um sentido mais forte à identidade nacional e à mitologia em torno do Estado-Nação, inculcando o sentimento na população, para nacionalizar o país tornando seu invólucro homogêneo.<sup>182</sup>

Johanne Borchers nasceu em Oldenburg, no Estado da Baixa Saxônia na Alemanha no dia 19 de maio de 1924, e batizada no dia 21 de maio do mesmo ano. Quando nasceu, suas três irmãs e irmão, pai e mãe já tinham recebido o passaporte alemão de família havia um mês, no dia 6 de fevereiro de 1924, sendo autenticado pelo Cônsul do Brasil em Bremen, 8 dias depois. Com três meses, Johanne embarcou no *Norddeutscher Sloijd*, em Bremen no navio “Sierra Nevada”, posteriormente chamado de “Madrid”, em direção ao porto de Santos. A viagem durou 23 dias (2.8.1924 – 25.8.1924), dois dias após sua chegada embarcaram no vapor

---

<sup>180</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Johanne Borchers. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-079, 1942.

<sup>181</sup> CARONE, Edgard. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro; São Paulo: DIFEL, 1976, principalmente pag. 166 e seguintes.

<sup>182</sup> A transcrição da carta encontra-se no anexo 26.

“Anna” de propriedade da família Hoepcke<sup>183</sup>, em Florianópolis, para o porto de São Francisco do Sul, de onde, segundo descreve Johanne, seguiram diretamente para Jaraguá do Sul. Uma semana após a sua chegada, seu pai já havia estabelecido a família em um lote colonial que havia comprado. Onde, seguindo os conselhos do médico, permaneceram instalados. Johanne não tem documentação. Não tem passaporte. Não consta em nenhum registro brasileiro até então. No mundo das documentações diplomáticas e dos registros oficiais da burocracia entre os Estados brasileiro e alemão, ela permanece em Oldenburg. Seu irmão mais velho, Diedrich Borchers, já havia sido preso no dia 14 de abril de 1942, relatado em carta por Godofredo G. L. Luce.<sup>184</sup> Sem o registro, Johanne possivelmente correrá o mesmo risco que o irmão, ser presa, ou forçada a declarar-se culpada, na prisão da cidade que, segundo Godofredo G. L. Luce, estava em condições precárias, e havia sido construída em cima de um cemitério. Para ter os documentos ela precisaria viajar pessoalmente para Florianópolis, mas não pôde viajar sem documentos. Nessa incongruência expressiva, Johanne, antes de existir dentro dos registros da imigração brasileira, é considerada uma espécie inimiga do Estado.

Redige sua carta a lápis, e em português. Envia uma cópia da certidão de nascimento, em alemão, o passaporte familiar e duas fotos requisitadas para fazer o registro. Fiando-se, escreve ao Vice-Cônsul da Espanha em Florianópolis, “na vossa cavalheiresca intervenção, que gabam muito”.<sup>185</sup> É importante ressaltar que este tipo de trajetória não alimenta àquela memória coletiva de relatos orais sobre os “perseguidos”, “coitados”, “pobres alemães”, etc., que tanto vemos em uma historiografia descuidada e tendenciosa. O que demonstra é a ideologia do governo Vargas em relação aos estrangeiros, que se utiliza da lógica de que os até então desejados para o embranquecimento da população passaram a ser visados como inimigos do Estado e da nação ideal, o ponto fraco delas, posto que inassimiláveis.

#### **Figura 4 - Carta de Johanne Borchers, assinada por Godofredo G. L. L., em 30 de junho de 1942**

---

<sup>183</sup> A empresa nacional de navegação Hoepcke fundada em 1895 em Florianópolis, então Desterro, exercia grande influência na vida dos teuto-brasileiros. Para além da empresa de navegação as casas comerciais Hoepcke sediadas em Florianópolis e as filiais nos municípios de Blumenau, Curitiba, Joaçaba, Joinville, Lages, Laguna, São Francisco do Sul e Tubarão, estabeleciam, também em certa medida uma manutenção dessa ponte Brasil-Alemanha.

<sup>184</sup> Em: Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n.54 – 14685- 057 e 54-14685-068 -9, 194.

<sup>185</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Johanne Borchers. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-079, 1942.

Ill<sup>mo</sup> Sr.

Feliciano Veiga Viçes  
M. D. Viceconsul de España  
Rua Vitor Meireles n. 18  
Florianópolis.

Yaraguá, do Sul, 30 de junho de 1942

Respeitosas saudações.

Venho a conselho do Dr. Godofredo Luce contar o meu caso, que se refere ao meu registro como estrangeira, registro exigido de todos os moradores estrangeiros no Brasil, que tem a idade de mais que 18 annos, ha 3 annos isto e desde o começo da guerra actual.

Nasci no dia 13 de Maio de 1924 as 17<sup>34</sup> horas na cidade de Oldenburg na Alemanha, quando os meus pais e meus 3 irmãos e 1 irmã mais velhos já tinham recebido no dia 6 de Fevereiro de 1924 o seu passaporte de familia, que foi visto no dia 14 de Fevereiro de 1924 pelo Consul Geral do Brasil em Bremen; somente tenho como legitimação a certidão de nascimento pelo official do registro civil em Oldenburg e mais uma certidão de baptismo tambem de Olden<sup>Burg</sup>, onde em 21 de Maio de 1924 foi baptisada. Seguimos no mesmo anno pelo vapor allemão, Sierra Nevada, "que agora reformado chama-se, Madrid," do Norddeutscher Lloyd de Bremen para o Brasil, que sahio de Bremerhaven no dia 2.8. 1924 para chegar mais ou menos no dia 25.8. 1924 em Santos, no qual porto minha familia desembarcou para 2 dias depois seguir com o vapor, "Anna" de Hoepke em Florianópolis para o porto de São Francisco do Sul.

De lá seguimos directamente para Yaraguá do Sul, aonde meu pai já no dia 5 de Setembro de 1924

comprou o seu lote colonial, aonde ainda  
estamos morando. junto a conselho do Dr. Luce  
o passa-porle da minha familia, no qual  
Va. Sa. tambem encontrará no fim a minha  
certidão de nascimento em original allemão.  
O escrivão do registro civil e em mesmo tempo  
da policia no lugar de nome Arthur Meüller,  
que já procurei 3 vezes depois de ler completado  
18 annos em 13 de Maio do anno corrente, me  
declarou na 3<sup>a</sup> vez, que não podia me registrar,  
sendo necessario de eu ir para Florianopolis  
em pessoa, que eu não posso fazer.

~~Maio eu preciso de ser registrada para evitar~~  
de ser presa e mettida nas horiveis cadeias poli-  
ciaes no cemiterio, aonde o meu irmão Diedrich  
já soffreu desd' o dia 14 de Abril de a. c. ate' 28  
de Abril, quando foi solto de certo pela intercessão  
de Va. Sa.; tambem sei certo, que cobram multas  
enormes.

junto tambem as duas fotografias, que mandei  
fazer para o fim deste registro

Me fiando muito na Vossa cavalheiresca inter-  
venção, que gabam muito, esperando resposta,  
assigno-me

Como Vossa de antemão muito penthorada e obrigada  
Johanne Borchers.

Endereço:

Ill<sup>ma</sup> S<sup>ra</sup> Ita

Johanne Borchers

q. do Ill<sup>mo</sup> S<sup>r</sup>. D<sup>o</sup> Godofredo Luce, medico

Rua Presidente Dr. Epitacio Pessoa 756

Jaraguá do Sul  
Santa Catarina.



**Fonte:** Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Johanne Borchers. Archivo General de

la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-079, 1942

A situação da família Borchers é um exemplo entre muitos do complicado jogo de relações entre o Governo brasileiro e os imigrantes no decorrer do ano de 1942. A nota do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, publicada no jornal “Correio do Povo” de Jaraguá do Sul, no dia 24 de janeiro de 1942<sup>186</sup>, explicita de maneira bem direta a dificuldade relatada por Johanne. A nota informa que os registros e pedidos de naturalização deveriam ocorrer até o dia 31 de janeiro, sob pena de multa de 500\$000 (o equivalente a R\$ 181,82) ou até mesmo expulsão do país. Ao que tudo indica, Johanne estava cinco meses atrasada com sua documentação.

Na mesma página do jornal, manchetes como “Para servirem o Brasil com o Sacrifício das próprias vidas”, a respeito dos espanhóis republicanos; “As Américas romperão com o Eixo”, relatando o projeto de rompimento das relações diplomáticas entre as repúblicas americanas e os países do Eixo, aprovado no dia 22 de janeiro de 1942; “O Brasil será uma surpresa nesta guerra”, afirmando que o Brasil seria a “próxima potência militar do mundo”, estando preparado “para todos os sacrifícios que o futuro nos indica serem necessários à sobrevivência dos nossos princípios cristãos e a redenção da liberdade humana”.<sup>187</sup> Segundo Plínio Luiz, redator dessa matéria, os norte-americanos já haviam aprovado um programa de auxílio econômico ao “se surpreenderem (...) (com) a perspicácia, a sagacidade, a visão e a cultura dos nossos enviados (que) representam o grau do progresso brasileiro(...)”. O jornal ainda informa o início da construção da estação ferroviária de Jaraguá, sendo esta, “sem dúvida alguma, uma conquista do esforço produtivo de nossa coletividade trabalhista, em várias décadas de anos.”<sup>188</sup>

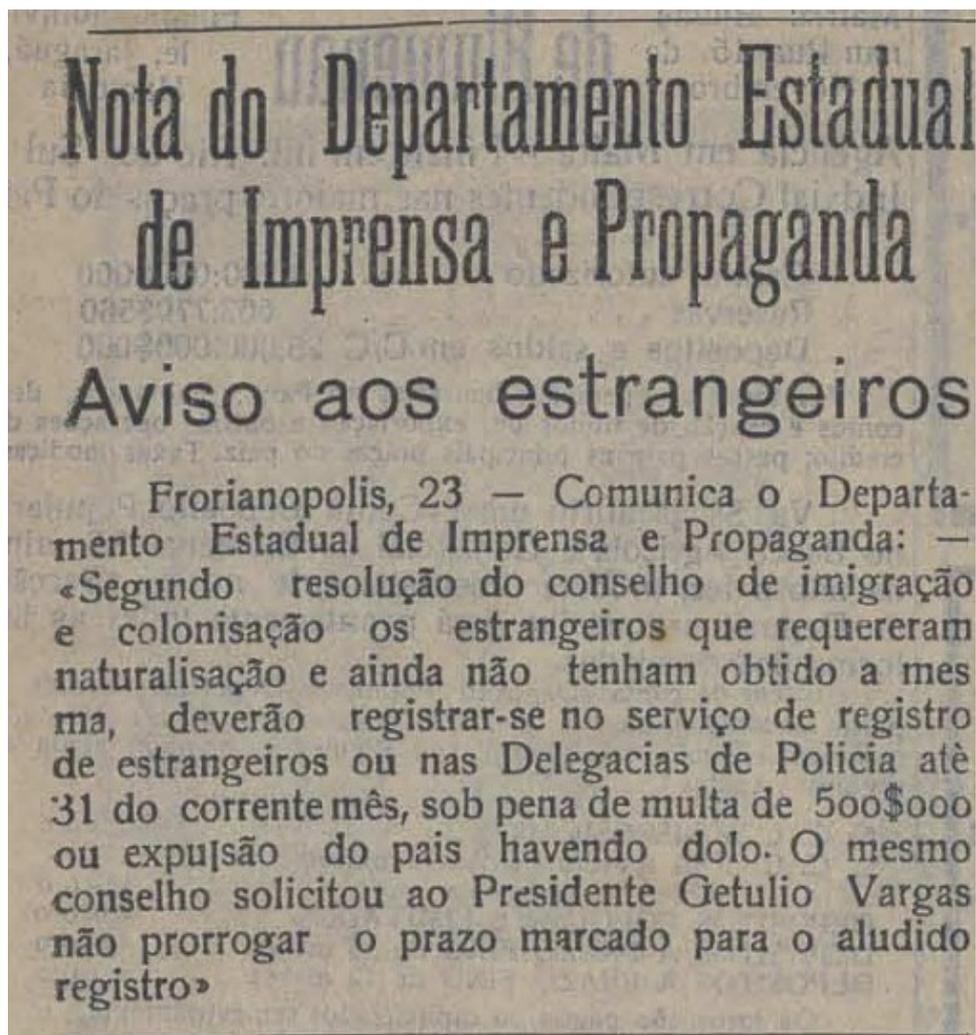
**Figura 5 -Nota do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda no Jornal Correio do Povo de Jaraguá do Sul.**

---

<sup>186</sup> O documento inteiro encontra-se no anexo número 2.

<sup>187</sup> Este ponto é muito interessante, também porque era um alarde e uma distinção em relação aos movimentos, socialistas, comunistas e anarquistas muito ativos por toda a década de 1920 até a famosa Intentona Comunista de 1935, que serviu como estopim para o Vargas condenar a existência do Partido Comunista e articular o golpe que instituiria o Estado Novo em 1937.

<sup>188</sup> Jornal Correio do Povo, Jaraguá do Sul, v. XXIII, n 1109, jan. 1942, p. 1.



**Fonte:** Jornal Correio do Povo, Jaraguá do Sul, v. XXIII, n 1109, jan. 1942, p. 1

Cheio de possibilidades de análise, deixamos o cenário marcante das relações internacionais, e focalizamos nossos esforços a pensar o prazo desses registros que não devem ser prorrogados, as resoluções do conselho de imigração e colonização que entram em vigor com uma velocidade impressionante, e a grave problemática dessa comunicação que não encontra o seu destinatário. Mesmo não existindo a menção direta da denominação de “inimiga do Estado”, a matéria coloca uma grande pressão para regularização do seu status no país que claramente serve como um panóptico para vigiar e mapear seus movimentos.

Assim, ao retornar a carta de Johanne encontramos muitos elementos dessa estrutura. O embarque em Bremen, a chegada ao porto de Santos, a compra do lote colonial em Jaraguá do Sul, a prisão do irmão, ser uma jovem mulher solteira e sem formação, e a urgência na necessidade de estar em posse de qualquer registro brasileiro acompanham uma transição na Constituição e no cotidiano nacional. A carta de Johanne, ou acredito que poderíamos falar na experiência vivida por Johanne e sua família, reside nas transformações operadas sob a ideia e

o signo da “nação”. Os efeitos dispostos sobre os sujeitos e os grupos que em um determinado território vivem, cabendo, portanto, e por processos diversos e variados à sua integração, assimilação e reclassificação ou no caso específico aqui, a sua negação. A ideia de nação fora articulada com uma nova narração cultural, onde articulações simbólicas reformadas eram mobilizadas para respaldar um novo projeto político. Uma delas, era transformar a questão dos estrangeiros, àqueles que não nasceram no país, descendentes de estrangeiros ou portadores de identidades étnicas não desejadas, em um caso de segurança nacional.<sup>189</sup>

As categorias supracitadas, dentre outras, fixam os membros do Estado entre si, como se esse fosse um sistema classificatório. Determinando aqueles associados ou não à nação. Para além de uma questão de fronteiras, o Estado classifica a língua e suas normas, os direitos e deveres, e a relação com que os membros associados terão com aqueles que não o são. A isso escolhem as imagens das propagandas, os discursos e a exaltação a determinado tipo ideal de cidadão. Forjam sentimentos étnicos e sentimentos nacionais, que anteriormente não colidiam uns com os outros, transformando as relações entre os sujeitos, o lugar e o tempo conforme sua cultura. Para isso, a nação como sistema classificatório se utiliza de artifícios de legitimação como, por exemplo, o nacionalismo e o patriotismo.<sup>190</sup>

As demandas para legitimação dos novos Estados nacionais incluíram obrigatoriamente em suas agendas um novo sentimento de lealdade e identificação da coletividade de indivíduos que compõem a “nação”. Utilizando a expressão de Eric Hobsbawm, entendeu-se necessário criar uma religião cívica, o patriotismo, que sustentasse o senso de dever perante a nova máquina administrativa. A incorporação de populações dentro de um território, segundo Hobsbawm, necessita construir e ensinar a nação por uma elite burguesa que possui os meios para isso, dessa maneira, “os meios de comunicação de massa – nesse momento a imprensa – só podiam transformar-se em tal quando uma massa alfabetizada na linguagem padrão fosse criada.”<sup>191</sup> O autor usa o exemplo dos italianos no final do século XIX, onde no Norte usava-se uma língua completamente distinta do sul da península que falava o toscano, que acabou por virar a língua nacional. Assim, “(...) ao imporem uma língua de instrução, impunham também uma cultura, uma nacionalidade”<sup>192</sup>. Todos que compunham o território

---

<sup>189</sup> SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Orgs.) **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, p. 1999.

<sup>190</sup> BARBOSA, Márcia Fagundes. **Imagens nacionais e relações de poder nas narrativas da imigração alemã em Santa Catarina**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92719>, 2009, p.22-25.

<sup>191</sup> HOBSBAWM, Eric J. **A Era do Capital; 1848-1875**. Tradução Luciano Costa Neto. 21ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, p.143. Ver especialmente capítulo 05: A construção das nações.

<sup>192</sup> *Ibidem*, p. 134.

passaram a ser chamados de italianos, como a famosa frase de Massimo d'Azeglio em 1860 faz questão de firmar como projeto: “Fizemos a Itália; agora precisamos fazer os italianos”<sup>193</sup>. Para tal projeto é imprescindível que ocorra a negação do estrangeiro, do diferente, do incompatível com a identidade nacional pretendida. Essa “nação” tinha interesse em reunir uma coletividade monolítica, se interessava pelas questões de etnicidade que traça uma distinção na relação, fronteiras étnicas dentro de um mesmo espaço nacional<sup>194</sup>, ou pela unidade de idiomas vernáculos apenas para fins pragmáticos.<sup>195</sup> Nas palavras do autor,

o próprio ato de democratizar a política, isto é, de transformar sujeitos em cidadãos, tendia a produzir uma consciência populista que, vista de certos ângulos, é difícil de distinguir do patriotismo nacional e mesmo chauvinista – pois se “o país” é, de algum modo, “meu”, então pode ser visto muito depressa preferível aos dos estrangeiros, especialmente se estes não possuem os direitos e as liberdades da verdadeira cidadania<sup>196</sup>

O início do século XX, observado sob este ponto de vista, foi marcado por um patriotismo potencial elaborado pelas classes dominantes. Nesse momento se desenvolveu um senso de pertencimento, que passou a ser reivindicado e exercido com maior afinco entre os “verdadeiros” cidadãos. Daí advém uma narrativa, uma propaganda utilizada pioneiramente na Primeira Guerra Mundial, de que o país, esse Estado-nação composto por um corpo comum de “cidadãos reais” necessita ser defendido de uma ameaça daquele outro que quer roubar o “meu lugar”. Este seria o componente emocional central para a manutenção do patriotismo estatal. Segundo Gopal Balakrishnan a pureza e fatalidade da imaginação nacional não brotam espontaneamente da organização social da língua vernácula, mas dos riscos decorrentes de pertencer a uma “comunidade de vida e morte”. A nacionalidade imaginada, com suas afinidades sagradas com a religião, nem sempre parece enraizar-se profundamente na vida cotidiana da sociedade moderna. Em condições normais, os indivíduos pertencem e se identificam com um vasto número de associações superpostas, nas quais a participação pode ser instrumentalmente avaliada, até certo ponto. Isso significa que, na maior parte do tempo, a experiência de pertencer a uma nação é tênue e superficial. Só na luta a nação deixa de ser um

---

<sup>193</sup> HOBSBAWM, Eric J. *Op. Cit.*, p. 134.

<sup>194</sup> Segundo Fredrik Barth, ao classificarmos a organização social segundo os signos culturais socialmente diferenciados, principalmente em função da suposta origem dos indivíduos, estamos falando de etnicidade: “estudo dos processos variáveis e nunca terminados pelos quais os atores identificam-se e são identificados pelos outros na base de dicotomização Nós/eles, estabelecidas a partir de traços culturais que se supõem derivados de uma origem comum e realçados nas interações raciais.”. In: POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**. Unesp, 1997, p.141.

<sup>195</sup> HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. (trad. de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino). São Paulo: Editora Paz e Terra, 1991, p.93-104.

<sup>196</sup> *Ibidem*, p. 103.

quadro de referência informal e apenas presumindo como certo, transformando-se numa comunidade que se apodera da imaginação.<sup>197</sup>

Ao pensar na expansão filológica do termo “pátria”, Hobsbawm afirma que até o início do século XIX o termo significava simplesmente o lugar de nascimento do indivíduo. Apenas com a imposição de uma ideia de “povo” de uma mesma “nação” “(...) é que os cidadãos de um país se tornaram uma espécie de comunidade, embora uma comunidade imaginada, e seus membros, portanto, procuraram (e conseqüentemente a achar) coisas em comum, lugares, práticas, personagens, lembranças, sinais e símbolos.”<sup>198</sup> É no período entre 1880 a 1914 que, para além de uma mobilização aparentemente inofensiva de imagens nacionais, como o hino e a bandeira, as narrativas nacionais desenvolvem constructos ideológicos de suas versões do corpo social, territorial e histórico do país, colaborando em peso com a impulsão de sentimentos de xenofobia, de superioridade nacional e racial. Tudo isso em busca de fabricar um passado comum, repleto de tradições.<sup>199</sup> Para Hobsbawm a nação é um construto do nacionalista, e esse tem sua diferenciação de classe e os interesses ligados à burguesia, que se alimentando do folclore e de seleções, mitos sobre o lugar e o tempo se mobiliza para que o povo seja também “nacional”.

Ao lermos “tradições” e “comunidades imaginadas”, podemos nos transportar para outra perspectiva de nação elaborada por Benedict Anderson. Para Anderson o estado moderno é pensado por práticas culturais e administrativas que fomentam a instituição de obrigações, deveres, bem como uma identificação frente aquele grupo compartilhado, supostamente homogêneo. Para isso se instituem fronteiras, uma língua vernácula comum, meios propagandísticos (chamadas por ele de “capitalismo de imprensa”) e principalmente a imaginação<sup>200</sup>. Acredito que as duas teorias, apesar de divergirem em alguns pontos, não se excluem. As nações, para ambos, são fenômenos construídos, forjados na modernidade fruto tanto por um mecanismo da imaginação quanto por estruturas sociais.<sup>201</sup> No caso do nacionalismo de países pós-coloniais, como afirma Partha Chatterjee, “o nacionalismo lança

---

<sup>197</sup> BALAKRISHNAN, Gopal; RIBEIRO, Vera. **Um mapa da questão nacional**. Contraponto Editora, 2020, p.221.

<sup>198</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Op. Cit.*. p.104-105.

<sup>199</sup> *Ibidem*. p. 107.

<sup>200</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>201</sup> Acho interessante marcar aqui um viés da análise de um nacionalismo brasileiro, que por questão de tempo não me foi possível. “Se os nacionalismos do resto do mundo têm que escolher suas comunidades imaginadas entre certas formas “modulares”, já colocadas a seu dispor pela Europa e pelas Américas, que lhes resta imaginar?” GOPAL Partha Chatterjee, “Whose imagined community”. In: BALAKRISHNAN, Gopal; ANDERSON, Benedict. *Mapping the Nation*. Verso: London/ New York, 1996, p.214.

seu projeto mais poderoso, criativo e historicamente importante: criar uma cultura nacional “moderna” que, não obstante, não seja ocidental.”<sup>202</sup>

Estamos escrevendo sobre uma nação que recém havia iniciado um embate dinâmico de múltiplas narrativas entre a construção de imaginários e símbolos, que tentavam se desvencilhar do passado colonial, e seriam pilares para a constituição da República brasileira. Segundo José Murilo de Carvalho, a criação dessas imagens uniformes de nação, necessita do nacionalismo para fazer sentido. Sentidos, no plural, porque abarcam uma gama surpreendente de níveis na vida de um indivíduo e apelam para uma comunidade de indivíduos que compartilham signos e valores em comum.<sup>203</sup> Afetam a identidade e identificação do “eu” nacional, do público e do privado, práticas cotidianas, relações afetivas com o espaço, com a língua, com as “coisas” nacionais, tudo buscando ser articulado à construção do pertencimento e à necessidade da “formação das almas” por um processo também pedagógico e educativo<sup>204</sup>.

Nesse sentido, não à toa a chamada do jornal *Correio do Povo de Jaraguá do Sul*, no dia 2 de abril de 1938 afirmava: “Nacionalismo, é a palavra de ordem do momento”. Nacionalismo, ordem, tempo. Seguindo essa sequência, a nova determinação da experiência cotidiana é viver o nacionalismo. Nesse mesmo mês, dia 18 de abril de 1938, é vedado a estrangeiros a atividade política no Brasil.

Ao lado do nome do jornal, uma matéria curta, mas expressiva informa ser oportuna a divulgação da fala do general Meira de Vasconcellos sobre o fechamento das Escolas Polacas no Brasil, dizendo que “o estrangeiro que insiste em ser educador de nossas crianças, é um elemento indesejável”. O projeto de educação do Estado Novo, assim como o papel publicitário, só faz desenvolver com maior profundidade essa forja de uma nova experiência cotidiana, ou até mesmo essa “formação das almas” para a nação.

Logo abaixo, temos a notícia do suicídio por enforcamento de Hjalmar Larson, homem suíço de 70 anos e Tadeus Holknecht, homem italiano de 66 anos. Godofredo G. L. Luce acompanhou a polícia em ambos os casos. Alguns relatos de um novo curandeiro na cidade, anúncio do cine central que iria exhibir “em duas esplêndidas sessões (...) o famoso ‘cowboy’ Buck Jones”, elogia a “prestigiosa acção fecunda” de Alexandre Gutierrez então superintendente da Rede de viação Paraná-Santa Catarina. Uma matéria justificando as medidas de Getúlio Vargas em relação aos partidos políticos, afirmando que “o novo Estado é a única

---

<sup>202</sup> *Ibidem*, p.231.

<sup>203</sup> Ver também BACZKO, Bronislaw. **A imaginação Social**. In: Leach, Edmund et alii. *Anthropos Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.

<sup>204</sup> CARVALHO, José Murilo. **A formação das Almas: O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

vontade que a nação reconhece e respeita e segue”, e que para eliminar os equívocos “é necessário que se lhes tire dos olhos essa catarata para que vejam, com nitidez, os imperativos e as contingências dos novos tempos.” Sob o título de “Uma luta anacrônica” a matéria prossegue afirmando que “O estado instalado em novembro, sendo a expressão e uma vontade nacional, exclusiva, única e soberana, no Norte, no Centro e no Sul, não quer ter preferências de pessoas, nem de grupos, nem de conventículos”, e, por isso não lhe importam “as discordâncias dos partidos”, aqui percebemos a condescendência de jornais com o autoritarismo e o caráter antidemocrático do regime. A chamada inicial, parece ganhar novos sentidos após uma rápida olhada na composição editorial. O emprego de um tom pacificador, conciliador, mas impositivo expõe os sujeitos representados ou excluídos pelo jornal. Posto que baseado numa ideia de estado corporativista, supostamente orgânico, sem luta de classes, flerta forte com o fascismo. A cautela do “evita-se” logo se revela cínica ao insinuar uma “invasão de lendas exóticas e a criação de doutrinas raciais”. Denuncia esse “extremismo demolidor” e os riscos de tais “subversões” no seio da “família brasileira”, seus leitores desejados, que se displicente quanto ao tema correm o risco de “apunhalar traiçoeiramente” o que se buscava inventar: “a alma nacional”.

**Figura 6 - Capa do Jornal Correio do Povo e Jaraguá do Sul, dia 2 de abril de 1938**



**Fonte:** Jornal Correio do Povo, Jaraguá do Sul, v. XVII, n.925, 2 de abril. 1938, p. 1.  
Disponível em: [CDP1938925 \(ciasc.sc.gov.br\)](http://cdp1938925.ciasc.sc.gov.br)

Esse discurso, elaborado em 1938, possibilita pensarmos as camadas de um processo de valorização de determinado tipo de sujeito nos discursos nacionais. E como ele se transformou, se reinventou durante o século XX sem perder os elementos até então mobilizados. Se observarmos ao longo dos séculos, a relação com os imigrantes mudou bruscamente a partir da Primeira Guerra Mundial. No entanto, é importante ressaltar, a valorização da condição de ser branco na América caribenha, espanhola e portuguesa, dominou os discursos não só das elites como também impregnou o imaginário e as visões de mundo populares.<sup>205</sup> Principalmente os países do Cone Sul adotaram políticas públicas de incentivo a imigração, sobretudo da Europa, ademais do Oriente Médio e Ásia. Assentados em territórios ditos despovoados, os chamados “vazios demográficos”, apagavam das narrativas e imaginários as populações indígenas que já estavam ali.<sup>206</sup> Sem falar nos africanos, que se estabeleceram no Brasil, fruto de uma imigração forçada, durante os 300 anos de colônia portuguesa e durante boa parte do Império (últimas décadas do século XVI até 1850). A face indígena e a pele negra deveriam ser eliminadas do genótipo do “brasileiro ideal”. O pesquisador Jeffrey Lesser traduz muito bem esse movimento ao escrever que

(...) uma série de processos levaram à criação de uma sociedade pluralista, com uma hierarquia racial que colocava a branquidão no topo e a negritude na base. A fluidez desses termos e de seus significados, entretanto, fizeram com que o Brasil se tornasse uma nação multicultural, embora seus cidadãos geralmente vissem a si próprios e a seu país como se tornando progressivamente mais brancos. Termos como *branco*, *negro*, *européu*, *índio e asiático* (entre outros) não tinham significado fixo no contexto brasileiro. Pessoas e grupos entravam e saíam dessas categorias sempre mutáveis, e a identidade nacional brasileira era, em geral, simultaneamente rígida (a branquidão era consistentemente valorizada) e flexível (o significado de branquidão era maleável)<sup>207</sup>

Um projeto ao longo dos séculos de remodelar as pessoas que figuravam o Brasil através de imigrantes brancos, ou seja, “os recém-chegados ajudaram a formar outro mito da nacionalidade brasileira, o do ‘país do futuro’, no qual a branquidão iria eclipsar a negritude”<sup>208</sup>. Utilizando-se de um discurso científico eugenista, o Estado passou a utilizar a imigração para embranquecer o território nacional. No censo demográfico de 1872 cerca de

---

<sup>205</sup> Ambos os temas discutidos até aqui, já foram largamente estudados, porém se faz essencial delimitar os conceitos e percorrer o contexto, para que as cartas de Godofredo G. L. L. possam ser analisadas.

<sup>206</sup> Ver principalmente sobre a Argentina: DONGHI, Tulio Halperin. **Proyecto y Construcción de una nación** (Argentina 1846-1880). Caracas: Biblioteca Aycacho, 1980. Em especial: AZÚA, Carlos. Uma nación para el desierto argentino.

<sup>207</sup> LESSER, Jeffrey Howard; ZIMBRES, Patrícia. **A invenção da Brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração**. Editora Unesp, 2015. p. 38.

<sup>208</sup> *Ibidem*, p. 34.

60% da população era considerada não branca.<sup>209</sup> Assim, quando o europeu, principalmente italianos e alemães, tornaram-se o imigrante ideal, observa-se uma conjuntura marcada por uma pseudociência que positivou ideias.

Na década de chegada de Johanne e sua família — os anos 20 — a medicina legal desenvolve grande papel no dia a dia das cidades brasileiras. O discurso médico acerca de uma possível “perfectibilidade” e sua nova figura como perito, dava assistência para a polícia ao descrever características físicas voltadas para a criminalidade ou a loucura. O Brasil através desse discurso, estava racialmente enfermo, seja pelo cruzamento de raças ou pelo simples convívio entre as mesmas. O eugenismo separava seus argumentos e motivos diferentemente conforme a localização geográfica.<sup>210</sup> Ser descendente ou dizer-se imigrante foi considerado nesse início de século uma vantagem, ocupando os papéis de maior prestígio na sociedade. Em contrapartida as demais etnicidades ocuparam as camadas mais baixas da hierarquia política, social e econômica.

No processo de formação da nação no Brasil, em meados do século XIX, para além de conhecimento do território e das diversas províncias, se fazia importante também o “como” contar a história da nova nação. Dessa maneira, a criação do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro (IHGB), em 1838, tinha por missão maior juntar documentos e tecer narrativas que costurassem e dessem sentido à nova entidade geográfica. Mas afinal, que narrativa? Em 1844, propôs-se um concurso sobre a temática, o vencedor, o botânico bávaro Friederich Phillip Von Martius havia sugerido em sua famosa dissertação “Como se deve escrever a história do Brasil”, que a preeminência da história do Brasil deveria recair sobre a colonização portuguesa na América, a ação dos portugueses em erigir uma civilização nos trópicos deveria então ser a coluna vertebral da nova nação, enquanto explicava a independência coroada na América, amarrava o Brasil à Europa, suposto centro da civilização. Sugeriu ainda pesquisas sobre quem eram os americanos, elemento que floresceria na literatura romântica dos anos subsequentes, entretanto sobre os africanos, afirmava que sua presença era deletéria para a construção da nação, num arroubo cientificista que hierarquizava a humanidade, afirmava que a vinda de escravizados havia causado um grande problema para a nação<sup>211</sup>.

---

<sup>209</sup> Ver mais em: BISSIGO, Diogo Nones. **A "eloquente e irrecusável linguagem dos algarismos":** a estatística no Brasil Imperial e a produção do recenseamento de 1872. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/123277>.

<sup>210</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX. Editora Companhia das Letras, 1993. p. 247.

<sup>211</sup> VON MARTIUS, Karl Friedrich Phillipp. Como se deve escrever a História do Brazil. **Revista Trimensal de História e Geographia**. 24 de janeiro de 1845. Ver também: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Historiografia e Nação no Brasil** – 1838-1857. Trad. Paulo Knauss e Ina de Mendonça. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

O problema vislumbrado pelos pensadores brasileiros era a condenação na nação pela sua mestiçagem, a solução adviria com o processo de branqueamento da população brasileira, “redenção de Cam” do famoso quadro de Brocos seria o caminho elencado durante a segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX. Em meados da década de 1860, com o fim do tráfico atlântico e a percepção do fim da escravidão, projetos de incentivos à colonização pululavam entre os grandes latifundiários e cafeicultores. Tudo girava em torno de fabricar uma nova imagem do Brasil, mais “europeia”, conseqüentemente, era mais “branca”.<sup>212</sup> A América do Sul, cheia de possibilidades aos imigrantes, que carregavam na tonalidade de sua pele e na sua nacionalidade determinado espírito, pré-determinado, dito mais virtuoso, do que o indígena e os africanos. Uma sociedade escravocrata que precisava refazer sua cara para se tornar influente no cenário global.<sup>213</sup>

Ao longo de todo o processo colonizador, do século XVI ao XVIII chegaram ao Brasil milhares de degredados (exilados), soldados, mulheres (acompanhando seus maridos ou como órfãs), súditos portugueses e milhões, aproximadamente 5 milhões dos 12 milhões arrastados para a América de africanos forçados. Um fluxo constante e flutuante dependendo das descobertas econômicas amalgamando num processo violento e cruento gentes de três continentes na colônia portuguesa da América.<sup>214</sup>

Junto do discurso cientificista do pós-1850, a “forja identitária” ganha maior força ao visar nos estrangeiros sua estratégia suprema. A filosofia política e cultural de “branqueamento”, estimulou casamentos mistos e investiu nas políticas de imigração, colocando na lei do país estratégias para transformar fisicamente a população. Pautada em estudos “científicos” do século XIX, determinou-se que certas “raças”, eram geneticamente superiores a outras. Seja a escala craniométrica, de Johann Friedrich Blumenbach, em 1776, as ideias do século XIX de Jean-Baptiste Lamarck com a teoria de que uma “raça nacional pura” seria possível, ou o precursor do pensamento eugenista Francis Galton em 1869, o fato é que a

---

<sup>212</sup> Interessante observar o caso da interpretação da Lei de Terras que coincide com o fim do tráfico atlântico em 1850, e que tornava a terra um bem comercializável, mas praticamente impossível para os alforriados, africanos livres e ex-escravos a adquirirem. Ver mais em: MOTTA, Márcia Maria Menendes et al. **Nas fronteiras do poder: conflitos de terra e direito agrário no Brasil desde meados do século XIX.** 1996.

<sup>213</sup> É interessante pensar se observarmos o posicionamento de muitos historiadores brasileiros, até mesmo na virada do século XIX para o XX, como se estivessem condenados à miscigenação e a constante renúncia dessa suporta condenação. O caso do Oliveira Viana no livro “Populações Meridionais do Brasil”, abertamente racista se utiliza de teorias cientificistas e inflamava uma campanha violenta de despossessão ante os caboclos no sul. Em contraposição, é nesse mesmo início de século que Gilberto Freyre vai abordar a miscigenação com caráter positivo, como fica evidente na abordagem da Antropologia Cultural. Ver mais em: VAINFAS, Ronaldo. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. **Revista Tempo**, v. 8, p. 03-12, 1999.

<sup>214</sup> SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 9, n. 26, p. 103-122, 1994.

elite, os intelectuais e políticos do Brasil, usavam o país “como um ‘laboratório racial’ de embranquecimento”<sup>215</sup>, onde a chave para a mudança racial da população estaria no ingresso de imigrantes brancos no país.<sup>216</sup> Muitos incentivos estatais foram oferecidos, como por exemplo a naturalização imediata dos emigrados, isenção de impostos nos primeiros anos após sua chegada, passagens gratuitas ou a preços reduzidos, relativa liberdade religiosa<sup>217</sup>, recebimento de gado e de dinheiro durante dois anos e o estabelecimento em pequenos lotes de terra. Posturas públicas, como a defendida pela Sociedade Central de Imigração (SCI)<sup>218</sup>, criada em 1883, de que os núcleos de imigrantes deveriam ser “(...) eticamente coesos, usando o termo biológico “núcleo” (como o núcleo de um ovo) para descrever as colônias”<sup>219</sup>, validaram o projeto de transformação nacional.

Entre 1870 e 1972, mais de 5 milhões de imigrantes chegaram ao Brasil<sup>220</sup>, sendo notável<sup>221</sup> a mudança de nacionalidades que aportavam no país. Destes, 2,6 milhões entraram em solo nacional entre 1890 e 1919. Se entre 1872 e 1879 a maioria dos imigrantes eram classificados entre portugueses e “outros”, a partir de 1890 os números se dividem entre italianos, espanhóis, alemães, japoneses e “outros”. Ao ler-se “outros” entende-se por todos aqueles vindos do Oriente Médio e Leste Europeu. Um quadro estatístico que revela uma hierarquia e o preconceito indiscriminado contra essas regiões geográficas em comparação com uma certa ideia de migrante. A análise de Maria Stella Ferreira Levy apresenta um aumento de 36,02% do total de imigrantes entre 1900 a 1909 e 1920 a 1929. E ao que concerne o tema desta dissertação um aumento de 443,37% no número de imigrantes alemães nesse mesmo período. O crescimento populacional disparou no período, para além das questões tecnológicas, a imigração em massa teve papel central nessa questão, alterando em peso a distribuição física

---

<sup>215</sup> LESSER, Jeffrey Howard; ZIMBRES, Patrícia. *Op. Cit.*, p. 42.

<sup>216</sup> Nesse sentido, é sintomática a existência da sociedade eugenista brasileira no rio de janeiro, em 1910 que em seu 1º evento mundial, apresentou um manual para jovens moços rapazes que pretendem se casar, escrito por Roberto Kehl, no qual retrata os casamentos como possibilidade de colaborar com essa perspectiva de melhoramento genético. Ver mais em: CULTURAL, Centro. RAÇA, CIÊNCIA E SOCIEDADE. Marcos Chor Maio & Ricardo Ventura Santos (organizadores). *Cad. Saúde Públ.*, v. 13, n. 4, p. 775-780, 1997.

<sup>217</sup> “Em 1891, foram promulgadas leis que garantiam liberdade de culto público, com o objetivo de atrair imigrantes protestantes, cuja branquidão, segundo acreditavam as elites, ajudaria a desafrikanizar a população brasileira” In: LESSER, Jeffrey Howard; ZIMBRES, Patrícia. *Op. Cit.*, p. 101.

<sup>218</sup> Ver mais em: LIMA, Angela Bernardete. **Nós declaramos guerra ao latifúndio**: propostas, ações e ideias de imigração/colonização da Sociedade Central de Imigração (1883-1891). Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/135103>.

<sup>219</sup> LESSER, Jeffrey Howard; ZIMBRES, Patrícia. *Op. Cit.*, p. 109.

<sup>220</sup> Jeffrey Lesser salienta que as estatísticas sobre imigração devem ser analisadas com desconfiança, visto que nas primeiras décadas do século XX, o governo brasileiro não registrava corretamente os números de partidas, apenas de chegada. Sendo considerado “imigrante” qualquer pessoa que aportasse no Brasil sem uma passagem de primeira classe. In: LESSER, Jeffrey Howard; ZIMBRES, Patrícia. *Op. Cit.*, p. 43.

<sup>221</sup> Como representa a tabela 1 e 2 em anexo.

da população brasileira.<sup>222</sup> O que mudaria drasticamente no período de guerra, reduzindo em 86,53% entre 1920 a 1929 e 1940 a 1949 no número total de imigrantes, e 91,01% no número de alemães ingressando no país. Os anos precedentes a 1920, período da Primeira Guerra Mundial, foi o momento em que o Estado brasileiro efetiva pela primeira vez intervenções na maneira como observa as etnias dos Estados com os quais estava em guerra.

A forja do sentimento “antialemão” se inicia, principalmente de 1917 a 1919, com a entrada do Brasil na Guerra. Presidido por Venceslau Brás Pereira Gomes, a República modificou os currículos escolares, exigindo o ensino bilíngue, introduzindo o ensino de história e geografia do Brasil, e interveio nos núcleos teuto-brasileiros, modificando as liberdades das escolas e imprensa alemã no Brasil.<sup>223</sup> Entretanto, as medidas coercitivas contra os imigrantes só se acirraram no projeto nacionalizador subsequente, em 1937 com Getúlio Vargas.<sup>224</sup>

A partir de 1930<sup>225</sup> o interesse pela imigração permanece ativo nas políticas do Estado. No entanto, uma imigração conduzida por um Estado centralizado, nacionalista e em busca não mais do “branqueamento” e sim do “abrasileiramento” da população.

É certo que em um nível imensamente inferior do que aqueles que estavam com as miras do Estado em suas línguas, o teor das cartas de Godofredo G. L. Luce e os destinos de suas palavras escritas, enfrentaram represálias e interceptações particulares. Fato que se tornou usual em programas de rádio, revistas e jornais, por tratarem de conteúdos teuto-brasileiros ou pelo hábito do uso da língua alemã, após a proibição oficial em 1939. Outro lugar importante de coerção passou a ser as igrejas. Até, pelo menos, 1940 as prédicas e sermões permaneciam sendo elaboradas em língua alemã. Essas questões nos remontam às palavras de Hobsbawm, quando afirma que “a língua se tornou um exercício mais deliberado de engenharia social na medida em que seu significado simbólico passou a prevalecer sobre seu uso real (...)”<sup>226</sup>

---

<sup>222</sup> LESSER, Jeffrey Howard; ZIMBRES, Patrícia. *Op. Cit.*, p. 125.

<sup>223</sup> SEYFERTH, Giralda. *Op. Cit.*, p. 2000.

<sup>224</sup> Sobre esse tópico ver principalmente a discussão presente em: RINKE, Stefan. German Minorities in Latin America during the First World War. In: **Immigration and National Identities in Latin America**. Gainesville: University Press of Florida, 2014, pg. 160-181, referente ao tema da imigração e suas mudanças no Pós Primeira Guerra. Mundial.

<sup>225</sup> Uma passagem muito interessante de uma conversa com o pesquisador Antonio José Alves de Oliveira, marcou minha leitura, deixo aqui o registro: “Lentamente também se transforma a relação do país com a ideia da mestiçagem. É na década de 1930 que se supera a ideia de que o Brasil estaria condenado como nação diante da “mistura” de “raças”. O Gilberto Freyre na sociologia talvez seja o maior expoente desse período da mudança de perspectiva de “raça” para “cultura”, mesmo que posteriormente muitos argumentem que ele acabe nesse processo por racializar a cultura. Mas a pergunta nesse período se modifica e a mestiçagem, a plasticidade se torna um elemento importante para o Brasil nesse “concerto das nações”. Posteriormente nas décadas seguintes as populações sertanejas serão observadas não na chave da raça, mas das condições de vida. Segundo Gilberto Freyre, o Casa Grande e Senzala inicia com algo do tipo: de encontrar pessoas em mal estado não por serem “mestiços” mas por estarem naquele momento doentes...mesma estratégia do Monteiro Lobato com o Jeca Tatu...que começa por ser condenado e depois por estar verminoso.”

<sup>226</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Op. Cit.*, p.128.

O advento da Segunda Guerra Mundial mudou os padrões mundiais de imigração. Com o fechamento da maioria dos portos para passageiros e o iminente perigo das viagens transoceânicas, era de se esperar que os números de imigrantes diminuíssem potencialmente, principalmente entre 1942 a 1945. O declínio foi tão extremo que no Brasil os números caíram para menos de 2 mil registros de entradas de imigrantes ao ano.<sup>227</sup>

Entretanto, malgrado essa queda no número de entradas de migrantes neste período, o número de residentes e de descendentes era já enorme, o que ao mesmo tempo provocava uma preocupação por parte do governo central e nacionalista de Vargas, como mencionamos acima. Do mesmo modo, acendia debates e tomadas de decisão para o processo de torná-los verdadeiramente “brasileiros”, uma preocupação que acaba mais acerbada ainda no momento em que se deflagra a guerra em relação a esses que podem ser vistos e classificados em sua potencialidade como “inimigos”, “traidores”, “quinta coluna”, termos que servem para classificar esse “outro”, numa retórica da alteridade própria desse momento. Assim, como assevera Hartog “dizer o outro é enunciá-lo como diferente”<sup>228</sup>. As diferenças identificadas nesse processo passam a ser constantemente sistematizadas, sendo a partir de então, ditas e transcritas até o momento como elementos significativos, qualificativos daquilo que se vê e se classifica como diferente. Se identifica e evidência com clareza esse “outro” do discurso nacionalista, que se materializa nas descrições e em imagens reiteradamente propagadas. Lembremos, portanto, da retórica da alteridade durante a guerra e da inversão da política nacional que ocorre nesse período em relação à identificação desse “outro”.

Se o “outro” é a anunciação do diferente, então cada vez mais podemos observar no contexto o movimento contínuo entre o factual e o projetivo que propicia a construção do fazer político.<sup>229</sup> Como afirma Homi Bhabha, é justamente esses “entre lugares”, os fornecedores do “terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.”<sup>230</sup>

---

<sup>227</sup> LESSER, Jeffrey Howard; ZIMBRES, Patrícia. *Op. Cit.*, p. 238.

<sup>228</sup> HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto**: Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

<sup>229</sup> BHABHA, Homi K. *Op. Cit.*, p. 50.

<sup>230</sup> Também, antes de adentrar a discussão, acredito ser importante pensar que o autor está falando dos discursos coloniais mas que seus conceitos se aplicam, ao meu entender, ao estudo de alteridade/identidade/representação do outro aqui proposto. Justamente por conta e nos termos dos *Subaltern studies*, de onde o Homi K. Bhabha traz sua discussão, o insólito ou o contraditório na contradição de um país racista e escravocrata eleger como o “outro” ou o “inimigo” também os alemães. Estes são colocados nessa condição de alteridade, subalternidade e representação imagética nessa circunstância. De qualquer forma é preciso ter cuidado para não generalizar. Ao ler “O local da cultura” de Homi K. Bhabha, há sempre a imagem do filme “Mr. Johnson”. Um africano que nunca encontrava sua condição e aceitação no mundo colonial por conta desse “entrelugar” que é trabalhado pelo autor.

Para identificar um “outro” é preciso construir um sistema de identificação cultural, e este passa necessariamente pelo conceito de diferença cultural. Para construir o conceito de sistema de identificação cultural, Homi Bhabha faz uma revisão aprofundada da história da teoria crítica dos termos “diferença cultural” e “diversidade cultural”, onde “a diversidade é uma categoria da ética, estética ou etnologia comparativas” e a “diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade.”<sup>231</sup> Os efeitos do conceito estariam na possibilidade de pensar um intercâmbio de culturas diferentes, um multiculturalismo a ser produzido apenas no momento da diferenciação, desvelando ambivalências da autoridade cultural estabelecida que forja a verdade referencial. Ao problematizar a cultura como diferença cultural, o autor questiona as repetições e simplificações binárias do passado no presente, fazendo com que repensemos o entendimento sobre a identidade da cultura em si.<sup>232</sup> Nas palavras do autor:

Nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro. Não é devido a alguma panacéia humanista que, acima das culturas individuais, todos pertencemos a cultura da humanidade; tampouco é devido a um relativismo ético que sugere que, em nossa capacidade cultural de falar sobre os outros e de julgá-los, nós necessariamente “nos colocamos na posição deles”, em um tipo de relativismo da distância (...)<sup>233</sup>

Homogeneizar a noção da cultura do Outro e de um Outro em si, é repetir um discurso de construção de alteridade pautada em preconceitos e estereótipos. Ao ler as primeiras linhas de uma carta de Godofredo G. L. Luce encaminhada em 20 de agosto de 1942 ao vice-Cônsul da Espanha em Florianópolis, não é difícil perceber as ideias expostas acima. Diz ele:

“Muito obrigado para os Vossos muitos favores prestados aos súbditos alemães **perseguidos por mandatários hystericos e amalucados pelo medo d’uma ‘5º columna’**, que tem **culpa de tudo**, que hoje acontece, como por exemplo do frio excessivo d’este anno ou dos constantes atrasos dos trens da SP-RG”<sup>234</sup>. Agradece ao vice-Cônsul pela prontidão **em auxiliar no processo de soltura** de Matheus Weh e Carlos Zenke, que para Godofredo G. L. L. são **absolutamente inocentes** de todas as acusações feitas contra elles por pessoas, que para ‘acompanhar tudo’ e ‘sempre estar na onda’ deixam de ser criteriosos”.<sup>235</sup>

---

Dessa forma, entendemos essa conceituação a partir das relações de poder e da construção de “conceitos que são antitéticos e assimétricos”. *Ibidem*, p. 20.

<sup>231</sup> *Ibidem.*, p. 63.

<sup>232</sup> *Ibidem.*, p. 64/65.

<sup>233</sup> *Ibidem.*, p. 65.

<sup>234</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54 – 14685 – 090, 1942.

<sup>235</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54 – 14685 – 090, 1942.

Dessa maneira, é na repetição que o discurso estereotipado passa a compor a identificação desse “outro” quase que demonizado no processo de subjetivação ambivalente da identidade. Para haver uma identidade compacta, que seja condizente com um projeto político é preciso apontar a “diferença”, ou o diferente. Neste embate de narrativas das novas identidades nacionais, o que os preconceitos e estereótipos apagam do falatório popular, é que os sujeitos dessa história carregavam discursos pessoais de si mesmos e sobre os grupos aos quais pertenciam, seja sobre a região da ou a qual emigraram, a religião, gênero ou classe social. Camadas identitárias, que essa luta binária entre uma identidade e outras acaba por eliminar as percepções do cotidiano. O estereótipo é uma simplificação, um reducionismo, muito mais por ser uma forma presa e fixa, do que por ser uma representação falsa da realidade.

Essas identificações monolíticas e fixas resultantes de representações estereotipadas antecedem qualquer articulação de significantes (raça, gênero, cultura), pois ao estarem fixas não apenas no sujeito em si ou ao grupo do qual faz parte, mas no sobrenome, em suas características físicas, em sua língua ou sotaque, em sua forma de ser, enfim, passamos a enxergá-lo não pelo que é, mas pelo que o seu estereótipo representa. Para isso ocorrer se faz necessário construir uma cadeia contínua, cheia de repetições ao longo do tempo, dos mesmos e de outros estereótipos, conferindo um caráter fantasmagórico ao mesmo tempo que fixo.<sup>236</sup>

Como veremos a seguir, essas estereotipias, o olhar do projeto nacionalizador ao diferente, as ideias que transformam o mundo em um lugar binário transformam o campo político em uma performatividade que separa, divide e por vezes carece nas análises históricas de que o campo político como prática pedagógica, ideológica, se desloca da política como necessidade vital no cotidiano. Percorre todo o processo de construção de uma identidade nacional o controle banal dos detalhes da vida, residência do movimento do “estranho”, do “diferente”. Justamente ao estabelecermos essa distinção, ao fazermos este tipo de discussão percebemos os caminhos de ação concreta e não mais apenas simbólica de pertencimento e participação na vida política.

---

<sup>236</sup> Muitos autores igualmente trabalham com o conceito de binarismos do Eu X Outro, da rigidez da oposição binária de identidades construídas por projetos políticos. As dicotomias do “nós/eles” poderiam ser discutidas através das análises de Stuart Hall, através da conceituação de *différance* de Jacques Derrida, com o suporte de Edward Said em seu livro "Orientalismo", S.P. Mohanty ao diferenciar “História” de “histórias” para entender as diferenças, entre tantos outros autores. Neste trabalho optei por entender o binarismo identitário almejado pelo projeto nacionalizador varguista através da análise de Homi K. Bhabha.

## 2.2. Revirar o cotidiano: Os sujeitos repentinamente apátridas, são não-cidadãos?

As interrogações não são simplesmente sob a construção da imagem das pessoas dentro do território nacional brasileiro em um sentido binário do Eu-cidadão-Brasileiro e Eu-Outro-Apátrida, mas, como afirma Bhabha, “o lugar discursivo e disciplinar de onde as questões de identidade são estratégica e institucionalmente colocadas.”<sup>237</sup> Godofredo G. L. Luce coloca-se nas cartas, apresenta narrativas sobre aqueles por quem escreve e para aqueles a quem se direciona. No entanto, há também os ecos de imagens no entorno dessa produção narrativa que implicam mudanças práticas e concretas na vida em sociedade. Existe o signo simbólico da cultura, que define silhuetas de identidades, sejam estas partes do seu corpo ou ausências. Mas para além de uma disputa apenas pela consciência simbólica que pretende fornecer uma unidade ao signo da identidade, é preciso pensar na espacialização do sujeito, a dualidade nesse espaço de escrita, que não existe na disputa do Eu *versus* o Outro ou de uma verdade identitária suprimida, mas na noção de que nenhuma imagem mobilizada, seja do *eu*, seja do *Outro* é autossuficiente.<sup>238</sup>

Aqui referente aos espaços narrativos sobre identidade, alteridade e as disputas entre sujeitos, que passam indispensavelmente ao mundo das relações políticas e as subjetividades do coletivo. Poderíamos ainda pensar nessas mesmas questões ao que concerne o espaço físico, o ambiente urbano, não urbano e a biodiversidade, que mesmo indiretos, compõem a concretude das narrativas. As imagens, os ecos das narrativas, os desejos identitários ou as suas construções não devem ser analisadas, ou lidas como a aparência do real, sendo elas uma metonímia; é uma ilusão simplificada da realidade. E esse outro que se constrói da identificação da imagem de um *Eu* multifacetado, “deve ser vista como a negação necessária de uma identidade primordial — cultural ou psíquica — que introduz o sistema de diferenciação que permite ao cultural ser significado como realidade linguística, simbólica, histórica.”<sup>239</sup> O que acontece na tentativa de criar uma imagem unificada de “O que é ser brasileiro?”, é justamente tornar normativo o que é ser o *Outro*.

É nesse sentido possível afirmar que a ampla divulgação de impressões e representações do universo do imigrante no Brasil durante o período do Estado Novo, onde em constante busca de consolidação de significados nacionais, tentou-se determinar e intervir no imaginário dessa sociedade sobreposta. Sobreposta, pois é fruto de um projeto de priorizar um

---

<sup>237</sup> BHABHA, Homi K. *Op. Cit.*, p. 81.

<sup>238</sup> Nas palavras de Homi Bhabha “Essas identidades binárias, bipartidas, funcionam em uma espécie de reflexo narcísico do Um no Outro, confrontados na linguagem do desejo pelo processo psicanalítico de identificação. Para a identificação, a identidade nunca é um a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade.” *Ibidem.*, p. 85.

<sup>239</sup> *Ibidem.*, p. 86.

certo “tipo de sociedade” em detrimento de outro. Um movimento de diferenças culturais pautadas no sistema Inter étnicos, que se estabelece com o intuito de cimentar representações de alteridade.<sup>240</sup>

Tanto a carta de Johanne, quanto os comentários debochados de Godofredo G. L. Luce, desvelam essas narrativas, que passaram a ser corriqueiras em qualquer revista, jornal ou rádio brasileiro. Um processo que como já visto, se inicia na Primeira Guerra Mundial, mas é intensificado no período entre 1933 até 1945. Ameaças públicas, como, por exemplo, na figura 7 da Revista “Vida Policial”<sup>241</sup>, em seu quinto ano de publicação, na edição n° 55 de fevereiro de 1943, constituíram as representações cotidianas de teuto-brasileiros e nisseis<sup>242</sup>.

“Cuidado”, avisa a publicação, logo após apresentar a famosa coluna nomeada “Os Astros da 5° coluna”. Quatro páginas inteiras contendo fotos (como na figura 8 e 9) e uma descrição sobre os recém capturados, inimigos da nação. Contendo nome, nacionalidade, estado civil, idade, naturalidade, instrução, religião, profissão, residência, e motivo pelo crime, a revista informava aos seus leitores de maneira irônica, um destino comum àqueles que eram “maus brasileiros” ou “Brasileiro somente porque nasceu no Brasil”<sup>243</sup>.

### **Figura 7 - Revista vida policial,1943**

---

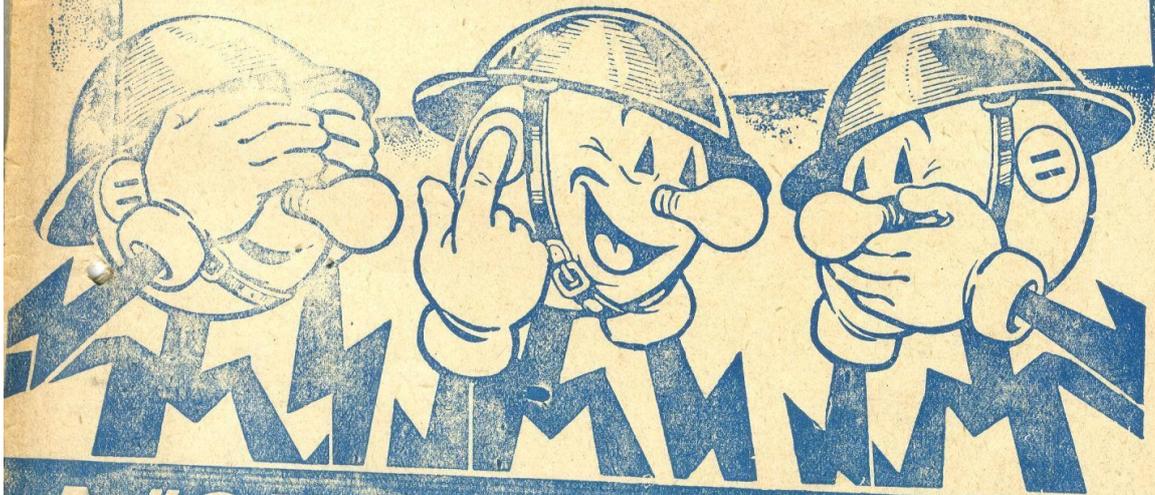
<sup>240</sup> PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**. SP: EDUSC, 1999.

<sup>241</sup> A Revista “Vida Policial”, publicada pela primeira vez em 1925, na cidade do Rio de Janeiro, reflete um cenário de grandes mudanças jornalísticas no país. A revista apresenta um estilo noticioso popular, doutrinário e crítico ao publicar contos de costumes, estudos criminalísticos do período, matérias sobre as penitenciárias, um folhetim policial, contos policiais e notícias sobre as reformas na polícia Brasileira. Entre outras matérias, a revista é um canal interessante para pensarmos as estruturas narrativas apresentadas neste trabalho.

<sup>242</sup> Todo japonês nascido fora do Japão ou vivo fora do território japonês é denominado Nikkei. As outras formas de descendência japonesas, são denominadas de maneira numérica. Cada geração recebe um número ordinal mais o sufixo -sei. Assim imigrantes japoneses são denominados Isei, filhos de japoneses nissei, netos de japoneses sansei, bisnetos yonseis e assim por diante. **Revista Policial**, Rio de Janeiro, v. 55, n.5, fev. 1943.

<sup>243</sup> Revista Policial, Rio de Janeiro, v. 55, n.5, fev. 1943, p. 51.

**CUIDADO**  
*com o que VÊ,*  
**OUVE e FALA**



**A "QUINTA COLUNA"**  
*trabalha contra o Brasil*

“Cuidado com o que vê, ouve e fala”, seja quem for, brasileiro, naturalizado, imigrante. Uma imagem que inquieta em sua simplicidade ao remeter uma mensagem imposta e obrigar o olhar a encará-lo com leveza, mesmo em tom de ameaça. Dramatiza em um tom infantil que ninguém está imune. As figuras com quase corpos, quase rostos, uma espécie de antropomorfismo, força um afastamento ao expor a ameaça com sorrisos, debochados e obedientes. Eliminam a inquietude da mensagem com um “quê” de brincadeira. Joga com os sentidos ao serem lâmpadas, suas orelhas: plugues livres para tomadas específicas, e os corpos: raios elétricos. A sensação conflitante entre a distância e uma invasão súbita de que a informação pulsa a todos os lados, como uma corrente elétrica. Soldados de uma guerra, visível em outros países, mas sorradeira em solo brasileiro, atingem não só aqueles que os olhos entendem enquanto ameaça, mas forçam a familiaridade inquieta da ameaça que circunda a todos. “A ‘quinta coluna’ trabalha contra o Brasil.”, os que permanecem intactos, vivos, acima de qualquer suspeita, são aqueles que obedecem. Um distanciamento que sufoca o observador. Felizes aqueles que fecham as bocas, tapam os ouvidos e os olhos, confortáveis com a própria condição, e permanecem tranquilos, com as novas imposições de sociabilidade. É o jogo da vigília constante dos silêncios forçados<sup>244</sup>, tão presente na história do século XX.

Uma malícia debochada dessa presença de quase sujeito, direta ao apresentar a problemática em sua legenda, como a faz nas páginas anteriores a imagem, descrevendo os ditos “astros” da quinta-coluna. Aqui, o que acrescenta ao texto é reparar na volta ao repertório da Primeira Guerra, nessa representação sem limites de um “outro” cheio de estereótipos. É justamente pensar os locais de circulação de uma revista como essa, que em um Brasil da década de 30 majoritariamente analfabeto, necessita além de texto, representações imagéticas para cativar o maior número possível de imaginários. É a necessidade de cativar com o medo que causa essa guerra entre fisionomias e modos de falar. Na repetição contínua do que se deve esperar de um determinado grupo de indivíduos que dividem a mesma rua que você, a mesma igreja, que vendem seus produtos na feira, que estudam na mesma escola que seus filhos. É justamente utilizar o cotidiano como artifício do controle.

---

<sup>244</sup> Dou-me a liberdade de citar uma passagem, distante do desenrolar do texto, mas que creio compor o significado da análise que faço. Ao falar sobre a obra de Tony Smith, grandes blocos de aço, estáticos, fixos, em sua forma densa, sem interioridade, George Didi-Huberman escreve que a forma com presença, nesse caso na escultura, mas ao que concerne o texto no diálogo, cego, surdo e mudo entre as figuras-lâmpadas, de que: “é primeiramente a boca fechada dessa pessoa inquietante (...), e diante da qual se sente profundamente incomodado, num desconforto que beira a angústia – ao mesmo tempo distanciado, como se um vazio se interpusesse de pessoa a pessoa, e invadido por ela, como se o próprio vazio viesse a enchê-lo, isto é, abandoná-lo a si próprio. É o silêncio humano, a suspensão do discurso, instauradora da angústia e daquela “solidão parceira” que os moribundos ou então os loucos impõem às vezes com sua presença.” In: DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998, p.121-122.

O monopólio dos meios de comunicação suscita a tentativa de controle dos imaginários sociais, que como veremos mais adiante no texto, necessita também do monopólio da força física para um controle total das forças simbólicas. Ao provocar paixões e afetar as estruturas sócio afetivas da sociedade brasileira, o programa de propaganda varguista corteja os métodos de controle dos meios de comunicação usados na Alemanha e Itália.<sup>245</sup> Isso porque, assim como na propaganda fascista se faz necessária a monopolização, a censura de propagandas adversas, e o bloqueio de qualquer outro tipo de mídia que não seja a que visa persuadir a população a seu favor.

Segundo a historiadora Silvana Goulart, que estudou a fundo a propaganda e a censura no período do Estado Novo, apesar de esses meios de comunicação impregnarem “as atividades cotidianas, as práticas e crenças sociais, o sentir e o agir, enfim, todo o conjunto dos modos de vida num contexto liberal,”<sup>246</sup> não há “relação direta e automática entre comunicação e efeito, sendo necessário considerar o processo atuante de interação social, onde o ato comunicativo não passa de mais um componente.”<sup>247</sup> A propaganda ideológica, dessa maneira, efetiva normas sociais, obstruem ou ocultam elementos importantes para avaliações críticas da sociedade, além de atribuir determinado status para pessoas e grupos, seja este positivo ou não, “tal função, insere-se no âmbito da ação legitimadora de políticas, pessoas e grupos, relacionando-se ao uso efetivo da propaganda com objetivos sociais.”<sup>248</sup>

Em 1938 o antigo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) foi transformado em Departamento Nacional de Propaganda (DNP), onde passou a transmitir diariamente em todas as estações de Rádio e imprensa do Brasil o programa “A hora do Brasil”.<sup>249</sup> Programa, que existe até os dias de hoje<sup>250</sup>, o cerceamento das informações ganha maior peso ao centralizar toda a propaganda nacional no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), extinguindo assim o DNP. Este passou a ser o único órgão responsável por administrar os serviços de propaganda e publicidades do governo. Além de realizar homenagens e propagandear uma imagem pessoal idealizada de Getúlio Vargas. Em 1940 cada Estado

---

<sup>245</sup> CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PADOLFI, Dulce (Orgs.) **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 169.

<sup>246</sup> GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero, 1990. p.11.

<sup>247</sup> *Ibidem*, p.11.

<sup>248</sup> *Ibidem*, p.12.

<sup>249</sup> Esse não foi o único órgão que passou a administrar uma função do Estado de maneira centralizada. Por meio das instituições, o projeto Estadonovista ampliou suas capacidades de intervenção nas esferas culturais e ideológicas, majoritariamente criadas pelo Ministério de Educação e Saúde Pública.

<sup>250</sup> GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero, 1990. p.19.

brasileiro ganhou um Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), ampliando os poderes do órgão de censura. Entre as atividades executadas pelo DIP, os principais objetivos do órgão, determinados em seu decreto de origem estão:

centralizar e coordenar a propaganda nacional, interna e externa, e servir como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas; organizar os serviços de turismo, interno e externo; fazer a censura do teatro, do cinema, das funções recreativas e esportivas, da radiodifusão, da literatura social e política e da imprensa; estimular a produção de filmes educativos nacionais e classificá-los para a concessão de prêmios e favores; colaborar com a imprensa estrangeira para evitar a divulgação de informações nocivas ao país; promover, organizar e patrocinar manifestações cívicas e festas populares com intuito patriótico, educativo ou de propaganda turística, assim como exposições demonstrativas das atividades do governo, e organizar e dirigir o programa de radiodifusão oficial do governo.<sup>251</sup>

Nos limites próprios do populismo<sup>252</sup>, o DIP corroborou em peso para que as classes trabalhadoras urbanas fossem integradas ao jogo político, identificando no chefe de Estado onipresente a força de unificação para as classes brasileiras. Trabalhou, nos discursos mobilizados, a autoestima de muitas camadas sociais, dando o senso corporativista e com o intuito de silenciar as lutas de classes. Onde ambos, reunidos através da legislação trabalhista, em um só corpo de trabalhadores em prol do Estado, colhiam a dignidade e através do trabalho e os benefícios de uma identidade nacional orgânica, sendo cidadãos-reais brasileiros. Interessante como isso foi muito lentamente construído e orquestrado, inclusive com grande tolerância em relação às manifestações dos integralistas nos primeiros anos da década de 1930, e em contraposição, um progressivo cerceamento, até à proibição em relação ao Partido Comunista, na construção desse trabalhador ideal, ordeiro e religioso.

Ou seja, como afirma Goulart, “o DIP exerceu uma função educativa e pedagógica: buscou inculcar na população um modo de ser, um padrão de comportamento público e privado em que o produtivismo se destacava como um dos principais valores a serem incorporados.”<sup>253</sup> Jornais, rádios, revistas, filmes, e demais meios de comunicação passaram a ter algum controle tutelar, mesmo que indireto por parte do Estado, alimentando as narrativas presentes no aparelho estatal. Sem o DIP, o projeto Estado-novista possivelmente não teria alcançado o tamanho de sua popularidade, reduzindo as diferenças regionais, uniformizando e integrando regiões urbanas e rurais de todos os cantos do país.

---

<sup>251</sup> ARAÚJO, Rejane. DIP – Departamento de Imprensa e propaganda. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/DIP> Acessado em: 20/07/2020.

<sup>252</sup> “o limite do discurso populista reside no próprio ato de conferir identidade política às classes subalternas, pois isso pressupõe o reconhecimento de seus direitos políticos. O risco, então, seria o aumento de reivindicações e aspirações, passíveis de ultrapassarem a capacidade de ‘doação’ do Estado.” GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo.** São Paulo: Marco Zero, 1990. p.17.

<sup>253</sup> GOULART, Silvana. *Op. Cit.*, p. 21.

Esta contextualização com as fontes, o clima de tensão com as políticas do Estado Novo, reafirmam e fortalecem a compreensão dessa violência que se constrói no plano do simbólico<sup>254</sup>, mas que como fica evidente, transforma-se em prática cotidiana. Segundo Silvana Goulart, é justamente a partir dos meios de comunicação que se reforçaram, “por exemplo, a imagem branda e cordial do temperamento brasileiro, forjado a partir de uma suave mistura de raças e não conspurcado por uma história cruenta.”<sup>255</sup>

A produção dos discursos xenofóbicos no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial<sup>256</sup> exigiu um esforço em tornar a própria língua como o significante da discriminação. Já no tema que analiso, e na imagem que apresentei na página anterior, os elementos ressaltam que o cuidado está, ou estava não necessariamente apenas no aspecto mais visível, mas na comunicação, no que é dito (em que língua) é veiculado (a traição à “pátria”). A pele e a exterioridade não são elemento algum, não entra em conta, e por essa razão esse “quinta-coluna”, esse novo “outro” na história do país se torna tão difícil de ser identificado. Se identifica na língua e no que é dito, para além do imediatamente visível. Um discurso que mudou ao longo do século XX, ressignificando a participação na vida política dos imigrantes japoneses, poloneses e alemães. Esses discursos mudam novamente após a Segunda Guerra, revelando a potência do Estado em criar signos identitários para os sujeitos aceitos ou não pela nação. Um sistema ora receptivo, ora adverso que na sintaxe de seu discurso produz cenas cotidianas de subjetivação dos sujeitos. O nacionalismo não está preocupado em questões culturais ou problemas no uso cotidiano da língua, mas sim em forjar uma identificação com os sujeitos que compõem a nação e aqueles que controlam o poder do Estado.

O papel desenvolvido pelas reformas nacionalizantes no sistema educacional, implementadas pela gestão ministerial de Gustavo Capanema, entre 1934 a 1945 — entre o período precedente ao Estado Novo até a redemocratização do país — corroborou substancialmente para a institucionalização de uma linguagem (como um conjunto amplo de símbolos e signos compartilhados por uma dada comunidade), novo modelo cultural e a subsequente discriminação das demais linguagens. Para internalizar a forja de um “homem novo”, de um trabalhador brasileiro com uma identidade positiva, a estratégia lógica foi usar a educação. Estruturas visíveis até os dias de hoje no sistema educacional do Brasil, foi Capanema quem reformulou o ensino secundário, montou o sistema de ensino profissional técnico, que

---

<sup>254</sup> BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

<sup>255</sup> GOULART, Silvana. *Op. Cit.*, p.20.

<sup>256</sup> Estes, que já vinham sendo elaborados há pelo menos 50 anos.

hoje conhecemos enquanto “Sistema S” (Senai, Senac, Sesi)<sup>257</sup> e a formulação de uma elite acadêmica frente ao desenvolvimento do projeto Universidade do Brasil, que visava implementar um padrão único e nacional de ensino superior.

Mais do que isso, aliou-se aos sentidos da educação em todo país a ideia de segurança nacional. Não à toa, o exército participou ativamente nas decisões sobre a política educacional do país depois do golpe de 1937.<sup>258</sup> Basta olhar qualquer documento entre Vargas e o ministro de Guerra, general Eurico Gaspar Dutra<sup>259</sup>, nos anos que precedem a Segunda Guerra, para perceber que os órgãos militares contavam com o auxílio da educação para implementar seus desejos de subordinação moral, disciplinares, o culto do civismo e a integração da mentalidade dos brasileiros no projeto de segurança nacional. Semelhante ao processo corrente no Brasil presidido por Jair Bolsonaro, a educação é foco de intenso ataque institucional. Cortam-se o incentivo a determinados programas de ensino, e introjetam verbas federais em projetos privados de educação a distância, a colégios militares ou determinados cursos universitários. Inflama as discussões sobre as temáticas que devem ser eliminadas dos programas de ensino fundamental e médio, por vezes até insinuando projetos que eliminam matérias inteiras dos currículos. Basta analisarmos também as reformas já executadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na reforma de 2016, (e aqui falo de maneira simplista) onde a ideia de formar um cidadão que se posicionava desde o âmbito local ao âmbito global, se redireciona para uma ideia de formar para o trabalho técnico, dentro de um contexto exposto à selvageria neoliberal.

Ou seja, busca-se unir um sistema mais liberal de educação nacional enquanto concebe a integração total do indivíduo nas organizações autoritárias. Um meio-termo perigoso entre liberalismo e totalitarismo, que ao tornar o ensino cada vez mais militarizado e técnico impede uma individualização, mas garante o afastamento de qualquer mobilização política. É entre 1938 e 1939, momento de maior centralização e enrijecimento do autoritarismo do Estado Novo, que o projeto cívico engole a educação como uma de suas armas mais perigosas, cabendo ao Estado a modelação do pensamento e o controle dos corpos.

No cotidiano de Santa Catarina, em Jaraguá do Sul, esse controle sobre os comportamentos e sobre o imaginário da nação se fazia sentir. Em carta<sup>260</sup> encaminhada dia 7

---

<sup>257</sup> BOMENY, Helena M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado. In: PADOLFI, Dulce (Orgs.) **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 138-140.

<sup>258</sup> *Ibidem*, p. 141.

<sup>259</sup> Documentos disponíveis para busca no Arquivo Osvaldo Aranha: AO 39.04.18, FGV/CPDOC.

<sup>260</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-070/ 54-14685-071, 1942.

de junho de 1942, para o Vice-Cônsul espanhol de Florianópolis, Feliciano Veiga Vieites, Godofredo Luce relata o pedido de D. Maria Benecke Joesting, referente a seu esposo, preso desde o dia 5 de junho “pelo motivo, que ele afirmava ao delegado auxiliar, que a sua esposa **não fallava o vernáculo e por isto não podia fallar aos seus filhos** de 6 e 3 annos de idade em brasileiro, motivo porque foi preza na rua e detida com estes 2 filhos, uma hora os dois filhos e 1 1/2 hora a mãe e o pae agora 2 dias e 2 noites”, Godofredo G. L. Luce escreve “agora apressadamente domingo de tarde às 19 horas”, para solicitar ao Vice-Cônsul a soltura de Joachim Ernst Joesting. O motivo de Joesting permanecer preso por duas noites, segundo as autoridades, é “porque não quis denunciar, à polícia, quem foi que deu o endereço do Consulado da Espanha em Florianópolis, ao qual elle mesmo foi impedido de se dirigir por carta mesmo.”

Reafirma o pedido, informando ao Vice-Cônsul que “o senhor Joachim Ernst Joesting e a D. Maria Benecke Joesting são cidadãos alemães, nascidos na Allemanha, elle com 40 annos e ella com 39 de idade, emquanto que os alludidos 2 filhos de 6 e 3 annos de nome Ernst Jürger e outro Joachim, nascido no Brasil, o mais velho e o mais moço na Allemanha.”

Para além da frágil questão financeira que depende unicamente do trabalho do marido, Maria B. Joesting “receia pelo ouvir dizer do lugar, que o seu marido vae ser transportado prezo segunda — ou terça-feira para Florianópolis”. Impedida de viajar sem salvo-conduto, para visitá-lo. Assim como Maria Benecke Joesting, presa por falar com seus filhos em alemão, Joachim E. Joesting, preso por não denunciar quem lhe concedeu o endereço do Consulado da Espanha em Florianópolis, ou como Johanne Borchers sem documentação, muitos estrangeiros foram presos.

Se observarmos a matéria, de publicação mensal, da *Revista Policial* “Os astros da 5º coluna”, é notável um padrão nas justificativas e a ironia intensa ao anunciá-los enquanto brasileiros. Naturalizados ou não, cidadãos ou não, falantes do vernáculo ou não, nenhum deles é considerado brasileiro.

Nesta edição de novembro de 1942, dos oito sujeitos apresentados, com idade máxima de 60 annos, quatro têm nacionalidade brasileira e quatro têm nacionalidade alemã; sete têm instrução de nível primário e um de nível superior. Professor, mecânico, engenheiro, torneiro, maquinista, carpinteiro e comerciante. Cinco evangélicos, dois católicos e um protestante. Entre os que dizem ser “simpatizantes das causas do eixo” dois deles chamam muita atenção. É o caso de Heiny Paulo Pschichholz natural da Estrela, e João Eduardo Fallgatter natural de Curitiba. O primeiro “Ridicularizou seus companheiros de trabalho chamando-os “bobalhões” por terem tomado parte dos festejos da semana da pátria”, o outro “Prestou declarações em acareação sobre injúrias que teria dirigido a altas personalidades do Governo brasileiro,

confirmando-as integralmente.” O primeiro é descrito como “desgraçadamente brasileiro” o outro “Mais um “raríssimo exemplar” de quinta-colunista brasileiro.”. O que confere a esses dois sujeitos a dúvida perante a nacionalidade senão o sobrenome que carregam?

Figura 8 - “Os astros da 5º coluna” – reportagem da Revista Policial, nov. 1942.

28

NOVEMBRO DE 1942

**Os “Astros” da**

**NOME:** Heiny Paulo Pschichholz.  
**NACIONALIDADE:** Brasileira.  
**ESTADO CIVIL:** Solteiro.  
**IDADE:** 24 anos.  
**NACIONALIDADE:** Estrela.  
**PROFISSÃO:** Torneiro.  
**INSTRUÇÃO:** Primária.  
**RELIGIAO:** Católica.  
**RESIDENCIA:** S. Leopoldo.

Ridicularizou seus companheiros de trabalho, chamando-os de “bobalhões” por terem tomado parte nos festejos da Semana da Pátria.

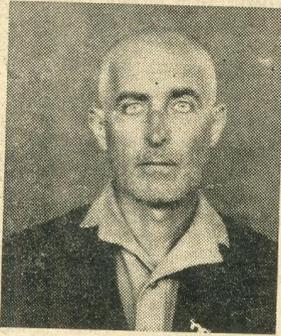
Desgraçadamente, é mais um brasileiro! ...



**NOME:** Augusto Schuetz.  
**NACIONALIDADE:** Alemã.  
**ESTADO CIVIL:** Casado.  
**IDADE:** 40 anos.  
**NACIONALIDADE:** Bucchue  
**PROFISSÃO:** Engenheiro.  
**RELIGIAO:** Evangélica.  
**INSTRUÇÃO:** Superior.  
**RESIDENCIA:** Montenegro.

Foi partidário do N. S. D. A. P. e do D. A. F. E' simpático á causa do “eixo”; costumava ouvir em companhia do Dr. Warellmann a difusora de ondas curtas alemã de Berlim.

Engenheiro para a Colônia Penal Agrícola nunca é demais ... Afinal de contas, são mais dois braços para virar a terra.



**NOME:** Reinaldo Bischoff  
**NACIONALIDADE:** Brasileira.  
**ESTADO CIVIL:** Casado.  
**IDADE:** 46 anos.  
**NACIONALIDADE:** Taquara.  
**PROFISSÃO:** Professor.  
**RELIGIAO:** Evangélica.  
**INSTRUÇÃO:** Primária.  
**RESIDENCIA:** Serra Grande.

Foi apreendida em seu poder grande quantidade de livros escolares em idioma alemão; um mapa do Rio Grande do Sul, ofensivo aos nossos bríos patrióticos, um livro integralista “Wast ist der Integralismus?”. Esbofeteou dois alunos em plena aula.

Lamentavelmente, mais um brasileiro! Deixemô-lo entregue á sua própria sorte que, por certo, jamais o perdoará de tamanha indignidade.



**NOME:** Ervino Beuchle.  
**NACIONALIDADE:** Alemã.  
**ESTADO CIVIL:** Casado.  
**IDADE:** 38 anos.  
**NACIONALIDADE:** Baden.  
**PROFISSÃO:** Mecânico.  
**RELIGIAO:** Evangélica.  
**INSTRUÇÃO:** Primária.  
**RESIDENCIA:** S. Angelo.

Foi sócio do N. S. D. A. P. e do D. A. F., sendo, ainda, um ardoroso defensor do nazismo.

“Defensor”, mas longe do campo de luta; Tinhamos vontade de vê-lo “defendendo” o “Afrika Corps” da investida do 8.º Exército, na Líbia ...



# 5.<sup>a</sup> Coluna



**NOME:** João Eduardo Fallgatter.  
**NACIONALIDADE:** Brasileira.  
**ESTADO CIVIL:** Viuvo.  
**IDADE:** 34 anos.  
**NATURALIDADE:** Curitiba.  
**PROFISSÃO:** Maquinista.  
**RELIGIÃO:** Protestante.  
**INSTRUÇÃO:** Primária.  
**RESIDÊNCIA:** Lusitana, 241.

Prestou declarações, em aca-reação, sobre injúrias que teria dirigido a altas personalidades do Governo Brasileiro, confirmando-as integralmente.

Mais um "raríssimo exemplar" de quinta-colunista brasileiro. Passemos-lo!



**NOME:** Guilherme Hilgert.  
**NACIONALIDADE:** Brasileira.  
**ESTADO CIVIL:** Solteiro.  
**IDADE:** 35 anos.  
**NATURALIDADE:** P. Alegre.  
**PROFISSÃO:** Comércio.  
**RELIGIÃO:** Católica.  
**INSTRUÇÃO:** Primária.  
**RESIDÊNCIA:** Canóas.

Foi interrogado na qualidade de ex-membro do extinto partido Integralista; comentou injuriosamente o Hino Nacional.

O maior castigo que pode receber um Brasileiro indigno, como este, é o que lhe foi dado: atiraram-no entre a coleção nazista da raça ariana, na Colônia Penal Agrícola.

**NOME:** Walter Fuhrmann.  
**NACIONALIDADE:** Alemã.  
**ESTADO CIVIL:** Casado.  
**IDADE:** 35 anos.  
**NATURALIDADE:** Schlesien.  
**PROFISSÃO:** Agricultor.  
**RELIGIÃO:** Evangélica.  
**INSTRUÇÃO:** Primária.  
**RESIDÊNCIA:** S. Angelo.

Foi interrogado em virtude de suas simpatias pela causa do "eixo".

A Colônia Penal Agrícola é que folga com a prisão de agricultores nazistas. E, como vemos, este é entendido na matéria. O trabalho de lavoura da C. P. A. tem muitos carrinhos de mão; todos eles têm um "eixo". — "Tá pra nós", seu Walter?"



**NOME:** Adolfo Schur.  
**NACIONALIDADE:** Alemã.  
**ESTADO CIVIL:** Casado.  
**IDADE:** 60 anos.  
**NATURALIDADE:** Ostresupessen.  
**PROFISSÃO:** Carpinteiro.  
**RELIGIÃO:** Evangélica.  
**INSTRUÇÃO:** Primária.  
**RESIDÊNCIA:** M. Ramos.

Simpatiza com a causa do eixo Sintonisava seu rádio diariamente com a difusora de ondas curtas alemã.

"Tocaio" de seu "fuehrer". Simpatizante de seu "fuehrer". Ouvinte de seu "fuehrer". Junte-se tudo, misture-se bem e teremos: batata inglesa da Colônia Penal Agrícola... (Receita contra a 5.<sup>a</sup> coluna).

**Fonte:** Revista Policial, Rio de Janeiro, v. 52, n.5, nov. 1942, p. 28-29

Dentre as várias preocupações em relação aos possíveis "quintas colunas", o ato de ridicularizar o "dia da pátria" entre os demais compatriotas tornava-se um indício fortíssimo. Mas, outras preocupações também ocupavam esse policiamento tornando a linha bastante

tênue. Um fator preocupante, e então saía dos elementos indiciários e partia-se para a comprovação de crime cometido, era a utilização da própria estrutura educacional do Estado para subvertê-la em torno de elementos ainda mais autoritários, como o integralismo, a apologia ao expansionismo alemão na América do Sul e mesmo ao exército nazista. O único professor da lista Reinaldo Bischoff, foi preso por estar em “poder de uma grande quantidade de livros em idioma alemão; um mapa do Rio Grande do Sul, ofensivo aos nossos brios patrióticos, um livro integralista *“Was ist der Integralismus?”*, e segundo consta na revista havia esbofeteado “dois alunos em plena aula.” Reinaldo Bischoff nasceu em Taquara, no nordeste do Rio Grande do Sul. Adolfo Schur e Augusto Schuetz, ambos de nacionalidade alemã, foram presos por ouvir o rádio “difusora de ondas curtas alemã de Berlin”, o segundo por ser partidário do NSDAP (National Sozialistische Deutsche Arbeiter Partei), o Partido Nazista. Assim como Ervino Beuchle, Guilherme Hilgeri e Walter Fuhrman foram presos por serem “simpatizantes com as causas do eixo”, o primeiro acusado de ser sócio igualmente do NSDAP.

Aqui percebemos uma diferença clara entre a investigação sobre a narrativa de Johannes; dos indivíduos descritos por Godofredo G. L. Luce; a história de Reinaldo Bischoff, e os demais defensores dos ideários nazistas. A repressão contra o Partido Nazista e o Movimento Integralista em verdade tardou a iniciar. A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi formada em 1932 após a criação do Manifesto Integralista por Plínio Salgado. Em 1930, Salgado compunha grande influência no jogo político brasileiro e, nas palavras de Silva e Grassi, “reuniu milhares de adeptos, propondo um intransigente anticomunismo e antiliberalismo, um nacionalismo ufanista e uma proposta corporativista de centralização absoluta do poder estatal como forma de solucionar a ‘questão social’.”<sup>261</sup>

Assim como a presença de nazistas em todo o Brasil. Estima-se que cerca de 3100 pessoas, majoritariamente imigrantes e descendentes alemães ingressaram no partido nazista brasileiro na década de 30. Em especial em Santa Catarina, já na década de 20, haviam reuniões do partido em Blumenau, e uma forte presença principalmente no Norte do estado e no Vale do Itajaí. Segundo o pesquisador Gertz, no Rio Grande do Sul<sup>262</sup> e Santa Catarina havia entre 400

---

<sup>261</sup> KAMINSKI, Emílio Otto *et al*, **Velhos integralistas: a memória de militantes do Sigma**, [s.l.]: Edipucrs, 2000, p. 12.

<sup>262</sup> “A fundação efetiva do primeiro núcleo do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães no Rio Grande do Sul ocorreu em 1931 na cidade de Porto Alegre. Gustavo Herbert Ehricht, técnico especialista em esmaltes de fogões, e Ervino Anuschek, comerciante, ambos alemães, foram os seus fundadores. Anuschek teria chegado ao Brasil com instruções do NSDAP para realizar uma intensa campanha de propaganda junto à comunidade alemã local. O objetivo seguinte seria criar um núcleo partidário na cidade. Ehericht foi escolhido como seu primeiro dirigente. Anterior a esse período, entre 1925 e 1930, foram registradas nove filiações do Rio Grande do Sul junto à seção partidária nacional – três na capital e seis no interior do estado.” LUCAS, Taís Campelo. **Nazismo d'além mar: conflitos e esquecimento**. (Rio Grande do Sul, Brasil). Tese (Doutorado em História). UFRGS. Porto Alegre, 2011, p. 110.

e 500 filiados ao Partido Nazista, em um universo de mais de 25.000 imigrantes nascidos na Alemanha. Como afirma Lucas, no entanto, a presença não apenas entre os teuto-brasileiros, os luso-brasileiros também marcaram forte presença dentro do partido nazista. Como vimos até aqui, pelo menos até 1938, a imprensa mostrava simpatia aos fascismos europeus. A maioria das informações sobre o Nacional-Socialismo que chegavam aos núcleos coloniais vinham dos jornais (como a República, A Gazeta, *Das Deutsche Volksblatt*, *Der Kompass*, entre outros), e das escolas.

O estudo de Ana Maria Dietrich sobre a “tropicalização do nazismo”, ampliou a análise historiográfica a respeito da participação dos teuto-brasileiros no movimento integralista ao afirmar que, devido a muitos imigrantes e descendentes de alemães não detinham cidadania alemã, e visto ser uma condição necessária para fazer parte do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, aderiram a AIB. A mudança no olhar historiográfico sobre o Integralismo, acontece entre a década de 70 e 80, em que começam a apontar o movimento “como uma mera cópia caricata dos movimentos fascistas europeus e, essa simples afirmação por si só justificava qualquer resposta superficial sobre o integralismo.”<sup>263</sup> Fazer parte do movimento era, portanto, uma escolha óbvia àqueles que compartilhavam pressupostos políticos e ideológicos com o partido nazista.

A Ação Integralista, ao contrário do Partido Nazista reduzido aos cidadãos alemães, contava com mais de um milhão de adeptos, já em 1937. Segundo Gertz, Santa Catarina possuía o terceiro maior número de filiados, após São Paulo e Bahia<sup>264</sup>. A organização da AIB em Santa Catarina acontece em 1934, e teve um crescimento muito acelerado, não só entre imigrantes e descendentes alemães e italianos como também entre os luso-brasileiros.<sup>265</sup>

Os autoritarismos que circulam neste momento da história são muitos, sendo preciso pontuar que existiram muitos “Reinaldos Bischoff” no Brasil. E essas histórias diferem em gênero e grau dos “outros” que compõem as cartas analisadas neste trabalho. Ainda que a presença nazista, integralista e fascista no Brasil tenha sido expressiva. Nas palavras de René Gertz,

(...) Se examinarmos as leis destinadas a regulamentar a vida dos estrangeiros no Brasil, e que no Sul visavam sobretudo alemães e italianos, vemos que grande parte delas é de início de 1938. São, portanto, anteriores à intencionalidade integralista e não podem ter sido motivadas por este episódio. Desta forma é de presumir que a campanha contra os ‘estrangeiros’ alemães e italianos não decorreu de uma decisão repentina motivada por

---

<sup>263</sup> OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A evolução dos estudos sobre o integralismo, *Estudos Ibero-Americanos*, v. 36, n. 1, 2010, p. 119.

<sup>264</sup> GERTZ, René Ernaini, *Op. Cit.*, p. 72.

<sup>265</sup> Sobre perfis de membros da AIB ver: FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: Editora da Univalli, 2000.

uma possível participação estrangeira ou de ‘minorias étnicas’ no atentado a Vargas em maio de 1938<sup>266</sup>

Ao contrário, o problema-chave é justamente o de que o desejo do Estado Novo de “coesão nacional’ não pode tolerar a existência de núcleos mal integrados” como bem afirma Ricardo Seintenus.<sup>267</sup>

Assim, para efetivar as demandas do Estado de homogeneização da sociedade brasileira ou “abrasileiramento” do ensino, duas práticas deveriam ser descontinuadas: o ensino em línguas estrangeiras e as práticas regionalistas. Segundo Gertz, apesar da existência do medo da presença de ideólogos do germanismo defensores da não assimilação dos alemães, este perigo, de fato, não foi muito significativo. Em suas palavras

Não há nenhum indício sério de que a Alemanha nazista perseguisse objetivos político-militares no sul do Brasil e nunca qualquer tentativa de arregimentação étnica teve sucesso; nunca houve também qualquer articulação séria com base étnica para enfrentar os governos regionais e muito menos o governo central.<sup>268</sup>

De qualquer maneira, levantou-se a bandeira de “inimigo externo”. Para que a chamada questão da nacionalização do ensino fosse efetivada, se fez necessário encerrar, perseguir e prender qualquer presença de núcleos estrangeiros nas zonas de colonização. “Os dados disponíveis indicam que a colônia alemã mantinha cerca de 2 mil escolas nas zonas de colonização.”<sup>269</sup> Um verdadeiro rompimento com os Pioneiros da Escola Nova, dos anos 20, onde insistiam no mantimento das vocações regionais sem perder o vínculo com as orientações sistematizadas e nacionalizadas. Insere-se na constituição o anti-regionalismo.<sup>270</sup> Como vimos anteriormente, esse alerta a criação de outras identidades nacionais no país já vinha sendo elaborado desde o início do século, por Manoel Bonfim, Sílvio Romero e Afrânio Peixoto<sup>271</sup>. Era justamente a língua a principal característica das nacionalidades que se encontravam fora de suas fronteiras de origem. A identificação étnica concreta passava expressivamente no uso cotidiano de línguas estrangeiras. Todas as políticas imigratórias passavam pelo recém-criado

---

<sup>266</sup> GERTZ, René Ernani, Nazismo, Fascismo, Integralismo e o Apoio das Oligarquias no Rio Grande do Sul e de Santa Catarina ao Estado Novo, **Estudos Ibero-americanos**, v. 14, n. 1, p. 21–30, 1988, p. 21.

<sup>267</sup> SILVA SEITENFUS, Ricardo A. O Brasil eo III Reich, 1933-1939. **Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas**, v. 25, n. 1, 1988, p. 275

<sup>268</sup> GERTZ, *Op. Cit.* p. 22.

<sup>269</sup> BOMENY, Helena M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado. In: PADOLFI, Dulce (Orgs.) **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 160.

<sup>270</sup> No acervo documental analisado existem inúmeros registros de prisões de professores e pastores, por exemplo.

<sup>271</sup> BOMENY, Helena M. B. *Op. Cit.*, p. 154.

Conselho de Imigração e Colonização, presidido por João Carlos Muniz, o qual lançou em 1938 uma série de decretos que intervieram na presença dos imigrantes no Brasil.<sup>272</sup>

Junto ao anúncio de Oswaldo Aranha na conferência Pan-Americana do Rio de Janeiro sobre o rompimento das relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, Itália e Japão, a edição do jornal *Correio do Povo* no dia 31 de janeiro de 1942, afirma na matéria: “Em defesa nacional”, que “Neutros, tudo fizemos por manter a maior imparcialidade no tocante aos valores em choque”, mas que frente “aos insultos afrontas assacadas à gente brasileira” a nação com N maiúsculo “está respondendo com atos de maior aproximação intercontinental, baseada na urgência a assegurar inviolabilidade dum patrimônio tanto moral como físico.” Acima, a manchete “É proibido falar em público alemão, italiano e japonês” anuncia as orientações do Secretário de Segurança Pública do Estado, Francisco Gottardi, a respeito do controle das listas de passageiros por via terrestre, da entrada e saída nos hotéis, pensões, e etc, a proibição das línguas estrangeiras em público, a proibição da transferência de domicílio, à proibição de deslocamentos entre cidades sem salvo-conduto, o impedimento da realização de comemorações de caráter privado por estrangeiros “como aniversários, bailes, banquetes, e etc.”.

**Figura 9 - É proibido falar em público alemão, italiano e japonês, jornal Correio do Povo – 31 de janeiro de 1942<sup>273</sup>**

---

<sup>272</sup> Decreto-lei nº 383, de 18 de abril de 1938 – vedava o exercício das atividades políticas no Brasil aos estrangeiros; Decreto-lei nº 406, de 4 de maio de 1938 – Conselho de imigração e colonização como responsável pelo ingresso, permanência e assimilação de estrangeiros em solo Brasileiro; Decreto nº 868 – 18 de novembro de 1938, comissão de Ensino Primário – nacionalização de ensino nos núcleos estrangeiros; Desde 1938 foi proibido a concentração superior de 25% de estrangeiros de uma mesma nacionalidade em um mesmo território;

<sup>273</sup> Documento inteiro no anexo 3.

# É proibido falar em publico alemão, italiano e japones

Florianópolis, 29. — Comunica o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda: — "As autoridades orientadas pelo dr. Francisco Gottardi, Secretário da Segurança Pública do Estado, desenvolvem atividades no que concerne á execução imediata de todas as ordens dimanadas dos governos federal e estadual. Brevemente vigorarão a padronização das listas de passageiros por via terrestre e também o fichário destinado ao controle da entrada e saída dos hotéis, pensões, etc., sendo instalados postos de controle dos viajantes e forasteiros no território do Estado. Também foi proibido que sejam cantados e tocados os hinos totalitários e qualquer saudação peculiar dessas potencias, sendo vedado ainda o uso de idioma das mesmas nações em conversas nos lugares públicos, como em cafés, teatros, cinemas, hotéis, estabelecimentos ruas, etc. Os mesmos são obrigados a comunicar o domicílio ás autoridades no prazo de 15 dias. Também não poderão transferir o domicílio sem prévia comunicação ao Serviço de Estrangeiros na Capital e ás Delega-

cias de Polícia no interior. Não podem viajar de uma localidade para outra sem salvo conduto. Foram vedadas aos mesmos estrangeiros, ainda em casas particulares, as comemorações de caráter privado, como aniversário, bailes, banque-

tes, etc., sendo reconhecidos documentos habéis para viajar a carteira de identidade ou o salvo conduto, ficando os viajantes ou forasteiros obrigados a prestar todos os esclarecimentos aos postos de controle, sob pena de processo.

## Instituto Rocha Loures

*Exclusivamente para molestias de olhos, ouvidos, naris e garganta.*

Dispõe de aparelhos os mais modernos para exame de sua especialidade.

Richlin, Rua do Príncipe, Fone, 334. JOINVILLE

## Em defesa da civilização

O Brasil sempre deu provas da superioridade de sua conduta política no concôrto internacional. A atitude assumida, nessas circunstâncias, sempre refletiu a cultura de sua gente, cuja mentalidade se plasmou ao calor de princípios que não destroem, nem se conformariam com quaisquer propósitos menos elevados e menos justos que os de integral e intransigente respeito á liberdade e á independência dos povos organizados.

Em face do conflito que perturba, agora, a tranquilidade da América, manteve o nosso país, sob a orientação avisada e patriótica do integro Presidente Getúlio Vargas, uma posição coerente com aquela política tradicional de de-

te, não houve como hesitar no passo altivo que demos, lavrando, implícito na declaração da solidariedade a uma Nação Americana agredida, o nosso veemente protesto contra os processos do atentado brutal ás liberdades, que alguns governos taimam em pôr em prática.

A Terceira Conferência dos Chanceleres, que deveria ter sido encerrada, hoje, no Rio de Janeiro, foi um consequência da coesão que se reforçou, desde logo, entre os países do nosso continente, em tôrno do objetivo da defesa própria, contra os agressores, que têm manifestado o mais frio e espantoso descansa pelo direito dos povos e pelas conquistas morais e espirituais do século. O

A linguagem, símbolo das constituições das nações desde o final do século XVIII, padronizada para garantir as delimitações de fronteiras e qualificar aqueles que compunham o corpo da nação, tem como principal função ao que tange o estabelecimento de uma nação “(...) criar os limites de uma identidade coletiva que se contrapõe a outras identidades (igualmente coletivas) exteriores a ela”<sup>274</sup>. Dessa maneira, o código linguístico, com regras rígidas e únicas, movimentam nos indivíduos mais do que o ato de se comunicarem, mas mobiliza sentimentos, que em determinados níveis, conferem caráter de pertencimento a determinado grupo. Movimentam paixões, modos de pensar e entender o mundo e a vida. As línguas modificam as descrições das paisagens, os significados das cores, a comédia, as tristezas e a raiva. Cada código comporta identidades, variações de alteridades, que ao unificá-las possivelmente se percam em um vazio de sentidos. Uma homogeneidade artificial forjada para eliminar diferenças culturais, e padronizar uma identidade que tampouco através da língua se firma em fronteiras políticas. Assim, como afirma Oliveira e Zilles

podemos dizer que a “unificação” do idioma (isto é, a seleção de uma determinada norma em detrimento das outras) e sua imposição têm dois objetivos: o primeiro é criar a imagem de um país uniforme nos diversos aspectos constituintes de uma nação, o que dissimula ou encobre, por conseguinte, as diferenças e as tensões sociais, culturais, linguísticas e étnicas constitutivas de qualquer sociedade. O segundo objetivo dessa “unificação” está ligado ao conceito de nacionalidade que constrói os limites entre os grupos estrangeiros e a sociedade supostamente detentora dessa nacionalidade homogênea e uniforme em seus aspectos sociais, culturais e linguísticos

<sup>275</sup>

Essa uniformidade de sentir-se, de ser, de pertencer a um determinado tipo especificado em lei de “brasileiro” compõe as constituições brasileiras desde 1824, mas para ser efetivamente posta em prática, ganha uma carcaça repressiva e violenta. Dizer isso, não significa que anteriormente os recursos para conduzir determinadas imagens do país fossem pacíficas. A partir da Constituição de 1937, determinados grupos antes requisitados pelo Estado, passaram também a sofrer censura, tortura e perseguição policial por suas origens.

Um bom exemplo é a própria noção de cidadania. Até 1930, existia, o que José Murilo de Carvalho chamou “cidadania em negativo”, tanto em relação ao exercício da cidadania (direito político, civil e social) quanto ao sentimento de identidade nacional (pois a cidadania é o exercício de direitos atrelados com a relação dos indivíduos com o Estado e com a nação).<sup>276</sup>

---

<sup>274</sup> BUENO, Alexandre Marcelo. Língua, imigração e identidade nacional: análise de um discurso a respeito da imigração no Brasil da Era Vargas. **Estudos Semióticos**. [on-line] disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/69531/72113>. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 2, São Paulo, dezembro de 2013, p. 35–43. Acesso em: 27/07/2020, p.37.

<sup>275</sup> Apud: Oliveira, 2000, p.91; Zilles, 2001, p. 150 e 91 BUENO, Alexandre Marcelo. **Idem**. p.38

<sup>276</sup> Ver mais em: CARVALHO, José Murilo de. *Op. Cit.*, p.13-148.

Desde a Constituição de 1824 até 1937, a ideia de cidadania era pautada em uma assimilação completa do indivíduo, uma identificação total com a nação. As fichas de registro de entrada no país, organizadas pelo Departamento de Ordem Política e Social (Dops), criada em 1924, eram organizadas entre “brasileiros” e “não brasileiros”, sem que essa separação tenha ligação direta com o conceito e compressão do que era ser um cidadão brasileiro, mas sim com o sobrenome dos indivíduos. Se esses possuísem sobrenomes árabes, judeus ou japoneses, mesmo possuindo documentação de naturalização ou sendo cidadão brasileiro, era fichado como “não brasileiro”<sup>277</sup>. Já os portugueses, espanhóis e italianos eram automaticamente definidos como brasileiros. Alguns imigrantes, aos olhos das elites brasileiras, jamais se tornariam “verdadeiros” cidadãos brasileiros. Seja pela distância das raízes linguísticas, da aparência física ou pelos novos parâmetros da identidade nacional, somente alguns conseguiriam “criar um novo Brasil”. Os “outros” compunham a categoria de “sub cidadãos”, inclusive nas constituições desde 1824 até a de 1937. Nas palavras de José Murilo de Carvalho,

É preciso também verificar em que medida, mesmo na ausência de um povo político organizado, existiria um sentimento, ainda que difuso, de identidade nacional. Esse sentimento, como já foi observado, acompanha quase sempre a expansão da cidadania, embora não se confunda com ela. Ele é uma espécie de complemento, às vezes mesmo uma compensação, da cidadania vista como exercício de direitos.<sup>278</sup>

Ou seja, a mudança na imagem do “brasileiro ideal” projetou uma necessidade do outro, estrangeiro, para a construção da nova identidade nacional. Como visto anteriormente, o processo de imigração que ocorreu entre meados do século XIX e XX no Brasil objetivava mudar as características étnico-raciais do Brasil.<sup>279</sup> Entre 1860 e 1930, cerca de 3,8 milhões de estrangeiros aportaram em território nacional, esse volume triplica se alargarmos o recorte. Esse projeto de colonização, mudou no decorrer do século, quem era considerado um cidadão desejado para a nação ou não, àqueles que ocupavam principalmente zonas rurais no Centro-Sul.<sup>280</sup>

---

<sup>277</sup> LESSER, Jeffrey Howard; ZIMBRES, Patrícia. *Op. Cit.*, p. 169.

<sup>278</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Op. Cit.*, p.72.

<sup>279</sup> “preconizadas desde o século XIX, mas só um Estado autoritário poderia criar uma legislação impositiva da assimilação e do caldeamento e propor, por decreto, estudos científicos que dessem diretrizes eugênicas (raciais), sociais e culturais para erradicar as diferenças étnicas que faziam dos imigrantes cidadãos incompatíveis com a nação.” Ver em: SEYFERTH, Giralda. *Op. Cit.*, p. 2025

<sup>280</sup> O contraste com os anos 80/90 “Assim, o Brasil moderno e o cidadão nele definido se instituíram às custas de uma dissolução das referências últimas da ação e participação coletivas que constroem um horizonte democrático. É uma herança pesada que desaba sobre as novas tentativas de formular uma outra noção de sociedade e cidadania, que não dependa de uma autorização externa para garantir sua coesão e seu movimento. Isto é o que constitui o significado primeiro dos movimentos sociais: ao proporem a autonomia da ação coletiva, eles trabalham também para a valorização de uma sociedade finalmente política e aberta aos conflitos através de uma referência democrática: nem mais párias à política, nem mais súditos do Estado, mas cidadãos.” PAOLI, Maria Celia. *Movimentos sociais, cidadania, espaço público: perspectivas brasileiras para os anos 90. Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 2, n. 33, 1991, p. 126.

Assim, seja no Império ou na República, existia uma realidade abstrata de Brasil, e uma tentativa constante de moldar determinados “tipos de brasileiros”. Uma performatividade, que em 1930, como afirma Maria Célia Paoli, modifica toda a

experiência comum de se conhecer direitos (desde então, frequentemente associada ao indivíduo que, ocupando o cargo de presidente da República, é investido como “pessoa-coletiva” da nação, pois a dota de cidadania) excluía tanto a cidadania liberal fundada na equivalência política dos indivíduos como a de uma cidadania coletiva diferenciada fundada no exercício da participação e da ação comum.<sup>281</sup>

Mas, como podemos observar, este processo de articulação identitária acontece em simultâneo com muitas redes e interações de diversos grupos. É no campo de disputa entre o autoritarismo de um lado, e a mobilização de diferentes grupos que cria o espaço para sobrevivência tanto da memória como da própria vida. Assim, é no próprio jogo de forças da tensão estabelecida que ocorre a busca por reconhecimento de direitos, neste caso a categoria de cidadania.

Como na passagem da carta recebida por Federico Gabaldón em 29 de abril de 1942, enviada por Godofredo G. L. Luce em 18 de abril de 1942<sup>282</sup>, é possível perceber essa nova contraposição entre etnicidade, cidadania e o processo educacional que os indivíduos tinham ou haveriam de ter. A passagem relata a situação de Helena Frerich Zenke, que procurou Godofredo G. L. Luce para escrever ao consulado espanhol em busca de informações sobre seu esposo Carlos Zenke, preso no dia 28 de abril de 1942. D. Helena Zenke já havia encaminhado uma carta para o Vice-consulado da Espanha em Florianópolis, que havia sido interceptada por falta de registro. A carta não menciona o motivo pelo qual Carlos Zenke foi preso. Mas reafirma diversas vezes a cidadania e nacionalidade do casal:

No dia 30 de Abril D. Helena Frerich Zenke, com 34 annos de idade, órfã de paee mae, súbdita allemã, casada há 9 annos com Carlos Zenke, teuto-brasileiro, isto é cidadão brasileiro, escreveu uma carta ao Viceconsulado da Espanha em Florianópolis, a qual carta infelizmente não mandou registrada de maneira que muito provável não chegou no seu destino; o marido da D. Helena foi preso com os outros, que praticamente desde o dia 28.4.42 podem se considerar livres com restricções, mas como cidadão brasileiro transferido n'este dia para a cadeia de São Francisco, aonde deve ficar ao menos mais 3 semanas preso, como se soube, pelo facto que como brasileiro nato merece mais castigo, que os outros subditos d'um paiz estrangeiro;<sup>283</sup>

<sup>281</sup> PAOLI, Maria Celia. Movimentos sociais, cidadania, espaço público: perspectivas brasileiras para os anos 90. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 2, n. 33, 1991, p. 125.

<sup>282</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-054 / 54-14685-055, 1942.

<sup>283</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-054 / 54-14685-055, 1942.

A necessidade de demarcar o pertencimento é evidente. Nesse pequeno trecho o médico afirma quatro vezes a cidadania de Carlos Zenke: “teuto-brasileira, isto é cidadão brasileiro”; “como cidadão brasileiro”; “como brasileiro nato merece mais castigo, que os outros súbditos d’um paiz estrangeiro”. Quem seriam estes “outros” comentados por Godofredo G. L. Luce? Aparentemente estrangeiros!

Abaixo um documento disponível no Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul, escrito provavelmente por sua neta Margarida Zemke Schwarz aponta elementos da trajetória de vida de Zenke. Neste documento o sobrenome é escrito com “M”, mas acredita-se se tratar da mesma pessoa. Carlos Zemke foi oleiro, coveiro e lavrador. Também baterista na banda de Hermann Purnhagen, sujeito mencionado inúmeras vezes nas cartas de Godofredo G. L. Luce e muito conhecido no cenário de Jaraguá do Sul a partir de 1925 (na figura 22 arquivo sobre vida de Hermann Purnhagen, também do arquivo de Jaraguá do Sul).

#### **Figura 10 - Histórico de vida Carlos Zenke**

Jaraguá do Sul, 15 de Fevereiro de 1997

HISTÓRICO DA VIDA DE CARLOS ZEMKE

CARLOS ZEMKE, nasceu em Brusque, SC, em 28 de Julho de 1906, filho de Luiza Zemke.

Foi criado pelos avós em Brusque, onde estudou na escola, cursando o primário, até o 3º ano.

Ainda jovem, mudou-se para Joinville, SC, onde trabalhou numa olaria e mais tarde em Guaramirim, SC, também numa olaria.

Através de uma família amiga em Jaraguá do Sul, SC, conheceu Helena Joana Frerichs, natural da Alemanha, com quem casou-se em 08 de Julho de 1933, cfe., certidão de casamento nº 78, livro 12, folhas 1V. Desse casamento nasceram três filhos: ALFRIDA, casada com ADOLFO KRUGER, EWALDO, casado com WALTRAUT HARBS ZEMKE, MARGARIDA, casada com ADEMAR SCHWARZ.

QUANDO casou-se, foi morar no sítio de sua esposa no bairro Vila Rau, à Rua Prefeito José Bauer, 681, onde foi lavrador durante o restante de sua vida.

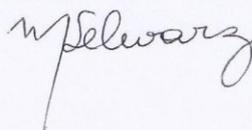
Também foi coveiro durante muitos anos, no cemitério de Três Rios do Sul.

Participou também como baterista na Banda de Hermann Purnhagen, animando bailes nos principais salões da época, principalmente no "Schutzensaal", atual Clube Atlético Baependi.

Depois de um período de enfermidade, faleceu por insuficiência cardíaca em 02 de Janeiro de 1985 e foi sepultado no cemitério de Três Rios do Sul, Jaraguá do Sul, SC, cfe. certidão de óbito nº 10107, livro C-15, folhas 244V.

Pelo descrito acima, dou testemunho de fé e veracidade,

MARGARIDA ZEMKE SCHWARZ



**Fonte:** Histórico de vida de Carlos Zemke. 15 de fevereiro de 1997, Jaraguá do Sul. Em Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul. Documento gentilmente cedido por e-mail, com titulação: Carlos Zemke 0003, em 30/04/2021, por Silvia Regina Toassi Kita.

Voltando à passagem da carta de Godofredo G. L. Luce, Carlos Zenke, preso havia já decorrido uma semana, foi transferido do presídio de Florianópolis para o de São Francisco, e ficaria mais três semanas preso. O argumento de cidadania e nacionalidade para separar e classificar os presos não era uma coisa particular de Godofredo G. L. Luce, como podemos observar na reportagem a seguir, era sempre muito bem intensificado os quesitos de pertencimento e nacionalidade.

A reportagem da Revista d’o *Globo*, de abril de 1942, denominada “Um Campo de Concentração modelo: onde os espões nazistas ouvem sambas e plantam batatas”, o repórter relata detalhes do dia-a-dia dos presidiários na Colônia Penal Agrícola do Rio Grande do Sul. Inicia sua narrativa um elogio a paisagem do rio Jacuí, um dos maiores rios do Rio Grande do Sul. Sobre a cabeça do repórter, no entanto, “pairava, ameaçadora, uma onda espessa de nuvens”, que fechava o tempo para qualquer observador atento. Como é o caso do presidiário “Torrinha”, integrante da banda “Jazz-band Liberdade”, na foto de capa da matéria. “O presidiário “Torrinha” diz num samba que as flores e os pássaros também são prisioneiros...” acrescentando ao slogan da banda um ponto de interrogação no “entre o jazz e liberdade. No ponto de interrogação encontra-se um libelo, não se sabe a quem.” O cenário do rio Jacuí, já na primeira página da narrativa, desaparece em águas barrentas e segundo o repórter “perdeu-se a paisagem, moldura dentro da qual a reportagem aparece cheia de cambiantes e coloridas.”, prossegue e se contradiz: “Nem a paisagem humana tinha vida.”

“As flores e os pássaros também são prisioneiros” dizia o samba de “Torrinha”, e no “libelo” marcado na bateria, contradiz as imagens de um presídio sarcasticamente narrado enquanto agradável (se é que isso seja de alguma maneira possível). Justifica a todo momento que esta é uma colônia penal agrícola amigável, pois “Estavam ali os presidiários de bom comportamento, gente que se libertou da Correção para afogar sua ânsia de liberdade entre o silêncio dório que se espreguiça e o deserto dos campos que se repetem” encarcerados, mas também “gozando das mesmas delícias das paisagens” rio-grandenses. A inflexão irônica sugerida aos alimentos, como se esses fossem sozinhos sinônimos de nacionalidade, surgem primeiro as batatas, mas tornam-se nas páginas da matéria batata-doce e aipim. Diz o repórter: “Até se nacionalizam constantemente, ouvindo os sambas de Torrinha, comendo feijão infalível no menu, plantando com as próprias mãos o aipim, a batata-doce, e acima de tudo, descobrindo os mais íntimos segredos nutritivos desses brasileiríssimos alimentos.” Na fotografia à direita de quem vê, em uma fila para “marchar para a roça”, fardado de zuarte, Arno Lieckfeld, “reclama do menu”, “No meu casa – disse êle – isso não se come”. Após o almoço “se encontram plantando brasileiríssimas batatas”.

**Figura 11 - “Um campo de concentração modelo” – Reportagem Revista do Globo, abril, 1942.**



O PRESIDÁRIO "TORRINHA" DIZ NUM SAMBA QUE AS FLORES E OS PASSAROS TAMBÉM SÃO PRISIONEIROS...

## UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO MODÉLO

ONDE OS ESPÍOES NAZISTAS OUVEM SAMBAS E PLANTAM BATATAS...

**S**e fosse num dia de sol, talvez o azul do céu se refletisse sobre a lâmina ondulante das águas do Jacuí. Mas sobre a cabeça do repórter pairava, ameaçadora, uma onda espessa de nuvens. Possivelmente por isso as águas do rio estivessem barrentas. Perdeuse, assim, a paisagem, moldura dentro da qual a reportagem aparece cheia de cambiantes e de co-

loridos. Não havia pássaros pelos arredores nem galinhas cis-cando nos terrenos da Colônia Penal Agrícola, galinhas senhoriais que espalham papéis como bibliófilos neurastênicos arrumando o escritório. Nem a paisagem humana tinha vida. Estavam ali os presidiários de bom comportamento, gente que se libertou da Correção para afogar sua ânsia de liberdade entre o silêncio do



O CAPITÃO MAHSS, ex-proprietário do Hotel Descanso, de Iraí, apoiado sobre a enxada, atende à reportagem da REVISTA DO GLÓBULO. Sua expulsão do nosso território já foi decretada pelo Presidente da República, mas ele não pode seguir por falta de transporte. Enquanto isso... planta batatas.



ANTES DE MARCHAREM PARA a roça, os nazistas formam, metidos num fardamento de zuarte, tendo à frente o comandante Arno Lieckfeld, do serviço de espionagem alemão. Lieckfeld reclama contra a frequência do feitiço no menê da Colônia Penal Agrícola. "No meu casa — disse ele — isto não se come".

rio que se espreguiça e o deserto dos campos que se repetem. No meio dessa monotonia dos homens e das coisas, Torrinha é um rei. Porque é o único que canta, que compõe seus próprios sambas, suas próprias marchas, quem anima e seu jazz de presidiários. Jazz-Band Liberdade, com um ponto de interrogação entre o jazz e a liberdade. No ponto de interrogação encontra-se um libelo, não se sabe contra quem. O velho Machado de Assis terminaria esta introdução assim: Há mais mistério entre o céu e a terra do que pensa a vã filosofia. E teria dito muito bem.

Mas na Colônia Penal Agrícola, espécie de campo de concentração amigável, estão encarcerados, também, e gozando das mesmas delícias da paisagem, alguns dos espíes nazistas presos ultimamente pela Polícia do Rio Grande. Ali eles se nacionalizam constantemente, ouvindo os sambas de Torrinha, comendo o feitiço infalível no menê, plantando com as próprias mãos o alpin, a batata doce e, acima de tudo, descobrindo os mais íntimos segredos nutritivos dessas brasileiríssimos alimentos.

Wolfgang Eberard Neise, o paranóico preso em Iraí, olha para o repórter e conclui, depois de muita conversa:

— Se a Alemanha fracosar nesta investida da Primavera, eu me jogarei no rio, em seguida. Se ela vencer, pou outro lado, creio que levarei meus amigos brasileiros para conhecerem a Gestapo de perto...

O capitão de mar e terra Arno Lieckfeld, agente de Hitler que agia no Brasil, oculto num cargo de gerente da casa de

Tubos Mannemann, também acredita na vitória do seu Fuehrer. — Espero sair muito breve daqui, — disse-nos ele. E o seu olhar denunciava a plena convicção destas palavras.

Meyer-Glasow, o espíe gráfico, o elegante da turma, cuja prisão constituiu, recentemente, mais um notável sucesso para a polícia riograndense, estava plantando batatas na lavoura, quando nos disse:

— Eu gostaria de estar no front da Rússia. Isto aqui não me agrada. Seria, mesmo, preferível um campo de concentração verdadeiro, com soldados de fuzil ao ombro enidando da gente... por uma questão psicológica, você compreende...

O capitão Mahss, ex-proprietário do Hotel Descanso, de Iraí, é um anjinho. Disse que não tem culpa no cartório.

— Tudo mentirrrra. Não sou espíe. Eu apenas ajudava o meu pátria.

No grupo de alemães concentrados na Colônia Penal Agrícola, figuram vários marinheiros e alguns pastores da Igreja Evangélica Alemã que também praticavam a espionagem ou faziam propaganda nazista neste Estado. Estes já estão habituados com a "nova" vida, confundidos no fardamento de zuarte. São tão fanáticos do Hitlerismo como Glasow, ou Neise. Mas se recusam a falar...

O certo é que todos eles abusavam da hospitalidade brasileira e, à sombra das nossas franquias, conspiravam contra os interesses do Brasil e da América. O delegado Pili, do Brasil Milão deuses o destino merecido: o cabo da enxada e a rabiga do arado.



APÓS O ALMOÇO, os nazistas presos pela Polícia do Rio Grande voltam à lavoura, onde se encontram plantando brasileiríssimas batatas...



HÁ 473 presidiários comuns na Colônia Penal Agrícola, alguns dos quais têm lá as suas famílias em casas particulares. Os seus filhos recebem instrução no Grupo Escolar e, aos intervalos das aulas, alimentam-se com os produtos arrancados da própria terra pelo trabalho forçado de seus pais.

WOLFGANG EBERARD NEISE, um paranoico a quem Hitler explorou, colocando sua tuta a serviço da espionagem e que, de Iral, transmitia informações secretas para os seus camaradas da Argentina. Neise feriu-se num pé, com uma enxada. Ele está na investida alemã da Primavera.

UM GRANDE GRUPO de espíões alemães, antes de marchar para a lavoura distante meia-hora do presídio. Ao ver o fotógrafo, um deles gritou: "Não vá estragar a máquina", e obteve como resposta: "Ei! Leica: só se fôr *erzats*...". Ao fundo, vemos a fachada do edifício principal do Presídio. Este, compõe-se de quatro grandes e modernos pavilhões recentemente construídos pelos próprios presidiários, com tijolos fabricados ali mesmo. Sua organização interna obedece a requisitos orientados pela moderna ciência penal e seus administradores procuram resolver os grandes problemas comuns aos presídios de acordo com a experiência pessoal. A maioria dos presos comuns tem, nos terrenos da C. P. A., suas famílias, em confortáveis casas, edificadas pelo governo.

E AGORA, o "ELEGANTE" Meyer-Glason, que se julga parecido com Fred Astaire e que tem 85 ternos no seu guarda-roupa. Ele cultivava manias de literato e esforça-se por falar difícil. Acredita piamente na vitória da Alemanha e prefere o arame farpado ao ar livre deste campo de concentração modelo. Perguntado pelo repórter se não preferia seguir para a Alemanha em companhia dos diplomatas, ele respondeu: "Eu não sou diplomata. Tenho ser incluído na lista, mas 'ursaram' comigo...". Contudo, este fanático filho de Hitler desejaria ainda, com toda a força dos seus trinta anos, morrer nas estepes russas, em defesa de uma coisa que ele não sabe bem o que é. Assim são os homens fabricados pelo nazismo. FIM.

Fonte: Revista do Globo, Rio de Janeiro, v. 317, n. XIV, abril. 1942, p. 25-27

Na fotografia<sup>284</sup> composta de crianças à mesa, todas com roupas claras, limpas, carrega a legenda "Há 473 presidiários comuns (...) alguns têm lá as suas famílias em casas particulares.

<sup>284</sup> Para o estudo das fotografias, vale ressaltar a passagem de André Rouillé: "(...) a fotografia é máquina para, em vez de representar, captar. Captar forças, movimentos, intensidades, densidades, visíveis ou não; e não para representar o real, porém para produzir e reproduzir o que é passível de ser visível (não o visível). (...) A radical modernidade da fotografia é a de ser uma máquina de ver e de produzir "imagens de captura". Captar, apoderar-

Os seus filhos recebem instrução no Grupo Escolar, e nos intervalos das aulas, alimentam-se com os produtos arrancados da terra pelo trabalho forçado de seus pais.”. O texto ainda faz menção a Wolfgang Eberard Neise, segunda foto, da página 27. “Paranoico preso em Iraí” Wolfgang Neise “era um espião nazista”, encontrava-se na enfermaria pois havia ferido “o pé com uma enxada”. Em uma entrevista teria dito que “se a Alemanha fracassar nessa investida da primavera” se jogaria no rio, mas caso vencesse levaria seus “amigos brasileiros para conhecerem a Gestapo de perto...”. Os demais presos “vários marinheiros e alguns pastores da Igreja Evangélica Alemã” segundo o repórter “também praticavam espionagem ou faziam propaganda nazista nesse Estado (...) São tão fanáticos do Hitlerismo como Glason, ou Neise. Mas se recusam a falar...”

Como observado anteriormente, se faz importante distinguirmos a atuação do Estado brasileiro em relação aos partidários da NSDAP e sua intransigência em relação à imposição do nacionalismo autoritário varguista que resulta na perseguição de famílias alemãs, migrantes só pela língua. Ao contrário da família de Joesting, e a trajetória de Johannes Borchers, o caso de Neise, por exemplo, a razão pela qual o Estado procura e condena qualquer movimento que se aproxima das ideias nazistas e supremacistas é completamente legítima. Apesar de fazerem parte do mesmo contexto, e ocuparem provavelmente os mesmos espaços da cidade, não há como misturar as narrativas em uma mesma linha argumentativa. O Estado é até um pouco cauteloso demais frente aos declarados membros da Aliança Integralista e com Nazistas. Mas, com justa causa, persegue, apreende e condena casos de apologia e propaganda a essas ideologias. O que chama muito a atenção, no entanto, é a dificuldade de identificação entre aqueles e os demais acusados.

O tom da narrativa, deixa explícito seus desejos ao escrever que sejam eles Neise, declaradamente nazistas, ou como muitos pastores que não professam, não declaram que o são, “todos eles abusaram da hospitalidade brasileira e, à sombra das nossas franquias, conspirava

---

se, registrar, fixar, tal é o programa deste novo tipo de imagem: imagem de captura funcionando como uma máquina de ver, e renovando, desse modo, o projeto documental.” Em: ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São. Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009, pg. 35. Para além dos elementos técnicos e epistemológicos sugeridos por Rouillé, seguimos Sontag, quando em suas inspiradoras reflexões sobre a fotografia aponta que igualmente “as fotografias adentram o campo da narrativa e da subjetividade”. Elas unificam características contraditórias, quando fazem repousar as credenciais de objetividade ao lado do ponto de vista do fotógrafo e das suas tomadas de decisão. São, portanto, simultaneamente uma tomada objetiva e um testemunho pessoal, ambas uma cópia fiel ou transcrição onde um determinado movimento da realidade é ao mesmo tempo uma interpretação dessa realidade”. SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. E aqui, nas imagens elencadas, podemos perceber a construção dessa narrativa nessas fotografias, a seleção e o foco delas, ao mesmo tempo que impelem um sentimento de necessidade de punição para os infratores da nacionalidade, buscam refletir os procedimentos necessários para as suas nacionalizações com elementos supostamente “brasileiríssimos”. Sobre imagens e narrativas de nacionalização ver ainda Jaeger, J. (2009). Colony as Heimat? The Formation of Colonial Identity in Germany around 1900. **German History**, 27(4), 467–489. doi:10.1093/gerhis/ghp056

contra os interesses do Brasil e da América. O delegado Plínio Brasil Milano deu-lhes o destino merecido: O cabo da enxada e o rabiço do arado”. A fotografia do “capitão Mahss, ex-proprietário do Hotel Descanço de Iraí” segura despojadamente uma enxada, olha pra longe como se conversasse com alguém à espera de “sua expulsão já (...) decretada pelo presidente da república,” não podendo seguir viagem por falta de transporte. “Enquanto isso... planta batatas.”

A ironia das fotos, as roupas compostas, os cabelos bem penteados, as filas harmônicas e uniformes. Todos homens, de barba aparada, rosto escanhado, compõem essa ideia de paisagem emoldurada pelos limites da liberdade, em fotografias aparentemente posadas que encenam um lugar cujo elemento central é o trabalho. Mas um trabalho, como repetidamente dito na notícia “amigável” de modo a nacionalizar todos os aspectos da vida. Outro ponto interessante, a menção ao samba, que também acabara de passar por um processo de nacionalização e que por vários anos havia sido perseguido como manifestação.

Assim, como vimos, tanto institucionalmente quanto midiaticamente se construíam novos discursos sobre o brasileiro ideal. A reverberação no dia-a-dia dos indivíduos é clara, seja na escola, na igreja ou na rua. Segundo Certeau<sup>285</sup>, a presença de transgressão no cotidiano é uma tática de subverter a norma, modificar o *modus operandi* das coisas habituais, e neste caso percebemos o fazer da imposição de uma nova norma. O próximo capítulo tratará de investigar a norma e a transgressão dentro dos “lugares” sociais ocupados por Godofredo G. L. Luce. Afinal, nas palavras de Certeau, “Ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana jamais se apresentem sob uma forma tão nítida, nem por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo distinguem as maneiras de agir”<sup>286</sup>:

---

<sup>285</sup> CERTEAU, Michel de. Artes de fazer: a invenção do cotidiano. **Petrópolis, RJ: Vozes**, 1994, p. 101

<sup>286</sup> *Ibidem*, p. 102



TYPOGRAPHIA MERCANTIL  
IRMÃOS SIEGMANN  
PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL  
RUA DE FLORES AL. N. - TELEFONE 408  
INDÚSTRIA BRASILEIRA

TYPOGRAPHIA  
MERCANTIL  
Porto Alegre  
N.º 71  
n.º 000



Jaraguá do Sul, 26 de Junho de 1942 de tarde

Ill<sup>mo</sup> - Sr.

Feliciano Veiga Vieites,  
Mo. D. viceconsul de España.  
Viceconsulado de Espanha  
R. Vitor Meirelles no. 18  
Florianópolis.

Muito cordiaes saudações:

Peço desculpar, que sómente hoje venho accusar de ter recebido suas attentiosas cartas do dia 17.6.42 no dia 18.6.42 e do dia 23.6.42 no dia 25.6.42., para as quaes agradeço muitissimo penhorado; ellas chegaram em meu poder não censuradas, o que não se deu com a carta por via aérea do senhor consul da Espanha em Porto Alegre, J. Galdón, que foi censurada pelos carimbos de "Blumenau, 19.6.42" e "Jaraguá 25.6.42" em Florianópolis, com a perda de tempo de 5 dias ao menos, a qual perda de tempo prejudicou o destinatario J. E. Joesting bastante, porque o dono da sua casa n'estes dias começou de mover uma acção de penhora contra o mesmo justamente no dia 24.6.42, em vista da qual ameaça eu mesmo tive de fallar acompanhado do senhor J. E. Joesting no mesmo dia com o referido dono de casa senhor Max Fiedler, que acquiesceu no revogar da sua acção de penhora e despejo do senhor J. E. Joesting sómente pela minha intervenção. Em presença do para ser penhorado e despejado, o senhor Max Fiedler me disse, que o advogado Dr. Paulo de Bedeiros accitou a procuração pela quantia de 500\$000 já entregue ao mesmo adiantadamente! Veja, o senhor, que embulhada! — — — —

E' tudo isto, porque uma carta do Consulado da Espanha em Porto Alegre, que era urgentissima e por isto mesmo enviada por via aérea foi interceptada e fazejada, sendo o seu conteúdo, com mesmo vi, absolutamente insuspeito! — — — —

Assigno-me, cada vez maior admirador da sua patria espanhola e dos seus cavalheirescos representantes consulares no Brasil, como seu muitissimo obrigado e attento

Dr. Godofredo Guilherme Lutz Luce

### 3 “Sou médico e cidadão brasileiro”<sup>287</sup>

Por que se escreve? – Para fabricar-se? Para aprofundar-se? – transformar seu território em carta topográfica? Para ser outro - ser mais... Mirar-se. Por esporte, para exercer funções, agir sobre seu verdadeiro por meio de seu falso.<sup>288</sup>

Paul Valéry

Vimos até aqui uma série de transformações políticas e sociais no Brasil e no mundo até o ano de 1942. Mas, apesar de comporem a narrativa até aqui, a trajetória dos sujeitos e suas ações compuseram apenas um vislumbre do contexto. Pouco foi mencionado quem são esses sujeitos, a começar por Godofredo G. L. Luce, interlocutor de todas as cartas, fontes primárias deste trabalho. No capítulo três, se intenciona identificar nas cartas de Godofredo G. L. Luce as possibilidades de assimilar uma dinâmica histórica nacional e global através de narrativas de experiências individuais. De narrativas de um indivíduo sobre outros, das relações e das redes que possibilitam essa dinâmica, e da abrangência de contexto que o olhar às narrativas de correspondências pode oferecer à tessitura da história. Ou seja, o capítulo três busca dedicar atenção à linguagem (significados e significantes), a leitura e a escrita (de si, do outro e do contexto); e, por outro lado, a entender o conjunto de projetos seja na construção de memórias, seja na elaboração de uma identidade individual e coletiva, mobilizada pelo interlocutor.

Como afirma Sebastian Conrad, as micro perspectivas

(...) são capazes de revelar a heterogeneidade do passado e a teimosia dos atores históricos. A história local pode nos apontar para as maneiras pelas quais as particularidades locais desafiam a homogeneidade das narrativas globais e onde as práticas locais apontam para a divergência do caminho para uma conectividade cada vez maior (...)<sup>289</sup>

O autor sugere o termo “glocalização”, justamente para que esta conectividade ou até mesmo as narrativas globais não caiam em uma espécie de abismo de grandes blocos, e inserir os processos globais, tanto experiência quanto a constituição dela, nas constelações de redes locais.<sup>290</sup>

Outro aspecto para além da constelação local ou “glocalização” é a categoria da história global do movimento. O *corpus* de cartas de Godofredo G. L. Luce encontra-se em toda sua

<sup>287</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54 – 14685 – 053052/53, 1942.

<sup>288</sup> DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento Nômade**. Edusp. - São Paulo. 2016, p. 129.

<sup>289</sup> CONRAD, Sebastian, **What is global history?**, [s.l.]: Princeton University Press, 2016, p. 131.

<sup>290</sup> *Ibidem*, p. 132.

existência em movimento. Viajaram sabe-se lá em quantos transportes, passaram pelas mãos do escritor, do atendente do correio, do carteiro, do funcionário do DOPS, do funcionário do transporte, de outro carteiro, do cônsul, mais um carteiro, do Embaixador. Depois seguiu viagem para o arquivo, entrou em contato com o arquivista, incumbido de organizar e guardar as peças, viajou de Jaraguá do Sul, foi a Porto Alegre, depois ao Rio de Janeiro, para então, feito este périplo chegar à Madrid, onde estava depositada. As cartas são escritas migratórias. Elas são elaboradas como documentos sociáveis e subjetivos, e quem as escreve insere-a necessariamente na relação direta com o outro. Entender as censuras, ranhuras, mudanças de tons dos enunciados, os caminhos que percorreram e quanto tempo levaram até chegar ao seu destino, podem revelar traços da relação do interlocutor e receptor, dos assuntos acalorados do momento, detalhes do cotidiano, emoções tão particulares e pessoais que muitas vezes são difíceis de serem encontradas em outro tipo de fonte escrita. É como se ao atravessarem caminhos e pessoas, rompessem as grades do tempo, até chegarem aqui, em 2022, intactas, mesmo que escritas em 1942. Entretanto, imaginemos que no processo dos anos, justo estas sobreviveram até nós. Para isso ser possível, diferentes mecanismos arquivísticos e da memória coletiva relacionaram tais documentos como de importância de conservação, catalogação e guarda por diversos indivíduos e instituições. Ainda, cabe a nós nos perguntarmos o por que justo elas foram conservadas e chegaram até nós. E, por outro lado, atentar que o significado que damos a elas, muito possivelmente, com a temporalidade que nos envolve, são dramaticamente outros, assim como as questões que propomos.

Por serem tão empreendedoras<sup>291</sup>, é necessário questioná-las sobre quais os vínculos que estabeleceram dentro de seu espaço social. No caso dessa pesquisa, que espaço social é este, frente ao contexto brasileiro, as circunstâncias diplomáticas e as mudanças das narrativas mobilizadas pelos Estados nacionais? De que maneira Godofredo G. L. Luce, no interior do nordeste de Santa Catarina, mobiliza, através de suas cartas, uma rede de relações primordiais para o cotidiano do lugar? Quais as funções do jogo retórico que se estabelece entre diferentes sujeitos? E como historicizar esses caminhos percorridos pelas cartas em questão? Ainda, podemos questionar: quem é, afinal, esse sujeito que escreve, e como essa rede global se fez possível?

Aquém de tudo isso, encontra-se no cerne de qualquer literatura a função ou destinação social da linguagem, aquilo que deixa transparecer a moral, a escolha consciente da área social a ser atingida ou representada através da linguagem, algo que Roland Barthes denomina

---

<sup>291</sup> Empreendedora porque dinâmica. Ou brincando um pouco com as palavras: Despachada.

*escritura*. Léxicos e a particularidade das formas em que são articulados, são partes do corpo do autor. Vozes do seu passado ecoam nas páginas rascunhadas sem necessitarem um esforço intencional no processo de elaboração. O estilo é a infra linguagem, sua dimensão é apenas vertical, ou seja, “seu segredo é uma lembrança encerrada no corpo do escritor”<sup>292</sup>. Mas a escritura parte do desejo de confrontação ou assimilação por dada sociedade, ou grupo social. É a linguagem enquanto prática e representação, que carrega usos da lembrança, da história e dos usos anteriores das palavras. A linguagem crava dentro de seus usos, que ela “nunca é inocente”<sup>293</sup>, e mesmo que criptografado nas entrelinhas, tende a impor novas significações para aquilo que foi ou quisera ser; ou passam a comunicar um *ethos* e as visões de mundo particulares desse tom do discurso.

Esses *ethos* e visões de mundo apesar de flutuantes, recursos pessoais e particulares das narrativas de cada indivíduo ainda que similares e contrapostos, são tão reais quanto os acontecimentos políticos e as narrativas históricas. Como alude Robert Darnton:

A política não pode ocorrer sem que exista uma disposição mental prévia, implícita na noção que o senso comum tem do mundo real. O próprio senso comum é uma elaboração social da realidade, que varia de cultura para cultura. Longe de ser a invenção arbitrária de uma imaginação coletiva, expressa a base comum de uma determinada ordem social.<sup>294</sup>

Neste sentido, vale mencionar que as cartas carregam, também, o contexto tecnológico da época, sua função de comunicação e aproximação. Ela estabelece uma relação justa entre a fluidez e a velocidade da comunicação na atualidade e a representação da materialidade da carta no encurtamento de distâncias. Ao percebermos estas implicações, no período analisado, podemos também questionar: Quais os valores sociais atribuídos ao saber escrever e ao receber cartas nesse espaço social? E como foi possível estabelecer uma ligação entre o sujeito que escreve e aqueles que buscam serem representados pelas cartas? Também perceberemos as redes e os capitais sociais mobilizados em torno da ciência, dos profissionais da saúde e principalmente da política, a princípio, local, tornarem-se nacionais.

Longe de biografar este que se apresenta como médico parteiro de Jaraguá do Sul, pensaremos Godofredo G. L. Luce como um sujeito histórico que nas vicissitudes do momento histórico que atravessa, experimenta e vivencia, acaba por manifestar prolificamente o seu posicionamento, mobilizando redes e recursos num universo social mais amplo. Mas afinal, como se faz possível essa mobilização? E como se fez possível a tessitura desta ampla rede?

---

<sup>292</sup> BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. Trad. Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. Editora Cultrix: São Paulo. 1972. p. 21.

<sup>293</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>294</sup> DARNTON, Robert. Um burguês organiza seu mundo: a cidade como texto. **O Grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Trad.Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 39.

São estes alguns dos questionamentos que, articulados com os elementos dos capítulos anteriores, se observa principalmente neste capítulo. O capítulo está estruturado em um tópico “A vida social das Cartas do Médico” e dois subcapítulos: “O peso do sobrenome, na profissão e na Saúde Pública em 1930” e “Panorama dos sujeitos nas cartas”. Neste tópico **investigaremos** a identificação, o lugar social e a trajetória de Godofredo G. L. Luce. No primeiro subcapítulo fazemos um sobrevoo sobre o posicionamento político do médico que foi possível analisar nestas cartas, a importância do letramento e da formação médica nesse momento e a forte influência de seu sobrenome nos círculos políticos e intelectuais do Brasil. No segundo subtítulo há um panorama breve sobre quem são as pessoas que ele está representando numa disputa, que como vimos no capítulo 1, se insere em contextos mais amplos. Primeiro, da ressignificação dos símbolos e dos mitos da nação brasileira durante o Estado Novo, e segundo o contexto da Segunda Guerra, que deixa determinados sujeitos expostos diretamente à burocracia e a reorganização do Estado brasileiro, por conta das vicissitudes do posicionamento do Brasil. Neste capítulo, encontraremos o alinhamento entre as três escalas.

### 3.1 A vida social das Cartas do Médico

“Sou médico e cidadão brasileiro de quase 58 anos de idade e me sinto envergonhado por estes factos, os quaes estou sabendo pouco à pouco.”<sup>295</sup> Apresenta-se como Dr. Godofredo Lutz, com papel timbrado e carimbo com seu nome e endereço, ao Vice-Cônsul da Espanha em Florianópolis, Feliciano Veiga Vieites. “Respeitosas saudações”, inicia o desdobrar de uma rede que se estabelece entre os pedintes, em sua maioria mulheres que conheciam Godofredo L.L. como o médico parteiro de Jaraguá do Sul e região, e o receptor, representantes diplomáticos da Espanha no Brasil. Envia sua carta dia 25 de abril de 1942 e no dia seguinte é recebida e contestada no Vice-consulado, na rua Vitor Meireles, nº18. Com a caneta-tinteiro, redige a mão “Venho em favor de muitos alemães, entre os quaes tambem (sic) uma senhora de 61 anos de idade, prezos desd’o 14 do mez corrente, perguntar, se a correspondência destinada ao seu consulado é censurada e interceptada?”

Reservar um lugar particular às lógicas individuais, observando suas relações sociais objetivas e os reflexos subjetivos das dinâmicas por elas mobilizadas, oferece à narrativa histórica a oportunidade de desvelar teias dispostas no jogo cotidiano entre níveis sociais hierarquizados. Godofredo G. L. Luce constrói em sua narrativa uma representação concisa dos

---

<sup>295</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración en Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54 – 14685 – 053052/53, 1942.

grupos sobre os quais fala, legitima sua identidade frente aos grupos que escreve e demarca fronteiras, ao mostrar-se uma figura fragmentada e singular. É certo que outros sujeitos escreveram às casas consulares espanholas requisitando pensões, auxílios com advogados e médicos, informações sobre familiares residentes no Brasil ou na Alemanha, documentos perdidos ou outras necessidades que os “súbditos alemães” residentes no Brasil careciam, então, porque a análise se fixa em Godofredo Lutz e não em outros? Como afirma Dosse, é essa “adequação entre uma figura singular, por um lado, e um meio e uma época, por outro, que o historiador procura: seu tema é o contexto histórico em si, não o indivíduo biografado.”<sup>296</sup>

“Pedindo desculpa pela forma apressada d’esta carta,<sup>297</sup> porque sou médico parteiro, que muitas vezes não tem tempo para comer e *descançar* bem,” Godofredo Luce desenvolve uma relação quase que de caráter epistolar com o Cônsul e Vice-Cônsul espanhol, coloca-se no jogo da retórica ora argumentativa, ora oratória, apela por vezes a sua relação íntima e pessoal com o remetente, relata os fatos de maneira irônica sem excluir a seriedade particular da situação, preenche os vazios da memória e da verossimilhança com o artifício retórico do *páthos*, qualidade, no ato de narrar, de despertar e estimular emoções (paixões, afetos, piedade, tristeza, etc.). Ao finalizar a mensagem, sempre se declara fiel ao receptor: “me declarando, prompto para orientar o senhor n’este lugar, quando procurado, asseguro-me com os meus protestos de grande estima e consideração para a Espanha, ‘que tambem conheci há anos, quando de curta visita la.” E deixa transparecer visões de mundo bem marcadas nas entrelinhas de um diálogo cortês. “Como seu muito obrigado. (assinado) Dr. Godofredo Guilherme Lutz Luce. (com firma reconhecida em Jaraguá do Sul, São Bento n’este estado de St. Catarina)”.

Ao longo de todo este trabalho, foi possível perceber essa performance de Godofredo Luce entre as diferentes escalas e os diferentes sujeitos com os quais interagiu. Mas em nenhum momento Godofredo G. L. Luce se desassocia da categoria de médico, de sua influência social na região, ou de sua cidadania brasileira. Tudo o que podemos inferir ao ler as cartas é seu posicionamento frente à guerra e sua posição na sociedade do nordeste de Santa Catarina no ano de 1942. Mas quem era esse médico, porque suas cartas foram arquivadas com tanta documentação diplomática? Como e por quê essa rede foi possível?

Em uma busca rápida na hemeroteca de Santa Catarina pude encontrar a propaganda de seus serviços médicos em alemão e português. Estas revelam seu endereço - Jaraguá do Sul, Rua Presidente Epitácio Pessoa, s/n – rua que posteriormente, em 25 de maio de 1979, através

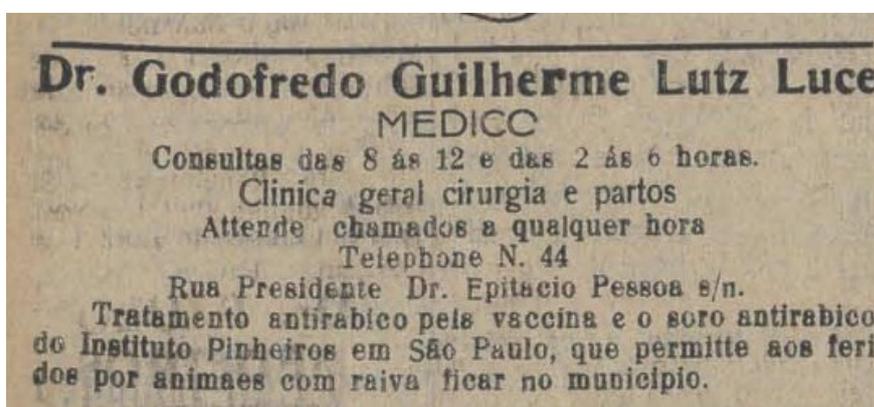
---

<sup>296</sup> DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Edusp, 2009, p. 219.

<sup>297</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n.54- 25685-053, 1942.

do projeto de lei nº 750/79<sup>298</sup> passa a carregar o seu nome. O que em certa medida ajuda a pensar os processos da memória coletiva, os lugares de memória, a manutenção dos rastros nos arquivos, e para esta pesquisa a relação do Godofredo com o seu lugar social, a família Lutz, a medicina e a atuação política. Estas propagandas de serviços não eram nada incomuns. Muitos jornais apresentavam impressão bilíngue, como no caso do *Correio do Povo*. Estes recortes são de 1938 e estão em língua alemã.

**Figura 12 - Propaganda dos serviços médicos de Godofredo Guilherme Lutz Luce no jornal Correio do Povo.**



**Fonte:** Correio do Povo de Jaraguá do Sul, 2 de abril de 1938 – Hemeroteca Digital Catarinense

Mas, muito mais do que parte do corpo de médicos da cidade de Jaraguá do Sul, Godofredo L. carrega consigo um sobrenome de peso. Lutz é um sobrenome muito conhecido em se tratando de medicina tropical. Pesquisando na Biblioteca Virtual Adolpho Lutz, encontrei cartas e fotografias comprovando que o médico parteiro que escrevia cartas para a embaixada

<sup>298</sup>Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/j/jaragua-do-sul/lei-ordinaria/1979/75/750/lei-ordinaria-n-750-1979-dispoe-sobre-denominacao-de-via-publica> > Acesso em: 02/08/2019.

espanhola no Brasil era sobrinho de Adolph Lutz e primo de Bertha Lutz. Nessa documentação há outro tipo de escrita. Godofredo G. L. L. escrevia para o seu tio relatando suas pesquisas médicas e aspirações políticas. Cartas assinadas como Godofredo Guilherme Lutz Luce, Gottfried Wilhelm Lutz Luce e Fredo, acrescentam camadas a tudo que vimos até aqui. A rede que tanto falei ao longo dos demais capítulos, apresenta-se sólida e hereditária para este sujeito. Ainda, acredito que o médico aportuguesou o nome para exercer sua função de maneira mais consolidada no Estado Novo. Apresenta-se como hipótese porque não é possível afirmar que foi por esse motivo exato a mudança da assinatura. Nas cartas para o tio, todas de 1929, “Fredo” assina majoritariamente seu nome em alemão. A linguagem muda, o tom, a apresentação é outra. Não é possível perceber o ar manipulativo das cartas encaminhadas à embaixada. Agora quem se apresenta é o próprio teuto-brasileiro, comunicando-se com um familiar. Carta assinada no dia 21 de abril de 1929, **“Teu leal sobrinho, Fredo”**.

No acervo de Adolpho Lutz, encontrei também a explicação para um integrante de uma família tão prestigiada na comunidade médica e política no Brasil, durante o século XIX e início do XX, estivesse residindo no interior do nordeste catarinense. “Fredo” nasceu em 24 de agosto de 1884, filho de Gottfried Wilhelm Luce, um comerciante alemão, e Helena Lutz Luce, a irmã de Adolpho Lutz. A família Lutz residia em Limeira, mas os Lutz Luce em circunstância da profissão do pai, vieram para o sul do País.

É importante pontuar que Limeira era o “berço da imigração europeia no Brasil”. Recebia trabalhadores suíços e alemães para o sistema de parceria, principalmente nas décadas de 1840 e 1860. Vale lembrar que em 1846 foi fundada a primeira colônia de imigrantes alemães e suíços no sistema de parcerias para a produção do café, como estratégia para suprir a mão de obra escrava.<sup>299</sup>

No cômputo geral do século XIX, os suíços representaram um dos menores contingentes de imigrantes, comparados a portugueses, italianos, espanhóis e alemães, mas protagonizaram as primeiras experiências de colonização dirigida do Brasil oitocentista, que deram origem a Nova Friburgo, na província do Rio de Janeiro, à colônia Leopoldina, na Bahia, e às colônias formadas em São Paulo, em meados do século, pela empresa do senador Nicolau de Campos Vergueiro, com o objetivo, agora, de substituir a mão-de-obra escrava nas fazendas de café.<sup>300</sup>

A família Lutz, no entanto, tinha grandes negócios no Brasil. Gustav Lutz, pai de Adolph, funda em sociedade com outro suíço, Keller, “uma casa de importação de “fazendas

---

<sup>299</sup> Fundada pelo então ministro da justiça Nicolau Pereira de Campos Vergueiro (1778-1859). Ver mais em: MOTA, Isadora Moura, Cruzando caminhos em Ibicaba: escravizados, imigrantes suíços e abolicionismo durante a Revolta dos Parceiros (São Paulo, 1856-1857), *Afro-Ásia*, n. 63, 2021.

<sup>300</sup> LUTZ, Adolpho; BENCHIMOL, Jaime L.; SÁ, Magali Romero, **Obra completa**, Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 2004, p. 122.

secas” e exportação de gêneros agrícolas, na rua do Sabão, 44A.6”<sup>301</sup> Muito mais do que o status de médico, Godofredo G. L. Luce carrega, também, o status social de uma família que vem ao Brasil em condições muito diferentes daqueles sobre quem escreve em suas cartas. Entretanto, é dessa posição ocupada por Godofredo G. L. Luce, que ele testemunha, presencia e experiencia a mudança drástica na percepção de ser estrangeiro no Brasil, apresentada no capítulo 2. Principalmente em relação à cidadania, as possibilidades que sua posição social garantia, era completamente distinta da possibilidade da maioria dos imigrantes no Brasil.

As fotografias 13, 14 e 15 nos ajudam a pensar esse aspecto social. Disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde Adolpho Lutz, nos permitem visualizar Godofredo G. L. Luce ainda criança em seu núcleo familiar. É um elemento que cimenta a coesão da família que fica registrada na imortalização do tempo pela máquina fotográfica. Como afirma Bourdieu, as fotografias necessitam leituras sociológicas. No caso aqui analisado, elas não só reafirmam o aspecto social da família Lutz Luce, dado a dificuldade e o alto custo para produção de fotografias na primeira metade do século XX no Brasil, afinal, era preciso possuir posses para registrar a família naquele período, como também, nas palavras do autor, as comemorações, ou, neste caso, a reunião de todo núcleo familiar,

está situada fora daquilo que é a rotina diária, e deve ser fotografada porque materializa a imagem que o grupo, *qual grupo*, pretende apresentar de si próprio. O que é fotografado, e apreendido pelo leitor da fotografia, não são propriamente indivíduos na sua particularidade singular, mas sim papéis sociais<sup>302</sup>

Além disso, era um hábito muito comum no final do século XIX, a contratação de fotógrafos para o registro da família e das crianças. A fotografia paralisava (e ainda paralisa) o tempo em torno da família, tornando o registro visual muito mais do que uma representação ou captura do real.<sup>303</sup>

A fotografia número 13, Helena Luce veste um vestido preto com botões, gola e punho brancos aparentemente bordados. O cabelo todo preso em um coque. Seu olhar está focalizado, presumivelmente no chão. A mão esquerda está com o dedo médio rígido e os outros dedos da mão recolhidos, pode ser apenas a disposição da mão ou poderia indicar uma indisposição para estar posando para a fotografia, uma zombaria, ou ainda uma deficiência física.<sup>304</sup> A bochecha

---

<sup>301</sup> *Ibidem*, p. 125.

<sup>302</sup> BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. O camponês e a fotografia. **Revista de sociologia e política**, 2006, p.34.

<sup>303</sup> Ver mais em: MOREIRA LEITE, Miriam. Retratos de família: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 1993.

<sup>304</sup> Aqui registro hipóteses, visto que, acredito ainda não haver uma história dos gestos do Brasil do final do século XIX. Helena Luce, também, nasceu em outra cultura, não sendo possível verificar se este gesto tem os mesmos

direita está apoiada na cabeça de seu filho, Godofredo Guilherme Luce Lutz, que está no seu colo. O menino segura com a mão esquerda uma escova de madeira, a mão direita está entrelaçada com a mão de sua mãe. Veste uma meia calça escura e uma bata branca com bordados no colarinho. Seu rosto está direcionado para a fotografia e seu olhar observa algo ou alguém um pouco acima da câmera fotográfica no lado esquerdo. Embaixo da fotografia está escrito “Rua Direita, 48”, “Campinas”, no centro em letras grandes encontra-se “Photographia Rozén, Nickelsen & Ferreira” – famoso estúdio fotográfico criado em 1862 em Campinas, que registrou diversas fotografias da família Lutz.

O universo além da foto, nos apresenta quem se utiliza da fotografia, e, porque era importante nessa relação com a família, o tempo e o lugar social de cada, como ficará mais evidente nas figuras 14 e 15.

**Figura 13 - Helena Lutz Luce e Godofredo G. L. L.**



**Fonte:** BIREME/OPAS/OMS - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde; base de dados: **BVALUTZ-MM**, Campinas; s.n; 1886. ilus, p&b. Photographia Rozén, Nickelsen & Ferreira\*. Disponível em <[Biblioteca Virtual Adolpho Lutz \(fiocruz.br\)](http://BibliotecaVirtualAdolphoLutz(fiocruz.br))>. Acesso em: 25/01/2022

---

significados que inferimos hoje. Também porque estamos muito distantes dos significados dos gestos do passado. Ainda assim, é uma parte marcante da fotografia, não sendo possível ignorar.

A postura descontraída e, ao mesmo tempo, pensada da família toda reunida ao redor de uma mesa sugere uma espécie de piquenique no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a Família Lutz está reunida, com a ausência apenas de Bertha, Gualter e Amy Lutz. Todos na foto parecem descontraídos, com exceção das crianças e de Godofredo G. L. Luce, que olham sérios em direção a máquina fotográfica. Nas informações veiculadas pela Biblioteca Virtual Adolpho Lutz, estima-se que a foto foi tirada ca. 1916. Adolpho Lutz está vestindo um chapéu preto, atrás de sua irmã mais velha, Maria Elisabeth. Ao lado de Adolpho Lutz está William Robert de chapéu branco. Em frente à William encontra-se Paula Elisabeth, vestida igual à irmã Gertrude. Ambas vestem uma saia preta, camisa branca e gravata preta, o que sugere ser um uniforme escolar. Entre Adolpho e William encontra-se seu sobrinho Godofredo, filho de Gottfried Wilhelm Luce e Helena Lutz. À esquerda de Maria Elisabeth encontra-se a filha Gertrude, e à sua direita as filhas de William Robert vestindo saias longas pretas. Os três meninos que aparecem na foto são filhos do cervejeiro William R. com Maria Francisca Marinho Lutz. A mulher e a menina que aparecem ao lado de Maria Elisabeth são respectivamente a cozinheira do Colégio Lutz, chamada Benedita, e Lúcia, filha de um empregado da família que Maria E. criou. A fotografia estava no acervo privado de Margareta Luce<sup>305</sup>, filha de Godofredo.<sup>306</sup>

As roupas, as garrafas, os sorrisos, os homens sentados na mesa. Os rostos descontraídos, desviando os olhares da câmera, sugerem que a família está pouco ou quase nada preocupada em tirar essa fotografia. O sentido da foto difere daquele comentado anteriormente, em estúdio, uma representação ordenada de algo “ideal”, fora do cotidiano, no final do século XIX. Essa, apesar de permanecer com a mesma função de paralisar o tempo, apresenta algo aparentemente rotineiro, extrovertido. Uma fotografia em meio ao Jardim Botânico, com crianças e funcionários. Ninguém parece estar posando, preocupado para que a foto saia precisa. Parece hábito familiar tirar fotografias. Ainda estamos falando do Brasil da década de 1910. O preço para uma fotografia como essa, de fato, imagino, era exorbitante.

---

<sup>305</sup> Margareta Luce, filha de Godofredo G. L. Luce, foi professora da Escola de Enfermagem Ana Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e da Escola de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Segundo Fabíola Leoni, Margareta L. viveu com os tios e, após doenças graves, resolveu ser enfermeira, formando-se em 1951, especializada em autocuidado para pacientes crônicos LEONI, Fabíola. Família Lutz visita Fiocruz conhece história de seu tio-avô. 11/02/2008. Disponível em: <https://www.icict.fiocruz.br/content/fam%C3%ADlia-lutz-visita-fiocruz-e-conhece-hist%C3%B3ria-de-seu-tio-av%C3%B4> Acessado em: 04/05/2022 às 15:33.

<sup>306</sup> Biblioteca Virtual Adolpho Lutz, galeria imagens, imagem 04. Disponível em: [http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/imagem\\_som/Slideshow/slideshow\\_4.htm](http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/imagem_som/Slideshow/slideshow_4.htm). Acesso em 15/03/2022 às 14:50. A fotografia e as informações sobre os sujeitos nela identificados foram disponibilizadas pela própria Margareta à Biblioteca.

A fotografia número 15, apesar de recortada, foi inserida no corpo do texto devido a sua resolução de imagem muito superior à encontrada na Biblioteca Virtual Adolpho Lutz, para facilitar a visualização. Quanto à fotografia número 16, fez-se um recorte da fotografia 15, apenas para facilitar a visualização do semblante de Godofredo G. L. Luce com 32 anos. Única imagem que encontramos deste indivíduo adulto.

**Figura 14 -Família Lutz no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ca. 1916.**



**Fonte:** Biblioteca Virtual Adolpho Lutz, galeria imagens, imagem 04. Disponível em: [http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/imagem\\_som/Slideshow/slideshow\\_4.htm](http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/imagem_som/Slideshow/slideshow_4.htm). Acesso em 15/03/2022 às 14:50.

Apesar de que não compete prolongar a discussão neste sentido, mas acredito que seria muito interessante pensar uma prosopografia para essa família. Todo este conjunto documental deixa muito claro como são vastas as possibilidades de entender através da dinâmica familiar, a rede, as ideias de nação e o global. Em plena virada do século, os integrantes da família viajavam, estudavam, tinham relações familiares, políticas, sociais e comunitárias, e nisso incluímos as mulheres, cena pouco comum no Brasil da primeira metade do século XX. Aparentemente eram sujeitos muito independentes, e mantinham em seus registros muitos indícios de todas as escalas levantadas neste trabalho.

**Figura 15** -Família Lutz no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ca. 1916. Foto nítida



**Fonte:** LOPES, Hugo de Souza, O Lutz não formava ninguém. Era um solitário..., v. 10, p. 44, 2003, p. 440.

**Figura 16** - Godofredo G. L. L. com 32 anos. Recorte da Autora



**Fonte:** LOPES, Hugo de Souza, O Lutz não formava ninguém. Era um solitário..., v. 10, p. 44, 2003, p. 440.

Como visto, para entender essa rede, precisamos analisar um pouco mais a fundo a relação do escritor das cartas com a sua rede primordial: a sua família e a relação indissociável com a medicina. A partir de então, e depois de havermos entendido o contexto no qual circulavam, poderemos entender um pouco melhor a relação entre os sujeitos sobre os quais

escreveu nestas cartas encaminhadas às casas consulares, e compreender a grande disposição dos representantes diplomáticos espanhóis em atender os pedidos de Godofredo G. L. Luce.

Frente a uma sociedade cada vez mais grafocêntrica, o ato de escrever é uma prática social da cultura escrita. Segundo Roger Chartier, é no século XX que a sociedade é profundamente atravessada pelos conteúdos escritos impressos, e é justamente eles que tornam a circulação rápida e mais efetiva de novos modelos culturais.<sup>307</sup> Ao observarmos a tabela 1 podemos perceber uma diminuição do número de analfabetos no Brasil e uma inserção significativa de mulheres no sistema de ensino.<sup>308</sup> Mas é possível perceber também que “o ritmo de desenvolvimento da escolaridade é inferior ao ritmo de crescimento da população.”<sup>309</sup>

População total e população analfabeta

Brasil 1890 a 19950

| Censos | HOMENS          |             |      | MULHERES        |             |      |
|--------|-----------------|-------------|------|-----------------|-------------|------|
|        | População Total | Analfabetos | %    | População Total | Analfabetos | %    |
| 1890   | 7.237.932       | 5.852.078   | 80,8 | 7.095.893       | 6.361.278   | 89,6 |
| 1920   | 15.443.818      | 10.615.039  | 68,7 | 15.191.787      | 11.764.222  | 77,4 |
| 1940   | 20.614.088      | 12.890.756  | 62,5 | 2.062.227       | 14.571.384  | 70,6 |
| 1950   | 25.885.001      | 15.881.449  | 61,3 | 26.059.396      | 17.397.027  | 66,7 |

**Fonte:** Censos demográficos. Em: ROSEMBERG, Fúlvia; PIZA, Edith. Analfabetismo, gênero e raça no Brasil. *Revista USP*, n. 28, p. 110-121, 1996, p.116

O Brasil continuava, apesar das modificações, com uma ilha de letrados num mar de analfabetos, como bem afirma José Murilo de Carvalho<sup>310</sup>, apesar de que quantificar e analisar censos demográficos de analfabetismo brasileiros é um trabalho que exige cautela. Os censos demográficos, que começam a ganhar maior atenção na década de 40, são imprecisos e

<sup>307</sup> Chartier, 2003, *Op. Cit.* p. 91.

<sup>308</sup> A tabela fornecida originalmente no artigo de Rosemberg e Piza vai de 1872 à 1991, mas como abrange um período muito maior do que o estudado no trabalho optou-se por reduzir a escala temporal. Em: ROSEMBERG, Fúlvia; PIZA, Edith. Analfabetismo, gênero e raça no Brasil. *Revista USP*, n. 28, p. 110-121, 1996, p.116.

<sup>309</sup> *Ibidem*, p. 116 . Ainda as autoras afirmam que “o número de analfabetos entre 1940 e 1980 foi da ordem de 39% para a população em geral, este índice cai para 15% entre os brancos e sobe espetacularmente para 70% entre os pardos (Tabela 5), evidenciando que a nitidez da tendência do analfabetismo brasileiro entre 1940 e 1980 se deve, principalmente, às precárias oportunidades educacionais dos brasileiros que se consideram mestiços (pardos).”

<sup>310</sup> CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem e Teatro de sombras**. Rio de Janeiro: Editorial da UFRJ/Relume Dumará, 1996.

ambíguos.<sup>311</sup> A política educacional brasileira do Império e da virada para a República era monopólio de uma pequena elite letrada (não raro escravocrata). Cabe questionarmos, portanto, dois movimentos de diacronia: a importância que as profissões liberais, médicos, advogados, escritores, professores, enfim os profissionais liberais, ganham neste momento na sociedade brasileira. Principalmente quando estamos analisando a importância da República para a democratização da educação. E o aspecto de que na década de 30 esses mesmos profissionais liberais sentem-se traídos pela Primeira República (a velha república das oligarquias, dos poucos grupos agrícolas), pela estagnação dos processos educacionais no país e pela total incapacidade de transformar a vida das pessoas em relação à saúde e à educação. Nas cartas de Godofredo G. L. Luce para seu tio Adolpho Lutz, percebemos esses dois aspectos em movimento. Ainda mais por se tratar de um médico, envolvido com uma rede que ultrapassa a sua própria influência (a hereditariedade) na região rural do norte de Santa Catarina, onde se estima que o nível de analfabetos nas zonas rurais era, e ainda é, superior às zonas urbanas, isso intensifica-se por se tratar de zonas rurais com um alto número de imigrantes e descendentes de imigrantes.

### 3.1.1 O peso do sobrenome, na profissão e na Saúde Pública em 1930

Entender a posição do interlocutor das cartas na sociedade em que vivia, requer entender a sua posição enquanto sobrinho de Adolpho e Bertha Lutz e a influência que a formação em medicina lhe garantia. Segundo Ângela de Castro Gomes, a leitura e a escrita de intelectuais pauta-se muito num convívio de sociabilidade. Em suas palavras:

(...) não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e, sim, ao contrário, a participação numa rede de contatos é que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural. Intelectuais são, portanto, ~~homens~~ cuja produção é sempre influenciada pela participação em associações, mais ou menos formais, e em uma série de outros grupos, que se salientam por práticas culturais de oralidade e/ou escrita.<sup>312</sup>

Assim, para compreendermos essa rede em que se encontra Godofredo G. L. Luce, serão analisadas também correspondências que estão disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde

---

<sup>311</sup> Segundo Rosemberg e Piza a “idade de ouro dos censos nacionais inicia-se com a coleta de 1940, para a qual contribuiu o demógrafo italiano Giorgio Mortara, inaugurando-se a série de censos modernos decenais realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Marcílio, 1974, pp. 6-7; IBGE, 1990, p. 22). Realizado com extrema acuidade, este censo deu início ainda à inclusão de quesitos especiais para a população feminina (fecundidade e mortalidade) e dados extensos sobre cor e instrução da população masculina e feminina.” Apesar de a classificação de cor ser não-sistemática, por um processo de autoclassificação e fenotípico, esta informação passa a compor os censos desde então. Em: ROSEMBERG, Fúlvio; PIZA, Edith. Analfabetismo, gênero e raça no Brasil. *Revista USP*, n. 28, p. 110-121, 1996, p.112.

<sup>312</sup> GOMES, Angela de Castro. Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Em: GOMES, Angela Maria de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Editora FGV, 2004, p.51.

Adolpho Lutz. Encontradas em diferentes fundos, tais missivas estão sob a guarda da Fiocruz, do Instituto Adolfo Lutz e do Arquivo do Museu Nacional da UFRJ. Diferente das cartas de 1942 enviadas aos consulados, estas são majoritariamente de 1929 e tratam de pesquisas médicas, encaminhadas ao seu tio, e que essencialmente nos ajuda a compreender a trajetória e a influência de Godofredo junto à sua comunidade e a redes em escalas mais amplas.

Já percebemos a vasta importância do letramento, mas o que significava ser médico no Brasil na primeira metade do século XX? Diferente da tradição portuguesa, a figura do médico em outros países da Europa já no final do século XVIII “(...) deixa de depender da remuneração individual e passa a viver de seu trabalho como cientista, pesquisador, que, financiado pela nação e formado pelas universidades, intervém na realidade e a transforma.”<sup>313</sup>

Helena Lutz, mãe de Godofredo, era neta de Friedrich Bernard Jacob Lutz, figura importante para a medicina suíça. Também porque seu tio, Adolpho Lutz, participou como estudante e pesquisador das reformas educacionais que estavam acontecendo na Alemanha nesse período. Sua formação, ao vir para o Brasil era outra, em comparação com os médicos brasileiros. Mesmo Godofredo Guilherme L. Luce deixa registrado em carta encaminhada de Rio Negrinho em direção ao Rio de Janeiro para o tio Adolpho L. em 13 de fevereiro de 1921 que estudou fora do Brasil em 1911: “Este último caso seria uma confirmação das indicações de **meu professor Fülleborn [da Escola de Medicina] em Hamburgo**, cuja preleção sobre **Bilharziose anotei em 10.11.11.**”<sup>314</sup>

Muitas camadas são agregadas a esse sobrenome. A começar pelo bisavô materno de Godofredo Lutz Luce, figura médica importante para os acontecimentos políticos de Berna, na Suíça, no início do século XIX, ele

chefiou o serviço de vacinação antivariólica de 1811 a 1818. Em 1815, tornou-se médico-chefe do exército da confederação, então com cerca de 45 mil homens. Em janeiro de 1831, meses depois do levante popular que terminou com o triunfo dos democratas, foi nomeado médico-chefe das tropas de Berna, mantendo-se à frente do serviço médico do exército da confederação por mais quatro anos. Em 1859, Friedrich Bernard Jacob Lutz foi eleito membro do Conselho de Berna, condição prestigiosa que lhe dava o direito de votar e seguir portando armas. Terminou a carreira como vereador da capital suíça, numa época em que a Câmara Municipal desafiava o governo federal.<sup>315</sup>

A cidade de Berna era muito importante neste contexto de definição de territórios na Europa. Em 1848 foi sede do governo central e sede da Assembleia Nacional da Confederação

---

<sup>313</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz, *Op. Cit.*, p. 250.

<sup>314</sup> Luce, Godofredo Wilken. Correspondência enviada em 13/2/1921 por Luce, Godofredo Wilken para Lutz, Adolpho. Fonte: S.I; S.n; 13/2/1921. 2 p. Id: 310. Acervo Biblioteca virtual Adolpho Lutz. Disponível em: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/textos/13.02.1921-Luce,Gottfried.pdf>

<sup>315</sup> BENCHIMOL, Jaime L.; SÁ, Magali Romero. **Adolpho Lutz-Febre amarela, malária e protozoologia-v. 2, Livro 1.** SciELO-Editora FIOCRUZ, 2005, p. 121.

Helvética. O movimento de imigração da família se inicia nas primeiras três décadas do século XIX. Residem, como descrito anteriormente, na cidade de Limeira.

A data de chegada da família ao Brasil é incerta. Alguns autores mencionam que entraram no país em 1849, pouco antes do surto de febre-amarela.<sup>316</sup> Outros mencionam ainda que a família chegou ao Brasil no ápice da epidemia de febre-amarela, em 1852.<sup>317</sup> A insalubridade do Rio de Janeiro, a crise de febre-amarela (1849-1850), e em 1855 a epidemia de Cólera (*Cholera morbus*) foram os motivos que fizeram a família retornar a Berna. Interessante mencionar, que o primeiro caso de cólera detectado em um escravo no Rio de Janeiro foi justamente na rua Sabão, onde mantinham a casa de exportação da família.<sup>318</sup>

A falta de profissionais da saúde no período em que a família veio ao Brasil era imensa, e as atividades de cura em sua maioria eram realizadas, geralmente, por iniciantes e analfabetos chamados “Práticos” e “proto-médicos”. Segundo Lilia Schwarcz, essa atuação não garantia nenhum prestígio social de posição elevada, como futuramente acontecerá com as faculdades de medicina nacionais. Até então apenas Coimbra estava autorizada a se diplomar em medicina. Somente em 1808 foram instaladas escolas de formação no Brasil, e como afirma a autora, até então “a profissão permanecia vedada aos brasileiros. Foi só a partir dessa data que o édito real de 1º de maio passou a determinar que quatro estudantes, designados pelo município do Rio de Janeiro, dariam continuidade a seus estudos em Coimbra (...).”<sup>319</sup>

Com as mudanças e a criação da Sociedade de Medicina aos moldes da Academia Francesa, em 1829, e o novo projeto de lei que aprovava títulos de doutor em medicina, de farmacêutico, e (a formação da esposa de Godofredo) de parteiros, “o curso foi estendido para seis anos; na matrícula dos candidatos se exigia comprovação de conhecimentos em latim, francês, lógica, aritmética e geometria.”<sup>320</sup> Modifica o perfil socioeconômico dos alunos e apresenta um crescente aspecto de hereditariedade no exercício da profissão. Ao passo que as faculdades de medicina brasileiras foram sendo institucionalizadas, o contexto exige aos novos “doutores” uma rápida resposta às crescentes epidemias de varíola, cólera, lepra, malária, sarampo, febre tifoide, beribéri, coqueluche, escarlatina e a mais conhecida (e estudada por Adolpho Lutz), a febre-amarela. Em 1864 os Lutz regressaram à capital brasileira, Adolpho

---

<sup>316</sup> LUTZ; BENCHIMOL; SÁ, *Op. Cit.*, p. 119.

<sup>317</sup> **Em Campinas: epidemia de febre amarela (1889)**, Biblioteca Virtual Adolpho Luz (fiocruz). < [http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/trajetoria/volta\\_brasil/campinas.php](http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/trajetoria/volta_brasil/campinas.php) > Acessado em abril de 2022

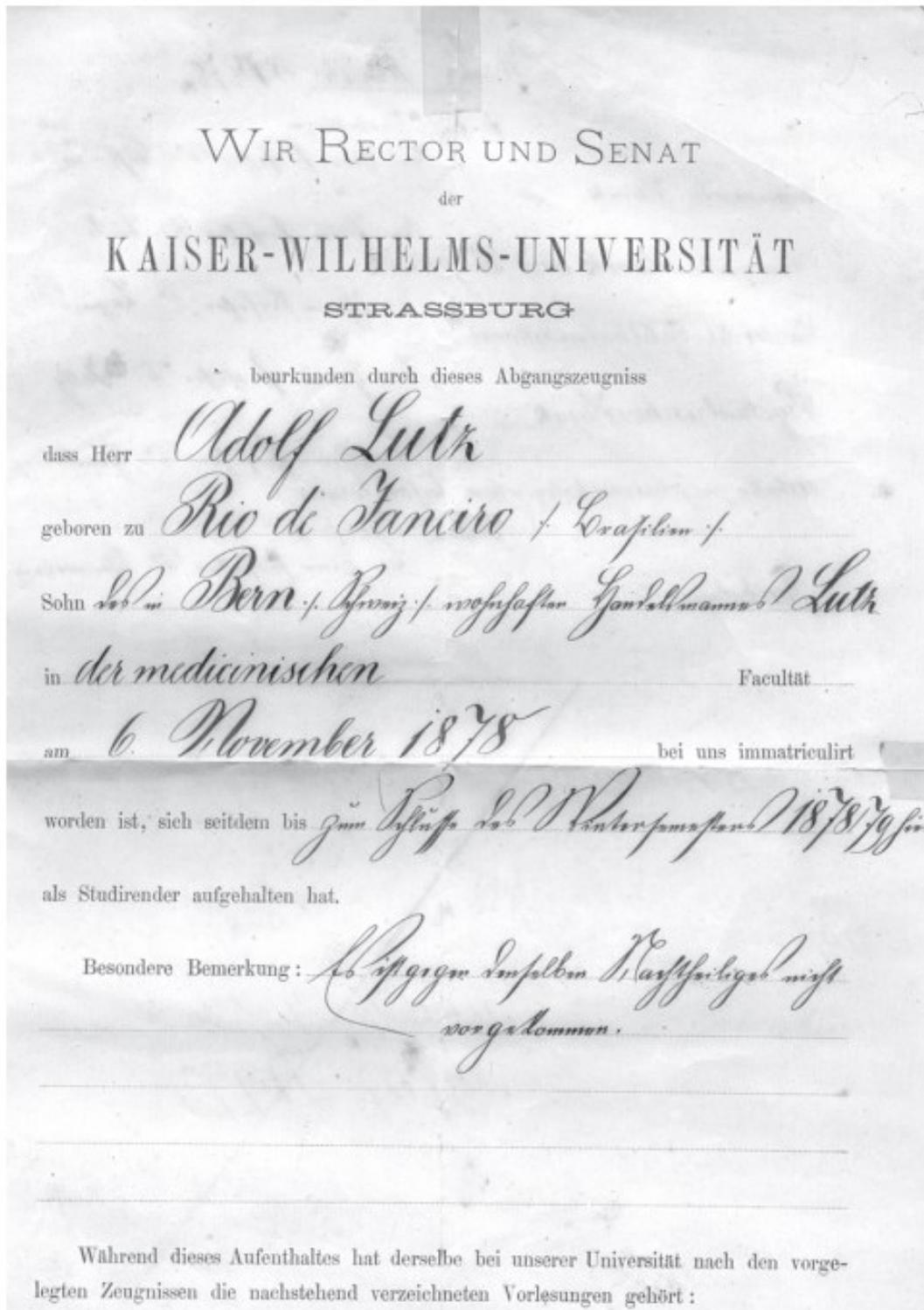
<sup>318</sup> *Ibidem*, p. 128.

<sup>319</sup> SCHWARCZ, *Op. Cit.*, p. 252.

<sup>320</sup> *Ibidem*, p. 257.

Lutz, no entanto, permanece na Basiléia, e apenas retorna ao Brasil 17 anos depois, após ter estudado medicina na Universidade de Berna, em Leipzig, Praga e Estrasburgo.

**Figura 17 - Diploma de bacharel da Kaiser-Wilhelms-Universität, emitido em 20 de março de 1879, de conclusão dos cursos iniciados**



**Fonte:** LUTZ, Adolpho; BENCHIMOL, Jaime L.; SÁ, Magali Romero, **Obra completa**, Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 2004, p. 151.

A trajetória de Adolpho Lutz é imensa. Como afirmou Hugo de Souza Lopes, importante entomólogo, pesquisador e professor universitário brasileiro, ele foi

Uma das pessoas mais importantes de Manguinhos (...). Ele fez tese na Suíça, falava todas as línguas, falava ou entendia até aquele dialeto havaiano, pois esteve no Havaí. Era incrível o Lutz. No dizer do Costa Lima, foi o único sábio que conheceu. Ele sabia as coisas bem sabidas, de patologia, medicina, entomologia médica, microbiologia, todas as coisas. (...)<sup>321</sup>

O tio de Godofredo é até agora nome de referência nas áreas de parasitologia, zoologia médica, bacteriologia, dermatologia e botânica. É principalmente conhecido como o precursor da medicina tropical. E essa informação é essencial para entendermos a importância desse sobrenome no período. Estamos falando de um momento onde as doenças consideradas endêmicas estavam alinhadas ao higienismo crescente dos debates no final do século e que vimos no capítulo anterior. Assim, como afirma Lilia Schwarcz, no final do século XIX o saber médico é emergente no país. A prática profissional da medicina se modifica muito nesse momento. De medicina legal em 1890 passa a eugenista em 1930, para apenas em 1941 realizar a primeira conferência Nacional de Saúde<sup>322</sup>. Também é nas primeiras décadas do século XX, momento onde o tio e o sobrinho trocam correspondências, onde as questões biológicas e sanitárias ganham muita importância no Brasil, bom exemplo disso é Oswaldo Cruz, e os programas de vacinação.

Nesse período há um aumento exponencial na produção de textos científicos sobre medicina, e Adolpho Lutz foi alguém que se dedicou tanto à prática da pesquisa quanto à prática médica. As suas pesquisas coincidem com o período de criação de inúmeras revistas de medicina e a criação da imprensa médica no Brasil.

Um bom exemplo, é a carta encaminhada por Godofredo Luce ao tio, de São Bento, em 14 de novembro de 1929, onde o remetente cita a utilização de um texto publicado por Adolpho em uma das revistas médicas com maior visibilidade no momento.

Recentemente, você perguntou-me para que serviria o fosfato de amônia nos elixires contra a apendicite. É interessante saber – também no que concerne ao significado etiológico dos oxiúros na inflamação do apêndice – que o sal amoníaco (cloreto de

---

<sup>321</sup> LOPES, Hugo de Souza, O Lutz não formava ninguém. Era um solitário..., v. 10, p. 44, 2003, p. 426.

<sup>322</sup> Dentre as discussões levantadas na 1ª Conferência Nacional de Saúde estava em pauta a defesa sanitária da população, assistência social aos indivíduos e às famílias, proteção da maternidade, da infância e da adolescência. É interessante entender que a medicina nesse período sustentava uma concepção curativa e não preventiva. Apesar disso, foi nessa conferência que o debate sobre o estudo de um programa nacional de saúde, de definição do sistema de organização e de administração sanitárias e assistenciais, em âmbito estadual e municipal, e principalmente os estudos sobre saneamento básico em águas e esgotos ganhou força dentro de grupos de cientistas e médicos. Também nesta conferência foi elaborada a campanha nacional contra a lepra e a tuberculose. Ver mais em: FRANCO NETTO, Guilherme et al. Vigilância em Saúde brasileira: reflexões e contribuição ao debate da 1ª Conferência Nacional de Vigilância em Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, p. 3137-3148, 2017.

amônia) provou ser o melhor remédio contra os oxiúros, se tomado por um tempo prolongado, (**Brasil Médico, n.2, 12.1.1929**, “Notas sobre vermífugos dos Instituto de Higiene de São Paulo”). Isto eu pude comprovar em mim mesmo, na minha família e em pacientes no meu consultório.

Nesta mesma carta, além de detalhes sobre as pesquisas com batráquios, Godofredo menciona a dificuldade de transporte dos materiais do estudo, que acabam sempre sendo abertos nos correios, muitas vezes perdendo as cargas vivas. A possível solução para o problema seria o envio através das primas e tia que estavam visitando a ele e a sua família. Elas seriam incumbidas de transportar as pererecas vivas para as pesquisas de Adolph Lutz. Devido ao período de viagem, a ideia deixou de ser considerada. O que Godofredo Luce passou a fazer, foi encaminhar as pererecas em tubos e indicar em etiquetas do lado de fora, que se tratava de cargas vivas. Em carta, datada de 12 de março de 1929, afirma que

Paula e Lúcia chegaram aqui (São Bento) no dia 6 de março, vindas de São Francisco; elas pretendem ficar aqui duas semanas e mais duas em Itoupava, perto de Blumenau, na casa de minha irmã Clara. Portanto, elas estão fora de cogitação quanto ao transporte de batráquios daqui para o Rio.<sup>323</sup>

Meses depois, em dezembro de 1929, Godofredo volta à temática do transporte, afirmando que

Espero que esses animais, nas condições em que se encontram, suportem a viagem de 4-5 dias, com início nesta semana sem feriados, e cheguem até antes ao seu destino. Envio-as como “amostras sem valor”, o que custa apenas 900 réis, com a seguinte anotação escrita em vermelho: “**Não abre, bicho evade**”; talvez isso ajude. **Acredito que a perereca desaparecida deva sua liberdade à censura não oficial dos Correios e Telégrafos do Rio de Janeiro.** Bem, veremos como chegará esta remessa. (destaques da autora)

Segundo Schwarcz, nesse período a medicina era percebida não como algo relativo ao indivíduo, sendo a relação com a saúde e as doenças lidas como uma manobra coletiva, necessária para o desenvolvimento da nação. É um movimento que transforma a atividade médica também em um personagem político.<sup>324</sup> Em suas palavras, “Eis, senhores, em grandes pinceladas, a imagem que a medicina de finais do século XIX e inícios de XX almejava para si. Tutora da sociedade, saneadora da nacionalidade, senhora absoluta dos destinos e do porvir”.<sup>325</sup> Godofredo Luce em suas cartas ao tio, deixa claro sua inclinação também para a pesquisa. Na carta mencionada anteriormente de 13 de fevereiro de 1921, o sobrinho Lutz encaminha

---

<sup>323</sup> Luce, Godofredo Wilken. Correspondência enviada em 12/3/1929 por Luce, Godofredo Wilken para Lutz, Adolpho. Fonte: S.I; S.n; 12/3/1929. 2 p. Id: 157. Acervo Biblioteca virtual Adolpho Lutz. Disponível em: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/textos/12.03.1929-Luce,Gottfried.pdf>

<sup>324</sup> SCHWARCZ, *Op. Cit.*, p. 262–263.

<sup>325</sup> *Ibidem*, p. 265.

amostras de fezes de uma paciente para que o tio avaliasse o diagnóstico feito. Acreditava ser bilharziose intestinal ou, como era popularmente conhecida, barriga d'água, doença tropical e subtropical causada por vermes parasitas. A carta prossegue com informações de seus estudos sobre o *Schistosomun monsoni* e *japonicum*<sup>326</sup> durante sua estadia na Universidade de Hamburgo. O médico relata como vive o paciente: “O paciente em questão encontra-se hoje aqui em **Rio Negrinho**, em plena saúde, **trabalhando duramente numa serraria**.”. E ainda, afirma estar usando o trabalho do tio como referência: “Juntamente **com seu trabalho** “O *Schistosomum mansoni* e a esquistossomose segundo observações feitas no Brasil”, do ano de **1919**, constituem, no momento, **a única literatura à mão**.”<sup>327</sup> Demonstrando a dificuldade em encontrar literatura de medicina no Brasil, mas também que já havia ao menos este texto publicado pelo tio sobre o assunto. O texto foi publicado no tomo XI em 1919 do Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. É possível perceber a distinção sanitaria das populações não condenadas pela raça, mas condenadas por serem indivíduos adoecidos! Apesar de ser muito mais complexo, como mostram as mudanças subsequentes de posicionamento político do próprio Godofredo G. L. Luce, analisar esses discursos sobre medicina se entrelaçam muito bem com o papel assumido pelo médico como um "mosqueteiro intelectual"<sup>328</sup> da virada do XIX para XX.

### **Figura 18 - Publicação de Adolpho Lutz, 1919**

---

<sup>326</sup> Godofredo L. se refere a estudos recentes no período sobre espécies de esquistossomose. Afirma que em 1911 o professor Fülleborn, em Hamburgo já estudava as causas da “barriga d’água”, considerando como provável a *Schistosoma mansoni* predominante na África e na América do Sul; *Schistosoma japonicum* predominante no Oriente Próximo.

<sup>327</sup> Luce, Godofredo Wilken. Correspondência enviada em 13/2/1921 por Godofredo Wilken Luce para Adolpho Lutz, Adolpho. Fonte: S.l; S.n; 13/2/1921. 2 p. Id: 310. Acervo Biblioteca virtual Adolpho Lutz. Disponível em: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/textos/13.02.1921-Luce.Gottfried.pdf>

<sup>328</sup> Expressão utilizada pelo filósofo Nicolau Sevcenko para analisar estes indivíduos instrumentalizados com conhecimento científico, opositores à incapacidade técnica e administrativa governamental e assumem o papel de condutor do processo de modernização e de modificação do Estado. Ver mais em: SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1983.

# O *Schistosomum mansoni* e a Schistosomatose segundo observações, feitas no Brasil,

pelo

DR. ADOLPHO LUTZ (1).

(Com as estampas 37-43).

## Introdução.

A biologia e evolução dos trematodes do genero *Schistosomum*, até ha pouco, eram muito mal conhecidas, mas desde 1911 appareceram varias memorias, annunciando a soluçao dos problemas mais importantes para quatro especies deste genero. Nos estudos que vao aqui expostos tratarei em primeiro lugar de repetir e controlar as experiencias recentes, referindo-se á unica especie que se observa no Brasil; em segundo lugar de investigar as condiçoes locais da infecçao e determinar entre nos o hospedador intermediario do parasito. Com o fim de dar mais valor pratico a este trabalho e facilitar a orientaçao, resolvi emfim, recordar brevemente os fatos mais importantes que se referem ao parasitismo dos schistosomos em geral e da especie *mansoni* em particular. Da literatura só mencionarei os trabalhos fundamentaes ou aqueles que mais estreitamente se referem a meu assunto; para os outros recomendo a bibliografia de LEIPER que é facilmente acessivel e muito rica, contendo 521 numeros.

Tratarei em primeira logar do capitulo

que se refere á parte historica e geografica dos nossos conhecimentos a respeito do genero *Schistosomum* e das molestias por ele produzidas.

## A Schistosomatose ou Bilharziose na Africa.

As lesões produzidas pelos schistosomos eram conhecidas muito tempo antes do causador e existiam no Egypto já em tempos muito remotos, como se verificou pelo exame dos mumios. Foram observadas com grande frequencia ao tempo da invasao de Napoleão e até aos ultimos anos. N'este terreno classico BILHARZ descobriu em 1851 os parasitos causadores, dando-lhes o nome: *Distoma haematobium*, por causa do seu *habitat* intravascular. Bem preparado para estes estudos, ele reconheceu que se tratava de um trematodeo muito especial, caraterizado pela separaçao dos sexos e seu bimorfismo, tão novo como inesperado. O nome *Schistosoma* (\*) WEINLAND, hoje geralmente latinisado em

(\*) Palavra composta de *σχιστός* (fendido) e *σῶμα* (corpo).

**Fonte:** LUTZ, Adolpho. O *Schistosomum mansoni* e a Schistosomatose segundo observações, feitas no Brasil. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, v. 11, p. 121-155, 1919. Em: <https://www.scielo.br/j/mioc/a/nqcsqkKXLYgJDt6Bzq39NrK/?format=pdf&lang=pt>

Estes estudos e trechos de carta reafirmam o que falamos anteriormente sobre as condições locais de infecção. Tudo isso remonta à discussão política em relação à informação, educação populacional e condições de higiene, além de desigualdade de condições de vida. Neste outro trecho, o autor menciona a troca de informações entre o tio Adolfo e o primo Walter, sobre o mesmo assunto: A infecção por *Schistosomum*, ou a famosa Barriga D'água:

São Bento, 30 de julho de 1929. Querido tio Adolf e querido primo Walter! No dia 21 de maio recebi a separata "Bilharziasis oder Schistosomuminfektionen" **escrita por vocês**, assim como "Taxonomia e biologia do gênero *Cyclorhamphus*", **tendo lido ambos** com grande entusiasmo. Meus agradecimentos! – Infelizmente não tenho à mão

a última carta do tio Adolph, que eu venho querendo responder há mais de dois meses.<sup>329</sup>

Ainda, busca maiores informações sobre remédios junto aos seus pares nessa rede, que lhe seriam de grande valia junto aos seus pacientes

Gostaria que vocês me informassem qual a composição do remédio contra asma “Thevix”, que contém arsênio e que é exalado no hálito com odor típico de alho, alguns segundos após ser aplicado por via intravenosa. Esse medicamento é produzido por Nelson Barbosa na **Faculdade de Medicina** e Oswino Penna no **Instituto Oswaldo Cruz** e me foi de grande valia, aqui em São Bento, contra os casos de asma, atuando de maneira rápida e notória, **enquanto os mais modernos remédios europeus – aparentemente de atuação causal e específica – não surtiram efeito**<sup>330</sup>

Os estudos de Godofredo G. L. Luce são, como podemos ver, muito interessantes. Neste próximo trecho, uma hipótese seria pensar que, pelos tipos cocainômanos de que fala, já existia uma estratificação social em relação ao uso da substância. Talvez por ser mais caro e de difícil acesso. Mas ao mesmo tempo indica que as pesquisas dele se voltavam para um amplo espectro da medicina, não apenas medicina tropical, e não unicamente condições das populações menos favorecidas:

Como em todo o Brasil **o consumo de cocaína** é apreciado, temos esse mal também em São Bento, infelizmente tão difundido que o coletor do estado (**cobrador de impostos do governo**) foi suspenso há dois anos e meio por desfalque à repartição e agora o nosso juiz está à beira de um colapso físico e mental, o que deverá levar a sua exoneração mediante um processo de interdição. **Existe alguma monografia em português sobre cocainomania?** Se existe, peço que a comprem e me enviem por favor, **caso o livro não custe mais que 30\$000**, uma vez que poderia servir de base ao processo judicial.<sup>331</sup>

Para demonstrar ainda mais como as pesquisas de Godofredo L. estavam inseridas numa rede gigantesca de médicos, em pelo menos três cartas, o autor cita a Dra. Emília Snethlage (1868-1929), zoóloga, ornitóloga e naturalista alemã. Uma das maiores cientistas nesta área do período, tendo como seu trabalho mais relevante a publicação em 1914 do “Catálogo de aves amazônicas”. Além de mencionar os auxílios na pesquisa de batráquios, Godofredo Luce parece fazer questão de mencionar o que a cientista estava estudando e coletando.

---

<sup>329</sup> Luce, Godofredo Wilken. Correspondência enviada em 30/7/1929 por Luce, Godofredo Wilken para Lutz, Adolpho, Lutz, Walter. Fonte: s.l; s.n; 30/7/1929. 4 p. Acervo Biblioteca virtual Adolpho Lutz. Disponível em: [www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/30.07.1929-Gottfried\\_Luce.pdf](http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/30.07.1929-Gottfried_Luce.pdf) e em português: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/textos/30.07.1929-Luce.Gottfried.pdf>,

<sup>330</sup> Luce, Godofredo Wilken. Correspondência enviada em 30/7/1929 por Luce, Godofredo Wilken para Lutz, Adolpho, Lutz, Walter. Fonte: s.l; s.n; 30/7/1929. 4 p. Acervo Biblioteca virtual Adolpho Lutz. Disponível em alemão: [www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/30.07.1929-Gottfried\\_Luce.pdf](http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/30.07.1929-Gottfried_Luce.pdf) e em português: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/textos/30.07.1929-Luce.Gottfried.pdf>,

<sup>331</sup> Luce, Godofredo Wilken. Correspondência enviada em 30/7/1929 por Luce, Godofredo Wilken para Lutz, Adolpho, Lutz, Walter. Fonte: s.l; s.n; 30/7/1929. 4 p. Acervo Biblioteca virtual Adolpho Lutz. Disponível em: [www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/30.07.1929-Gottfried\\_Luce.pdf](http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/30.07.1929-Gottfried_Luce.pdf) e em português: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/textos/30.07.1929-Luce.Gottfried.pdf>,

A Srta. Dra. Snethlage coletou aqui muito material ornitológico e do Naderer ela levará também uma pequena coleção de peles de pássaros. Pelo fato de ela ter vindo aqui duas vezes – uma no inverno, coletando aves migratórias do sul provenientes da Argentina etc. e outra no verão – fez uma excelente coleta, pois nas duas ocasiões ela esteve numa altitude de 860 e 960 metros, respectivamente, ou seja, em São Bento e em Hansa, cidades distantes, pela estrada, 42 km uma da outra<sup>332</sup>

Na última carta enviada ao tio, em 2 de dezembro de 1929, Godofredo L. menciona no final da página, após ter se despedido, a notícia que acabara de receber: Emília Snethlage faleceu em uma de suas expedições. Com pesar, questiona ao tio “Malária ou febre-amarela?”:

[Na margem esquerda da página central há o seguinte adendo:] 2.12.29 às 10h da noite: Neste instante Lina me mostra que se conclui, do Jornal Alemão de São Paulo, ter a Srta. Emilia Snethlage falecido “repentinamente” em Porto Velho no Amazonas! Malária ou febre amarela? Você sabe de pormenores?<sup>333</sup>

As doenças infecciosas, eram não apenas de interesse de Adolpho Lutz, como também do sobrinho. Godofredo Lutz detalha em suas cartas o retorno do surto de febre-amarela em São Bento, 21 de abril de 1929, bem como inúmeras preocupações referentes à saúde pública na região. Vale ressaltar que apenas em abril de 1941, através do decreto-lei nº 3171, foi criado o Serviço Nacional de Malária, que começou a funcionar efetivamente apenas em 1942.

Em **Joinville, São Francisco do Sul, Itajaí e Florianópolis** espera-se o surgimento da febre amarela. O temor a ela tem isso de bom, **em toda parte se faz agora algo contra os mosquitos**, o que já deveria ter acontecido há muito tempo, por causa da **malária endêmica**. Por volta de 1888 a febre amarela grassou de maneira assustadora em Florianópolis, como me contaram repetidamente antigos veteranos [sic]: “enterros desd’a manhã até a noite”; a partir de então, ao que consta, não ocorreu por lá mais nenhum caso, conforme me relatou o Dr. Bulcão Vianna, tenente-coronel médico da guarnição local e presidente da Câmara de Santa Catarina; em compensação, **depois de 40 anos, a imunidade deve estar muito reduzida**; naquele tempo morreu também bastante gente em São Francisco e Joinville. **Os argentinos têm até motivo para não confiar em nós, principalmente no que diz respeito às viagens marítimas**<sup>334</sup>.

Aqui percebemos a volta de um tom cômico, muito usado nas cartas enviadas aos representantes diplomáticos espanhóis. O uso, já corriqueiro, em suas cartas do “eles” e “nós”, nesse caso, eles são os argentinos; nós os imigrantes. Vai ser a primeira vez que lemos Godofredo falar em “nós” enquanto um imigrante. A introdução de doenças epidêmicas pelos

---

<sup>332</sup> Luce, Godofredo Wilken. Correspondência enviada em 12/3/1929 por Luce, Godofredo Wilken para Lutz, Adolpho. Fonte: s.l; s.n; 12/3/1929. 2 p. . Acervo Biblioteca virtual Adolpho Lutz. Disponível em: [http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/12.03.1929-Gottfried\\_Luce.pdf](http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/12.03.1929-Gottfried_Luce.pdf) e em português: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/textos/12.03.1929-Luce,Gottfried.pdf>.

<sup>333</sup> Luce, Godofredo Wilken. Correspondência enviada em 2/12/1929 por Luce, Godofredo Wilken para Lutz, Adolpho. Fonte: s.l; s.n; 2/12/1929. 3 p. Acervo Biblioteca virtual Adolpho Lutz. Disponível em: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/textos/02.12.1929-Luce,Gottfried.pdf>.

<sup>334</sup> Luce, Godofredo Wilken. Correspondência enviada em 21/4/1929 por Luce, Godofredo Wilken para Lutz, Adolpho. Fonte: s.l; s.n; 21/4/1929. 2 p. Acervo Biblioteca virtual Adolpho Lutz. Disponível em alemão: [http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/21.04.1929-Gottfried\\_Luce.pdf](http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/21.04.1929-Gottfried_Luce.pdf) e em português: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/textos/21.04.1929-Luce,Gottfried.pdf>.

estrangeiros, foi uma das grandes questões na saúde pública brasileira no período republicano. Segundo Telarolli Junior “o ingresso de um grande número de estrangeiros, relacionado à ocorrência de epidemias de doenças transmissíveis, é um processo que ocorreu em diversos estados da federação no início do período republicano, com repercussões demográficas e sanitárias variáveis.”<sup>335</sup>

Prossegue Godofredo Luce, lembrando o período de sua infância, quando morava em Limeira, em que esteve em constante contato com a doença. Nessa época, seu tio Adolpho Lutz ainda não havia retornado ao Brasil:

Aliás, uma das minhas lembranças de infância é o “cemitério da febre amarela” em Limeira, no qual jazem muitos conhecidos de meus pais e seus, dos quais alguns ainda poderiam estar vivos! **Naquele tempo a propagação era mais lenta, como conseqüência das más condições de transporte, hoje a propagação é imaginável até por avião**, bem como pelo movimentado tráfego ferroviário entre Rio de Janeiro e Porto Alegre, o que também vale, no sentido contrário, para a peste originária do Rio Grande. Em São Bento ainda não vi nenhuma *Stegomyia*. Aqui cai geada todos os anos e já tivemos a primeira geada leve na manhã de 20 de março, a nossa altitude de 860 m acima do nível do mar [sic] nos torna comparáveis a Petrópolis (825 m de altitude). Em **Joinville tem ocorrido paratifo, aqui, casos isolados de tifo**. Ficar-lhe-ia agradecido se pudesse conseguir, por seu intermédio, **a vacina polivalente de tifo**, para vacinar algumas pessoas aqui e ali e **fazer alguma propaganda disso**.<sup>336</sup>

Muitos movimentos começam nesse momento também em torno da saúde pública. Muitos conceitos herdados da medicina colonial foram aplicados, principalmente o de que aglomeração urbana era uma das principais causas de insalubridade. A prioridade das ações sanitárias nesse início de século foi o controle das epidemias, principalmente a febre-amarela, tifo e cólera. O higienismo, já comentado anteriormente, nesse momento é parte central dos princípios de saúde pública do Brasil Republicano.

É nesse início de século que os contornos ficam mais nítidos ao redor das questões de medicina. A partir de 1930, quando o acesso à saúde também estava diretamente conectado com a detenção de cidadania e emprego; o sanitarismo internaliza as noções ideológicas da construção da nacionalidade.<sup>337</sup>

---

<sup>335</sup> TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho, Imigração e epidemias no estado de São Paulo, **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 3, n. 2, p. 265–283, 1996, p. 256.

<sup>336</sup> Luce, Godofredo Wilken. Correspondência enviada em 21/4/1929 por Luce, Godofredo Wilken para Lutz, Adolpho. Fonte: s.l; s.n; 21/4/1929. 2 p. Acervo Biblioteca virtual Adolpho Lutz. Disponível em alemão: [http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/21.04.1929-Gottfried\\_Luce.pdf](http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/21.04.1929-Gottfried_Luce.pdf) e em português: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/textos/21.04.1929-Luce.Gottfried.pdf>.

<sup>337</sup> Ainda, há também uma mudança ideológica interessante nesse período, e que Godofredo G. L. L. muito provavelmente acompanhava. Houve nesse período mudanças nas ideias de raça para a ideia de cultura. Isso porque até então se pensava que com a mestiçagem o Brasil estaria condenado ao fracasso como nação, o maior expoente desse pensamento na década de 20 foi Oliveira Viana, que no “populações meridionais do Brasil” fazia uma apologia ao extermínio dos grupos indígenas e caboclos remanescentes em prol de uma colonização “dolicocéfala” da região. Ver nesse sentido ALENCASTRO, Luiz Felipe de. « PERSISTÊNCIA DE TREVAS » Posfácio à nova tradução do livro de Joseph Conrad, *Coração das Trevas*, Companhia das Letras, São Paulo, 2008, pp. 122-146.

A saúde pública é parte indispensável da história social brasileira, justamente o momento em que aparecem inúmeras continuidades e algumas rupturas entre as atitudes e a hierarquia social entre os profissionais liberais, principalmente entre os profissionais ligados à medicina, as implicações na vida cotidiana urbana e rural do Brasil, e a relação entre medicina e política que se acirrou nesse momento. A medicina se volta para a cidade e ganha espaço na disputa de controle sobre a vida social. Em linhas gerais, na década de vinte, para além da grande inovação da assistência médica individual, cria-se uma série de organizações, como a Sociedade Brasileira de Higiene, o Sindicato Médico do Rio de Janeiro, Departamento Nacional de Saúde Pública, as grandes reformas Sanitárias de Carlos Chagas e a Diretoria-Geral do Departamento Nacional de Saúde Pública. Como pontua Nunes, o objetivo do Estado em relação à saúde era o campanhismo, o “modelo de médico e de cientista é Oswaldo Cruz. O saber assenta-se na pesquisa e na experimentação. Objetivo: combater as endemias e as epidemias. Mil novecentos e dezoito é um ano marcado pela gripe espanhola e 1928 pelo ressurgimento da febre-amarela.”<sup>338</sup>

Nas palavras de Nunes,

Analisando conjuntamente o papel dos intelectuais da Academia Nacional de Medicina e de *O Estado de São Paulo*, Moraes (1983), conclui que “isolados social e politicamente, lutam por impor seus projetos, que têm em comum a tutela da sociedade e a possibilidade de, com seus saberes e práticas, ajudarem a gerir a sociedade e o Estado. Os projetos médico-sociais no ESP e na ANM não expressam apenas o autoritarismo e a exclusão de setores populares em sua discussão ou imposição; eles têm em comum a busca do poder que deveria acompanhar cada prática e saber”<sup>339</sup>

Frente essa perspectiva, Godofredo Lutz é nomeado clínico em 1920 pela Diretoria-Geral do Departamento Nacional de Saúde Pública do Rio de Janeiro e pela Diretoria de Higiene do Estado de Santa Catarina em Florianópolis<sup>340</sup>. Em 1932, Godofredo Lutz estabelece residência e clínica médica em Jaraguá do Sul, e em 1933, então Godofredo L., Diretor de Higiene de Joinville, assume também a posição voluntária de delegado de Higiene em Jaraguá. Ficou sob sua responsabilidade fiscalizar e orientar a cidade quanto às questões higiênicas da população urbana e rural. Segundo as autoras Kita, Toassi e Alverrenga:

Entre os itens a serem verificados podemos citar: a distância a ser respeitada dos currais de suínos e estrebarias das residências e poços, bem como a limpeza dos mesmos; os cuidados com o lixo; a proibição de qualquer água

---

Alencastro observa que Oliveira Viana teve inclusive o seu livro “Evolução da Raça” patrocinado pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, em 1922.

<sup>338</sup> NUNES, Everardo Duarte, Sobre a história da saúde pública: idéias e autores, **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 2, p. 251–264, 2000, p. 256.

<sup>339</sup> *Ibidem*, p. 257.

<sup>340</sup> KITA, Silvia Regina TOASSI; Majcher, Olga Piazeria; ALVARRENGA, Joana D’Arc de. **A Saúde em Jaraguá do Sul - Memória e História: Os 80 anos do Hospital São José**. Impresso por HSJ. Jaraguá do Sul, 2016, p. 91.

estagnada a céu aberto; a conservação e roçada de mato para evitar a proliferação de insetos e roedores<sup>341</sup>

Tomadas de decisão que também mostram uma mudança significativa tanto para a relação da prevenção às doenças, quanto o entendimento da saúde como algo compartilhado pela coletividade. A criação da Delegacia Federal de Saúde, como afirma Fonseca, era órgão federal com atuação regional “onde eram instaladas e atuavam como intermediárias entre os governos e departamentos estaduais e os serviços federais, instrumentos, portanto, do processo de centralização desencadeado no governo Vargas.”<sup>342</sup> A política de saúde passa a ser responsabilidade regional, no entanto, recebendo supervisão direta do Governo Federal.

Em 1934, Godofredo L. começou a publicar colunas mensais no *Jornal Jaraguá*, jornal conhecido por ser o jornal integralista da região. Este é um corte importante na *persona* de um médico que atua na área, com uma rede de contatos entre os seus pares, mas que agora se coloca como um interlocutor junto à opinião pública. Designado como “colaboração alheia”, relatava os trabalhos realizados enquanto Delegado de Higiene:

Ser o primeiro delegado de higiene de Jaraguá era um cargo espinhoso, porque tudo era por fazer e nada estava feito, neste distrito de 18000 habitantes mais ou menos. A febre palustre grassava, ceifando nas suas formas de hyperinfecção, isto é, de várias febres acumuladas, os miseráveis habitantes das “tifas”, ao mesmo tempo *doentes de verme* e camaras de sangue. O hospital público, cuja necessidade a fundação da sociedade hospitalar em 30 de agosto de 1925 prova como fato histórico, há 3 anos nem era inaugurado provisoriamente, porque o poder discricionário de Joinville era intenso.<sup>343</sup>

Ele relata, entre outras coisas, que organizou a distribuição sobre boas práticas sanitárias e preparo e venda de medicamentos:

- 1 Que é proibida a venda de drogas e medicamentos nas pequenas cidades, que não seja feita por farmácias legalizadas (art. 47 da Lei federal 19606)
- 2 Que os fabricantes de preparados Cintra ‘Febres’ (drogas em curso no município) ficam obrigados a mandar no prazo de um mês a essa Repartição, amostras e fórmulas, desses ‘preparados’ para verificação (art. 70 do Regulamento de Higiene do Estado) sob pena de ser desaconselhado ao público deste Município o uso desses medicamentos, quer estejam ou não autorizados pela Saúde Pública.<sup>344</sup>

Godofredo L. realizava visitas ao interior periodicamente, e após casar-se em 1938 com Alice Richter, parteira, ficou conhecido regionalmente por ser clínico e parteiro. A hipótese é

---

<sup>341</sup> *Ibidem*, 2016, p. 91.

<sup>342</sup> FONSECA, Cristina M. Oliveira, Trabalhando em saúde pública pelo interior do Brasil: lembranças de uma geração de sanitaristas (1930-1970), *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, n. 2, p. 393–411, 2000, p. 400.

<sup>343</sup> Documento fornecido por e-mail, com titulação: Jornal Jaraguá, 06 de 24/03/1934 – O jornal era propriedade do integralista Ricardo Grünwaldt em 30/04/2021, por Silvia Regina Toassi Kita.

<sup>344</sup> Documento fornecido por e-mail, com titulação: Jornal Jaraguá, 09 de 14/04/1934 em 30/04/2021, por Silvia Regina Toassi Kita.

que devido ao baixo custo cobrado, a relação de proximidade com os habitantes da região e a união entre uma parteira local com os conhecimentos médicos de Godofredo L. popularizou os serviços do casal. Segundo Telarolli Junior, a assistência ao parto era extremamente problemática das mulheres imigrantes e descendentes. Além de o custo ser elevado “aproximando-se do trabalho médico (o procedimento custava 25 mil-réis, aproximadamente R\$ 700,00) (...)A maioria dos nascimentos nas capitais e cidades do interior do Brasil acontecia com o auxílio de parteiras práticas, sem qualificação formal.”<sup>345</sup>

Segundo informações gentilmente cedidas pelo Arquivo Público Municipal de Jaraguá, Alice Richter Luce realizava atividades como parteira na cidade de Jaraguá do Sul desde 1931. Casou-se com Godofredo G. L. Luce em 1938, e segundo Silvia Regina Toassi Kita, era conhecida como “Schwester Alice”, ou seja, Irmã Alice, em alemão. Nas palavras de Kita:

Segundo a Sra. Gertrudes Quast, a enfermeira e parteira residia numa casa simples na subida da rua Gumercindo Silva, onde mantinha diversos leitos para atender as parturientes. Estas permaneciam ali por, pelo menos, sete dias. Em diversas ocasiões a parteira era chamada para atender no interior do município, sendo que os colonos vinham buscá-la de *trolly* ou carroça. Pessoa muito querida pela comunidade. Dava assistência nas residências, orientando as mães e fazendo os partos na casa da parturiente. Trabalhou por 32 anos.<sup>346</sup>

A influência de Godofredo G. L. Luce como médico parteiro, a busca de ajuda pelas mulheres da região, dá-se muito, portanto, também, devido à grande atividade de sua esposa Alice Richter, que já exercia esta função, anos antes da chegada do médico à cidade. Não foi possível buscar se Alice Richter tinha formação acadêmica ou não. Porém, frente ao que o Arquivo disponibilizou, tinha a confiança, principalmente de teuto-brasileiros e imigrantes.

Em 1940, Alice Richter e Godofredo Lutz, realizaram a criação da Casa de Saúde do Estado. Através dessa casa de saúde foram feitas inúmeras campanhas de vacinação e distribuição gratuita de medicamentos.<sup>347</sup> A partir de então, a Diretoria obrigava que todos os práticos em farmácias fossem licenciados.

Com esse breve histórico, fica evidente a grande influência que este médico exercia no nordeste de Santa Catarina através de sua atuação profissional. Mas o que ficou mais intrigante, foram as suas colocações de raiva frente à Primeira República, como um republicano que cresceu com o sentimento de ter sido traído pela República. Traído por não ter cumprido com as promessas e melhorado nem a saúde, nem a educação pública, “tudo estava para fazer e nada estava feito”, como ressalta em sua missiva. Na Primeira República a maior democratização da

---

<sup>345</sup> TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho. I. *Op. Cit.*, p. 274.

<sup>346</sup> Alice Richter Lutz. Documento de Word. Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul. Documento fornecido por e-mail, com titulação: Parteira Alcie Richeter Luce em 30/04/2021, por Silvia Regina Toassi Kita.

<sup>347</sup> KITA, Silvia Regina Toassi; Majcher, Olga Piazeria; Alvarrenga, Joana D`Arc de. *Op. Cit.*, 2016, p. 38.

saúde e da educação, em grande medida, se esfacela com aparelhamento do Estado com a perpetuação no poder de oligarquias rurais com interesses agrícolas exportadores.<sup>348</sup>

Aqui percebemos onde a especificidade das cartas de Godofredo L. ganha força no debate político, e ao que nos interessa mais diretamente, diplomática. Ele condensa o exercício da profissão de médico com a investida política. Além dos posicionamentos abertos nas cartas ao tio Adolpho, Godofredo L. traduziu, por exemplo, o testemunho de Philipp Maria Wolff, também médico, durante sua clínica em São Bento, sobre a participação do primeiro médico da cidade no Cerco da Lapa, em 1894, e traduziu do alemão para o português o último episódio da Revolução Federalista.<sup>349</sup> Aparentemente gratuito, mas são indícios de uma prática comum a esse sujeito, (e, porque não falar nessa classe de sujeitos) e das brigas, disputas e posicionamentos pelos quais ele transitava.

Indispensável mencionar, que sua prima, Bertha Lutz fazia história na militância feminista e na luta por inserir as mulheres na esfera pública, durante as décadas de 1920 e 1930. Quando Bertha Lutz fundou a FBPF, Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em 1922, pretendia, entre outras coisas, promover a educação e profissionalização das mulheres. Entre práticas e discursos transpostos, graduou-se em Ciências Naturais na Sorbonne, em 1918; em Direito no Rio de Janeiro, em 1933; consolidou sua carreira científica nos mais de 40 anos de funcionalismo público no Museu Nacional; liderou a luta pelo voto feminino e exerceu, ela própria, o direito de ser votada. No Parlamento propôs inúmeras mudanças na legislação brasileira.<sup>350</sup>

A existência de uma feminista na família é um dado importantíssimo para entendermos o porquê de sua interlocução com as mulheres. Além de sua participação na política, o diálogo com os temas do feminismo e a grande influência de Bertha Lutz, como minha hipótese, fez parte da construção de Godofredo G. L. Luce enquanto indivíduo e assim modifica a forma como aborda e descreve as solicitações dessas mulheres.

Apesar de as cartas serem todas escritas em 1929, já apresentam o movimento político efervescente anterior à reviravolta na política brasileira. Interessante pensarmos que a década de 20 inteira vive momentos conturbados com ideias de contestação à Primeira República. Mesmo na década anterior, tiveram os movimentos de Salvação Nacional, e posteriormente, o Movimento Tenentista, o aumento das forças políticas urbanas de trabalhadores, que floresceram desde a greve geral de 1917, e a partir deles o fortalecimento das ideias e do Partido Comunista. Em finais da década de 20, ainda, num outro espectro político, o das elites e classe

---

<sup>348</sup> HOCHMAN, Gilberto. Regulando os efeitos da interdependência: Sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.6, n.11, p.40-61, 1993.

<sup>349</sup> KITA, Silvia Regina Toassi; Majcher, Olga Piazeria; Alvarrenga, Joana D'Arc de. *Op. Cit.*, 2016, p. 92.

<sup>350</sup> SOUSA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; LOPES, Maria Margaret, Para ler Bertha Lutz, *Cadernos Pagu*, n. 24, p. 315–325, 2005, p. 316. SOUSA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; LOPES, Maria Margaret, Para ler Bertha Lutz, *Cadernos Pagu*, n. 24, p. 315–325, 2005, p. 316.

médias urbanas, toda a articulação para a criação da Aliança Liberal, costurando relações diversas nos estados, que catapultaria o próprio Vargas ao poder, em 1930, assumindo o combate aos governos oligarcas ao menos num primeiro momento.

Na carta encaminhada à Adolpho Lutz, em 14 de novembro de 1929, o médico, escrevendo de São Bento é enfático em afirmar sua posição na vida política da república:

Eu, pessoalmente, não tenho condições de me ocupar profissionalmente com outra coisa além dos **doentes ou ainda com a política**, isto é, com a agitação a favor do **“voto secreto”**, que ainda falta a esta república de 40 anos, **nascida precocemente**, razão pela qual tinha que decair tanto devido à “compra de votos”. Com respeito ao “voto secreto”, à eliminação da “lei gorda” e à anistia dos últimos levantes no Rio e em São Paulo, **nós** aqui em Santa Catarina e no Paraná, **temos o apoio de todos os intelectuais decentes (médicos, advogados, engenheiros, industriais, jornalistas, agricultores cultos, professores etc.)**, embora o governo oficial dos dois estados seja conservador. Estou convencido de que, **na melhor das hipóteses, o “voto secreto” será uma realidade, no mais tardar, em 8 anos.** É terrivelmente leviano provocar o Rio Grande [do Sul] com o envio de tropas para o Paraná e Santa Catarina, pois as tropas federais e as forças policiais de São Paulo não merecem nenhuma confiança, motivo pelo qual deserta-se desavergonhadamente em toda parte.<sup>351</sup>

Que agitações eram estas? Mas, mais importante do que a descrição desses levantes é ressaltar a importância dessa atmosfera de contestação social na década de 1920 no Brasil, e a argumentação de que todo um grupo social se encontra coeso em relação às transformações sociais que haveriam de ser efetuadas por um lado, e a iminência da mudança política que igualmente deveria ser executada, e mesmo que ele não fale em mudança de regime, aqui ele aposta na transformação por meio de elementos que o seu grupo social: as classes médias urbanas haveriam de ser os protagonistas, com a possibilidade de maior democratização da educação “numa república jovem”, e de melhoria das condições de vida de toda uma população que vive no ambiente rural. E, se essa atmosfera era disseminada no território nacional, tinha igualmente braços que abarcavam vários, senão todos os estados da federação. Em carta de dezembro de 1929, Godofredo enfatiza o papel que teria a chamada “Caravana Liberal” nessas transformações;

Carta São Bento, 2 de dezembro de 1929

Em 23/11/29, foi fundado em São Bento, pela **Caravana Liberal Catarinense**, o Comitê de Propaganda Local, cujo presidente é um advogado (Reynaldo d’Almeida) e **cujo vice-presidente sou eu**. Demais membros, como o secretário, o tesoureiro e propagandistas são desta praça. Ontem, domingo, logo após o **serviço religioso católico, realizamos um comício político em Rio Vermelho, onde foi fundado um subcomitê, vivamente apoiado pelo padre polonês da paróquia local – especial amigo meu, por seu grande interesse científico.** Ontem, por exemplo, ele levou consigo, para estudo, o trabalho de Carlos R. Fischer sobre os icneumonídeos, tipo de

<sup>351</sup> Luce, Godofredo Wilken. Correspondência enviada em 14/11/1929 por Luce, Godofredo Wilken para Lutz, Adolpho. Fonte: s.l; s.n; 14/11/1929. 2 p. Acervo Biblioteca virtual Adolpho Lutz. Disponível em alemão: [http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/14.11.1929-Gottfried\\_Luce.pdf](http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/14.11.1929-Gottfried_Luce.pdf) e em português: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/textos/14.11.1929-Luce.Gottfried.pdf>.

vespa mortífera para as mutucas. Naturalmente falamos – não só ele na igreja – mas também na sessão I e II da reunião realizada a seguir na escola. **Assim pretendemos proceder todos os domingos.**

Se faz notável a efervescência política na década de 1920 com a emergência de reivindicações mais pungentes, como no caso da “Caravana Liberal” aqui mencionada por Godofredo Luce e seu papel local como vice-presidente do Comité de Propaganda Local. Em fins da década de 1920, a insatisfação das classes médias e dos profissionais liberais com o cunho fechado das oligarquias agroexportadoras que dominavam a política nacional, fez emergir a “Aliança Liberal”, numa tentativa dos setores dissidentes da oligarquia em canalizar a sua insatisfação principalmente por meio da via eleitoral, buscando ultrapassar o elemento excludente do sistema oligárquico, e o aparelhamento do Estado. Entretanto, logo os membros da Aliança Liberal perceberiam que o situacionismo, com a dependência dos pequenos Estados com o Governo Central e com a máquina eleitoral ativa, era imbatível, cabendo a eles outro caminho, como o da conspiração<sup>352</sup>.

Aqui se faz interessante notar outros elementos do cotidiano e da atuação política de Godofredo Luce nesse período, elemento que emerge intrínseco de suas relações pessoais aqui apresentadas na missiva era justamente a junção das atividades políticas com o aprofundamento em questões de teor científico. Assim, a associação com o pároco local, manifestando o interesse de transformação da comunidade política também no âmbito local, se coaduna com o interesse de investigação científica nas reuniões dominicais.

Igualmente ocorre nas missivas subsequentes, datadas do mesmo ano de 1929, donde elementos como os símbolos nacionais como a bandeira são colocados em escrutínio junto ao seu influente tio

Querido tio, **seu comentário relativo ao Juramento à Bandeira** está correto, mas cumprem os nossos funcionários os seus “termos de promessa”, isto é, as obrigações que juraram cumprir? Cada soldado e cada oficial, tanto das Armas quanto do Serviço Sanitário, da Intendência etc. me diz que somente o soldado não deve roubar, somente o soldado deve cumprir seu juramento e somente o soldado deve se sacrificar de toda a forma possível **para que os corruptos, que jamais trabalham, possam tirar vantagens**. Por não termos o “direito ao voto secreto”, como na Argentina e no Uruguai, temos revoluções que, pelo atual estado de coisas, não podem ser evitadas a não ser **através de um legítimo governo popular**. Quem, por exemplo, pensa em revolução contra o governo na Suíça?

O bom exemplo da Argentina (desde 1912) e do Uruguai deveria ser suficiente para mostrar se o “voto secreto” não é um meio radical para elevar o moral da administração civil, das forças armadas e das finanças – os dois países mencionados possuem um real padrão ouro! – [para elevar] o prestígio do governo no país e no exterior e para sufocar guerras civis no nascedouro.

---

<sup>352</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. Revolução de 1930: uma bibliografia comentada. Resenha publicada no BIB, n. 4, 1978. SPINELLI, José Antonio. A Reação da Oligarquia Potiguar ao Modelo Centralizador de Vargas: 1930/1935. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Unicamp, Campinas, 1989.

**O governo atual, na prática, sequer tem o poder para reagir contra a Anistia**, visto que no Brasil qualquer um pode atravessar a fronteira e, de fato, provavelmente todos os revolucionários de 1922 e 1924 que assim o queiram, desde já encontram-se no Rio Grande do Sul, nosso estado vizinho, e até mesmo no Rio de Janeiro, andando mais ou menos a descoberto (naturalmente tolerados pelas autoridades). **Quem quer a revolução é o governo atual, já que ele não faz tudo [o que pode] para evitá-la!**

Espero poder parabenizá-lo a tempo, em 18 de dezembro, pelos seus 74 anos; contudo, se não for possível, saiba ao menos que estarei com você em pensamento.

Às pressas, seu sobrinho Fredo

Cabe atentar que quando Godofredo Luce fala aqui “governo atual” remonta ainda à indignação que sentia frente às atitudes da Primeira República em relação à educação e à saúde pública nos finais da década de 1920, principalmente. Confidência para o seu tio nas entrelinhas que não considera o governo legítimo, posto que havia ascendido ao poder pelos meios escusos das eleições aparelhadas da Primeira república e, mencionando os tenentistas de 1922, assim como a revolta paulista de 1924, considera igualmente o barril de pólvora sobre o qual estava assentado o governo de Washington Luís.

Do mesmo modo, um apressado Godofredo apresenta o seu envolvimento com o braço da Aliança Liberal em Santa Catarina, o que remete também a urdidura, como mencionado anteriormente, daquilo que restava para os dissidentes das oligarquias regionais excluídas da máquina eleitoral da Primeira República, a conspiração, o que logo eclodiria na derrubada do governo Washington Luís e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder em 1930, com o apoio, dentre outras, dessa mesma Aliança Liberal em âmbito nacional. Na escrita da missiva para o tio, destacamos também aqui a ênfase encetada para a ideia de um “legítimo governo popular”, que dessa forma evitaria a radicalização da política, como o efervescente ambiente político nacional em fins de 1920 e começo da década de 1930 deixa entrever, com as manifestações tenentistas, com a ascensão de partidos políticos anarquistas e comunistas junto aos trabalhadores urbanos, num processo de aceleração da urbanização no Brasil, da emergência das reivindicações da Coluna Prestes, que na sua longa jornada pelo interior do país ressaltaria às condições precárias de existência de um grande número de brasileiros excluídos da política nacional e do amparo do Estado. Assim, enfatizando essa necessidade de um governo popular que evitaria uma revolução, Godofredo aqui já deixa transparecer nos idos de 1929 em que espectro político ele se posicionava. É possível perceber traços, portanto, de um conservadorismo, que não permitisse, portanto, que o mundo, seu mundo, fosse virado de “ponta cabeça”, e que as transformações nesse sentido, se dariam mais por meio de reformas que pudessem melhorar a vida e as condições de populações marginalizadas, sem necessariamente tocar no cerne do problema da desigualdade, e que não alavancassem questões mais radicais. O flerte com esse conservadorismo, nacionalismo e de caráter popular dessas

classes médias urbanas, e aqui, no caso principalmente de Godofredo Lutz Luce iria ironicamente catapultá-lo para uma outra crise, a crise com os migrantes de origem germânica no governo Vargas, e aqui conjecturamos que seja a sua relação e o seu posicionamento junto a essas comunidades movidas pelo seu pertencimento, pelas suas origens igualmente germânicas.

No fim da vida, ainda, apesar de isso escapar um pouco ao escopo deste estudo, segundo informações obtidas pelo Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul, filiou-se posteriormente à UDN, União Democrática Nacional, fundada em 1945, opositor às políticas de Getúlio Vargas e de cunho conservador.<sup>353</sup>

Em suma, vemos aqui, a respeitabilidade intermediando um capital simbólico específico, ancorado numa prática médica aglutinada em torno de si. Isso significa dizer que, não apenas pela influência do seu sobrenome de sucesso dentro da medicina e política no país, Godofredo Lutz Luce através da sua prática médica e do seu envolvimento político, mobiliza no nordeste de Santa Catarina uma rede de relações primordiais para as mudanças no cotidiano do lugar. Como vimos, a sua interferência no cotidiano ultrapassa as questões do ano de 1942 até então tratadas nos demais capítulos. Godofredo L. Luce participa ativamente das questões políticas da região desde a década de 20. Realiza diversos trabalhos não remunerados como Delegado de Higiene, organiza campanhas de vacinação, atualiza uma série de práticas medicamentosas através de estudos recebidos por seu tio, mantinha em sua residência um laboratório para exames de emergência, como forma de assistência aos demais médicos.<sup>354</sup> Em uma de suas cartas proclama-se um dos poucos médicos que não haviam perdido pacientes durante o parto, e mistura em suas histórias a sua relação direta com a comunidade local.

Seja através da pesquisa, da atividade médica ou do ativismo político, Godofredo G. L. Luce mantinha uma relação estreita com os habitantes do nordeste de Santa Catarina. O que certamente corroborou para que as autoridades diplomáticas da Espanha o dessem tanta atenção. Isso, em parte, explica o porquê essa documentação foi arquivada junto de documentos e relatórios diplomáticos, e não junto a cartas de outros médicos e políticos. Mas quem eram os sujeitos sobre os quais, Godofredo G. L. Luce escrevia?

---

<sup>353</sup> Informação encaminhada por e-mail. Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul. Documento fornecido por e-mail, em 30/04/2021, por Silvia Regina Toassi Kita.

<sup>354</sup> KITA, Silvia Regina Toassi; Majcher, Olga Piazeria; Alvarrenga, Joana D'Arc de. *Op. Cit.*, p. 99.

### 3.1.2 Panorama dos sujeitos nas cartas

Logo em sua primeira carta, Godofredo G. L. Luce escreve ao Cônsul da Espanha de Porto Alegre, Federico Gabaldón, qual o retrato dos sujeitos sobre os quais escreveu. Neste trecho apresenta-os como se tratando de homens sexagenários em situação de cárcere, “doentes”, “incapazes”:

Estes prezos, na maioria sexagenários, se encontram incomunicáveis e os seus parentes e próximos foram tão assustados pela polícia por torturas e ameaças, que até uma carta escripta por mim há 8 dias em favor d’estes prezos na maioria doentes e incapazes de parar muito tempo na cadeia (inhygienica) tanto tempo, primeiro dirigida ao senhor F. Gabaldón, M. F. Consul de Espana, Porto Alegre, e depois ao senhor mesmo, foi retida por um d’estes assustados, que é ainda um gênero, deixando os seus sogros prezos e incomunicáveis, o que venho de saber somente hoje!<sup>355</sup>

Estas descrições se repetem diversas vezes ao longo do ano de 1942 nas correspondências do médico. Há uma disputa narrativa, descrições e controvérsias presentes nas documentações, principalmente sobre os temas de cidadania, posicionamento político, análise contextual e a discursividade identitária que Godofredo G. L. Luce mobiliza. Em outra carta reafirma os motivos pelos quais escreve e argumenta que os sujeitos, com uma expressão muito utilizada na sociedade brasileira, sairão “prejudicados para sempre” e não merecem as “condições vergonhosas” por serem todas “gente de bem”: “Quero evitar perante minha **consciencia medica e humana**, que toda esta **gente de bem**, continua muito tempo preza sob condições vergonhosas, para n’este tempo frio peiorados de sua saúde, sahirem prejudicados para sempre.”<sup>356</sup>

Os recortes possíveis para analisar essa documentação são muitos. Estudos de gênero, socioeconômicos, prosopografia, diplomacia, cultura, e até história ambiental são narrativas históricas e questionamentos possíveis através dos relatos dos valores das terras e das sementes. Neste capítulo foram selecionadas 19 cartas que têm como cerne a dificuldade de diálogo no período em relação à cidadania e à linguagem. Relatam o contexto de onze (11) pessoas: Hermann Friedrich Purnhagen, Maria Steecken Purnhagen, Dietrich Borchers, Johannes Borchers, Carlos Zenke, Helena Zenke, Matheus Weh, Margareth Weh, Maria Beneck Joesting, Joachim Ernst Joesting e Jürgen Joachim Joesting. Apenas oito (8) destas solicitaram efetivamente ao médico para que escrevesse as cartas. O local de moradia se concentra em Três

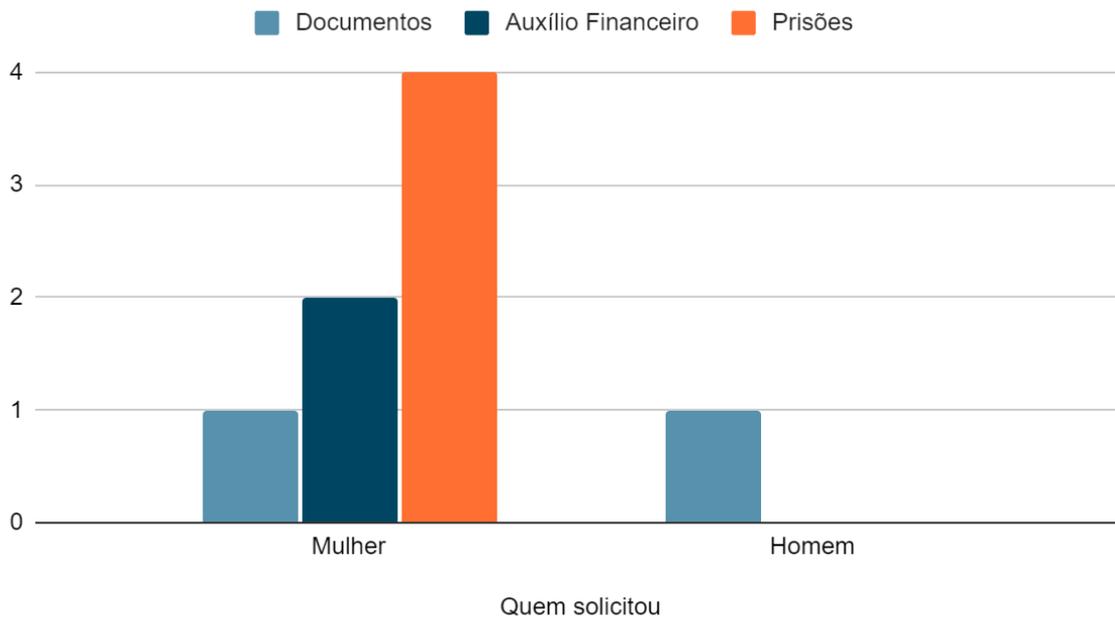
---

<sup>355</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n.54- 25685-052, 1942.

<sup>356</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Godofredo Guilherme Lutz Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-058/59, 1942.

Rios do Sul e Jaraguá do Sul. O motivo das solicitações é por motivos de cárcere, necessidade de auxílio financeiro ou solicitação de auxílio com a documentação nacional.

### Tema da solicitação



Como fica evidente na carta a seguir, uma das primeiras cartas disponíveis neste conjunto documental escrita por Godofredo G. L. Luce, os “sujeitos narrados” têm uma série de características em comum. Alemães emigrados ou Teuto-brasileiros, residentes no nordeste de Santa Catarina, com dificuldades com a língua portuguesa, com dificuldades diretas com o destacamento policial da cidade. Por este relato, há pouco mais de um mês Godofredo G. L. Luce enviou relatórios sobre a situação da cidade em relação aos teuto-brasileiros e imigrantes alemães. Como exibido no gráfico acima, a grande maioria das cartas analisadas demonstram preocupação com as prisões. A procura por Godofredo como representante junto aos Estados brasileiro e espanhol se dá principalmente por meio de intervenção feminina. Isso pode ter ocorrido, principalmente por conta das ações como médico de Godofredo e a tessitura de sua rede de relações na região, assim como de sua esposa, importante parteira em Jaraguá do Sul. Vale mencionar que as pessoas sobre o qual Godofredo G. L. Luce escreve é hoje bastante conhecido na cidade. Um bom exemplo é perceber que anos depois nomeou-se ruas de Jaraguá do Sul em homenagem à Dietrich Borchers, Carlos Zemke, Margarethe Weh, bem como ao médico.

Venho hoje a 5ª vez n'um resumo semanal referir sobre o que venho sabendo pouco à pouco sobre os actos practicados por um destacamento policial da força publica do Estado de Santa Catarina no amanhecer do dia 14 de Abril do a.c. no lugar chamado Tres Rios do Sul, 4 kilometros distante da cidade de Jaraguá, nas casas dos lavradores Hermann Friedrich Purnhagen, Carlos Zenke e Mattheus Weh, dos quaes o primeiro e o ultimo súbditos allemães, com toda a sua família também, e o do meio de nome Carlos Zenke, teuto-brasileiro casado com uma súbdita allemã de nome Helena Frerich Zenke, e também sobre o tratamento deshumado dos prezos (1 senhora sexagenária e 4 homens sexagenários até 26 annos, que era o mais moço de nome Diedrich Borchers, sendo a senhora D. Maria Steenken Purnhagen de 61 annos de idade). Junto 3 manuscriptos de 2 N'estes prezos com referencia ao que resumi em poucas palavras no inicio, que traduzi do allemão para o portuguez facilitando assim um pouco o seu estudo. O destacamento policial que, como soube commetteu /54-14685-069/ também contra outras pessoas suas bravatas e pseudo-proezas desapareceu d'aqui desd'o dia 15 de Maio de maneira, que o povo terrorizado começou de fallar e contar sobre o que aconteceu, que é de facto horroroso e espantável.<sup>357</sup>

Dentre todos os 11 sujeitos, sete cartas foram solicitadas por mulheres, dentre elas três foram atendidas por Godofredo G. L. Luce no nascimento de um ou mais filhos. Duas mulheres foram procurar o médico para escrever a carta após receber indicação de mulheres da região que foram atendidas por Godofredo G. L. Luce também por motivo de parto. Acredita-se que as outras duas mulheres já eram conhecidas do médico. Em sua maioria, as descrições sobre as mulheres relatam o número de filhos, se são solteiras, se têm pais vivos ou não. Um exemplo da relação do médico com as famílias é este relato sobre a D. Helena, casada com Carlos Zenke:

D. Helena teve na noite de 5 para 6 de Março do a.c. um parto difficil com muita perda de sangue, para o qual era necessario um medico parteiro, que fui eu mesmo; agora ella está bem fraca, amamentando uma criança e com mais outras crianças menores não pode dar conta da sua grande lavoura com o marido prezo desd'o dia 14 de Abril do anno corrente e desd'o dia 30 de Abril n'um lugar distante como São Francisco do Sul.<sup>358</sup>

O médico tem uma relação participativa na vida dos pacientes, quase como se para realizar um atendimento realizasse uma anamnese. Todos os indivíduos são descritos por idade e por cidadania. A complexa identificação e naturalização deste “outro” em território nacional, que analisamos no capítulo 2, mesmo nas cartas do Godofredo G. L. Luce apresenta gradações: súbditos, cidadãos allemães e por últimos allemães nascidos no Brasil. Por suposição, interpreto que a categoria utilizada e o entendimento do conceito por Godofredo G. L. Luce são a categorização genealógica e não pelo local do nascimento. Ainda, em sua maioria os indivíduos estão na faixa de 55-64 anos, com estado-civil casado.

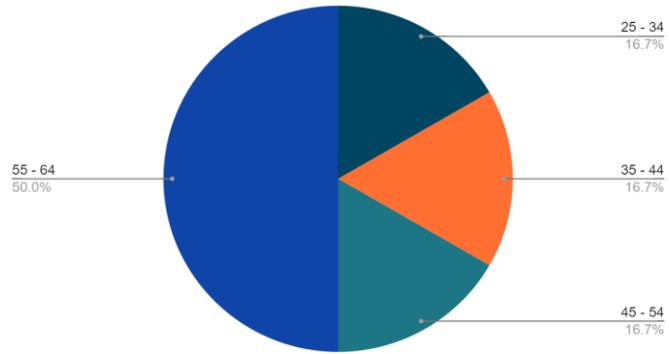
## FAIXA ETÁRIA

---

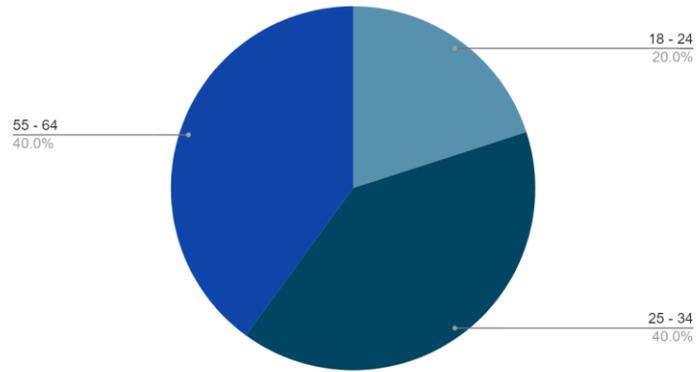
<sup>357</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Godofredo Guilherme Lutz Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-068/69, 1942.

<sup>358</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-054 / 54-14685-055, 1942.

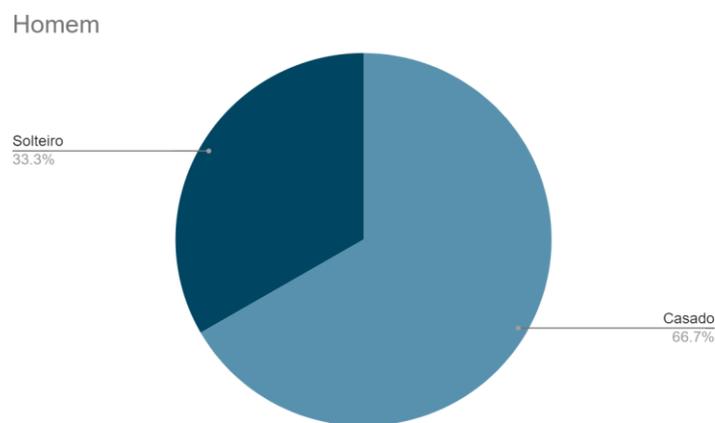
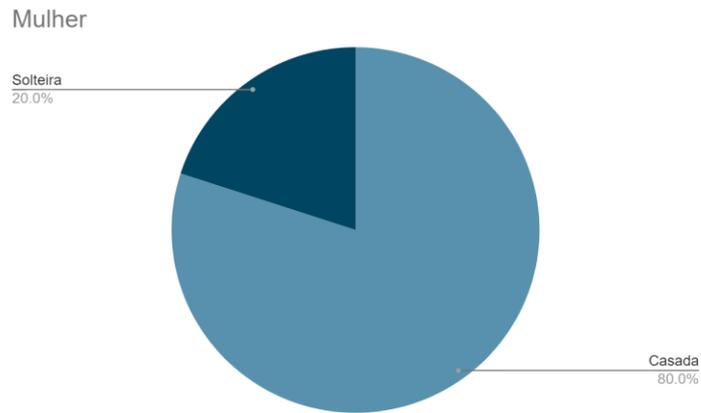
Homem



Mulher



## ESTADO CIVIL



Outro ponto muito interessante, é a ocupação dos sujeitos. Os homens exerciam trabalhos externos à sua vida privada, o que era comum nas décadas de 30 e 40. Três eram lavradores, um era pintor e cozinheiro de bordo, um era industrial e um era auxiliar de escritório, denotando a grande variedade de ocupação e graus de alfabetização e letramento destes indivíduos. Ao passo que todas as mulheres exerciam trabalhos domésticos. Seis eram donas de casa e “mães” e uma era lavadeira em casas particulares.

Como no trecho a seguir, o médico relata a solicitação de Helena Friedrich Zenke, que ao solicitar auxílio em relação ao cárcere de seu esposo Carlos Zenke, mas também detalha a sua situação cotidiana e suas necessidades.

Ella me pede encarecidamente de escrever ao Consulado espanhol tudo isto para conseguir ao menos uma ajuda para poder pagar as custas do advogado e mais mensalmente um dinheiro para poder pagar impostos, luz electrica, roupa de crianças etc; o que me parece precisa ser uma quantia de 150\$000 pela carestia no qual estamos

entrando, ao menos e de 200\$000, se ella consegue contratar um jornaleiro para a lavoura pezada (arado, carroça, etc.)<sup>359</sup>

Godofredo G. L. Luce descreve como se Helena Friedrich Zenke conhecesse os mecanismos e o funcionamento jurídico para apelação, demonstrando estar a par da transformação ocorrida no seu status jurídico no Brasil, que não a reconhece como cidadã brasileira, cabendo apelar para um terceiro estado nacional. Não sabemos se realmente é ela que está a par de todo este contexto ou se é Godofredo G. L. Luce quem faz as solicitações e não ela. No entanto, essa hipótese parece menos plausível. É interessante também observar nesta apelação a modificação dramática e radical na percepção do nacionalismo e na percepção da identidade nacional, que modifica dramaticamente a relação com a burocracia constituída no próprio estado.

Com efeito, em carta ao vice-cônsul espanhol, datada de 9 de maio de 1942, Godofredo nos permite visualizar quem é Helena Zenke, a descrevendo como súdita alemã, de 34 anos, órfã de pai e mãe, casada há nove anos com Carlos Zenke, este sendo classificado como teuto-brasileiro, e assim tido por cidadão brasileiro. No entanto, justamente por esse aspecto, de ser cidadão brasileiro, Godofredo relata que havia ele sido transferido para São Francisco, “como pelo facto que como brasileiro nato merece mais castigo, que os outros subditos d’hum país estrangeiro<sup>360</sup>”. Essa distinção entre súditos e cidadãos criava também uma certa projeção e uma maior expectativa por parte dos agentes do Estado em relação aos “estrangeiros” e os símbolos da nação, a nova religião cívica<sup>361</sup>.

A busca por auxílio para pagar um advogado e as demais despesas, as quais, estando seu esposo preso, não teria condições de pagar, é algo frequente nas cartas de Godofredo G. L. Luce.

Relevante também é repararmos a distinção entre as solicitações escritas em relação às mulheres e aos homens. Com frequência para os homens, Godofredo G. L. Luce não solicita pensões ou auxílios, mas solicita cargos e vagas de emprego, como é o caso de Joaquim Ernst Joesting. O médico escreve que para “evitar a necessidade” de auxílio financeiro seria “possível ajudar” concedendo a E. Joesting um cargo de secretário, apesar deste indivíduo não compreender espanhol:

---

<sup>359</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-055, 1942.

<sup>360</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Godofredo Guilherme Lutz Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-054/55, 1942.

<sup>361</sup> LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Papyrus / Editora da Unicamp: Campinas, 1986. Ver também: CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo**. Fortaleza: Edições NUDOC / Museu do Ceará, 2005.

Não seria possível ajudar ao snr. E. Joesting evitando a nessecidade d'uma pensão, incumbindo-lo com o cargo d'um secretario d'um correspondente consular espanhol em qualquer lugar d'este estado, porque elle prefere naturalmente trabalhar ao estar desocupado.- Elle fala português e allemao, dactylografa, sabe conduzir autos e tem a carteira internacional de automobilista etc. mas não fala o espanhol, compreende a língua castelhana pelos seus conhecimentos da língua lusa.<sup>362</sup>

Ainda sobre solicitações financeiras, as descrições que o médico apresenta sobre o pagamento de fianças e as despesas referentes à sobrevivência dos presos (pagar carceragem), que naquele momento eram pagas pelos próprios indivíduos encarcerados, são muito interessantes. No trecho a seguir, em carta anterior à solicitação de emprego, Godofredo G. L. L. apresenta a situação de Joaquim Ernst Joesting, naquele momento encarcerado, e a abordagem de Nathanael Cidade, chefe de polícia da cidade de Jaraguá do Sul sobre a cobrança de quantias exorbitantes sob os encarceramentos dos teuto-brasileiros:

O senhor Joachim Ernst Joesting foi hontem dia 11.6.42 as 17 ½ horas solto sem ter sido obrigado de pagar carceragem, que nos outros casos sempre eram somas avultadas, para não usar a expressão de “phantasticas”; é certo que a chamada policia da Segurança Publica, chefiada no lugar pelo senhor Nathanael Cidade, faz uma indústria rendosa pelas prisões à torto e direito de gente de apparencia endinheirada; no caso do senhor J.E.Joesting sei certo, que ainda no dia 8 do m.c. o delegado auxiliar senhor Nathanael Cidade exigia uma fiança de 500\$000 em dinheiro para soltar este cidadão allemao até que o seu processo fosse instaurado<sup>363</sup>

Ainda sob mesmo caráter, neste outro trecho, Godofredo G. L. Luce relata a situação de Matthaeus Weh. O médico destaca em carta de 20 de agosto de 1942, que Matthaeus Weh era lavrador de 59 anos, nascido no império alemão. Em outra carta do mesmo dia, complementa ainda que Weh era doente de impaludismo (malária) tendo adquirido a doença não se sabe se em continente africano ou americano, afirmando ainda que o vínculo entre eles, Godofredo G. L. Luce e Matthaeus Weh, dentre outras razões, tinha se dado por este ter sido constantemente tratado pelo médico, nos anos anteriores à sua prisão. Segundo a narrativa, o súbdito alemão só seria liberado, caso assinasse um termo declarando-se culpado de traição e condenado a pagar 100\$000 (aproximadamente R\$ 2.800,00).

Para dar uma pequena amostra de panno conta, que o senhor Matthaeus Weh durante 11 dias prezo n'uma qualidade de latrina foi constantemente n'estes dias atormentado de assignar um documento, no qual se declara culpado de alta trahição contra o Brasil e de pagar 100\$000, no qual caso afirmativo seria imediatamente solto; elle como soldado velho inteligente não pensou n'isto e assim continuou prezo até que elle foi solto, porque ao ver dos seus atormentadores enlouquecia antes de assignar a sua confissão espontânea e de pagar o dinheiro extorquido. **Assim pode se ver bem o valor de qualquer confissão d'um prezo sob estas condições de proposito**

---

<sup>362</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-093, 1942.

<sup>363</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-072, 1942.

criadas com connivência do delegado especial e de todas as outras autoridades n'uma cadeia pública, isto é policial e forense<sup>364</sup>

Matheus Weh, afirma o médico, não assinou o termo por ser “soldado velho inteligente” e continuou preso. Existem outros momentos em que Godofredo G. L. Luce denuncia a conduta do Chefe de polícia de Jaraguá. Todas às vezes dão a impressão de abuso policial e extorsão financeira frente aos teuto-brasileiros.

Dentre os súditos alemães que escrevem diretamente para o vice-consulado espanhol, destaca-se Carlos Busch, que se apresenta como pintor, entretanto, diante das circunstâncias esteve trabalhando nos últimos anos como cozinheiro num vapor cargueiro. O caso de Carlos Busch, encaminhado ao Vice-Cônsul da Espanha em Florianópolis, Feliciano Veiga Vieites, traz muitas categorias interessantes. A necessidade que se adensa em estar registrado durante a guerra, um pouco do cotidiano, mas também das possibilidades de mobilidade dos migrantes num raio amplo que circundava entre Buenos Aires e São Paulo. Não caberá responder, mas podemos questionar se haveria redes de contatos? Muito possivelmente. O trecho ainda apresenta as mudanças profissionais na vida do sujeito, local de nascimento, estado civil e a urgência em providenciar documentos, nem que seja ao menos uma certidão de nascimento de Wiesbaden, em Hesse na Alemanha.

O abaixo assignado Carl Bisch nascido em 21.10.1914 na cidade Wiesbaden na Alemanha, solteiro, de profissão pintor, mas ultimamente como seg. cozinheiro de bordo embaixado no vapor cargueiro “Erica Fritzen” com bandeira alemã com o porto emden de matrícula do qual desertou em fevereiro de 1933 no Porto de Bahia Blanca na Argentina, deixando todos os seus documentos a bordo da citada embarcação, encontra-se há 8 annos no Brasil, aonde trabalhava como pintor sem paradeiro certo em muitos lugares como Rio de Janeiro (1936), Santos (1938), São Paulo (1938), Curityba (1935) e ultimamente em Perdizes, neste Estado de Santa Catarina, aonde encontrava desde 1941. Não se podia registrar como estrangeiro por falta de qualquer documento comprovante como passaporte, certidão de nascimento ou de casamento. Agora vendo-se forçado de arranjar uma tal documentação custo que custar neste tempo de 3 e mais annos de guerra pede encarecidamente V.S como encarregado dos interesses alemães de providencia a remessa ao menos d'uma certidão de nascimento de Wiesbaden.<sup>365</sup>

Ainda sobre Carlos Busch, Godofredo G. L. Luce informa que o sujeito esteve preso por não portar documentação, no Hospicio “Oscar Schneider”, que agora tornara-se “Presídio Político”. No final da carta, há a assinatura de Carlos Busch.

Os meus paes chamam-se Johan Busch e Catharina Bisch nascida em Weigand, provavelmente os dois ainda em vida, sendo o ultimo endereço Wiesbaden, Helmutstrs. (1938) Esteve preso 8 meses às ordens da policia politica e social, ultimamente des'o

---

<sup>364</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n.54 – 14685- 068 - 69, 1942.

<sup>365</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta Carlos Busch Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-081-82, 1942

dia 30 de agosto de 1942 no Hospício “Oscar Schneider” em Joinville, tratado agora como Presídio Político, devido a esta irregularidade de não poder legitimar-me. Contando com Vosso auxílio com toda a certeza e esperando uma resposta vossa anunciando de ter conhecimento desde meu pedido assigno-me agradecendo muito de antemão.

Como vosso muito penhorado e obrigado  
Carlos Busch (com outra letra cursiva)<sup>366</sup>

Importante destacar, portanto, o conhecimento que alguns súditos alemães e cidadãos teuto brasileiros adquiriram sobre a necessidade da interlocução com o vice-consulado espanhol como intermediário nesse momento de intervenção do Estado brasileiro nos seus status jurídicos no país. Entretanto, a grande maioria das cartas ainda se dá por meio da intervenção do médico Godofredo G. L. Luce, mesmo sendo eles letrados, como no caso de Hermann Purnhagen.

Hermann Purnhagen, em outra carta, datada de 29 de abril de 1942, depois de aposentado dos correios do antigo império alemão, é apresentado no Brasil como lavrador, com 60 anos, a viver com sua esposa Maria Steenken Purnhagen, de 61, e seu “quase filho adoptivo”, Dietrich Borchers, de 26 anos, todos súditos alemães. Isso nos leva a crer que o próprio Dietrich B. tenha nascido ainda em terras germânicas, e todos eles trabalhavam como lavradores em suas próprias propriedades em lugar chamado Três Rios do Sul, distante quatro quilômetros de Jaraguá do Sul.

O senhor Hermann Purnhagen é um aleijado manco, que precisa andar com muleta de mão; como antigo funcionario do correio do Reich elle é aposentado com pensão de mutilado e para tratar melhor a sua saúde precaria (tuberculose ossal do espinhaço) mudou-se ha 20 annos para um paiz de sol, como tal pode ser considerado o litoral norte do nosso estado. Agora elle não sómente foi saqueado pela soldadesca policial, mas tambem maltratado e judiado pelos superiores, como soube por informacoes, o que se deu de forma muito peor com o seu quasi filho adoptivo Diedrich Borchers, no qual a soldadesca no dia 14.4.42, quando meio asphyctico por tentativas de extrangulação procurou realizar actos de pederastia!

Tambem a senhora D. Maria Steenken foi desacatada na sua propria casa!<sup>367</sup>

Mais uma vez, Godofredo G. L. Luce, apresenta-se como intermediário, por tê-los atendidos a todos os referidos súditos alemães como pacientes inúmeras vezes, na própria residência deles.

Na grande maioria das vezes, essa passa a ser apresentada como a mais forte conexão entre os indivíduos representados nas cartas de Godofredo G. L. Luce como médico de casa e parteiro. Mas também como sabemos, essa intervenção acontece no espaço público, como vimos no capítulo 2, e se dá também por conta da acumulação dos seus capitais culturais e

---

<sup>366</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta Carlos Busch Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-081-82, 1942.

<sup>367</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n.54 – 14685- 057, 1942.

sociais, das redes tecidas anteriormente por sua família, as redes que o caminho das investigações em medicina tropical o investiu.

Quando observamos, agora, depois de todo esse percurso, a atividade epistolar de Godofredo G. L. Luce, é possível entendê-lo não como um personagem isolado, excepcional. Mas, como o alcance de suas decisões individuais, conectam-se e interdependem do contexto histórico do qual vivia, da sua posição social, da condição e história de sua família. Como argumenta Norbert Elias, “justamente o que caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhe é acessível dependem da estrutura e da construção histórica da sociedade em que ele vive e age.”<sup>368</sup> Muito por este caminho, que este trabalho andou longe da tentativa de biografar, decifrar ou entender a “pessoa” Godofredo G. L. Luce. Os papéis que ocupou e suas muitas sutilezas em suas opiniões ao longo dos anos nos permitem perceber um sujeito no tempo, que carrega em si outras camadas, principalmente sua compreensão sobre imigração. Assim, utilizando as palavras de Maria da Glória Oliveira, não é possível separar as “relações entre o indivíduo e a coletividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social”<sup>369</sup> de cada sujeito. É fato que ocupou lugar de prestígio no cotidiano de muitas famílias no nordeste de Santa Catarina, e que, como utilizando o argumento de Norbert Elias, o alcance de decisões tomadas por indivíduos em funções de destaque seja “imenso em certas situações históricas.” podendo variar em forma e extensão “conforme a adequação e a estatura pessoais do ocupante da função”, aqui, no entanto “a margem de decisão é não apenas maior, como também mais elástica; nunca porém, é ilimitada.”<sup>370</sup>

Assim, mesmo com cartas de agradecimento, como o trecho a seguir de Johanne B. Godofredo G. L. Luce não está inatingível pelo processo histórico que participa. Ele não é apenas mediador, não está imune frente os seus posicionamentos.

Escrevo esta carta de agradecimento na casa do Dr. Luce, que me pede de comunicar ao senhor, que recebeu o Vosso telegrama de hontem das 14 horas 45 minutos as 17 ½ horas mandando logo avisar as duas senhoras dos 2 prezos hoje para ser postos em liberdade: a Vossa carta anunciada no telegrama ainda não chegou.<sup>371</sup>

Satisfeitíssima e em mesmo tempo mutissimo obrigada accuso de ter recebido pelo Dr. Godofredo Luce a Vossa muito amável carta com a data de 21 de julho do a.c. hoje<sup>372</sup>

---

<sup>368</sup> ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1994, p.23.

<sup>369</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. Quem tem medo da ilusão biográfica? *Indivíduo, tempo e histórias de vida. Topoi (Rio de Janeiro)*, v. 18, 2017, p. 431.

<sup>370</sup> ELIAS, Norbert. *Op. Cit.*, 1994, p.25.

<sup>371</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-089, 1942.

<sup>372</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-089, 1942.

Godofredo Luce se coloca e é colocado como um intermediário entre as narrativas postas no tabuleiro e no entrecruzamento entre as escalas locais, nacionais e globais, quer pela popularidade local, quer pela relação estreita que sua família inteira mantinha. Sabemos agora que Godofredo G. L. Luce apesar de ser naturalizado brasileiro, também era de uma família de imigrantes, assim como todos os indivíduos sobre os quais escreveu. As novas políticas públicas brasileiras, a censura, os conflitos globais e diplomáticos interferem e modificam a circulação dessas mensagens, e o posicionamento do sujeito que escreve por diversas vezes.

Tudo que vimos, aponta que a proteção aos imigrantes alemães, assumida pelas casas consulares espanholas e o papel de Godofredo G. L. Luce como intermediário entre os diferentes estados nacionais remonta a ligações mais antigas. Ora de cunho pessoal e familiar, ora de um contexto mais abrangente e não só nacional como global. Longe de deixar Godofredo G. L. Luce como representante ou redator, a última carta que encerra este capítulo, a única escrita em 1944, modifica e amplia as conclusões da diacronia dessa história, ao inserir o “narrador” no próprio processo que descrevia. Antes, aparentemente um mediador, um porta-voz; agora, parte da própria narrativa: “Estive no Presídio político de Joinville desde o dia 9 de setembro de 1942 e penso que ninguém pode melhor informar sobre os presos do meu tempo, porque como médico sei observar!”<sup>373</sup> ”.

No dia 9 de setembro de 1942, Godofredo G. L. Luce foi preso na cidade de Jaraguá do Sul, onde permaneceu por 15 dias. Depois foi transferido para o presídio político de Joinville, sendo solto apenas no dia 14 de março de 1944. Passados doze dias de sua soltura, escreve ao cônsul, agradecendo “comovido” o comunicado de morte de seu filho, Gottfried Luce “(não “luge” como o telegrama truncado de Madrid informa)”<sup>374</sup> no dia 31 de agosto de 1943. Pede ao cônsul “se fosse possível” comunicar “aonde e como se deu o acidente de aviação, que victimou-lo (sic), quem sabe me dando o texto inteiro da comunicação para a Embaixada da Espanha, no Rio de Janeiro pelo Ministério de Assuntos Exteriores de Madrid, que poderia talvez me orientar melhor n’este pedido?”<sup>375</sup> Informa que alguns “súbditos do Reich” foram soltos, presos novamente, ou que nunca deixaram o presídio. O tom da carta muda, é mais incisiva, mais deliberativa:

Acho conveniente, tendo bem deliberado, sobre que eu escrevo agora a Va. La. de sugerir (sic), que Vossa representação peça informações, porque os 4 mencionados súbditos do *Reich* continuam presos, todos há mais de um anno (sic) até agora sem ser

---

<sup>373</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-17571-013, 1944.

<sup>374</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-17571-013, 1944.

<sup>375</sup> Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-17571-013, 1944.

processados, menos o pastor Lutherano (sic) Georg Bahlbach, que foi pelo Tribunal da Segurança Nacional declarado inocente, mas assim mesmo continua preso!

A carta de Godofredo G. L. Luce, é recebida pelo consulado oito dias após o envio, grifada de vermelho pelo cônsul, e anexada à documentação oficial do consulado.

Para encerrar, a figura número 19, espacializa o nosso imaginário com a rua Eptácio Pessoa, hoje Rua Godofredo Guilherme Lutz Luce, no início da década de 40. Local da casa e consultório do médico e Alice Richter.

**Figura 19 - Vista da Rua Eptácio Pessoa – Início da década de 40**



**Fonte:** Sem data – vista da Rua Eptácio Pessoa, onde à esquerda se encontra o Edifício Jaraguá. Foto: Compartilhada por Elemer Kroeger. Em:

<<https://porcaso.ocp.news/cotidiano/fotos-antigas-jaragua-sul-antes-depois-lugares-icos-de-jaragua-sul/>>

Em dado momento deste trabalho, analisamos como a nação queria controlar imaginários e comportamentos a partir da nova ideia de nação tecida pelo Estado Novo, com a sacralização de ideias difusas como pátria, família e os símbolos nacionais, bandeira, língua. Mas vimos também, que o controle de imaginários e reformulação de memórias não ocorre de maneira direta e linear. A memória é multidirecional, e plural. Os grupos que se entendem como

detentores da memória não se submetem de maneira unidirecional ao controle narrativo<sup>376</sup>. O fator escala no espaço, alinha-se ao fator tempo: ao invés de símbolos da nação que o Estado novo queria implementar, houve ressurgências das próprias comunidades e a homenagem ao Godofredo G. L. Luce diz respeito a isso. A disputa pela narrativa, pela memória encontra-se na estrutura, no espaço e no tempo. A afirmação é que é uma disputa narrativa, não de inocentes *versus* culpados. Retornamos ao questionamento de Chatterjee<sup>377</sup>, a comunidade é imaginada, forjada, sim. Mas comunidade imaginada por quem? A homenagem e o lugar de memória, são a memória de quem? E porquê?

Nesse vai e vem de narrativas, escalas e movimentos, Godofredo G. L. Luce com suas missivas e sua perspectiva sob a medicina, criou na cidade de Jaraguá do Sul, uma memória na coisa mais local que existe: a rua.

“Assigno-me às pessoas como seu muito obrigado grande amigo do seu paiz hispanica Dr. Godofredo Guilherme Lutz Luce.”

---

<sup>376</sup> NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Trad.: Yara Aun Khoury. Projeto História. n. 10. dez., 1993.

<sup>377</sup> GOPAL Partha Chatterjee, *Op. Cit.*, p.214.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cartas de Godofredo G. L. Luce e sua interação com as mudanças políticas locais e globais, se conectam e se apresentam em um jogo labiríntico, mas constante, com o contexto pessoal do interlocutor e dos personagens. Este é o momento de distinguir e mesclar as escalas e os processos correspondentes. Como a realidade articula essas três escalas? Começamos pela afirmativa, que agora sabemos, de que Godofredo G. L. Luce é parte da mesma história de imigração, participa de movimentos políticos na Primeira República e no Estado Novo e está diretamente envolvido com o status de intelectual do período. Assim, no primeiro capítulo com a escala Global, as questões da guerra e neutralidade se encontram alinhadas com as mudanças na política migratória, nas concepções de raça e cidadania na escala Nacional, no segundo capítulo. E justifica a comunicação, o papel assumido pelo interlocutor por forte envolvimento local do médico parteiro, seu prestígio de médico e suas relações familiares e pessoais com os alemães no terceiro capítulo.

Os três capítulos, apesar de turbulentos dada a quantidade de pequenas informações que juntas viraram o mundo de cabeça para baixo, encontram aqui, nas últimas páginas, o conjunto reunido. As narrativas bipartidas e conflituosas no cenário internacional brasileiro constroem uma imagem de um “outro” que não se reflete apenas no sujeito como também na “outra” nação. São imagens moldadas nesse momento que movimentam e legitimam as relações internacionais com outros países. Como afirma Roberto Moll Neto,

As narrativas acerca das relações internacionais de um Estado são vetores de externalização de valores, percepções de mundo e caracterizações do “outro”, que conformam o imaginário nacional. As narrativas sobre nação e suas relações internacionais estão presentes em discursos políticos, jornais, revistas, produções cinematográficas e publicitárias e jogos esportivos e digitais.<sup>378</sup>

Assim, na tentativa de entender o processo de história nas distintas escalas espaciais, presente na narrativa de Godofredo G. L. Luce, nos aproximamos ao que a metodologia da história global propõe. Ou seja, utilizando uma citação de Sebastian Conrad, entender que “o global, em outras palavras, não é uma esfera distinta, exterior a casos nacionais/locais; é, ao contrário, uma escala que pode ser referenciada mesmo quando olhamos para vidas individuais e pequenos espaços”.<sup>379</sup>

Ainda, unimos a tentativa de um olhar voltado a diacronia presente no cotidiano, seja nas mudanças políticas e estruturais, seja na trajetória geracional dos indivíduos. Pelo menos

---

<sup>378</sup>NETO, Roberto Moll. A nação como “comunidade imaginada” nas relações internacionais. **Revista Tempo do Mundo**, v. 3, n. 1, 2017, p. 290.

<sup>379</sup>CONRAD, Sebastian. *Op. Cit.* p. 140.

três caminhos ficam evidentes nessa sobreposição de tempos e escalas: Godofredo G. L. Luce é médico, conhece as pessoas pelo convívio profissional na cidade; mas simplesmente ser médico não explica todo o seu envolvimento com a representação diplomática feita pela Espanha nesse momento, então a segunda categoria é a da identidade migratória, teuto-brasileira, que mobiliza uma série de questões na vida de um indivíduo, um deles o do pertencimento. Ainda assim, essa categoria também não dá conta de explicar toda sua participação no cotidiano de Jaraguá do Sul e região. A terceira categoria, portanto, é de que ele sabe como funciona o estado, principalmente por estar diretamente envolvido com questões políticas, como o partido da aliança liberal, a participação familiar na política, principalmente Bertha Lutz.

Godofredo G. L. Luce era, portanto, estas três coisas (além de muitas outras): médico de prestígio, filho de imigrantes e antenado politicamente com todas as ambiguidades ao longo do tempo. Assim, nas palavras de Conrad, “É evidente que grande parte da dinâmica do caso foi impulsionada pela sobreposição de uma variedade de forças e pela interação de diferentes escalas”.<sup>380</sup> Ou seja, a articulação de toda essa rede pode ser interpretada dentro de cada papel exercido pelo sujeito e o contexto. Na política migratória se articulam às relações pessoais, ao sentimento de pertença (por exemplo, imigrantes tendem a confiar mais uns nos outros do que em pessoas de fora da comunidade), ao cotidiano dos indivíduos. Assim, observa-se que no caso de G.L.L., as relações familiares se articulam com o prestígio da medicina.

Esse entrelaçamento pode ser considerado uma glocalização, ou seja, a manifestação local de um fenômeno global-ocidental, e nacional-brasileiro. Isto porque as tramas na política nacional se articulam às internacionais, inclusive frente a solidariedade de Estados como a Espanha, em óticas e escalas distintas. Os bastidores da política diplomática extremamente dúbia desse momento, principalmente de Vargas, mas também da Espanha, se articulam com a participação ativa de indivíduos na política num governo autoritário. Este cenário intensifica o questionamento do porquê, e quais as razões da participação de Godofredo G. L. Luce nessas teias de relações, entendemos que a família e a medicina são espaços políticos.

No contexto nacional o flerte estado-novista com o nazismo e as ambiguidades geradas pela pretensa neutralidade do estado demonstram como a identidade nacional e o racismo se estabelecem com a guerra.

Diante disso a guerra e o subsequente abandono da neutralidade entram em consonância com a política migratória. Com as cartas e as relações que delas e com elas

---

<sup>380</sup> CONRAD, Sebastian. *Op. Cit.* p. 140.

emergem inferimos como as políticas migratórias possuem um lastro que deixa vestígios ainda na década de 1940, e mais do que isso, são políticas conservadoras e excludentes da grande maioria da população, a ver a perseguição aos falantes de alemão e italiano. Nos caminhos das missivas encontramos os símbolos evidentes do prestígio do médico e como sua rede local se articula com a guerra e a diplomacia. As cartas ao cônsul espanhol, são um claro vislumbre dessas articulações.

Ao longo deste trabalho, busquei caracterizar como as mudanças simbólicas e políticas ocorridas no Brasil no período do Estado Novo (principalmente no ano de 1942 por ser ano do qual Godofredo G. L. L. redigia suas cartas), modificaram o cotidiano da população imigrante brasileira, principalmente das categorias dúbias de carregar o jargão de cidadão/cidadã brasileiro/a. Como a figura de Vargas e suas novas instituições intentaram normalizar uma ideia de identidade e alteridade homogênea nos brasileiros, erradicando das narrativas uma série de personagens.

Analisar os fragmentos dessa história, entender-nos como parte desse constructo identitário, e interpretar a quais passos nos encaminhamos para o lugar no qual estamos me parece crucial para qualquer avanço. Os fundamentalismos, tradicionalismos, neofascismos e os outros “ismos” que nos cercam não chegaram até aqui sozinhos. Não pertencem ao vocabulário cotidiano por um acaso qualquer.

Como criaturas famintas, qualquer corrente de pensamento precisa ser alimentada permanentemente para se manter ativa. E se hoje, seja no Oriente Médio, no Leste europeu ou nas Américas, estamos ameaçados, novamente, por governos ditatoriais nacionalistas, há de se explicar de onde parte a intolerância. Mais do que “de onde”, creio que há de se perguntar “como” se formam suas raízes nos discursos de uma sociedade inteira. Se enraízam de certa forma que acabamos por perder em nós mesmos aquele outro, que tão diferente, também faz parte de “mim”. Aí passa a ser corriqueiro ouvir piadas e lamentos sobre a presença dos cheiros, das cores, das roupas, do modo de agir, de falar daquele outro que divide o mesmo território que eu, mas que de maneira alguma ali pertence. Explora-se o desejo por tratar aquele por intolerável, se torna insuportável dividir o mesmo espaço, e por fim se infiltra tanto no pensamento comum de uma comunidade que se faz necessário o questionamento frequente sobre as próprias atitudes e pensamentos para não ser puxado com força em direção a esse abismo intolerante. Nas palavras de Umberto Eco “(...) é sempre tarde demais quando resolvem

lutar contra a intolerância doutrinária, pois quando a intolerância se faz doutrina é muito tarde para vencê-la, e aqueles que deveriam fazê-lo tornam-se suas primeiras vítimas.”<sup>381</sup>

No Brasil as narrativas se contradizem ao longo da história. Ora se rechaça, ora se ressalta com orgulho determinados grupos. Mas há algo central em tudo isso, que acredito ser os processos imigratórios e migratórios, tão presentes ao longo da formação do Brasil como Estado e que coloca questões na formação como nação, na dúbia história da construção da identidade brasileira, que até mesmo no agora se faz muito presente na ambiguidade frente a inserção do “outro” no Estado e na nação. Antes de olhar o outro, observá-los e escrever sobre eles, é preciso confrontar-nos com nós mesmos, que somos, ou, porque somos como somos. Ou como é sentir-se brasileira? Antes de olhá-los como outros, talvez teremos que ter como premissa nossas próprias representações de mundo, nossa constituição cultural e narrativa, o que nos possibilita em primeira instância ver esse “Outro” como “Outro-fora de mim”. Há de se buscar a harmonia e tê-la fixa em sua heterogeneidade, de maneira alguma: uniforme, mas dentro de suas diferenças, tolerável<sup>382</sup>

Ainda, a análise das cartas de Godofredo G. L. Luce para além de refletir uma determinada escrita de si, possibilita-nos pensar as nuances, as variantes, a gradação na narrativa ao longo de todo o ano de 1942 e depois na sua carta de 1944 permite um enriquecimento na análise do contexto e na compreensão das mobilizações narrativas em relação à representação de um “outro”. Esse “outro” que dependendo do canal da narrativa recebe diferentes nomes, diferentes juízos (inocente *versus* culpado) brasileiro nato, teuto-brasileiro, alemão, cidadão, brasileiro naturalizado, quinta-coluna, etc.

O conflito, a disputa sob a “verdade” narrativa presente no diálogo que me encheu de questionamentos na mesa da cozinha dos meus avôs, integra exatamente a necessidade de ressurgência, de ressignificação de memória, o apego ao período apresentado por diferentes usos do passado, que ressaltam aquele período. Como determinadas identidades e narrativas voltam a ser valorizadas e compreendidas, e como as comunidades teuto-brasileiras e brasileiras se recordam desse período de maneira completamente distinta. Meu avô, por exemplo, pela perda repentina de direitos e um controle, alicerçado pelo medo da demonstração pública de sua identidade, e minha avó, por outro lado, com uma espécie de orgulho advinda da

---

<sup>381</sup> ECO, Umberto. **Migração e Intolerância**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020, p.50.

<sup>382</sup> Nas palavras de Umberto Eco: “Para citar a antiga sabedoria chinesa expressa por Zhao Tingyang, por mais que queiramos verdadeiramente chegar à harmonia entre os povos, a harmonia não significa uniformidade: ‘Toda coisa perecerá caso se torne exatamente igual às outras (...) A harmonia faz as coisas prosperarem, ao passo que a uniformidade as faz perecer.’” In: ECO, Umberto. *Op. Cit.* 2020, p.84.

revalorização ou obtenção de um senso de pertença aliada a obtenção de direitos, agora entendia-se como cidadã. A identidade, neste sentido é também memória.

Godofredo G. L. Luce, foi um sujeito que através de sua atuação, na medicina e na política brasileira deixa entrever em suas cartas posicionamentos e anseios de transformação, sem deixar de transparecer uma série de complexidades e incoerências em torno de sua atuação política e seu posicionamento. Entretanto, ao assim fazer nos permite elaborar questionamentos, e moldar hipóteses que deixam entrever possibilidades outras para a história global, qual seja, a de refletir sobre o *locus* ocupado pela diacronia na organização da narrativa tanto individual quanto coletiva, tanto local quanto global.<sup>383</sup>

---

<sup>383</sup> Ver: GHOBRIAL, John Paul. Seeing the World like a microhistorian. **Past and Present**(2019). Supplement 14. p. 01-22. Igualmente: The EUI Global History Seminar Group. For a Fair(er)Global History. European University Institute, Florence, 2020. Disponível em: <https://oajournals.fupress.net/index.php/cromohs/FairHist>. Acesso em 09.02.2022.

Ex<sup>mo</sup> Sr.

Expresso!

271

Feliciano Veiga Viçites, M. D. Viceconsul de  
Viceconsuldo da Hespanha  
Rua Vitor Meireles n. 18.



Florianópolis  
Santa Catarina



## REFERÊNCIAS

ABREU, Marcelo de Paiva. **Brazil and the world economy, 1930-1945: aspects of foreign economic policies and international economic relations under Vargas.** Cambridge, s. ed., 1977. 301 p. Tese (Doutorado em Filosofia) Univ. of Cambridge, 1977.

ALBUQUERQUE, Celso. Carta do Atlântico e Declaração das Nações Unidas. **Legado Político do Ocidente. O Homem e o Estado, Estratégia**, v. 8, p. 216-218. 1995.

ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado.** Edições Loyola, 2002.

AMANTINO-DE-ANDRADE, Jackeline. Actor-network theory (ANT): uma tradução para compreender o relacional e o estrutural nas redes interorganizacionais?. **Cadernos Ebape. BR**, v. 2, 2004.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Nação e consciência nacional.** Trad. Lólio Lourenço de Oliveira, São Paulo: Ática, 1989.

ARAÚJO, Rejane. DIP – Departamento de Imprensa e propaganda. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/DIP> Acessado em: 20/07/2020.

ARENDDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio. **História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã. São Leopoldo: Oikos**, 2005.

BACZKO, Bronislaw. **A imaginação Social.** In: Leach, Edmund et alii. *Anthropos Homem.* Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** Bezerra, Paulo. Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BALAKRISHNAN, Gopal; RIBEIRO, Vera. **Um mapa da questão nacional.** Contraponto Editora, 2020.

BARBOSA, Márcia Fagundes. **Imagens nacionais e relações de poder nas narrativas da imigração alemã em Santa Catarina.** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92719>, 2009.

BARROS, Thiago Henrique B.. Arquivística espanhola, canadense e brasileira: elementos históricos e conceituais. In: **Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do Discurso: inflexões histórico-conceituais.** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

BARTHES, Roland. **A Aventura Semiológica (Vol. 45). Lisboa: Edições**, v. 70, 1985.

\_\_\_\_\_. **O grau zero da escritura**. Trad. Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. Editora Cultrix: São Paulo. 1972.

BEEVOR, Antony. **The Battle for Spain: The Spanish Civil War, 1936-1939**. London: Weidenfeld & Nicolson, 2006.

BELICH, James et al. (Ed.). **The prospect of global history**. Oxford University Press, 2016.

BENCHIMOL, Jaime L.; SÁ, Magali Romero. **Adolpho Lutz-Febre amarela, malária e protozoologia-v. 2, Livro 1**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2005.

BERG, Maxine. **Global History: approaches and new directions**. The New World History: A Field Guide for Teachers and Researchers, v. 23, p. 484, 2016.

BETHEL, Leslie. **Latin America between the Second World War and the Cold War, 1944-48**. Cambridge University Press, 1992; tradução para o português, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BISSIGO, Diogo Nones. **A "eloquente e irrecusável linguagem dos algarismos": a estatística no Brasil Imperial e a produção do recenseamento de 1872**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/123277>.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BLUME, Sandro. **Morte e morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul: recortes dos cotidianos**. Dissertação (Mestrado em História). UNISINOS: São Leopoldo, 2010.

BOMENY, Helena M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado. In: PADOLFI, Dulce (Orgs.) **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. BOURDIEU, Marie-Claire. O camponês e a fotografia. **Revista de sociologia e política**, 2006.

BOWEN, Wayne H. **Spain during World War II**. University of Missouri Press, Columbia, 1968.

\_\_\_\_\_. **Spaniards and Nazi Germany: collaboration in the new order**. University of Missouri Press, 2000.

BRANDALISE, Carla, Camisas-verdes: o integralismo no Sul do Brasil, **Acervo**, v. 10, n. 2, p. 17–36, 1997.

BRESCIANO, Juan Andrés. La Historia global como campo emergente. **Revista Confluências Culturais**, v. 4, n. 2, p. 100-113, 2015.

\_\_\_\_\_. La História global como campo emergente. **Revista Confluências Culturais**, v. 4, n. 2, p. 100-113, 2015.

BRITO, Wladimir. **Noções de Direito Consular**, Coimbra: Coimbra Editora, 2004.

BROTHMAN, Brien. Declining Derrida: integrity, tensegrity, and the preservation of archives from deconstruction. **Archivaria**, v. 48, p. 64-88, 1999.

BUADES, Josep. **Os Espanhóis**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BUENO, Alexandre Marcelo. Língua, imigração e identidade nacional: análise de um discurso a respeito da imigração no Brasil da Era Vargas. **Estudos Semióticos**. [on-line] disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/69531/72113>. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 2, São Paulo, dezembro de 2013, p. 35–43. Acesso em “27/07/2020”.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de et al. **Cartas e escrita**. Editora Unesp, São Paulo, 2000.

CAMPOS, C. M. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil**. Campinas, SP, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A Globalização imaginada**. Trad. Sérgio Molina, São Paulo: Ed. Iluminuras Ltda, 2003

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PADOLFI, Dulce (Orgs.) **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

CARONE, Edgard. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro; São Paulo: DIFEL, 1976.

CARVALHO, Carlos Delgado De. **História diplomática do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. **A cidadania no Brasil: Um longo caminho**. 26ª edição. Civilização brasileira: Rio de Janeiro, 2020.

\_\_\_\_\_. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, 1990.

\_\_\_\_\_. **A construção da ordem e Teatro de sombras**. Rio de Janeiro: Editorial da UFRJ/Relume Dumará, 1996.

CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo**. Fortaleza: Edições NUDOC / Museu do Ceará, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Difusão Editora - Lisboa, 1988.

CINTRA, Rodrigo. **O processo de tomada de decisões em política externa: a importância dos lobbies**. São Paulo: Cedec, maio 2005.

CONRAD, Sebastian, **What is global history?**, [s.l.]: Princeton University Press, 2016.

\_\_\_\_\_.; ECKERT, Andreas; FREITAG, Ulrike (Ed.). **Globalgeschichte: Theorien, Ansätze, Themen**. Campus Verlag, 2007.

CORDEIRO, Janaína Martins; MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Por uma História do cotidiano dos regimes autoritários no século XX. **Estudos Ibero-americanos**. Porto Alegre. V. 43. N.2. p. 242-248 – maio-ago, 2017.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **A Guerra do Atlântico na costa do Brasil: rastros, restos e aura dos u-boats no litoral de Sergipe e da Bahia (1942-1945)**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2017.

DARNTON, Robert. Jornalismo: Toda a notícia que couber, a gente pública. In: **O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. Um burguês organiza seu mundo: a cidade como texto. In: **O Grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Tradução por Sônia Coutinho. Rio de Janeiro Graal, 1986.

DE CASTRO, Sergio Henrique Nabuco. **Sessenta anos de política externa brasileira (1930-1990)**. Editora Lumen Juris, 2006.

DE MELO, Alvaro Artur Guedes. **O Pan-Americanismo no Estado Novo: mídia e relações internacionais**. Dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências humanas, Programa de Pós-graduação em História, Orlando de Barros (dir.), Rio de Janeiro, UERJ, 2005.

DE SANTANA, Nara Maria Carlos. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. **Dimensões: Revista de História da Ufes**, n. 25, p. 235-248, 2010.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz M. Nizza da Silva. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DIACON, Todd A. **Stringing together a nation: Cândido Mariano da Silva Rondon and the construction of a modern Brazil, 1906–1930**. Duke University Press, 2004.

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento Nômade**. São Paulo: Edusp, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

DONGHI, Tulio Halperin. **Proyeto y Construcción de una nación** (Argentina 1846-1880). Caracas: Biblioteca Aycacho, 1980.

DORSCH, Sebastian. Brasilien “zwischen Insel-Topos und “Neuer Welt “: Ein raum-zeitlicher Versuch über Weltbilder und Welterfahrungen im frühen Anthropozän. **Welt-Anschauungen. Interdisziplinäre Perspektiven auf die Ordnungen des Globalen**, p. 15-41, 2015.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

ECO, Humberto. **Migração e Intolerância**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1994.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London: Longman, 1989.

\_\_\_\_\_, Norman. **Discourse and social change**. UK: Polity Press and Blackwell Publishers Ltd, 1995

FÁVERI, Marlene de et al. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/82826>, 2002.

FONSECA, Cristina M. Oliveira, Trabalhando em saúde pública pelo interior do Brasil: lembranças de uma geração de sanitaristas (1930-1970), **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 2, p. 393–411, 2000.

FOOTE, Nicola; GOEBEL, Micheal (eds.). **Immigration and national identity in Latin America, 1870–1930**. University Press of Florida, 2014.

FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. **Na Trama das Redes. Política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FRANCO NETTO, Guilherme et al. Vigilância em Saúde brasileira: reflexões e contribuição ao debate da 1ª Conferência Nacional de Vigilância em Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 3137-3148, 2017.

GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B. **Prezado Senhor, Prezada Senhora estudos sobre cartas**. São Paulo Companhia das Letras, 2000.

GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo**. São Paulo: Editora Símbolo, 1977.

GENTILE, Fabio, O corporativismo fascista: um modelo para o Brasil nacionaldesenvolvimentista de Getúlio Vargas, *in*: **Memorias del Congreso Internacional “La Modernidad en cuestión: confluencias y divergencias entre América Latina y Europa, siglos XIX y XX**, [s.l.: s.n.], 2016.

GERTZ, René Ernaini, Nazismo, Fascismo, Integralismo e o Apoio das Oligarquias no Rio Grande do Sul e de Santa Catarina ao Estado Novo, **Estudos Ibero-americanos**, v. 14, n. 1, p. 21–30, 1988.

\_\_\_\_\_. **O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo**, [s.l.]: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. Descendentes de alemães no Rio Grande do Sul após a Segunda Guerra Mundial. **Anais Eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História**, 2015, Brasil., 2015.

GHOBRIAL, John Paul. Seeing the World like a microhistorian. **Past and Present**. Supplement 14, 2019.

GOMES, Angela de Castro (Orgs.). **Escrita de si, escrita da história**. Editora FGV - Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Em: GOMES, Angela Maria de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Editora FGV, 2004.

\_\_\_\_\_.HANSEN, Patricia Santos. **Intelectuais Mediadores Práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2016.

GOPAL Partha Chatterjee, “Whose imagined community”. In: BALAKRISHNAN, Gopal; ANDERSON, Benedict. **Mapping the Nation**. Verso: London/ New York, 1996.

GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas Epistolares**; Tradução Ligia Fonseca Ferreira. Edusp – São Paulo, 2016.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HEREDIA, Antonia Herrera. El debate sobre la gestión documental. **Métodos de información**, v. 5, n. 22, 1998.

HILTON, Stanley E. “Brazilian diplomacy and the Washington-Rio de Janeiro ‘axis’ during the World War II era”, **Hispanic American Historical Review**, v. 59, May 1979.

\_\_\_\_\_. **Suástica sobre o Brasil: a história da espionagem alemã no Brasil, 1939-1944**. Civilização brasileira, 1977.

HIRST, Mônica E. S. “O Processo de Alinhamento nas Relações Brasil-Estados Unidos, 1942 – 1945”. **Dissertação de mestrado**, IUPERJ, Rio de Janeiro, 1982.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780** (trad. de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino). São Paulo, Editora Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Era do Capital; 1848-1875.** Tradução Luciano Costa Neto. 21ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HOCHMAN, Gilberto. Regulando os efeitos da interdependência: Sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.6, n.11, p.40-61, 1993.

IANNI, Octávio. **A Idéia de Brasil Moderno.** São Paulo: Editora Brasiliense. 1996

JÚNIOR, Moacir Pereira Alencar. Conservadorismo Católico na Era Vargas (1930-1945): liberais, integralistas e comunistas segundo Plínio Corrêa de Oliveira. **Revista Sem Aspas**, v. 7, n. 1, p. 68-89, 2018.

JÚNIOR, Silva et al. **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história.** Editora da ULBRA, 1994.;

KAMINSKI, Emílio Otto *et al*, **Velhos integralistas: a memória de militantes do Sigma**, [s.l.]: Edipucrs, 2000.

KEMPINSKA, Olga Guerizoli, O conceito de neutralidade no discurso da história: entre os “Geschichtliche Grundbegriffe” e o “Le Neutre” de Roland Barthes, **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 2, n. 2, p. 210–219, 2009.

KITA, Silvia Regina TOASSI; Majcher, Olga Piazero; ALVARRENGA, Joana D’Arc de. **A Saúde em Jaraguá do Sul - Memória e História: Os 80 anos do Hospital São José.** Impresso por HSJ. Jaraguá do Sul, 2016.

KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro, Florianópolis:** Papa-Livro, 1994.

KUNZE, Rolf-Ulrich. **Global History und Weltgeschichte: Quellen, Zusammenhänge, Perspektiven.** Kohlhammer Verlag, 2017.

L’HISTOIRE, Editorial. “Pourquoi la République a perdu”. 2016, p.3 disponível em: . Acesso em: 27.04.2021. <https://www.lhistoire.fr/editorial/pourquoi-la-r%C3%A9publique-perdu>. Acesso em: 27.04.2021.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede.** Local de publicação. Edufba, 2012.

LEITZ, Christian. **Nazi Germany and Neutral Europe during the Second World War.** 1ª ed. Manchester, 2000.

\_\_\_\_\_. **The economic Relations Between Nazi Germany and Franco Spain, 1936 - 1945.** 1994

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política.** Papyrus / Editora da Unicamp: Campinas, 1986.

LESSER, Jeffrey Howard; ZIMBRES, Patrícia. **A invenção da Brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração.** Editora Unesp, 2015.

LOPES, Hugo de Souza. Depoimentos: O Lutz não formava ninguém. Era um solitário. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, Rio de Janeiro. v. 10, p. 44, 2003, p. 426.

LUCAS, Taís Campelo. **Nazismo d'além mar: conflitos e esquecimento.** (Rio Grande do Sul, Brasil). Tese (Doutorado em História). UFRGS. Porto Alegre, 2011.

LÜDTKE, Alf. **The History of Everyday Life: Reconstructing Historical experiences and ways of Life.** Princeton: Princeton University Press, 1995.

LUTZ, Adolpho; BENCHIMOL, Jaime L.; SÁ, Magali Romero, **Obra completa**, Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 2004.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. **Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P. **Gêneros Textuais e Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna. 2003

MARTINS, Margarida D'Oliveria. **Direito Diplomático e Consular.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2011.

MARTIUS, Karl P. F. Von. Como se deve escrever a História do Brasil. **RIHGB.** Rio de Janeiro, IHGB. T. 06, p. 381-406. Ver também REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC.** 9ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MAZLISH, Bruce. Comparing global history to world history. **The journal of interdisciplinary history**, v. 28, n. 3, p. 385-395, 1998.

MERLE, Marcel. **Sociologia das relações internacionais.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

MOREIRA LEITE, Miriam. Retratos de família: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 1993.

MOTTA, Márcia Maria Menendes et al. **Nas fronteiras do poder: conflitos de terra e direito agrário no Brasil desde meados do século XIX.** 1996.

MOURA, Gerson. **A revolução de 1930 e a política exterior Brasileira: ruptura ou continuidade?"** In: CPDOC, A revolução de 30: seminário internacional. Brasília: Editora UnB, 1983.

\_\_\_\_\_. **Neutralidade dependente: o caso do Brasil, 1939-42** (Estudos Históricos, vol. 6, n. 12, 1993)

\_\_\_\_\_. O Brasil na Segunda Guerra Mundial: 1942 – 1945. Em: ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon; SEINTENFUS, Ricardo; CASTRO, Sérgio Henrique. **Sessenta anos de política externa brasileira**. Vol. 01. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2006.

\_\_\_\_\_. **Relações exteriores do Brasil 1939 – 1945. Mudanças na Relação Brasil os Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Munag: Brasília, 2012.

NETO, Roberto Moll. A nação como “comunidade imaginada” nas relações internacionais. **Revista Tempo do Mundo**, v. 3, n. 1, 2017.

NGUYEN, Quoc Dinh; DAILLIER, Patrick; PELLET, Alain. **Direito internacional público: formação do direito, sujeitos, relações diplomáticas e consulares, responsabilidade, resolução de conflitos, manutenção da paz, espaços internacionais, relações económicas, ambiente**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad.: Yara Aun Khoury. **Projeto História**. n. 10. dez., 1993.

NUNES, Everardo Duarte, Sobre a história da saúde pública: idéias e autores, **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 2, p. 251–264, 2000.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. **Revolução de 1930**: uma bibliografia comentada. Resenha publicada no BIB, n. 4, 1978.

OLIVEIRA, Lucia Lippi.(et. all). **Estado Novo**: Ideologia e Poder. Rio De Janeiro: Zahar, 1982.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. **Topoi**. (Rio de Janeiro), v. 18, 2017.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A evolução dos estudos sobre o integralismo, **Estudos Ibero-Americanos**, v. 36, n. 1, 2010.

PAGANO, Adriana. 2001. **Gêneros híbridos**. In: Magalhães, Célia. Reflexões sobre a análise crítica do discurso. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG.

PANDOLFI, Dulce (Org.) **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PAOLI, Maria Celia. Movimentos sociais, cidadania, espaço público: perspectivas brasileiras para os anos 90. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 2, n. 33, 1991.

PAXTON, Robert. O. **Vichy France**: Old Guard and New Order 1940–1944, New York, Columbia University Press, 2001.

PAYNE, Stanley G. **Franco and Hitler: Spain, Germany, and World War II**. Yale University Press, 2008.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**. São Paulo: EDUSC, 1999.

\_\_\_\_\_. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. **Travessia Revista de Literatura**, n. 38, jan/jun 1999.

RAHMEIER, Andrea Helena Petry. **Relações diplomáticas e militares entre a Alemanha e o Brasil: da proximidade ao rompimento (1937-1942)**. Tese (Doutorado) -- Faculdade de Filosofia e Ciências de Humanas do Programa Pós-Graduação PUCRS, 2009.

RAMOS, Diego da Silva. Raimundo Padilha: O Espião de Ontem é o Espionado Hoje. **Anais XXIX Simpósio Nacional de História** - ANPUH, 2017 p. 4. Acessado em 12/03/2022 às 17:48. Em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-1/1548953101\\_9167338e56c7ec99b76ea0f1932c4fce.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-1/1548953101_9167338e56c7ec99b76ea0f1932c4fce.pdf)

RANGEL, Vicente Marotta. A embaixada permanente e as origens da diplomacia. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, v. 83, p. 87-95, 1988.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIBEIRO, Mariana Cardoso. Direito e autoritarismo, a expulsão de comunistas no Estado Novo (1937-1945). **Prisma Jurídico**, v. 7, n. 1, p. 163-184, 2008.

RICUPERO, Rubens. **A diplomacia na construção do Brasil: 1750 – 2016**. Versal Editores, 2017.

RINKE, Stefan. Alemanha e Brasil, 1870-1945: uma relação entre espaços. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 21, n. 1, p. 299-316, 2014.

\_\_\_\_\_. German Minorities in Latin America during the First World War. In: **Immigration and National Identities in Latin America**. Gainesville: University Press of Florida, 2014.

\_\_\_\_\_. Germany and Brazil, 1870-1945: A relationship between spaces. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 21, n. 1, p. 299-316, 2014.

ROMÁN, José Antonio Sánchez. Doing Global History: reflections, doubts and commitments. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 30, n. 60, p. 241-252, 2017.

ROSEMBERG, Fúlvia; PIZA, Edith. Analfabetismo, gênero e raça no Brasil. **Revista USP**, n. 28, p. 110-121, 1996.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São. Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SCHAMA, Simon. **O poder da Arte**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHILLER, Nina Glick. **Laços de sangue: os fundamentos raciais do Estado-nação transnacional**. In: Identidades: estudos de cultura e poder. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

SCHRÖDER, Ferdinand. **A imigração alemã para o sul do Brasil até 1859**. São Leopoldo / Porto Alegre : Editora da UNISINOS/EDIPUCRS, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX**. Editora Companhia das Letras, 1993.

SCHWARTMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet e COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SCHWEITZER, Michael, STEIGER, Heinhard. “Neutralität”. In BRUNNER, Otto, CONZE, Werner, KOSELLECK, Reinhart. **Geschichtliche Grundbegriffe: Historisches Lexikon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland**. Stuttgart: Klett-Cotta, 1978.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial**. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL. Fundação Nacional Pro-Memória, 1985.

SEYFERTH, Giralda. **A idéia de cultura teuto-Brasileira literatura, identidade e os significados da etnicidade**. Horizontes antropológicos, v. 10, n. 22, p. 149-197, 2004.

\_\_\_\_\_. **Identidade étnica, assimilação e cidadania a imigração alemã e o Estado Brasileiro**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 9, n. 26, p. 103-122, 1994.

\_\_\_\_\_. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PADOLFI, Dulce (Orgs.) **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, p. 2000.

SILVA, Bruno Moreira da. Uma análise tecnológica dos u-boats. Em: **Através do periscópio: uma abordagem arqueológica da guerra submarina em águas brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial**. Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.

SILVA, Golbery do C. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

SOARES, Frederico Lamego de Teixeira. Análise econômica da parceria Brasil-Alemanha no contexto das relações entre o Mercosul e a União Européia. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 43, p. 87-107, 2000.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Ismara Izepe de. A diplomacia brasileira e a Guerra Civil Espanhola. **Revista Hades, [S. l.]**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2017. DOI: 10.34024/hades.2017.v1.7955.

\_\_\_\_\_. **Caminhos que se cruzam: relações históricas entre Brasil e Espanha (1936 – 1960)**. Tese (Doutorado em História). USP. São Paulo: 2009.

SOUZA, João Gabriel Fraga de Toledo e. **O jogo duplo espanhol: a política externa brasileira no contexto da guerra civil espanhola (1936 – 1939)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). UNESP: Marília, 2017.

SPINELLI, José Antonio. **A Reação da Oligarquia Potiguar ao Modelo Centralizador de Vargas: 1930/1935**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Unicamp, Campinas, 1989.

SPIVAK, Gayatri. **Quem reinvidica a alteridade?** In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses (o feminismo como crítica da cultura)**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 187-205.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Os fascismos. In: **REIS FILHO, Daniel Aarão. O Século XX-O Tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 109–164, 2000.

TEIXEIRA, Nuno Severiano, Da neutralidade ao alinhamento: Portugal na fundação do pacto do Atlântico, **Análise Social**, v. 28, n. 120, p. 55–80, 1993.

TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho, Imigração e epidemias no estado de São Paulo, **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 3, n. 2, p. 265–283, 1996.

TORMIN, Matheus Matos. Aspectos metodológicos da obra de Max Weber: potenciais e limites do tipo-ideal enquanto ferramenta metodológica. **Revista Florestan**, n. 7, p. 183-195, 2019.

TOTA, Antonio Pedro. **Imperialismo Sedutor - A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **The seduction of Brazil: The americanization of Brazil during world war II**. University of Texas Press, 2010.

VAINFAS, Ronaldo. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. **Revista Tempo**, v. 8, p. 03-12, 1999.

WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WEBER, Regina, Estudos sobre imigrantes e fontes orais: identidade e diversidade, **História Oral**, v. 16, n. 1, p. 5–22, 2013.

WILLIAMS, Daryle. **Culture wars in Brazil: the first Vargas regime, 1930–1945**. Duke University Press, 2001.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas: imigração alemã, Rio Grande do Sul, século XIX**. São Leopoldo: Oikos Editora, 2015.

WOOD, Bryce. **The Making of the Good Neighbor Policy**. New York, Columbia University Press, 1961.

YUSTA, Mercedes. Une guerre européenne. **L'Histoire**, n. 9, p. 52-53, 2016.

ZIMBRES, Patrícia. **A invenção da Brasilidade**: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

Anexo 1 - Jornal Vida Policial - Novembro de 1942

NOVEMBRO DE 1942

VIDA POLICIAL — 51

# ONTEM E HOJE

A Alemanha, depois de sua unificação, sempre constituiu um perigo para o mundo civilizado. Os germanos sempre teimaram em se apresentarem como mesquinhos, arrogantes e egoístas. Não sabemos donde eles conseguiram retirar elementos para justificar este modo de agir. O que é certo é que, depois desta conflagração, eles receberão tal castigo, que os seus descendentes já jamais terão oportunidade de pôr em perigo a segurança do mundo.

Enquanto as demais nações trabalhavam para sanar certos defeitos, que os tempos modernos apresentam, a Alemanha matou a liberdade individual e lançou-se ao trabalho. Mas, que espécie de trabalho! Não tremeram as mãos daqueles miseráveis, quando forjavam as armas para iniciar uma nova guerra. Dominados por um demente, não tiveram pejo de roubar os alimentos aos seus próprios filhos para com o seu dinheiro fazer armas.

Armaram-se e desrespeitaram os mais simples princípios de convivência humana. Escondidos sob a frase elegante de "guerra total", esses párias da civilização iniciaram a guerra mais cruenta, que se tem notícia e, entre muitas outras nações, escravizaram a França.

A França caiu, mas, não morreu! Nem os traidores, nem os "tanks" alemães, conseguirão quebrar o espírito grandioso do povo francês, donde partiram os primeiros gritos de liberdade, igualdade e humanidade, princípios estes, porque todos os povos civilizados se batem.

A França abriu os olhos do mundo e neste transe difícil porque passa, ela não está esquecida.

Não está longe o dia da libertação!

A França representou as democracias e a Alemanha encarna o totalitarismo. Ambas, sempre estiveram em polos opostos. E não pense o leitor que esta rivalidade é de hoje. Em 1914, tanto a França como a Alemanha já haviam escolhido o seu caminho. A primeira viverá eternamente, a segunda não mais viverá.

E transcreveremos aqui, o extrato de uma alocução pronunciada pelo sr. Paul Hervieu, da Academia Francesa:

A FRANÇA

A ALEMANHA

Mesmo no selo,  
cada uma das duas nações é representada  
tal como ela se vê, tal como ela se sente



A França, semeiadora, graciosamente vestida, no grande gesto aberto das semeaduras, semeia a todos os ventos a semente da civilização. Exemplo de maravilhoso labor, ela semeia as suas economias fecundas, as suas prontas invenções, as pacientes descobertas de genio francês; ela semeia com esperança, a fim de que vós também, povos da terra, colhaiis todos e que um dia, sem duvida, façamos junto a messe universal.

A Alemanha, de dura face, traz á cabeça uma coroa massiça; uma mão egoistamente atráe tudo a si; enluvada de malha, essa mão aperta um gladio; é a ameaça. O peito é couraçado, e esses dois discos de metal indicam qual seria a nutrição materna para a humanidade futura, quando esta tivesse de procura-la n'essa armadura de ferro.

Estas palavras foram pronunciadas em 1914 e é desta data também o cartão postal, que re-produzimos.

Os acontecimentos, que hoje se desenrolam no mundo, confirmam plenamente as palavras e o pensar do literato francês, que se levantou para advertir o mundo do grande perigo, que lhe estava sendo reservado, pela bárbara Germânia, si esta não fôse destruída antes de estar completamente armada.

O mundo não ouviu Paul Hervieu e hoje está num campo de batalha.

Mas, aconteça o que acontecer, uma coisa é certa: a Alemanha será vencida e será ela, que irá pedir, de joelhos, perdão à França e ao mundo, implorando algumas sementes, que o génio gaulês lançou sobre a terra, e não será a humanidade quem procurará a nutrição materna numa armadura de ferro.

A Alemanha foi derrotada em 1914, porque os aliados lutavam pela liberdade, justiça e um mundo melhor. A Germânia atirou-

se novamente a luta para combater estes tezuoros. E a história não falhará, ela novamente será derrotada... Os alemães que esperem...

**Fábrica de Calçados,  
Malas, Arreamentos, etc.  
Compra de Couros, Lã,  
Cêra e Cabelos.**

**KloECKNER Irmãos**

Av. Flores da Cunha  
ns. 1562 e 1572  
Caixa Postal, 15

**CARASINHO**  
Rio Grande do Sul

FONTE: Correspondência remetida a las autoridades. Godofredo Guilherme Lutz Luce. Archivo General de la Administración en Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 5-14696-155, 1942.

Anexo 2 - Jornal Correio do Povo, Jaraguá do Sul, Sábado, 24 de janeiro de 1942

**Em muitos breves dias, segundo fomos informados, terão início os trabalhos de construção da estação ferroviária de Jaraguá. Essa grande aspiração do comércio, das indústrias e do povo jaraguenses, vae enfim ter forma positiva e ser, sem dúvida alguma, uma conquista do esforço produtivo de nossa coletividade trabalhista, em várias décadas de anos.**

**Nota do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda**

**Aviso aos estrangeiros**

Florianópolis, 23 — Comunica o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda: — Segundo resolução do conselho de legislação e colonização os estrangeiros que requererem naturalização e ainda não tenham obtido a mesma, deverão registrar-se no serviço de registro de estrangeiros ou nas Delegações de Polícia até 31 do corrente mês, sob pena de multa de 500.000 ou exproprio do país havendo dolo. O mesmo conselho solicita ao Presidente Getúlio Vargas não prorrogar o prazo marcado para o aludido registro.

**Para servirem o Brasil com sacrifício das próprias vidas**

Rio, 19 (Agência Nacional) — Dada de 1. do Instituto de Propaganda e Imprensa, para salvar o Brasil e servir o Brasil, não há outra maneira de salvar o Brasil, senão a disposição de servir o Brasil com sacrifício das próprias vidas. A disposição de servir o Brasil com sacrifício das próprias vidas é o primeiro dever de todo cidadão brasileiro. A disposição de servir o Brasil com sacrifício das próprias vidas é o primeiro dever de todo cidadão brasileiro. A disposição de servir o Brasil com sacrifício das próprias vidas é o primeiro dever de todo cidadão brasileiro.

**As Americas romperão com o Eixo!**

1830 horas foi conhecida a decisão da Conferência dos Chanceleres a propósito do cumprimento das relações das repúblicas americanas com as potências do eixo, quando, na sessão pública que terminou à noite, hora foi feita a resolução recomendando a ruptura das relações. O projeto tinha pequena alteração no seu art. 3.º, ficando assim redigido: Art. 1.º — As repúblicas americanas reafirmam a sua declaração segundo a qual consideram todo ato de agressão por parte de um Estado extra-americano a um Estado americano como ato de agressão a todas elas, pelo qual se declara a sua solidariedade e a sua disposição de cooperar juntas para a sua defesa, desde que estas estejam de acordo com os princípios de direito internacional consuetudinário. Art. 2.º — As repúblicas americanas declaram a sua solidariedade e a sua disposição de cooperar juntas para a sua defesa, desde que estas estejam de acordo com os princípios de direito internacional consuetudinário. Art. 3.º — As repúblicas americanas declaram a sua solidariedade e a sua disposição de cooperar juntas para a sua defesa, desde que estas estejam de acordo com os princípios de direito internacional consuetudinário.

**O Brasil será uma surpresa nessa guerra**

Plínio Lutz (Reportagem de Jaraguá-Catanduva)

Tem sido lido os projetos e listas de descobertas feitas de autoria de brasileiros que, juntamente com os recursos materiais aplicados pelo nosso Ministério da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica, o Brasil pôde ser considerado como uma potência grande potencia antes de iniciar a guerra. A inteligência dos nossos cientistas, dos nossos técnicos industriais, agrônomos e militares, que sempre converge com todo o seu esplendor para esse único propósito: a defesa e o triunfo da nossa independência territorial, moral e política. Os numerosos delegados brasileiros que partiram para os Estados Unidos para a realização do 12.º Congresso das Nações Unidas, não apenas representam o Brasil, mas também a América Latina. Não podemos ter dúvidas de que, nesse Congresso, os brasileiros terão um papel importante. Chegando a reunião, os brasileiros terão a oportunidade de apresentar ao mundo a sua contribuição para a paz e a segurança da América Latina. Não podemos ter dúvidas de que, nesse Congresso, os brasileiros terão um papel importante. Chegando a reunião, os brasileiros terão a oportunidade de apresentar ao mundo a sua contribuição para a paz e a segurança da América Latina.

**Desinfecção do Continente**

PAULO ALBERTO

Do Centro de Expansão Cultural

Os países americanos, depois de prepararem o ambiente propício para a realização de uma guerra política e militar, se lançaram a uma campanha de desinfecção dos continentes da América. A campanha de desinfecção dos continentes da América é uma campanha de guerra política e militar. A campanha de desinfecção dos continentes da América é uma campanha de guerra política e militar. A campanha de desinfecção dos continentes da América é uma campanha de guerra política e militar.

**Centro dos Reservistas de Jaraguá**

Com a criação da Associação dos Reservistas de Jaraguá, realizou-se domingo último a reunião preliminar para a organização do Centro dos Reservistas deste município, comparecendo grande número de pessoas. Assumindo a presidência o senhor Artur Müller, que está respondendo pela expedição de junta do Alinhamento Militar, explicou os fins da associação que se tem formado e que em breve terá um novo estatuto em contacto com as reservas das diversas forças armadas, e comemorar as festas nacionais e difundir em todo o município o uso da língua portuguesa. A reunião decidiu escolher uma comissão composta dos senhores Artur Müller, Mario Tavares da Cunha, Mello, José, e L. e V. e a nomear, José Antonio de

**Correspondência para o estrangeiro**

Em face da dificuldade de trânsito de correspondência internacional, os correios brasileiros não poderão mais ser utilizados para a correspondência com o exterior. A correspondência com o exterior deverá ser enviada por via aérea, através das companhias aéreas internacionais. A correspondência com o exterior deverá ser enviada por via aérea, através das companhias aéreas internacionais. A correspondência com o exterior deverá ser enviada por via aérea, através das companhias aéreas internacionais.

**Momento difícil da carreira de Hitler**

Londres, 23 (Agência Nacional) — Segundo informações de círculos militares, Hitler está no momento mais difícil de sua carreira de chefe de governo, pois o exército alemão está em uma situação crítica. O exército alemão está em uma situação crítica. O exército alemão está em uma situação crítica.

FONTE: Jornal Correio do Povo, Jaraguá do Sul, v. XXIII, n 1109, jan. 1942, disponível em: [CDP19421109 \(ciasc.sc.gov.br\)](http://cdp19421109@ciasc.sc.gov.br)

Anexo 3 -Jornal Correio do Povo, Jaraguá do Sul, Sábado, 31 de janeiro de 1942

**Gazosas · Retrescos · Gengibre · Suco de laranja, integral (especialidade)**

**FABRICA DE BEBIDAS - MAX WILHELM - JARAGUA - STA. CATARINA**

**Limão · Framboeza · Abacaxi · Agua mineral artificial "Schlossbrunnen"**

Av.º: Estação Pública de Santa Catarina



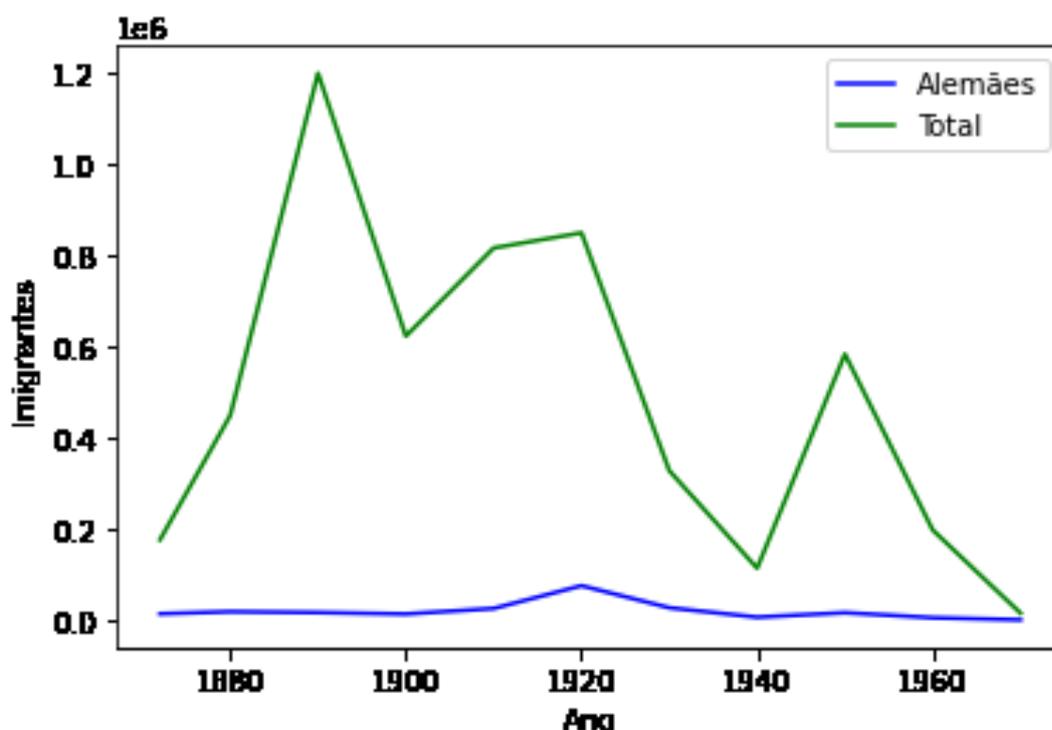


#### Anexo 4 - Imigração para o Brasil, por nacionalidade

| Nacionalidade    |                  |                  |                |                |                |                |                  |
|------------------|------------------|------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|------------------|
|                  | Portugueses      | Italianos        | Espanhóis      | Alemães        | Japoneses      | Outros         | Total            |
| 1872-1879        | 55.027           | 45.467           | 3.392          | 14.325         | -              | 58.126         | 176.337          |
| 1880-1889        | 104.690          | 277.124          | 30.066         | 18.901         | -              | 17.841         | 448.622          |
| 1890-1899        | 219.353          | 690.365          | 164.293        | 17.084         | -              | 107.232        | 1.198.327        |
| 1900-1909        | 195.586          | 221.394          | 113.232        | 13.848         | 861            | 77.486         | 622.407          |
| 1910-1919        | 318.481          | 138.168          | 181.651        | 25.902         | 27.432         | 123.819        | 815.453          |
| 1920-1929        | 301.915          | 106.835          | 81.931         | 75.801         | 58.284         | 221.881        | 848.647          |
| 1930-1939        | 102.743          | 22.170           | 12.746         | 27.497         | 99.222         | 63.390         | 327.768          |
| 1940-1949        | 45.604           | 15.819           | 4.702          | 6.807          | 2.828          | 38.325         | 114.085          |
| 1950-1959        | 241.579          | 91.931           | 94.693         | 16.643         | 33.593         | 104.629        | 583.068          |
| 1960-1969        | 74.129           | 12.414           | 28.397         | 5.659          | 25.092         | 561.896        | 197.587          |
| 1970-1972        | 3.073            | 804              | 949            | 1.050          | 695            | 9.017          | 15.588           |
| <b>1870-1972</b> | <b>1.662.180</b> | <b>1.622.491</b> | <b>716.052</b> | <b>223.517</b> | <b>248.007</b> | <b>873.642</b> | <b>5.345.889</b> |

FONTE: Maria Stella Ferrera Levy, O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 -1972), *Revista Saúde Pública*; Suplemento 8, 1974, p. 71-3

#### Anexo 5 - Gráfico da tabela de imigração para o Brasil, por nacionalidade



FONTE: Gráfico feito por mim, para melhor visualização dos dados numéricos do anexo 4, disponível em: Maria Stella Ferrera Levy, O papel da migração internacional na evolução da

população brasileira (1872 -1972), *Revista Saúde Pública*;Suplemento 8, 1974, p. 71-3. Feito em: 25/11/2020

**Anexo 6 - Imigração para o Brasil, por nacionalidade, como percentagem do total**

| Nacionalidade |             |           |           |         |           |        |       |
|---------------|-------------|-----------|-----------|---------|-----------|--------|-------|
|               | Portugueses | Italianos | Espanhóis | Alemães | Japoneses | Outros | Total |
| 1872-1879     | 31,2        | 25,8      | 1,9       | 8,1     | -         | 33,0   | 100   |
| 1880-1889     | 23,3        | 61,8      | 6,7       | 4,2     | -         | 4,0    | 100   |
| 1890-1899     | 18,3        | 57,6      | 13,7      | 1,4     | -         | 8,9    | 100   |
| 1900-1909     | 31,4        | 35,6      | 18,2      | 2,2     | 0,1       | 12,5   | 100   |
| 1910-1919     | 39,1        | 16,9      | 22,3      | 3,2     | 3,4       | 15,1   | 100   |
| 1920-1929     | 35,7        | 12,6      | 9,7       | 8,9     | 6,9       | 26,2   | 100   |
| 1930-1939     | 30,9        | 6,7       | 3,8       | 8,3     | 29,8      | 20,5   | 100   |
| 1940-1949     | 40,0        | 13,9      | 4,1       | 6,0     | 2,5       | 33,6   | 100   |
| 1950-1959     | 41,4        | 15,8      | 16,2      | 2,9     | 5,8       | 17,9   | 100   |
| 1960-1969     | 37,5        | 6,3       | 14,4      | 2,9     | 12,7      | 26,3   | 100   |
| 1970-1972     | 19,7        | 5,2       | 6,1       | 6,7     | 4,5       | 57,8   | 100   |
| 1870-1972     | 31,1        | 30,3      | 13,4      | 4,2     | 4,6       | 16,4   | 100   |

**FONTE:** Maria Stella Ferrera Levy, O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 -1972), *Revista Saúde Pública*;Suplemento 8, 1974, p. 71-3



Lieber Onkel Adolph!

Deinen Brief daheit(datiert) Rio de Janeiro 11/2.1929 erhielt ich nach 14 Tagen am 25/2.29, woran der **Seevoeg(Seeweg)** schuld war, da die Landwege für die Eisenbahn mehrfach durch den Regen unterbrochen worden waren.

Es freut mich, **dass** die Laubfrösche trotz der Ungeheuern Schwierigkeiten, die, wie gesagt, durch die unsicheren Zugverbindungen **bedingt** waren, so schnell nach Rio de Janeiro gelangten und dort nach lebendig in Deine Hände kamen; die Todesfälle verschiedener Tiere sind sicher, wie ich jetzt **weifs(weiß)**, darauf **gwückzuführen(zurückzuführen)**, **dafs(dass)** aus einem Bambusrohre im Hotel- Zimmer im Rio de Janeiro so dem Dr. José Aristides de Moraes, der als Advokat die Freundlichkeit Lette(hatte), mir diese Bestellung zu besorgen, im(in) seines Abwesenheit Frosche entwischen, die da **hubenmädchen(Stubenmädchen)** mit ihren Pantoffeln geworfen hat! Hisic Illae Lacrimae.

Wegen Eier und Kaulquappen habe ich nun Fräulein Dra. Emilie **Ineklage (maybe Snethlage)**, die z. zt. Wieder unser Gast ist, beauftragt, sowie **Naderer** selbst, der sich ungeheuer freute, daß die Freie(Tiere) lebendig ankamen. Fräulein Dr. Ineklage(Snethlage), befriede(befindet) sich z. zt. für 8 Tage Draußen bei Naderer, nur zu sammeln, so daß ich nicht zweifele, daß beide jetzt alles zum(tun) werden, nur(um) nochmals gutes lebendes Material für Dich zu sammeln, das dieses Mal Fräulein Dra. selbst nach Rio de Janeiro auf dem Landwege **mitnehmen** will. Da die lebende Versendung jetzt schon zweimal von hier gelang einmal missglückte sie total! ---- so ist der Beweis gebracht, daß es, wem(wenn) auch sehr riskiert, schließlich sogar durch die Post möglich ist. Am besten ist es, wem(wenn) gebildete Leute sich einer solchen Mission annehmen. Sollten Paula und Lucia tatsächlich nach hierher, wie angekündigt, kommen, so **wär** noch eine weitere Transport Möglichkeit für Laubfrösche dieses Jahres gegeben! Leider hindert mich mein Beruf, selbst zu sammeln, und mein seltenster(ältester) lebender Junge mit Namen Gottfried, wie seine direkte Aszendenz **ist(in)** vielen Generationen als **alterte(älteste)** so benannt, besucht mit 5 ¼ Jahren auf seinen ausdrücklichen Wunsch bereits die Schule und studiert das A B C seit dem 12.2.29, aber zum Sammeln ist er noch zu Bleie(klein).

Ich habe hier seit diesem Jahre 2 Objekte pathologisch anatomischer **Art** aufbewahrt, die ich gern bei Euch untersuchen liefs,(ließ) da die von Interesse sind, nämlich:

- 1) Ein Stück am Lebendem (2.9.1926) entbeinter(entfernter) Dickdarm – damalige Diagnose Ca- mit Polypen- Bildung, die meiner Ansicht nach durch knocken(Knochen) - Dysenterie bedingt ist. Der fall lebt heute noch, was nicht sehr wahrscheinlich ist, falls es tatsächlich ein Dickdarm -Ca gewesen wäre.

- 2) Ein ganzer Brust-Situs eines 56-jährigen Mannes mit der Diagnose linkseitiges Pleura- Endothelium mit Metastasen im der Lunge und mir Geherin(Gehirn), Bei mir am 19.1.1929 **seciert** , wobei noch im deutscher Kollege von Blumenau war.
- 3) Ich habe noch eine große Bitte an Dich! Die „Memorias do Instituto Oswaldo Cruz“ habe ich vom Angange(Anfang an) an bis zum Tomo XVII, Fasciculo I (inclusive) **vollständig**; ich hätte noch gerne die folgenden Hefte und Jahre!  
Sie machen mir stets große Freude, wem ich Zeit habe darin zu lesen und noch mehr, wem(wenn) ich Gelegenheit habe, anderen Kollegen Einsicht in sie zu gestalten **X(&)** sie an der Gand(Hand) derselben über Manches zu orientieren.
- Mit bestem Gruße von und allen an Euch alle  
Dein treuer Neffe  
Dr. med. Gottfried Wilhelmi Lutz Luce

**FONTE:**

**Anexo 9 - Carta de Godofredo G. L. L. à seu tio Adolph Lutz, em 3 de março de 1929 – Tradução minha**

São Bento, Sta. Catarina, 3 de março de 1929.

Caro tio Adolph!

Recebi sua carta datada do Rio de Janeiro de 02/11/1929 depois de 14 dias em 25/2/29, pela qual **Seevoeg( a via marítima?)** foi o culpado, pois as vias terrestres das ferrovias haviam sido interrompidas várias vezes pela chuva.

Apraz-me que as rãs arborícolas<sup>384</sup>, apesar das enormes dificuldades, que, como disse, foram causadas pelas incertas ligações ferroviárias, chegaram tão rapidamente ao Rio de Janeiro e lá chegaram vivas às vossas mãos; as mortes de vários animais se devem, como agora sei, ao fato de que de uma cana de bambu em um quarto de hotel no Rio de Janeiro, segundo o Dr. José Aristides de Moraes, que, como advogado, teve a amabilidade de me conseguir esta ordem, escapou na sua ausência às rãs que a empregada atirou com os chinelos! Hisic Illae Lacrimae.

Por causa de ovos e girinos, agora tenho a Srta. Dra. Emilie Ineklage<sup>385</sup> (Snethlage),, que atualmente se z. zt. Nosso convidado é novamente comissionado, assim como o próprio Naderer<sup>386</sup>, que ficou imensamente feliz por os homens livres(que os animais) terem chegado vivos. Senhorita Dra. Ineklage (Snethlage), z.

---

<sup>384</sup> Frosch é rã, mas sendo uma rã que se detém no folhede (folhagem) = Laub, parece que perereca seria o mais indicado.

<sup>385</sup> Interessante Srta. Dra. Snethlage (1868-1929), zoóloga alemã , morreu em 2 de dezembro de 1929. De febre amarela MUITO INTERESSANTE INVESTIGAR ISSO.

<sup>386</sup> Karl Naderer – família de agricultores. Cultivavam laranjas no sul do Brasil

zt. pacificou-se(encontra-se) por 8 dias ao ar livre com Naderer, apenas para coletar, para que eu não tenha dúvidas de que agora ambos farão de tudo para coletar apenas material bom e vivo para você novamente, que desta vez a Srta. até quer levá-los por via terrestre para o Rio de Janeiro. Já que o envio vivo já conseguiu duas vezes daqui uma vez falhou completamente! ---- esta é a prova de que é possível até pelo correio, por mais arriscado que seja. É melhor quando pessoas instruídas(educadas) assumem tal missão. Se Paula e Lucia realmente vierem para cá, como anunciado, haveria outra possibilidade de transporte de pererecas este ano! Infelizmente, meu trabalho me impede de coletar, e meu menino vivo mais raro(mais velho) chamado Gottfried, como sua ascendência direta é nomeada por muitas gerações à medida que envelhece(o mais velho), já está indo para a escola aos 5 ¼ de idade a seu pedido expresso e tem estudado o ABC desde 12 de fevereiro.29, mas para coletar ele ainda é muito Chumbo(demais jovem).

Desde este ano guardei 2 objetos de natureza anatômica patológica, que gostaria de ter examinado por você, pois são de interesse, a saber:

1) Um pedaço de intestino grosso desossado(removido) vivo (09/02/1926) - diagnóstico na época Ca- com formação de pólipos, que na minha opinião é causado por batidas(ossos) - disenteria. O caso ainda está vivo hoje, o que não é muito provável se realmente tivesse sido um cólon -Ca.

2) Um situs torácico inteiro de um homem de 56 anos com diagnóstico de endotélio pleural esquerdo com metástases no pulmão e meu atendente (e no cérebro), dissecado por mim em 19 de janeiro de 1929, enquanto ainda estava no colégio alemão em Blumenau.

3) Eu tenho um grande pedido para você! Tenho as “Memórias do Instituto Oswaldo Cruz” completas do início ao Tomo XVII, Fascículo I (inclusive); Eu gostaria de ter os seguintes problemas(revistas) e anos!

Eles sempre me dão um grande prazer quando tenho tempo para lê-los e ainda mais quando tenho a oportunidade de dar a outros colegas uma visão sobre eles X informá-los e seus amigos sobre algumas coisas.

Com os melhores cumprimentos de e para todos vós

Seu sobrinho fiel

dr médico Gottfried Wilhelmi Lutz Luce

**FONTE:**

**Anexo 10 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 25 de abril de 1942**

Carimbo do Dr. Godofredo Lutz - Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina; Recebida e contestada – 26/4-42; Enviada dia 25.IV.1942 de tarde; Caneta tinteiro Preta, redigida a mão; Ex. mo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Vice-Cônsul de Espana; Vice- Consulado da Espanha; Rua Vitor Meireles n. 18; Florianópolis

Respeitosas saudações.

Venho em favor de muitos allemães, entre os quaes tambem uma senhora de 61 annos de idade, prezos desd'o 14 do mez corrente, perguntar, se a correspondencia destinada ao seu consulado é censura e interceptada?

Estes prezos, na maioria sexagenários, se encontram incomunicáveis e os seus parentes e proximos foram tao assustados pela policia por torturas e ameaças, que até uma carta escripta por mim há 8 dias em favor d'estes prezos na maioria doentes e incapazes de parar muito tempo na cadeia (inhygienica) tanto tempo, primeiro dirigida ao senhor F. Gabaldér, M. F. Consul de Espana, Porto Alegre, e depois ao senhor mesmo, foi retida por um d'estes assustados, que é ainda um genero, deixando os seus sogros prezos e incomunicáveis, o que venho de saber somente hoje!

Sou medico e cidadão brasileiro de quase 58 annos de idade e me sinto envergonhado por estes factos, os quaes estou sabendo pouco à pouco.

Não seria possível o senhor chegar aqui e visitar os prezos em Jaraguá do Sul, como o senhor embaixador Fernando Cuesta também visitou os detentos na Ilha das Flores, como mesmo li hontem n'um jornal (“ Noticia “ de Joinville, 24.4.42)? –

Pedindo desculpa pela forma apressada d'esta carta, (54-14685-053) porque sou medico parteiro, que muitas vezes não tem tempo para comer e descansar bem, e me declarando, prompto para orientar o senhor n'este lugar, quando procurado, asseguro-me com os meus protestos de grande estima e consideração para a Espanha, ‘ que tambem conheci há annos, quando de curta visita la.’

Como seu muito obrigado

Dr Godofredo Guilherme Lutz Luce

(com firma reconhecida em Jaraguá do Sul, São Bento n'este estado de St. Catarina)

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Godofredo Guilherme Lutz Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-052/53, 1942.

**Anexo 11 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 9 de maio de 1942**

Carimbo do Dr. Godofredo Lutz - Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina; Enviada Jaraguá do Sul, 9 de maio de 1942 de tarde; Caneta tinteiro Preta, redigida a mão; Ex. mo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Vice-Cônsul de Espana; Vice- Consulado da Espanha; Rua Vitor Meireles n. 18; Florianópolis

Respeitosas saudações.

Recebi no dia 28.4. do anno corrente sua carta, datada „ Florianópolis 26 de Abril de 1942“, como registrada, do conteúdo da qual logo dei conhecimento aos interessados muito reconfortados pela leitura dos seus dados e em mesmo tempo pelos evidentemente palpaveis efeitos da acção immediata do Viceconsulado da Espanha a cargo de V. S. !

Os effeitos, que posso constatar, foram que na hora da entrega da referida carta registrada, precisamente as 10 horas, começou com uma grande pressa a demolição da vergonhosa cadeia publica de Jaraguá, situada no cemiterio publico do lugar de maneira que „beber agua de defuncto“ aqui é estar prezo n’esta cadeia, que agora, como soube deve ser reconstruida no mesmo lugar para esperar a visita do senhor embaixador Fernando Cuesta; esta demolica e reconstrucao às pressas é pelo principio antigo „ para ingles vêr“, como do tempo, quando a Inglaterra começou a reprimir o trafego negreiro no Brasil imperial por todos os meios ; agora esta providencia é „para o espanhol vêr“, o qual factio documenta um progresso historico.

Os prezos, n’este dia 28 de Abril, N’esta cadeia agora historia sempre superlotada e abaixo de qualquer critica seria, foram removidos às pressas para a cadeia de São Francisco / **54-14685-055/** e alguns soltos, entre os quaes o súbdito do Reich de nome Dietrich Borchers, tão judiado pelo destacamento policial no dia 14 de Abril de 1942, quando este invadiu no amanhecer a cada dos seus quase pães adoptivos, à dizer do casal sexagenário Hermann Friedrich Purnhagen e D. Maria Stecken Purnhagen, no lugar Tres Rios do Sul; que despachou no correio como expresso a minha primeira carta do dia 18.4.1942, retida pelo gênero assustado dos seus quase paes adoptivos durante 8 dias para mandar me reentregar a mesma pelo medo da censura postal e da interceptação de missivas do Consulado da Espanha.

No dia 30 de Abril D. Helena Frerich Zenke, com 34 annos de idade, órfã de pae e mae, súbdita allemã, casada há 9 annos com Carlos Zenke, teuto-brasileiro, isto é cidadão brasileiro, escreveu uma carta ao Viceconsulado da Espanha em Florianopolis, a qual carta infelizmente não mandou registrada de maneira que muito provável não chegou no seu destino; o marido da D. Helena foi prezo com os outros, que praticamente desde o dia 28.4.42 podem se considerar livres com restricções, mas como cidadão brasileiro transferito n’este dia para a

cadeia de São Francisco, aonde deve ficar ao menos mais 3 semanas preso, como se soube, pelo facto que como brasileiro nato merece mais castigo, que os outros subditos d'um paiz estrangeiro (?); D. Helena teve na noite de 5 para 6 de Março do a.c. um parto difficil com muita perda de sangue, para o qual era necessario um medico parteiro, que fui eu mesmo; agora ella está bem fraca, amamentando uma criança e com mais outras crianças menores não pode dar conta da sua grande lavoura com o marido preso desde o dia 14 de Abril do anno corrente e desde o dia 30 de Abril n'um lugar distante como São Francisco do Sul.

Assigno-me às pessoas como seu muito obrigado grande amigo do seu paiz hispanica  
Dr. Godofredo Guilherme Lutz Luce.

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Godofredo Guilherme Lutz Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-054/55, 1942.

**Anexo 12 - Tradução da carta de Herm. Purnhhagen feita por Godofredo Lutz Luce – recebida em 14 de maio de 1942**

Recebido 14.5.42; Letra de Godofredo Guilherme Lutz Luce;

Caro senhor Dr!

Fóra dos nos roes juntos mencionados objectos levados foram roubados.

20 charutos, 20 garradas de vinho de laranja, ovos, manteiga, 5 – 6 kg mel. Mais da casa velha, sob os cuidados de Pedro Dias (inspector de quarteirão) nos dias 14-15, 4 .', 1 pinça isoladora para corrente electrica forte, uma lima nova triangular. Uma cama, na qual dormiu um soldado de policia, não obstante de nova, estava cheia de piolhos, Nossa criada Helena Maas, pegou logo na primeira noite depois de chegar das tres. O senhor prefeito (de Jaraguá, Tse. Da Polícia Estadual Leonidas Herbster Cabral) levou para a sua casa o aparelho photographico e o telescopio. O cavallete do aparelho photographico, depois da volta, teve sómente 2 pernas ao lugar de 3. Testemunha: o eugenheiro Bailoni. O senhor prefeito deu, como me disse o senhor Weh, a ordem para a pilhagem.

Pagei uma Multa de 820\$000

Despezas para a busca e apreensão 32\$000

Para tramaento medico durante a internação 40\$000

Remedios 15\$000

Eu seria-lhe muito grato, se o amigo Sr. Arrumar este negócio para mim. As despezas etc. restituirei de bom gosto.

Amáveis saudações

(ass) Herm. Purnhhagen .

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Herm. Purnhagen. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-056, 1942.

**Anexo 13 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 14 de maio de 1942**

Carimbo do Dr. Godofredo Lutz - Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina; Enviada Jaraguá do Sul, 14 de maio de 1942 a noite; Caneta tinteiro Preta, redigida a mão; Illmo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Vice-Cônsul de Espana; Vice- Consulado da Espanha; Rua Vitor Meireles n. 18; Florianópolis;

Respeitosas saudações.

Recebi hoje no dia de Ascensao os papeis junto do senhor Hermann Purnhagen, sexagenrario, que n'este dia de chuva traduzi logo mesmo para facilitar ao Vice-Cônsulado em Florianópolis o estudo dos mesmos.

O senhor Hermann Purnhagen é um aleijado manco, que precisa andar com muleta de mão; como antigo funcionario do correio do Reich elle é aposentado com pensão de mutilado e para tratar melhor a sua saúde precaria (tuberculose ossal do espinhaço) mudou-se ha 20 annos para um paiz de sol, como tal pode ser considerado o litoral norte do nosso estado. Agora elle não sómente foi saqueado pela soldadesca policial, mas tambem maltratado e judiado pelos superiores, como soube por informacoes, o que se deu de forma muito peor com o seu quasi filho adoptivo Diedrich Borchers, no qual a soldadesca no dia 14.4.42, quando meio asphyctico por tentativas de extrangulação procurou realisar actos de pederastia!

Tambem a senhora D. Maria Steenken foi desacatada na sua propria casa!

Assigno-me apressadamente como seu muito attento e obrigado

Dr. Godofedo Guilherme Lutz Luce

(Com firma reconhecida no cartorio de São Bento e Jaraguá n'este estado de Santa Catarina)

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Godofredo Guilherme Lutz Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-057, 1942.

**Anexo 14 - Carta de Godofredo Lutz ao Cônsul espanhol Federico Gabaldón– 29 de abril 1942**

Carimbo do Dr. Godofredo Lutz - Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina; Recebida el 29/4-42; Caneta tinteiro Preta, redigida a mão; Exmo Snr. F. Gabaldér, M. D. Consul de Espana; Consulado da Espanha; Porto Alegre; Enviada Jaraguá do Sul, Sta. Catarina dia 18.4.1942 de tarde

Respeitosas saudações.

Muito envergonhado como cidadão brasileiro de quasi 58 annos de idade, tenho de comunicar para os fins de diretto, baseando-me no seu „Aviso aos súditos alemães e japoneses“ publicado por diversas vezes no „Diário da Tarde“, e editado na capital d’este estado, que no dia 14 de Abril do anno corrente no amanhecer e no lugar chamado Tres Rios do Sul, distante mais ou menos 4 kilometros n’esta cidade de Jaraguá do Sul, a familia do senhor Hermann Friedrich Purnhagen com 60 annos, incluída a esposa D. Maria Steenken Purnhagen com 61 annos e incluído um quasi filho adoptivo Dietrich Borchers de 26 annos, todos subditos allemães e lavradores na sua propriedades agricola e meus muito bem conhecidos, que como medico de casa teve cada uma das citadas pessoas por diversas vezes sob meus cuidados, foi preza por um destacamento policial, que invadiu esta casa, maltratando por diversas evezes o quasi filho adoptivo Dietrich Borchers tanto, que perdeu os sentidos! Os policiaes, qe fizeram isto, queriam por tortura d’este moço conseguir, que este trahisse seus quasi adoptivos paes, mostrando armas, menuções e propaganda nazista! Estas brutalidades / **54-14685-059** / contra o referido moço se deram com as testemunhas de vista e auriculares dos referidos quase paes adoptivos, do senhor Matheus Weh, lavrador de 59 annos, allemão do Reich e tambem por mim tratado, quando doente, por diversas vezes, e d’um carroceiro, que conduziu estes soldados policiaes, de nome Dietrich. Pois bem, tanto o moço tão torturado e maltratado de nome Dietrich Borchers, e o casal sexagenário D. Maria Steenken Purnhagen e o senhor Hermann Friedrich Purnhagen, como o senhor quasi sexagenário Matheus Weh continuam até hoje presos e incommunicaveis, sendo somente o casal doete depois de 2 dias e 2 noites de estadia na cadeia publica, que é uma vergonha, sendo mais curreal, que morada humana removido para a casa d’uma filha casada, mas lá se encontrando incommunicaveis e sob custodia several policial. Communico tudo isto ao senhor Consul, porque conto, que na sua qualidade Consular deve ter conhecimento do que se passa na sua jurisdição no Estado de Santa Catarina com os súbditos allemães, que como no caso por mim contado, não precisam ser tratados, como criminosos dos maiores crimes nem devem ser tratados, por que trata-se em fim de gente, que podem prestar fiança, se de facto commetteram contra a ordem e segurança publica contra coisa ao lugar de ser somente súbditos allemães.

Quero evitar perante minha consciencia medica e humana, que toda esta gente de bem, continua muito tempo preza sob condições vergonhosas, para n’este tempo frio peiorados de sua saúde, sahirem prejudicados para sempre.

Assigno-me com toda a estima e consideração, que sempre teve, para a Espanha, que conheço um pouco do lado mediterrâneo (Gibraltar, Malaga e Valencia), como do lado atlântico

(La Cornna, Vigo) e para o Consulado deste paiz em Porto Alegre porem tanto, como seu muito obrigado.

Dr. Godofredo Guilherme Lutz Luce

Com firma reconhecida em Jaraguá e São Bento, Sta. Catarina.

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Godofredo Guilherme Lutz Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-058/59, 1942.

#### **Anexo 15 - Envelope carimbado Dr. Godofredo Lutz, 29 de abril de 1942**

Envelope; Carimbo do Dr. Godofredo Lutz - Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina; Carimbo de recebimento do vice consulado da Espanha em Florianópolis; Dia 29.IV. 1942

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. -. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-060, 1942.

#### **Anexo 16 - Envelope - Feliciano Veiga Vieites, 28 de abril de 1942**

Envelope frente; Carimbo Jaraguá, tarde, 28. IV. 42; Expresso; Marcado em vermelho 471; Exmo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Viceconsul de \_\_\_ Viceconsulado da Hespanha; Rua Vitor Meireles n. 18; Florianópolis; Santa Catarina

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. -. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-062, 1942.

#### **Anexo 17 - Envelope Cônsul Espanhol F. Gabaldón**

Envelope verso; Expresso; F. Gabaldér, M. D. Consul de Espana; Consulado da Espanha; Porto Alegre;Rio Grande do Sul

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. -. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-062, 1942.

#### **Anexo 18 - Tradução de carta de H. Purnhagen feita por Godofredo Lutz**

Tradução

Estimado Sr. Dr.

Dos objetos apprehendidos faltam:

Valor:

|   |  |         |
|---|--|---------|
| 1 | Um borrador com notas, endereços, contas, cálculos, datas de lavoura etc. ?? |         |
| 2 | A condecoracao para combattentes da guerra 1914-1918                         | ?       |
| 3 | 1 Telescopio Wetzlar 2 ½ x com estojo à tiracollo                            | 70\$000 |
| 4 | 1 Thermometro para medir febre   | 12\$000 |
| 5 | 1 Thermometro de manteiga  | 5\$000  |
| 6 | Retrato de Hindenburgo emmoldurado   | 5\$000  |

|    |   |         |      |
|----|---|---------|------|
| 7  | Versiculo biblico para a parede                                 | 10\$000 |      |
| 8  | 1 livro= Bühler „70 annos de trabalho cultural allemão“         | 12\$000 |      |
| 9  | 1 livro= Methfessel „Cantos para choro mixto“                   | 18\$000 |      |
| 10 | 1 caixa de phosphoros cheia de sellos no valor mair ou menos de | 10\$000 | mais |
|    | os objetos mais tarde apprehendidos:                            |         |      |
| 11 | Um tenaz com isolação para corrente de alta tensão              | 15\$000 |      |
| 12 | Uma lima triangular   | 4\$000  |      |
| 13 | Cinco limas chatas à 4\$000                                     | 20\$000 |      |

Diedrich Borchers recebeu devolvido a carta geografica da Europa mencionada na ultima lista e uma jarra para flores (este em estado quebrado)

Cordeaes saudações

(ass) H. Purnhagen

P.S Faltam ainda as cartas aereas dos parentes da Allemanha etc. Mais o retrato de W. Jansen e de sua esposa, um trato do tempo do meu serviço militar obrigatório, que junto com o quadro de Hindenburgo e o retrato, quando deu baixa do serviço militar do em 1931 defunto Anton Frerich (o quadro foi executato mais ou menos em 1900) foram o digno e visível conteudo da „vista da Propaganda Nacista“ na „noticia“ de 19.04.40. Notou o senhor os ratos ?

O mesmo.

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Tradução. Archivo General de la Administraci3n em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-063, 1942.

### **Anexo 19 - Tradução de Carta de Mathäus Weh, feita por Gofofredo guilherne Lutz Luce em 4 de abril de 1942**

Tradução; Letra de Godofredo

Minha família e eu durante a busca domiciliar realizada no dia 14 de Abril em nosso domicilio pela policia constantemente fomos ameaçados. Apprehendido entre mais outras cousas: 2 biblias, 3 libros de cânticos luteranos, 2 collecções escolares de cartas geográficas, 1 tomo de revista “gartenlaube (caramanchão) “ do anno de 1883.

Fui prezo sem cause de valor nominal durante 11 dias n’uma qualidade de latrina sem possibilidade de me lavar. Esta cella de causura somente me era permitido de deixar, quando teve de ir para um inquérito.

Quase cada noite foram removidos 1-2 homens embriagados para dentro da cella de maneira que nos fomos em geral 5-6 homens n’um recinto de 12-14 metros cúbicos obrigados de aguentar n’elle.

Teve neste tempo diversos colapsos nervosos e passados 11 dias eu estava completamente extenuado e pedi um medico, somente então me deixaram sair da cella, não sendo feito o exame medico.

(ass.) Mathäus Weh

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Mathäus Weh. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-066, 1942.

**Anexo 20 -Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 24 de maio 1942**

Carimbo do Dr. Godofredo Lutz - Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina; Enviada de Jaraguá do Sul, Sta. Catarina. Dia 24 de maio de 1942; Caneta tinteiro Preta, redigida a mão;Ex. mo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Vice-Cônsul de Espana; Vice- Consulado da Espanha; Rua Vitor Meireles n. 18; Florianópolis;

Muitas respeitosas saudações!

Venho hoje a 5ª vez n'um resumo semanal referir sobre o que venho sabendo pouco à pouco sobre os actos praticados por um destacamento policial da força publica do Estado de Santa Catarina no amanhecer do dia 14 de Abril do a.c. no lugar chamado Tres Rios do Sul, 4 kilometros distante da cidade de Jaraguá, nas casas dos lavradores Hermann Friedrich Purnhagen, Carlos Zenke e Mattheus Weh, dos quaes o primeiro e o ultimo súbditos allemães, com toda a sua família também, e o do meio de nome Carlos Zenke, teuto-brasileiro casado com uma súbdita allemã de nome Helena Frerich Zenke, e também sobre o tratamento deshumado dos presos ( 1 senhora sexagenária e 4 homens sexagenários até 26 annos, que era o mais moço de nome Diedrich Borchers, sendo a senhora D. Maria Steenken Purnhagen de 61 annos de idade). Junto 3 manuscriptos de 2 N'estes presos com referencia ao que resumi em poucas palavras no inicio, que traduzi do alemão para o portuguez facilitando assim um pouco o seu estudo. O destacamento policia que, como soube commetteu /54-14685-069/ também contra outras pessoas suas bravatas e pseudo-proezas desapareceu d'aqui desd'o dia 15 de Maio de maneira, que o povo terrorizado começou de fallar e contar sobre o que aconteceu, que é de facto horroroso e espantável.

Para dar uma pequena amostra de panno conta, que o senhor Matthaesus Weh durante 11 dias prezo n'uma qualidade de latrina foi constantemente n'estes dias atormentado de assignar um documento, no qual se declara culpado de alta traição contra o Brasil e de pagar 100\$000, no qual caso afirmativo seria imediatamente solto; elle como soldado velho inteligente não pensou n'isto e assim continuou prezo até que elle foi solto, porque ao ver dos seus atormentadores enlouquecia antes de assignar a sua confissão espontânea e de pagar o dinheiro extorquido. Assim pode s ver bem o valor de qualquer confissão d'um prezo sob estas

condições de proposito criadas com connivencia do delegado especial e de todas as outras autoridades n'uma cadeia publica, isto é policial e forense, situada n'um cemitério publico ainda em uso, de maneira que ser prezo n'esta cadeia equivale não só “beber agua de defunto”, mas ainda melhor “ bebe agua de recém-defuncto”! –

Escrevo ao seu Vice-Cônsulado no domingo de Espirito Santo, porque um novo espirito de liberdade, igualdade e fraternidade de todas as republicas na teoria, aqui nos falta completamente sem o fito de protesto das victimas.

Assigno-e com o desejo de boas festas mesmo um tanto tarde V.S., como

O seu muito atento e obrigado admirador da Espanha

Dr. Godofredo Guilherme Lutz Luce

Com firma reconhecida no tabellionato de São Bento e de Jaraguá do sul!

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Godofredo Guilherme Lutz Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-068/69, 1942.

**Anexo 21 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 7 de junho 1942**

Carimbo do Dr. Godofredo Lutz - Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina; Enviada de Jaraguá do Sul, Sta. Catarina. Dia 7 de junho de 1942; Caneta tinteiro Preta, redigida a mão; Ex. mo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Vice-Cônsul de Espana; Vice- Consulado da Espanha; Rua Vitor Meireles n. 18; Florianópolis;

A pedido da D. Maria Benecke Joesting, que me procura muito afflicta me pedindo representar à V.S. o caso do seu marido Joachim Ernst Joesting, prezo desd'o dia 5 de junho de a.c. as 17 ½ horas pelo motivo, que elle affirmava ao delegado auxiliar, que a sua esposa não fallava o vernáculo e por isto não podia fallar aos seus filhos de 6 e 3 annos de idade em brasileiro, motivo porque foi preza na rua e detida com estes 2 filhos, uma hora os dois filhos e 1 1/2 hora a mãe e o pae agora 2 dias e 2 noites, escrevo agora apressadamente domindo de tarde as 19 horas; o marido por isto não foi solto, porque não quis denunciar, à policia, quem foi que deu o endereço do Consulado da Espanha em Florianópolis, ao qual elle mesmo foi impedido de se dirigir por carta mesmo. O senhor Joachim Ernst Joesting e a D. Maria Benecke Joesting são cidadãos alemães, nascidos na Allemanha, elle com 4q anos e ella com 39 de idade, enquanto que os alludidos 2 filhos de 6 e 3 annos de nome Ernst Jürger e outro Joachim, nascido no Brasil, o mais velho e o mais moço na Allemanha. A esposa do prezo receia pelo ouvir dizer do lugar, que o seu marido vae ser transport- /54-14685-071/ do prezo segunda – ou terç-feira para Florianópolis.

Assigno-me com os protestos da minha grande estima para a Espanha e o seu Vice-Cônsulado em Florianópolis.

Como o seu muito atento e obrigado

Dr. Godofredo Guillherme Lutz Luce

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Godofredo Guilherme Lutz Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-070-71, 1942.

**Anexo 22 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 02 de junho 1942**

Carimbo do Dr. Godofredo Lutz - Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina; Enviada de Jaraguá do Sul, Sta. Catarina. Dia 12.6.42 à noite; Caneta tinteiro Preta, redigida a mão; Caneta vermelha, letra diferente R. 15/6.42; Ill. mo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Vice-Cônsul de Espana; Vice- Consulado da Espanha; Rua Vitor Meireles n. 18; Florianópolis

Respeitosas saudações

Confirmo em primeiro lugar minha carta expressa do dia 7 do m.c. sobre o caso do senhor Joachim Ernst Joesting preso no dia 5.6.42 as 17 horas pelo delegado auxiliar Nathanael Cidade, que por esta prisão evidentemente queria impedir a denúncia do caso ao Consulado Espanho. O senhor Joachim Ernst Joesting foi hontem dia 11.6.42 as 17 ½ horas solto sem ter sido obrigado de apgar carceragem, que nos outros casos sempre eram somas acultadas, para não usar a expressão de “phantasticas”; é certp qie a chamada policia da Segurança Publica, chefiada no lugar pelo senhor Nathanael Cidade, faz uma indústria rendosa pelas prisões à torto e direito de gente de apparencia endinheirada; no caso do senhor J.E.Joesting sei certo, que ainda no dia 8 do m.c. o delegado auxiliar senhor Nathanael Cidade exigia uma fiança de 500\$000 em dinheiro para soltar este cidadão allemao até que o seu processo fosse instaurado, que por um documento em forma de publica forma assignada pelo senhor Nathanael Cidade, processado devia ser por ter desacatado na delegacia de policia esta autoridade policial, isto é o senhor Nathanel Cidade em pessoa (?!), como incurso na sanção dos artigos trezentos e trinta e trezentos trinta e um do Codigo Penal. O senhor J.E.Joesting, que no momento se encontra ao meu lado, informa, que foi hontem solto sem qualquer formalidade e que por pessoas, que /54-14685-072/ podem em boa fé ter contato isto, esta soltura, se deu, porque o advogado Dr. Paulo Medeiros, residente em Joinville e meu bom conhecido também, mas que hontem não consegui fallar pessoalmente, intervindo no foro conseguiu, que o Dr. Juiz da Comarca ddesse uma ordem ao referido Nathanael Cidade de soltar o preso imediatamente, porque não existia um motivo subsistente para estai prisão de 6 dias duração (?!). Mais soube pelas informações

colhidas, que assim mesmo já existia uma ordem – por quem dada não se e ninguém aqui parece saber ou quer dizer isto – de soltar o prezo inocente logo.

Pnesamos nos dias, que o Consulado da Espanha em Florianópolis deve saber a verdadeira causa d’esta soltura evidentemente precipitada, muito melhor, que nos dois e outra gente aqui no lugar.

Em todo o caso estamos muito satisfeitos, que esta prisão acabou-se, porque o detido teve de passar fome, sede e dormir sem qualquer leito no soalho, medida evidentemente de extorsão pelo lado da policia de Seguranca Publica, qual facto o senhor J.E.Joesting pretende ainda relatar ao Vice-Cônsulado da Espanha com todos os pormenores.

Venho chamar a atenção de V. S. que o Senhor J.E.Joesting no dia 28 do m. p . já se dirigiu n’uma carta informativa sobre a sua situação precária tanto monetária, como locativa em vista de ser muito difícil arranger em Jaraguá qualquer casa.

Naturalmente tanto o senhor J.E.Joesting como eu também agradecemos muito penhorados para a intervenção efetiva e eficiente do Vice-Cônsulado da Espanha em Florianópolis à cargo de V. S!

Assigno-me como grande admirador da Espanha e do Consulado da mesma em Florianópolis e como seu muito agradecido e obrigado

Dr. Godofredo Guilherme Lutz Luce.

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-72, 1942.

### **Anexo 23 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 26 de junho 1942**

Carimbo do Dr. Godofredo Lutz - Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina; Enviada de Jaraguá do Sul. Dia 26 de junho de 1942 de tarde; Caneta tinteiro Preta, redigida a mão; Ill. mo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Vice-Cônsul de Espana; Vice- Consulado da Espanha; Rua Vitor Meireles n. 18; Florianópolis

Muito cordeas saudações:

Peço desculpas, que somente hoje venho acusar de ter recebido suas atenciosas cartas do dia 17.6.42 e do dia 23.6.42 no dia 25.6.42, para as quaes agradeço muitíssimo penhorado; elles chegaram em meu poder não censuradas, o que não se deu com a carta por via aérea do senhor consul da Espanha em Porto Alegre, J.Gabaldón, que foi censurada pelos carimbos de “Blumenau, 19.6.42” e de “Jaraguá 25.6.42” em Floranópolis, com a perda de tempo de 5 dias ao menos, ao qual perda de tempo prejudicou o destinatário J.E. Joesting bastante, porque o dono da sua casa n’estes dias começou de mover uma acção de pnheora contra o mesmo

justamente no dia 24.6.42, em vista da qual ameaça eu mesmo teve de fallar acompanhado do senhor J. E. Joesting no mesmo dia com o referido dono de casa senhor Max Fiedles, que acquiesceu no revogar da sua acção de penhora e despejo do senhor J. E. Joesting somente pela minha intervenção. Em presença do paraser penhorado e despejado, o senhor Max Fiedler me disse, que o advolgado D. Paulo de Medeiros aceitou a procuração pela quantia de 500\$000 já entregue ao mesmo adiantamente!Veja, o senhor que embrulhada! - - - -

É tudo isto, poruqe uma carta do Consulado da Espanha em Porto Alegre, que era urgentíssima e por isto mesmo enviada por via aérea foi interceptada e farejada, sendo o seu conteúdo, com mesmo vi, absolutamente insuspeito! - - - - -

Assigno-me, cada vez maior admirador da sua pátria espanhola e dos seus cavalheiros representantes consulares no Brasil, como seu muitíssimo obrigado e atento

Dr. Godofredo Guilherme Lutz Luce

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-078, 1942.

**Anexo 24 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 30 de junho 1942**

Enviada de Jaraguá do Sul. Dia 30 de junho de 1942 de tarde; Lápis, redigida a mão; Ill. mo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Vice-Cônsul de Espana; Vice- Consulado da Espanha; Rua Vitor Meireles n. 18. Florianópolis;

Respeitosas saudações:

Venho a conselho do Dr. Godofredo Luce contar o meu caso, que se refere ao meu registro como estrangeira, registro exigido de todos os moradores estrangeiros no Brasil, que tem a idade de mais de 18 annos, há 3 annos, isso e desd’o começo da guerra atual.

Nasci no dia 19 de Maio de 1924 as 17 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> horas na cidade de Oldenburg na Allemanha, quando os meus paes e meus 3 irmãs e 1 irmão mais velhos jba tinham recebido no dia 6 de Fevereiro de 1924 o seu passaporte de família, que foi visto no dia 14 de fevereiro de 1924 pelo Consul geral do Brasil em Bremen; somente tenho como lefitimação a certidão de nascimento pelo oficial de baptismo também em Oldenburg, aonde em 21 de Maio de 1924 foi baptisada. Seguimos no mesmo anno pelo valor alemão “Sierra Nevada,” que agora reformado chama-se “Madrid”, do Norddeutscher Sloijd de Bremen para o Brasil, que sahiu de Bremerhaven no dia 2.8.1924 para chegar mais ou menos no dia 25.8.1924 em Santos, no qual porto minha família desembarcou para 2 dias depois seguir com o vapor “Anna” de Hoepke em Florianópolis para o porto de São Francisco do Sul. De lá seguimos diretamente para Jaraguá do Sul, aonde meu pae já no dia 5 de Setembro de 1924 /54-14685-080/ comprou o seu lote colonial, aonde ainda

estamos morando junto a conselho do Dr. Luce o passa-porte da minha família, no qual Va. As. Também encontrará no fim a minha certidão de nascimento em original alemão. O escrivão do registro civil e em mesmo tempo da policia no lugar de nome Artur Mülelr, que já procurei 3 vezes depois de ter completado 18 annos em 13 de Maio do anno corrente, me declarou na 3ª vez, que não podia me registrar sendo necessário de eu ir para Florianópolis em pessoa, que eu não posso fazer.

Mas eu preciso de ser registrada para evitar de ser preza e mettida nas horríveis cadeias policiaes no cemitério, aonde o meu irmão Diedrich já sofreu desd'o dia 14 de Abril de a.c. até 28 de Abril, quando foi solto de certo pela intercerção de Va. Sa. Também sei certo, que cobram multas enormes.

Junto também as duas fotografia, que mandei fazer para o dim deste registro.

Me fiando muito na vossa cavalheiresca intervenção, que gabam muito, esperando resposta assigno-me

Como vossa de antemão muito penhorada e obrigada

Johanne Borchers,

Endereço:

Illma Snrista.

Johannes Borchers

A/C do illmo. Snr. Dr. Godofredo Luce, medico rua Presidente Dr. Epitacio Pessoa

756

Jaraguá do sul – Santa catarina

Carimbo do Dr. Godofredo Lutz - Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-079/80, 1942.

### **Anexo 25 - Carta de Carlos Busch ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 2 de julho de 1942**

Enviada de Joinville. Dia 2 XII 1942; Caneta tinteiro azul, redigida a mão em letra cursiva; Ill. mo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Vice-Cônsul de Espana; Vice- Consulado da Espanha.

Respeitosas saudações:

O abaixo assignado Carl Bisch nascido em 21.10.1914 na cidade Wiesbaden na Allemanha, solteiro, de profissao pintor, mas ultimamente como seg. cozinheiro de bordo embaixado no vapor cargueiro “Erica Fritzen” com bandeira allemã com o porto emden de matricula do qual desertou em fevereiro de 1933 no Porto de Bahia Blanca na Argentina, deixando todos os seus documentos a bordo da citada embarcação, encontra-se há 8 annos no

Brasil, aonde trabalhava como pintor sem paradeiro certo em muitos lugares como Rio de Janeiro (1936), Santos (1938), São Paulo (1938), curityba (1935) e ultimamente em perdizes, neste Estado de Santa Catarina, aonde encontrava desde 1941. Não se podia registrar como estrangeiro po falta de qualquer documento comprovante como passaporte, certidão de nascimento ou de casamento. Agora vendo-se forçado de arranjar uma tal documentação custo que custar neste tempo de 3e mais anos de guerra pede encarecidamente V.S como encarregado dos interesses alemães de providencia a remessa ao menos d'uma certidão de nascimento de Wiesbaden.

**/54-14685-082** Os meus paes chamam-se Johan Busch e Catharina Bisch nascida em Weigand, provavelmente os dois ainda em vida, sendo o ultimo endereço Wiesbaden, Helmutstrs. (1938) Esteve preso 8 meses às ordens da policia politica e social, ultimamente des'o dia 30 de agosto de 1942 no Hospicio "Oscar Schneider" em Joinville, tratado agora como Presidio Político, devido a esta irregularidade de não poder legitimar-me.

Contando com Vosso auxilio com toda a certeza e esperando uma resposta vossa anunciando de ter conhecimento desde meu pedido assigno-me agradecendo muito de antemão.

Como vosso muito penhorado e obrigado

Carlos Busch (com outra letra cursiva)

Fonte: Correspondência remetida a las autoridades. Carta Carlos Busch Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-081-82, 1942

#### **Anexo 26 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 20 de agosto de 1942**

Carimbo do Dr. Godofredo Lutz - Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina; Enviada de Jaraguá do Sul. Dia 20. VIII. 1942; Caneta tinteiro Preta, redigida a mão; Ill. mo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Vice-Cônsul de Espana; Vice- Consulado da Espanha; Rua Vitor Meireles n. 18; Florianópolis;

Muito cordeas saudações

Em primeiro lugar cumpre-me agradecer ao senhor em nome da D. Johannes Borchers, que como filha d'uma família com numerosa prole, com 18 annos de idade ganha o seu pao como lavadeira em casas particulares e que se dirigiu em carta escripta na minha casa aos seu Vice-Cônsulado no dia 30.6.42 pedindo o auxilio do Consulado espanhol no seu caso de registro como estrangeira, a qual carta já teve a sua resposta, datada Florianópolis 2.7.42, no dia seguinte ficando a D. Johanne e a sua família muito satisfeita por poderem contar com o auxilio da Espanha. - - -

Hontem, domingo de tarde, mais duas senhoras me pediram de escrever ao seu Vice-Cônsulado, que tanto se recomenda pelas acções rápidas e acertadas em favor dos súbditos alemães perseguidos e oprimidos.

D. Margaretha Heiderreich Weh é a esposa do senhor Mattheus Weh, em cujo favor escrevi uma carta ao senhor no dia 25.4.42 e antes no dia 18.4.42 ao senhor Consul F. Gabaldón em Porto Alegre, e que no dia 14 de Julho do anno corrente foi de novo prezo e levado logo para Florianópolis, aonde pelo ouvir dizer se deve encontrar como cidadão allemão n'um campo de concentração (ilha ratão Grande?) me foram entregues os óculos d'elle, porque elle já é sexagenário, para que os mesmos sejam-lhe entregues pedindo-se mais, que elle devolva por esta ocasião os óculos da sua esposa, que elle levou por engano, quando tão subitamente prezo de novo e transportado de um momento para o outro de Tres Rios do Sul perto de Jaraguá, aonde mora, logo para Florianópolis. Pede me a D. Margarethe muito preocupada com a saúde de seu marido, que de facto é sofredor de impaludismo em mesmo tempo africano e americano de origem e mal curado, quem sabe, pela infecção dupla, isto é de dois continentes e pela sua condição de lavrados exposto continuamente aos excessor de sol e frio e de tempo húmido e secco, /54-14685-084/ de colher por intermédio do seu Consulado a informação, se ellevar bem de saúde, se é bem tratado, se pode ter um medico, que fallar allemão, se pode receber visita e cartas, como é o endereço e aonde é detido; pretende D. Margarethe até de visitá-lo, caso que a sua detenção é para mais tempo, e quer ella saber, se ella pode fazer esta visita sem ser antes avisada, porque não quer fazer esta viagem de 2 dias ida e volta sem a certeza de poder encontra-lo. Junto como registrados os óculos do Senhor Mattheus Weh. - -

D. Helena Frerich Zenke é a esposa do senhor Carlos Zenke, a qual escreveu no dia 30.4.42 uma carta não registrada ao seu Consulado, que parece foi interceptada, tendo a minha do dia 9.5.42 sobre o mesmo caso chegada as suas mãos. O seu marido Carlos Zenke esteve prezo desde o dia 14.4.42 até 27.6.42 e agora foi de novo prezo no dia 15 de julho do anno corrente – um dia depois do senhor Mattheus Weh – e levado com toda a pressa para Florianopolis, aonde pelo ouvir dizer como teuto-brasileiro encontra-se não no campo de concentração, mas na penitenciária. Também ella me pede de ver de obter noticias sobre a sua saúde, sua detenção, endereço e possibilidade de ser visitado por qualquer pessoa, tudo como no caso do senhor Mattheus Weh e de sua esposa. Principalmente ella me pede de escrever ao seu consulado para obter um auxilio financeiro, porque está completamente esgotada nas suas finanças. Em vista que o marido somente esteve 17 dias em casa desde o dia 14 de Abril de 1942, sendo a lavoura 2 ½ mezes quase não feita, porque encontra-se com uma criança de 4 meses no peito e mais 2 filhos menores sozinha em casa, tendo gastada mais de 300\$00, que a policia cobrou em forma

de uma “chamada multa por ter guardado armas de fogo em casa” e mais um conto e quinhentos milreys (1:500\$000), que o advogado D. Luiz de Souza cobrou adiantamente para a defesa de seu marido perante o tribunal de segurança no Rio de Janeiro – a mesma quantia o mesmo advogado cobrou para cada um dos 2 outros casos no mesmo lugar três rios do sul, isto é Mattheus Weh e Hermann Friedrich Purnhagen - ; a quantia para o advogado até foi emprestada da vizinhança e nem é dinheiro da D. Helenea Frerich Zenke; os vizinhos precisam reaver o dinheiro, quanto antes, e ella não pode trabalhar na lavoura tão a - /54-14685-085/ - trazada para ganhar esta quantia sem o marido ou outro auxilio competente, que nem pode pagar.

Ella me pede porem tanto de representar ao seu Consulado, que é súbdita allemã, que tem dinheiro há mais que 3 annos na Allemanha, que daquele tempo eram 1750 markos sem os juros de muitos anos, que este dinheiro se encontra no seu nome em Varel, cidade Oldenburg na Allemanha, na Filial Varel do banco da Paiz de Oldenburg, que o procurador d’ella n’este lugar é o senhor Karl Wehlau, que tem o livro deposito d’ella e que tem o endereço:

Karl Wehlau

Auktionator und Rechtsbeistand

Vermittlung von Grundstücksgeschäften Besorgung von Darlehen,  
Proceßvertretungen, Nachlaßverwaltungen, Vertreter des Norddeutschen Lloyd- Bremen

Vrel in Oldenburg

Hermann Göringstraße no 7

Ella me pede encarecidamente de escrever ao Consulado espanhol tudo isto para conseguir ao menos uma ajuda para poder pagar as custas do advogado e mais mensalmente um dinheiro para poder pagar impostos, luz electrica, roupa de crianças etc; o que me parece precisa ser uma quantia de 150\$000 pela carestia no qual estamos entrando, ao menos e de 200\$000, se ella consegue contratar um jornaleiro para a lavoura pezada (arado, carroça, etc.)

Peço o grande favor ao distincto amigo, que, como agora sei, também é conhecido do meu amigo Angelo Pastore em São Paulo, de me desculpar este relatório comprido que, como eu espero, é ao menos minucioso para evitar duvidas e pedidos de informações mais exactas.

A D. Helena é a mais afflicta das 2 ultimas senhoras; peço porentanto na sua bondosa resposta de me informar, que pode ser feito para um auxilio financeiro fora de duvido muito necessário no caso da mesma, qual resposta, logo que uma vez no meu poder, será comunicado ‘a esta mãe sobrecarregado de inquietações.

- /54-14685-086/ - Peço mais, se houver occasião, de me recomendar aos prezos Mattheus Weh e Carlos Zenke dizendo, que eu mando lembranças dos seus e da minha família

pelo tão amável Consulado da cavalheiresca Espanha, da qual continuo cada vez maior admirador e amigo!

Vossa cada vez mais obrigado admirador e amigo

Dr. Godofredo Guilherme Lutz Luce

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-083-86, 1942.

### **Anexo 27 - Carta Thehla Schütze– 21 de julho de 1942**

Porto União, 21 de julho de 1942

Prezado Senhor Consulo!

Antes de tudo os meus sinceros votos para o completo estabelecimento de sua cara filha. Recomendações a sua esposa.

Por motivo da grave doença de minha mãe vejo que me obrigada a permanecer em Porto União por indeterminado tempo. Peço pois que remeta qualquer moleita a rua 7 de setembro nr. 72, Porto União. Em seguida agradeço as suas amáveis informações do dia 13 deste mês e também a sua gentileza de ter me preservado na minha ultima visita.

Volto ao assunto da solicitude em requerimento. Vejo-me obrigada a pedir que este caso seja resolvido a meu favor pois ainda não achei emprego conveniente.

Também no momento não é possível porque tenho de cuidar do estabelecimento da mãe. Deixei na minha ultima visita uma autorização para o snr. Pastor Schliemann afim de retirar uma soma do dinheiro la depositado para o pagamento de quaisquer eventualidade do meu marido. Solicito agora ao senhor que me rementa 150\$000 deste dinheiro para o fim da minha volta à Hamônia. Tal a minha situa - - /54-14685-088/ - ção financeira.

Seria de grande interesse para mim, se pudesse obter algumas informações sobre as condições do acampamento dos prisioneiro ademais sobre a saúde do meu marido e si é permitido escrever cartão. Dirijo-me com este mesmo pedido ao Snr. Rosa.

Na esperança de receber as melhores noticias da verde ilha, saudo-vos sua grata

Thehla Schütze

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Thehla Schütze. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-087/88, 1942.

### **Anexo 28 - Carta Johanne Borchers ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 24 de julho de 1942**

Enviada de Jaraguá do Sul, 24 de Julho de 1942; Lápis, carta escrita à mão; Ill. mo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Vice-Cônsul de Espana; Vice- Consulado da Espanha; Florianópolis;

Muito cordiaes saudações.

Satisfeitíssima e em mesmo tempo mutissimo obrigada accuso de ter recebido pelo Dr. Godofredo Luce a Vossa muito amável carta com a data de 21 de julho do a.c. hoje e de ter logo procurado hoje o senhor Artur Müller, que também tomou vista da mesma e levou-la para o outro quatro, aonde se encontrava o Delegado Especial da policia, que estudou vossa carta demoradamente, disse-me então o senhor Artur Müller, que me avisará, logo que ele tivesse recebido as na Vossa carta menciondas instrucções.

Escrevo esta carta de agradecimento na casa do Dr. Luce, que me pede de comunicar ao senhor, que recebu o Vosso telegrama de hontem das 14 horas 45 minutos as 17 ½ horas mandadno logo avisar as duas senhoras dos 2 prezos hoje para ser postos em liberdade: a Vossa carta anunciada no telegrama ainda não chegou.

Agradeço mais uma vez para o Vosso grande trabalho no meu caso e também em nome das senhoras dos senhores Matheus e Carlos.

Assigno-me como vossa muito obrigada para o auxilio de Consulado da Espanha e do Senhor mesmo e atentas

Johanne Borchers.

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Johanne Borchers. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-089, 1942.

### **Anexo 29 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 20 de agosto de 1942**

Carimbo do Dr. Godofredo Lutz - Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina; Enviada de Jaraguá do Sul. Dia 20. VIII. 1942; Caneta tinteiro Preta, redigida a mão; Ill. mo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Vice-Cônsul de Espana; Vice- Consulado da Espanha; Rua Vitor Meireles n. 18; Florianópolis;

Muito cordeas saudações

Muito obrigado para os Vossos muitos favores prestados aos súbditos alemães perseguidos por mandatários hystericos e amalucados pelo medo d'uma "5º columna", que tem culpa de tudo, que hoje acontece, como por exemplo do frio excessivo d'este anno ou dos constantes atrasos dos trens da SP-RG venho comunicar ao prezado amigo, que hoje de tarde as 15 horas chegaram aqui os senhores Matheus Weh e Carlos Zenke, que estão cheios de gratidão para a Espanha. Pessoalmente fico também muito obrigado ao distincto amigo de ter hoje de manha tao cedo em pessoa procurado os dois referidos sehores soltos e para mim absolutamente inocentes de todas as acusações feitas contra elles por pessôas, que para "acompanhar tudo" e "sempre estar na onda" deixam de ser criteriosos.

Lamento somente que o senhor Matheus Weh perdeu n'esta ocasião seus óculos, que a policia ou os carcereiros não entregaram ao mesmo em Florianópolis para com certeza guardar-os para si.

Peço desculpa, que me esqueci de apresentar minhas sinceras felicitações para o dia 18 de Julho ao senhor, que tao dignamente representa a cavalheiresca Espanha, que sempre estimei muito, mas ainda mais pelo sei iminente chegue actual general Franco e pelos seus chefiados com os seus feitos heroicos do Abrazar, Teruel etc, que lembram aos do passado como de Zaragoza e tantos outros!

/54-14685-091/ 26. VII.1942 de tarde - Devido à minha profissão de medico teve de interromper a carta; li na "noticia" de hoje, que o senhor Germano Purnhagen foi condenado pelo Tribunal de Segurança Publica a 2 annos de prisão cellular sendo os senhores Matheus Weh e Carlos Zenke absolvidos, todos do mesmo lugar Tres Rios do Sul. O senhor Germano Purnhagen, como já escrevi na minha carta do dia 14.5.42 ao senhor é um aleijado manco, que precisa andar com muleta de mão; como antigo funcionário do correio do Reich elle é aposentado com pensão de mutilado e para tratar melhor a sua saúde precária (tuberculoso ossal do espinhaço) mudou-se há 20 annos para um paiz de sol, como tal pode ser considerado o litoral norte do nosso estado; elle não somente foi saqueado pela soldadesca policial no dia 14 de Abril de 1942, mas também maltratado e judiado pelos superiores como soube por informações, o que se deu de forma muito peor como o seu quase filho adoptivo Diedrich Borchers, no qual a soldadesca n'este dia, quando mais asphydico por tentativa de estrangulação, procurou realizar actos de pederastia.

Não seria ao Consulado Geral da Espanha no Rio de Janeiro possível perante o Tribunal de Segurança representar no interesse da defesa d'este réo sobre estes factos deprimentes e bárbaros n'uma chamada busca e apprehensão domiciliar?

Assigno-me apressadamente

Como vosso obrigadíssimo admirador

Dr. Godofredo Guilherme Lutz Luce

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-090/91, 1942.

**Anexo 30 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 4 de agosto de 1942**

Porto União, 4 de agosto de 1942; Vice-Cônsulado Espanhol; Florianópolis;

Prezado Senhor Consulo!

Firmo soube visem por telegrama da Dona Emilia, o meu esposo e o Dr. Throeuer Partiram para o rio. Serão transferidos para a Ilha das Flores ou para outra localidade ? Talvez o Snr. Podia prestar-me algumas informações. Como não posso mais manter a esperança de que meu esposo volte antes do fim da luta, vejo me obrigada À procurar um meio de vida. Venho pois meramente solicitar os seus conselhos e suas informações. Ficaria satisfeita se pudesse trabalhar para sustentar à mim e ao meu esposo. Talvez o Snr. Sabe onde precisam de quem, que quer trabalhar. Não posso ficar em casa de meus pais sem contribuir para os gastos diários. Além disto isso não preenche o meu cdia de trabalho. Preciso também trabalhar e ganhar o p tempo quando o meu esposo voltar.

Conto, com a sua amável compreensão e aguardo noticias suas.

Saudacoes cordiais

Thehla Schülze

- escrito na lateral= G. S. se transfere localidade aviso ao Pastor Schlieumann

**Fonte:** Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-092, 1942

**Anexo 31 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 6 de agosto de 1942**

Datilografado; Jaraguá, 6 de Agosto de 1942; Dr. Godofredo Luce; Medico; Jaraguá do sul; Feliciano Veiga Vieites; M.D. Vice-Cônsul de Espanha; Vice-Cônsulado da Espanha Rua visto meirelles N° 18 Florianópolis;

Muito condiaes saudações.

Depois de ter falado ao muito bom amigo no dia 2.8.42 na sua passagem pelo omnibus de Joinville para Blumenau, procurei no dia seguinte o snr. Ernst Joesting, que me disse que ainda não recebu dinheiro do Consulado de Espana; este na importância de Rs 250\$000 foi-se avisado hoje por carta do Consulado da Espanha em Porto Alegre no dia 25.7.42, mas o banco Agrícola e comercial de Blumenau com filial em Jaraguá hoje sem aviso da sua matriz não podia effectuar o pagamento.

A carta que o Snr. Ernst Joesting me apresenta em alleamo por mim traduzida resa assim:

“Porto Alegre, 25 de julho de 1942.

Snr. Ernst Joesting

Jaraguá (Santa Catarina)

Muito estimado senhor.

Conforme comunicação minha do mez passado de Junho transmitidto ao senhor a importância de Rs 250\$000 pedindo de passar o recibo na ocasião do pagamento

As dificuldades na disposição sobre o dinheiro deixado pelo Ex-consulado allmeao fazem impossível de continuar no pagamento da sua pensão, caso que estas dificuldades não podem ser removidas ou que os serão dados os meios necessairos pela embaixada no Rio

Attenciosamente

(Ass.) F. Gabaldón

Consul Espanhol”

Peço ao amigo mais este favor, depois de ter pedido tantos outros, de se interessar para o caso de snr. E. Joesting, que tem família e é perseguido pelo delegado Nathanael Cidade, como ultimamente foi provado pelas provocações no dia 12 de julho de 42, domingo de noite as 20 horas, na porta da sua residência pelos 2 sargentos da policia estadual, sendo um o 3º sargento Antonio Nunes Pires de Florianopolis, que era organizador da provocação e como o outro totalmente embriadao, em qual estado de narcose confessa-se muitos segredos. É de conhecimento público, que este sargento semanalmente se embriaga provocando Deus e todo o mundo coma 5ª colonistas! O ultimo promotor publico Abelardo F. Montenegro fazia a mesma coisa e por isto teve de pedir sua exoneração há pouco.

Não seria possível ajudar ao snr. E. Joesting evitando a necessidade d’uma pensão, incumbindo-lo com o cargo d’um secretario d’um correspondente consular espanhol em qualquer lugar d’este estado, porque elle prefere naturalmente trabalhar ao estar desocupado- Elle fala português e allemao, dactylografa, sabe conduzir autos e tem a carteira internacional de automobilista etc. mas não fala o espanho, compreendo a língua castelhana pelos seus conhecimentos da língua lusa.

Apparece agora a dr. Helena Frerichs Zenke avisando-me que o seu marido Carlos hontem (5.8.42) foi de novo prezo e mandando para Blumenau e Florianópolis, porque o promotor do Tribunal de Segurança no Rio de Janeiro apelou contra/sentença absolutória. Elle somente esteve em liberdade desd’o dia 24/7. Até hontem. Será possível ao snr. de ajuda-la, para que elle seja solto devido as circumstancias especiaes por mim já descriptas?

Com lembranças do snr. Augusto Fernandes, que está enteirado do conteúdo d’esta carta, agradecendo de antemão para os grandes serviços prestados e ainda para ser prestados do Consulado espanhol de Florianopolis, que o amigo dirige, como do snr. Ernst Joesting, assigno-me como

Seu obrigadíssimo

(caneta tinteiro preta)

Dr. Godofredo Guilherme Lutz Luce

Em tempo!

Muitas pessoas, que souberam da passagem do tao interessado amigo na proteção dos interesses teutos e nipônicos pela cavalheiresca Espanha, me pediram o endereço certo da repartição da Cruz Vermelha Brasileira em São Paulo, que se encarrega da transmissão de noticias familiares aos paizes de relações cortadas com o Brasil (Allemanha, Hungria, Itália, etc). Respondi sempre, que eu estou ainda esperando de receber o endereço certo pelo senhor Vice-Cônsul de Espanha em Florianópolis –

“A noticia” de hoje (sucursal). – O capitão Lara Ribas, Delegado da Ordem Política – Social, ordenou ao Delegado de Jaraguá, que procedesse ali a captura de Carlos Zenbenke (Zenke), condenado a dois anos de prisão pelo Tribunal de Segurança, em poder do qual foram apreendidos pela policia catarinense armas e munições de guerra inclusive 37 balas “dumdum”, que declarou terem indo da Allemanha.”

Assim sendo a D. Helena Frerichs Zenke precisa muito do seu dinheiro na Allemanha, como já expliquei na minha carta do dia 20 de Julho de 1942

Mais uma vez muitíssimo obrigado!

Dr. Luce

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-093, 1942.

**Anexo 32 - Carta de Godofredo Lutz ao Vice-Cônsul espanhol Feliciano Veiga Vieites – 21 de agosto de 1942**

Carimbo do Dr. Godofredo Lutz - Jaraguá do Sul, Estado de Santa Catarina; Enviada de Jaraguá do Sul. Dia 21 de Agosto de 1942; Caneta tinteiro Preta, redigida a mão; Ill. mo Snr. Feliciano Veiga Vieites, M. D. Vice-Cônsul de Espana; Vice- Consulado da Espanha.; Rua Vitor Meireles n. 18; Florianópolis;

Muito cordeaes saudações

De posse desd’o dia 15 do m.c. de Vossa estimada carta datada 14.8.42, espero em primeiro lugar, que a forte “gripe” no decurso ‘esta semana melhorou muito de maneira que o amigo, que gostei muito de ver e fallar 2 vezes em pessoa, já será capaz de se dedicar aos afazeres consulares, que são tao complicados, como vejo todos os dias.

Junto hoje um atestado medico meu e uma carta do senhor Hermann Friedrich Purnhagen, súbdito allemao aleijado e condenado pelo Tribunal de Segurança no Rio de Janeiro a 2 annos de prisão cellular, mas considerado “incapaz para a prisão “, por que precisa ser transportado na padiola, destinados para “ Versorgungsamt IV (instituto de aposentadoria,

pensões e rendas aos inválidos com o numero IV, isto é domiciliados no estrangeiro), Berlin-Schöneberg, General Papestraße”. Peço no interesse d’este senhor o grande favor de providenciar a remessa d’estas duas missivas, que o distinto amigo pode e de ler e estudar, se possível no original; uma traducção pretendo de fazer e remeter d Va. As, logo que o tempo me permite isto. Não teve ainda tempo de fallar pessoalmente o senhor Augusto Fernandez para retribuir-lhe as lembranças de Va.Sa., não obstante, que elle mora do outro lado do rio Itapocá, bem emfrente do nosso prédio, sendo somente necessário de desaguar a nossa canoa e de procura-lo na casa do seu sogro: conheço-lo pouco, procurando-lo somente depois da Vossa primeira passagem pelo Jaraguá, quando me lembrei, que Va. As. Com certeza devia ter um interesse de saber, se existem espanhoes em Jaraguá, quando estive de procura d’um correspondente consular em São Francisco.

Mais uma vez me declarando muito obrigado para todos os auxílios **54-14685-096** / prestados aos perseguidos pela Vossa Cavalheira pátria espanhola, que aqui conta por isto cada vez mais com grandes admiradores e veneradores assigno-me

Como vosso sincero e atento amigo

Dr. Godofredo Guilherme Lutz Luce

**FONTE:** Correspondência remetida a las autoridades. Carta de Godofredo G. L. Luce. Archivo General de la Administración em Madrid, Espanha. Fundo 12, n. 54-14685-095/96, 1942.